


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara – SP**

**VALÉRIA CRISTINA GIMENES PRADO**

**Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano  
de um grupo de prostitutas e seus clientes.**

**ARARAQUARA – SP**  
**2016**

VALÉRIA CRISTINA GIMENES PRADO

## **Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de um grupo de prostitutas e seus clientes.**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Araraquara como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Exemplar apresentado para exame de defesa.

**Linha de Pesquisa:** Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

**Orientador:** Professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**Bolsa:** Capes

Araraquara –SP

2016

Prado, Valéria Cristina Gimenes

Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de  
um grupo de prostitutas e seus clientes. / Valéria  
Cristina Gimenes Prado - 2016

221 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” ,  
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)  
Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Prostituição. 2. Sexualidade. 3. Prazer. 4.  
Comportamentos. I. Título

VALÉRIA CRISTINA GIMENES PRADO

## **Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de um grupo de prostitutas e seus clientes.**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Exemplar apresentado para exame de defesa.

**Linha de Pesquisa:** Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

**Orientador:** Professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**Bolsa:** Capes

Data da defesa: 29/02/2016

Membros Componentes da Banca Examinadora:

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro**  
**Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara**

---

Membro Titular: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti  
**Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara**

---

Membro Titular: Profa. Dra. Valéria Marta Nonato Fernandes Mokwa  
**Faculdade de Ciências e Letras – Ituverava**

---

Membro Titular: Profa. Dra. Rita de Cássia Petrenas  
**ASSER – UNICEP - Porto Ferreira**

---

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Cláudia Figueiredo Rebolho  
**UNICEP – São Carlos**

**Local: Universidade Estadual Paulista**

**Faculdade de Ciências e Letras**

**UNESP – Campus de Araraquara**

Para:

Arthur Gimenes Prado, meu filho, com  
amor e ternura e carinho.

Vandré Fernandes Prado, meu esposo,  
com eterna paixão.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas, que de alguma forma, contribuíram para o êxito final do trabalho.

Ao Professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro, meu agradecimento especial, uma vez que foi através de sua paciência e dedicação, amor e carinho a mim dispensado, que esse sonho pôde ser concretizado.

Ao grande amor da minha vida, meu companheiro, que tanto me auxilia e apóia em todos os sentidos, a quem eu devo a minha vida, pois ele tem sido meu herói: Vandrê Fernandes Prado.

À minha mãe Neusa Rodrigues Gimenes, meu pai Euclides Renaldo Gimenes (*in memoriam*), que sempre lutaram e me ensinaram que as conquistas se dão pelo trabalho e perseverança. E também ao seu companheiro Jaime, que tem tornado nossa vida mais feliz.

Jamais posso deixar de enfatizar a importância do exemplo de meu irmão vencedor Rossano Gimenes, meu exemplo de vida, força, estrutura, luta e vitória. E de sua esposa Milady Renata Apolinário da Silva, que juntos somam atitudes de fé, dignidade e bondade, essas que, incentivaram e me levantaram quando o chão era o limite.

À Iris Silva Gimenes, minha sobrinha e companheira de travessuras culinárias, que com certeza seremos grandes parceiras de cozinha.

Ao Corpo Docente e Discente Do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar e, do Mestrado Profissionalizante da FCLAR-Unesp-Araraquara, em que partilhei de momentos de aprendizagens e fiz grandes amigos, dos quais nem me atreverei a citar nomes, pois caso esqueça de algum estarei sendo imensamente injusta, uma vez que todos me acrescentaram tanto acadêmica, quanto pessoalmente: “ se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi”.

Ao Corpo Docente Internacional que entre um evento e outro, sempre muito afetuosamente trocamos dados, informações, experiências, que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

A uma amiga em especial que nos conhecemos há vários anos nos corredores do Câmpus da FCLAR-Araraquara, e, resolvemos nos adotar como irmãs. Hoje, mesmo lá no Mato Grosso, sempre me socorre nas horas em que eu necessito. Obrigada Camila José Galindo pela amizade, carinho e cumplicidade.

A todos os participantes das entrevistas realizadas, bem como os colaboradores que direta, ou indiretamente me auxiliaram na conquista pelo material.

Aos funcionários do CTA- Araraquara (Centro de Testagem e Aconselhamento) em diagnóstico e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

A CAPES, pela bolsa concedida que foi a garantia da efetivação desse trabalho.

A todos os funcionários da Biblioteca, da Seção de Pós Graduação, das Portarias, do SAEPE, da Zeladoria, das secretarias do NUSEX, da jardinagem e de todos os demais setores, que garantiram a prestação de serviço, a segurança e a permanência nas dependências do Campus-FCL-ARARAQUARA.

Á minha sogra, pela cobrança. Ela faz isso muito bem, coisas de comerciante. Ao meu sogro, companheiro de churrasco e boas risadas, que juntos completam um casal perfeitamente “contemporâneo” a moda antiga. E a explicação desse tipo de relacionamento garantiria outra tese, sem dúvidas.

Ao novo casal de amigos e seu filho, que além de muitas risadas, em nossos encontros, houve um tempo para me ajudar na correção gramatical. Obrigada Rosi.

# **Boate Azul**

(Joaquim & Manuel)

**Doente de amor procurei remédio na vida noturna  
Como a flor da noite em uma boate aqui na zona sul  
A dor do amor é com outro amor que a gente cura  
Vim curar a dor deste mal de amor na boate azul**

**E quando a noite vai se agonizando no clarão da aurora  
Os integrantes da vida noturna se foram dormir  
E a dama da noite que estava comigo também foi embora  
Fecharam-se as portas sozinho de novo tive que sair**

**Sair de que jeito, se nem sei o rumo para onde vou  
Muito vagamente me lembro que estou  
Em uma boate aqui na zona sul  
Eu bebi demais e não consigo me lembrar se quer  
Qual era o nome daquela mulher  
A flor da noite da boate azul**



# Resumo

PRADO, V.C.G.: Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de um grupo de prostitutas e seus clientes. Doutorado (tese) Faculdade de Ciências e Letras: Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2016.

A prostituição assim como a sexualidade e assuntos que estão envolvidos no universo do sexo, são permeados de mitos, tabus e preconceitos, não só no cenário contemporâneo, mas também em boa parte da história da constituição dos seres humanos. As pessoas que estão ligadas de alguma forma à prostituição, geralmente são retratadas na sociedade com indiferença. No entanto, trata-se de homens e mulheres comuns, com todos os sentimentos e desejos de qualquer ser humano. É seguindo esse pressuposto que este trabalho teve a pretensão de investigar as pessoas envolvidas com a prostituição. Estudos anteriores, realizados no Brasil, focam a pesquisa em prostituição geralmente ao universo feminino, deixando uma lacuna referente aos clientes, que constituem os coautores do processo prostitucional. Sendo assim, surgem os inquietamentos sobre como se estabelecem as relações dentro do universo da prostituição, em um exercício de confronto sobre as atitudes e comportamentos de ambos. Quem são, o que pensam e como agem as prostitutas e os clientes do universo da prostituição? Quais os motivos que levam à manutenção da prostituição, em tempos de liberdade sexual? O objetivo principal de nossa pesquisa foi compreender a expressão da cultura e das relações que se estabelecem na oferta de serviço e de procura da prostituição. Para a compreensão de todo processo intrínseco a oferta e procura por serviços sexuais, utilizamos a metodologia qualitativa, juntamente com a análise do discurso, em um grupo de sete prostitutas e três clientes realizando um exercício de contraposição entre suas falas, na busca de identificar o imaginário que os circundam. Optamos pelo uso de um questionário semi-estruturado, na busca de um resultado mais próximo da realidade, fornecendo liberdade de expressão para os entrevistados. A partir da realização das entrevistas, houve a transcrição na íntegra e a leitura minuciosa de cada uma delas, com vista à compreensão do todo e apreensão de unidades significativas para a identificação de categorias e posteriormente a submissão de categorias à suas respectivas unidades de significados ao corpus elaborado. Constata-se que apesar das facilidades encontradas no cenário social atual, em que os meios de comunicação incentivam ao consumo desenfreado e sem significados, a obtenção do prazer e a busca dele, garante a manutenção da prostituição. Homens e mulheres continuam buscando a prostituição por vários motivos, que vão desde a busca e manutenção de um *status* social voltado aos padrões contemporâneos, quanto pela facilidade, a praticidade, a submissão, a realização de fantasias e a possibilidade de envolvimento superficiais ou não, dependendo do desejo, tanto das prostitutas, quanto de seus clientes.

**Palavras-chave:** Prostituição. Sexualidade. Prazer. Comportamentos.

# Abstract

PRADO, V.C.G.: Behaviors and sexual attitudes in the daily lives of a group of prostitutes and their clients. Doutorado (tese) Faculdade de Ciências e Letras: Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2016.

The prostitution, sexuality and the matters that are involved with sex universe are permeated with myths, taboos and prejudices, not only in nowadays, but also in much of the history of human beings. The persons related in some way to the prostitution are generally treated in the society with indifference. However, they are ordinary men and women with feelings and desires common of any human being. By following this presupposition this work had the intention to investigate persons involved with prostitution. Previous studies carried out in Brazil have focusing the research in the female universe, leaving a gap related with customers, who are the co-authors of prostitution process. Therefore, arise the fidgeting about how is established the relationships in the prostitution universe, as an exercise of confronting about actions and behavior of both. Who they are, what they think and how act the prostitutes and clients of prostitution universe? What are the reasons that lead to the maintenance of prostitution, in times of sexual freedom? The aim of this research was to understand the expression of culture and the relations established in the service offering and demand for prostitution. For the comprehension of whole intrinsic process of offer and demand for sexual services, we use a qualitative methodology together with analyze of discourse within a group of seven prostitutes and three customers. It was employed dynamic of contraposition between their discourses in order to identify the imaginary that surrounding them. We opted to use a semi-structured questionnaire to lead a result closer to reality, giving freedom of expression for the interviewee. The interviews were fully transcribed and were done thorough reading of each them, in order to understand the whole and capture of significant units for the identification of the categories. After was done the submission of the categories to their respective units of meaning to elaborated *corpus*. It was evidenced that despite the easiness related to the current social structure, in which the media encourages the unbridled consumption, without significance, the achievement of pleasure and seek of it, that guarantee the maintenance of the prostitution. Men and women continue to seek prostitution for various reasons, ranging from the pursuit and maintenance of a social *status* converging to contemporary standards, as the easiness, convenience, submission, realization of fantasies and the possibility of superficial involvement or not, depending on the desire of prostitutes, as their clients.

**Key words:** Prostitution. Sexuality. Pleasure. Behaviors.

# Lista de Siglas

- AIDS** – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (acquired immunodeficiency syndrome)
- A.C.** – antes de Cristo;
- ANVISA** - Agência Nacional de Vigilância Sanitária;
- BDMG** – Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo;
- BV** – boca virgem;
- CTA** – Centro de testagem e aconselhamento;
- D. C.** – depois de Cristo;
- DSTs** – Doenças Sexualmente Transmissíveis;
- FCALr** – Faculdade de Ciências e Letras Campus Araraquara – S.P;
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- NUSEX** – Núcleo de Estudos da Sexualidade;
- Mme** – Madame;
- OMS** – Organização Mundial da Saúde;
- UNESP** – Universidade Estadual Paulista.
- UPA** – Unidade de Pronto Atendimento.
- DPVAT** – Seguro de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Vias Terrestres.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO DA PESQUISA .....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>16</b>
<b>1. A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1- Um recorte sobre a prostituição no Brasil .....	29
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DOS CLIENTES QUE BUSCAM SERVIÇOS SEXUAIS EM CASAS DE PROSTITUIÇÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>3. OBJETIVOS .....</b>	<b>42</b>
3.1 - Partindo do problema da pesquisa .....	42
3.2 - Objetivo Geral.....	42
3.3- Objetivos Específicos .....	42
<b>4. MÉTODO DA PESQUISA .....</b>	<b>43</b>
4.1- Natureza da pesquisa .....	45
4.2 - Caracterização dos participantes e campo de estudos .....	49
4.3 - Procedimentos da Pesquisa.....	51
4.4 - Procedimentos de coletas de dados.....	51
4.5 - Elaboração da Entrevista .....	56
4.6 - Procedimentos éticos .....	59
<b>5. DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA NOITE: CLIENTES, PROSTITUTAS E SUAS RELAÇÕES.....</b>	<b>61</b>
5.1- Prostituição: na casa, em casa, na rua, na boate .....	64
5.1-a) Como fui parar lá? .....	64
5.1-b) Por que estou ainda?.....	72
5.1-c) É questão de assegurar o futuro? .....	76
5.1-d) Como eu vou sair desse lugar? .....	82
<b>6. A ESCOLA DA PROSTITUIÇÃO .....</b>	<b>91</b>
6.1-a) Como se aprende a ser prostituta? .....	91
6.1-b) Como negociar um programa? Quais são as regras de lucro?.....	94
6.1-c) A busca pelo “bom cliente”? .....	100
6.1-d) Técnicas de sedução para a conquista do programa.....	104
6.1-e) Quem são, o que buscam os clientes? Só sexo? .....	107
6.1-f) Realização de fantasias?.....	112
6.1-g) Gozo e prazer sexual no meio prostitucional .....	116

<b>7. ATITUDES E COMPORTAMENTOS IDENTIFICADOS.....</b>	<b>122</b>
7.1-a) Relações de Aprendizagem.....	122
7.1-b) Prostituição e relações de afeto .....	125
7.1-b) - 1. Beijo na boca.....	125
7.1-b) – 2. Vínculos afetivos e relacionamentos estáveis entre prostitutas e clientes.....	127
7.1-c) Causas do retorno à prostituição.....	131
7.1-d) Prostituição e prevenção às DSTs .....	134
7.1-e) Prostituição e violência.....	137
7.1-f) Os homens ainda recorrem aos serviços nos meios de prostituição?.....	141
7.1-g) Primeira relação sexual masculina .....	144
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>156</b>

---

---

## APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO DA PESQUISA

---

---

O interesse pela temática da prostituição sempre esteve presente em minha jornada acadêmica, principalmente após os estudos realizados no Mestrado em Educação Escolar nesta mesma universidade, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Júlio de Mesquita Filho (Unesp-Fclar), e considero de extrema importância salientar aqui, que este foi o único espaço de reflexões sobre assuntos pertencentes ao universo da sexualidade. Sendo assim, ficava evidente a forma velada e os espaços restritos ao tratamento de assuntos referentes ao corpo, sexo, sexualidade, prazer e prostituição. A partir daí, tornou-se latente o questionamento: se é tão restrito o espaço para a discussão da sexualidade, uma vez que a família, a escola, a igreja, por inúmeros motivos preferem calarem-se, como se o silêncio também não tivesse significado, mas em fim, qual seria, então, local fadado a discussões sobre a prostituição?

Ao adentrarmos ao acervo literário sobre temas que envolvem assuntos referentes a prostituição ao corpo, sexo e sexualidade, vislumbram-se um universo submerso a tentativas de demonstrar caminhos em que o ser humano percorreu até chegar aos tempos contemporâneos, com a intenção de tentar seguir em frente, no sentido de desvendar mistérios, tabus e preconceitos, que ele mesmo criou no decorrer da história, mas que agora identifica-se a necessidade de libertação, no sentido de levar os indivíduos ao exercício de uma sexualidade mais livre. No entanto, ainda ao deparamo-nos com a temática da prostituição, o enfretamento ainda está distante do sentimento de naturalidade. Ainda é um assunto que nos causa estranheza, desconforto, mesmo convivendo com ela desde o início dos tempos. A prostituição para muitos de nós, que talvez por carregar o estigma de atividade imoral e machista, cause-nos tamanha estranheza e leve-nos a ignorar o fato, de que se trata apenas de exercer o sexo livre e com objetivos pré-estabelecidos pelos envolvidos.

Partimos da premissa que a oferta e a procura do serviço de prostituição se mantêm, embora no contexto social atual haja uma maior liberdade para a vivência da sexualidade no âmbito das diferentes instituições sociais. Sendo assim, necessidade da compreensão dos motivos de sua manutenção, a estrutura de oferta e procura do serviço de prostituição, considerando-se, a esse contexto atual.

Que relações se estabelecem no contexto de oferta e procura no serviço de prostituição? Quais saberes estão inerentes à construção da cultura da prostituição?

Em resumo, nossa intenção aqui, não é categorizar, mas, tentar entender o como elas se auto identificam e também efetuar um exercício de contraposição entre a identificação que elas possuem sobre si e àquela que os frequentadores fazem delas, bem como, as relações educativas que ocorrem entre ambos.

Nesse sentido, o presente trabalho, que seria resultado de um dos inúmeros investimentos na área de pesquisa e produção de conhecimentos sobre o tema, constitui, no entanto, mais uma tentativa de contribuição, discussão e argumentações sobre as representações e porque não “re-presentações” da prostituição na época contemporânea.

---

---

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

---

---

A sociedade contemporânea designada como sociedade da informação e do conhecimento, mesmo munida de todos os artefatos disseminadores de comunicação, que veiculam diariamente, no mundo todo, muito além de notícias, mas também saberes socialmente produzidos se encontram, nos mesmos mecanismos de propagação e com a mesma velocidade, conteúdos para o bem e para o mal, dependendo de quem e como se apropriar deles.

Não é incomum atribuímos significados pejorativos a práticas que não condizem com a moral vigente na sociedade. Assim como Ussel (1980) “a sociedade determina que tipo de personalidade pode ser considerado como normal ou patológica” (p. 32), e mesmo nesta nova apresentação de sociedade pós-moderna, ainda nos é cerceada e/ou regulada a forma como são tratadas questões que envolvam sentimentos e desejos.

Sendo assim, vemos como “natural” e “corriqueiro” a estranheza e repulsa de alguns, ao se tratar assuntos permeados de conceitos e pré-conceitos, formados ao longo dos séculos, mesmo vivendo numa sociedade marcada por evoluções científicas e tecnológicas que trazem uma re-significação de futuro.

Nossa pretensão é de fazer alguns recortes na trajetória da prostituição, uma vez que traçar seu histórico, desde os primórdios, efetivaram trabalhos de autores renomados, dentre eles citamos Roberts (1998) que retratou a Prostituição na História, partindo do matriarcado e chegando à prostituição na época Contemporânea.

Encontramos ainda autores que retrataram a história da prostituição sobre recortes, utilizando como parâmetros determinados momentos históricos e/ou culturais. Citamos Adler (1990) que traçou um panorama da vida nos bordéis da França, no período de 1830 à 1930; Rago (1991), que elaborou um estudo sobre a prostituição e dos códigos da sexualidade feminina na cidade de São Paulo nos períodos de 1890 à 1930; e por fim, Soares (1992), que realizou um estudo sobre a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX.

No transcorrer da revisão da literatura sobre o tema, notamos que a prostituição é fato tão antigo, quanto à origem da civilização humana. Em nenhum momento da história, deixou-se de conviver com o fato e com aqueles (as) que exerciam a prática do escambo utilizando como moeda, entre outros, os favores sexuais. Entretanto, ao tentar compreender a prostituição, quanto às suas origens e causas, notamos que é extremamente dificultoso, à medida que consideramos o peso dos preconceitos morais.



De acordo com Engel, deve-se prezar o cuidado em considerar aspectos como valores sociais que são mutáveis, de acordo com o tempo e o espaço:

... é preciso não perder de vista que os significados dos comportamentos que nos habituamos a identificar como prostituição possuem uma especificidade que só pode ser resgatada e compreendida, se levarmos em conta sua inserção num dado imaginário social. Aparecendo em sociedades diversas no espaço e no tempo, tais práticas são evidentemente ligadas a atitudes e necessidades sexuais e psicológicas da sociedade num conjunto, que são variáveis historicamente ( ENGEL,1989, p.27).

Quanto ao conceito de prostituição verificamos na literatura sobre o assunto que há concepções diversas. Algumas com conteúdos polêmicos, que acabam por envolver questões relativamente complexas, agregadas a valores que refletem até a educação em seu sentido mais amplo. De acordo com França (1989) a palavra prostituição é derivada do latim “*prosto*” que significa “[...] estar as vistas, a espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público”, e vai além ao afirmar que “[...]é a prática sexual remunerada habitual e promíscua” (p.145).

Sob a ótica de Michaelis (2000), a palavra proveniente do latim “*prostitutione*”, é interpretada “[...] como modo habitual de vida da mulher que se entrega à prática retribuída, do ato sexual” (p.1724).

Diversos são os autores que versam sobre a prostituição e que se apropriam da visão mercantilista, da venda do corpo. No entanto, a prostituição ocorre somente na situação de venda? De troca de favores sexuais por bens de consumo ou moeda local? A prostituição sempre ocorreu desta maneira, ou já foi permeada de outros significados?

Evidenciamos, então, com a vasta bibliografia sobre o assunto que é distinto as concepções e categorias de prostitutas, uma vez que, variam de acordo com a evolução da história do homem, alteram-se os cenários de atuação além de também situarem-se em diferentes níveis sócio-psico-políticos e econômicos. Fatores estes possam ser determinantes quanto ao local, à forma de trabalho e os objetivos a ser atingidos com ele.

---

---

## 1- A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO

---

---

Iniciamos com o matriarcado, período de adoração à deusa, que perdurou mais de 25.000 anos, e as mulheres eram as criadoras da força da vida, aquelas que provinham os alimentos, as vestes, aos utensílios que eram utilizados para a caça e a pesca, bem como os remédios para o corpo e para a alma. Detinham a mais poderosa energia universal, que seria a geração de outro ser, fato este que naquela época os homens desconheciam sua função na procriação da espécie.

Evidências da arte da Idade da Pedra confirmam esta posição central das mulheres. Desde as culturas gravettianas e aurignacianas do Período Paleolítico ou da Pedra Lascada (cerca de 25.000 anos a. C. em diante), quase todas as esculturas e estátuas que sobrevivem em locais que se estendem por toda a Europa, desde a Espanha até a Rússia, são de mulheres; e em algumas culturas - os aurignacianos das estepes do Leste Europeu, por exemplo os homens não são de modo algum representados (ROBERTS, 1998, p.20).

As mulheres da época detinham todo o poder sobre seus corpos, sua sexualidade, sobre a concepção dos filhos e também dos rituais religiosos. De acordo com Sjöö e Mor (1987), (apud Roberts 1998), nessas sociedades pré-históricas, a cultura, a religião, e a sexualidade eram interligadas, oriundas na mesma fonte na deusa. “O sexo era sagrado por definição e as sacerdotisas *xamânticas* lideravam rituais de sexo grupal em que toda a comunidade participava, compartilhando uma união *extática* com a força da vida”. (p.21)

No entanto, “[...]as culturas da deusa, amantes da paz, não puderam se desenvolver tranquilamente”. Foi por volta de 3000 a.C que tribos nômades de guerreiros, dominadas por homens, agora já contendo consciência do papel masculino na procriação da espécie e também para o desempenho econômico na criação de gado “[...] começaram a invadir os territórios matriarcais, finalmente subjulgando os povos da deusa e sujeitando-os ao poder do masculino” (ROBERTS, 1998, p.22).

Fato interessante em destacar é que a partir deste momento, temos os primeiros registros históricos destas civilizações híbridas, desenvolvidas na Mesopotâmia e no Egito, com forte tendência a deslocar o poder aos homens.

Novas formas de casamentos foram introduzidas, especificamente destinadas a controlar a sexualidade das mulheres, para determinar sem qualquer dúvida a paternidade de toda a criança. [...] Deuses homens foram

introduzidos para competir com a deusa da supremacia; governantes homens foram estabelecidos, e estes homens garantiam a sistemática subversão do status das mulheres, criando novas leis cada vez mais restritivas. Foi neste ponto da história Humana, em torno do segundo milênio a.C que a instituição da prostituição sagrada tornou-se visível e foi registrada pela primeira vez na escrita (ROBERTS, 1998,p.22).

Fato que para nossa sociedade pode ter conotação estranha, mas é contudo fundamental para entendermos nossa própria evolução histórica – e alguns retrocessos recorrentes dela – é compreendermos, como aponta Roberts, a estreita ligação entre prostituição e religião.

A prostituição sagrada foi na verdade a tradição do ritual sexual que persistiu desde a Idade da Pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações no mundo. Entretanto, a tradição não sobreviveu sem mudanças. [...] Os novos governantes, homens sabiam que era essencial se contraporem à influência da religião da deusa; com este fim criaram sacerdotes homens para promover seus deuses estranhos e para controlar e explorar as mulheres o templo. [...] Nos templos as pessoas continuavam a adorá-las através dos antigos ritos sexuais [...] É aqui que começa a verdadeira história da prostituição; com as sacerdotisas do templo, que eram ao mesmo tempo mulheres sagradas e prostitutas, as primeiras prostitutas da história (1998, p. 22,23)

Inanna, mais tarde conhecida como Ishtar, era tida como a grande deusa e “[...] deteve todo o poder durante todo o nascimento e o berço da civilização do antigo Oriente médio, desde o início da história, até cerca de 3000 a.C.; onde ela era adorada, a prostituição sagrada, era um ponto focal do ritual religioso” (ROBERTS, 1998, p.23). Ressalta-se ainda que tanto Ishtar, quanto as demais prostitutas sacerdotisas, nos tempo, detinham poder religioso, político e econômico da Mesopotâmia, sendo que o *status* das prostitutas mantinha-se elevado:

um dos primeiros poemas registrados no mundo, o Épico de Gilgamesh, escrito na Suméria (sul da Mesopotâmia) em torno de 2000 a. C.,supostamente extraído de uma fonte oral muito mais antiga, mostra como estas primeiras prostitutas estavam longe de ser estigmatizadas, como são hoje. No poema, uma prostituta desempenha um papel crucial; e ela não é apenas reconhecida como sendo sagrada – seu trabalho também é considerado civilizador (ROBERTS, 1998, p. 23).

No entanto, mais tarde houve um desequilíbrio do poder, com o deslocamento das mulheres para os homens, com a sociedade sendo hierarquizada e já predominando o *status* de poder entre os menos favorecidos, em detrimento aos mais favorecidos:

[...] um escalão de prostitutas da classe alta se desenvolveu e conseguiu manter parte de seus antigos poderes e privilégios. As várias classes de prostitutas-sacerdotisas foram bem documentadas pelos antigos Babilônicos (cerca de 2400 a.c.), que registraram que as sacerdotisas da classe mais elevada da Deusa Ishtar, as entu, deveriam ser consideradas em pé de igualdade, com os principais sacerdotes homens (ROBERTS, 1998, p.24)

O poder da mulher, que até então ainda realizava cerimônias de casamentos e viviam em harmonia com os homens, tem seu final decretado ainda nos primórdios da era patriarca, em que o significado do matrimônio foi alterado, transformando-se em um “cerimonial do Estado, uma dramatização do direito do rei de governar o povo” (ROBERTS, 1998, p.25).

Mesmo com a tentativa de ressignificação do matrimônio, como um ritual da fertilidade, até cerca de 200 a.C. Ishtar continuou sendo considerada como uma deusa soberana e assinala-se que ainda, segundo Roberts (1998), nessa época, as prostitutas do mais alto escalão do templo “eram por direito nato agentes poderosas e prestigiadas; não eram as meras vítimas oprimidas dos homens, tão queridas pelas feministas modernas” (p.25).

Já ocupando um segundo lugar, na Babilônia existiam mulheres denominadas como *entú* e *naditu*, que constituíam outro grupo. Estas ocupavam altos escalões sociais, mas no entanto a estas havia a proibição quanto ao casamento e a procriação, mesmo que fatalmente ocorresse, elas acabavam impunes ao praticarem. Poderiam envolver-se em atividades comerciais com toda a propriedade semelhante à masculina, vendendo, comprando, inclusive comercializando escravos, exportavam a agricultura e produtos do comércio local, constituindo grande importância na economia do país. Abaixo dessas poderosas Deusas, encontravam-se as *qadishitu* (ainda compunham o quadro de mulheres sagradas) e abaixo delas as *ishtaritu*, que dedicavam-se exclusivamente aos préstimos à deusa Ishtar, podendo especializarem-se também em expressões artísticas, como tocar instrumentos, dança e canto. Além delas havia uma classe de mulheres chamadas *harintu*, que eram prostitutas e trabalhavam tanto dentro dos templos, quanto em seu exterior (ROBERTS, 1998, p.25).

Ainda segundo Roberts (1998),

[...] muitas das *harintu* dos templos eram aparentemente escravas, provavelmente mulheres que foram capturadas na guerra; para os homens comuns que as adoravam nos santuários, elas também representavam a

deusa, mas, ao contrário de suas irmãs da classe mais elevada, estavam sujeitas ao controle dos dirigentes e sacerdotes do templo. Entretanto, como todas as prostitutas sagradas, as *harintu* enriqueceram os templos através das oferendas de comida, vinho, azeite e bens preciosos, que os adoradores depositavam a seus pés antes de participar dos ritos sexuais. [...] foram as primeiras prostitutas de rua, operando independentemente e em uma base comercial; mesmo assim, a conexão entre sexo e religião persistia, pois as prostitutas de rua continuavam a ser consideradas mulheres sagradas, protegidas por *Ishtar* e seus proventos vinham sob a forma de oferendas, em nome da Deusa (p. 26).

Neste cenário, com a tentativa de garantir espaços que pertenciam particularmente as esposas e as prostitutas, dentro do âmbito da família e a sociedade, surge na antiga Suméria, cerca de 2.000 a.C leis que segregavam as duas. No entanto, se um homem não houvesse tido filho com a esposa e sim, com uma prostituta, ele teria a incumbência de prover esta, embora não tivesse que abriga-la em seu lar, perante sua família. Entretanto, ainda estava fadada à prostituta, apenas o provento dos herdeiros, pois quando um homem se interessasse em casar-se com uma delas, ele era aconselhado a não incorrer a esse erro a título de sua vida promíscua anterior, que poderia ter lhe tornado costureira e poderia então vir a desejar outros homens (ROBERTS, 1998, p.27).

A medida em que afirmava-se o poder do marido no domínio de suas esposas, aumentava a opressão e o abismo entre elas e as prostitutas. As leis cada vez mais severas eram, por sua vez, opressoras.

Em 1100 a. C. os assírios lançaram as primeiras prescrições legais aos códigos para os trajes das prostitutas; elas foram instruídas a usar jaquetas de couro especiais, “para atrair a atenção” e, foi promulgado um alegre decreto segundo o qual elas não deveriam de modo algum usar o véu, que era reservado como uma marca de submissão da esposa ao seu marido. As prostitutas que desafiavam esta lei arriscavam-se a receber 50 chibatadas e ter piche derramado por suas cabeças (ROBERTS, 1998, p.27-28).

Diante da dominação que os homens passaram a exercer sobre as mulheres, fato que é encontrado nos dias de hoje, a prostituta representava uma ameaça ao poder do macho, por sua constante luta pela liberdade, contra a submissão e a retorno do reconhecimento de sua importância nas sociedades. Os defensores do patriarcado possuíam como aliados os sacerdotes, que atribuíam significados de perversidade e significavam verdadeiros alvos de “campanhas de ódio” sobre as mulheres, que necessitavam ser dominadas e bem vigiadas, e diga-se de passagem, que até hoje carrega-se o estigma de boa menina/ má menina. Como

salienta Roberts (1998), “das cinzas da compassiva prostituta-deusa, os sacerdotes criaram a Eva pecadora e sedutora, cuja curiosidade carnal – ainda hoje nos ensinam isso – conduziu ao desastre de toda a humanidade” (p. 30). Dessa forma, as mulheres ficaram fadadas ao exemplo do pecado, que necessita do controle do homem, a fim de que ela possa ser domada, uma vez que sua figura, embora muitas vezes angelical, seja a verdadeira representante do mal da humanidade.

Entretanto, para darmos continuidade ao estudo da prostituição retratada em diversos períodos, segundo Rebolho (2015),

Deste modo, faz-se necessário, que pesquisadores do tema tenham um olhar desprovido de preconceitos (como já foi dito), não apenas devido à sua complexidade estar ligada a tabus e regras, mas porque as atitudes e valores sexuais se modificam ao longo das épocas e entre os diferentes países (p. 20)

Sendo assim poderemos vislumbrar as facetas da evolução histórica, a partir de um olhar transparente, desprovido de tabus e preconceitos, que nos impessam, de identificar dentro de nossa evolução o papel em que homens e mulheres exerceram, nas mais diversas sociedades, no decorrer das civilizações.

Como pudemos constatar, no transcorrer da história a figura da mulher já foi associada desde a Semideusas<sup>1</sup> (pré- patriarcado), consideradas criadoras da fonte da vida. Até perderem o legado à “força masculina”, que munidos de um discurso religioso e moral, juntamente com as transformações sociais ocorridas com o cristianismo, contribuíram para a passagem da deusa à prostituta. Assim, como discorre os autores Guimarães e Merchán-Haman (2005),

A prostituição constitui-se como prática milenar que tradicionalmente tem subvertido o exercício ‘controlado’ da sexualidade via instituições sociais. Tentativas de controle foram implementadas no passado, variando da satanização, isto é, o controle exercido pela instituição religiosa, passando pela proibição expressa em códigos civis, e chegando, finalmente, nos dias atuais no Brasil, à demanda pela sua legalização como atividade profissional. (p.525).

---

<sup>1</sup> De acordo com Sjøo & Mor (apud ROBERTS, 1998) : “ ... nessas sociedades pré-históricas a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, oriundas da mesma fonte na deusa. O sexo era sagrado por definição e as sacerdotisas lideravam rituais de sexo grupal em que toda a comunidade participava, compartilhando uma união estática com a força da vida” (p.21)

Em Atenas encontramos o modelo de mulher, lembrado até hoje na canção de Chico Buarque de Holanda, versando sobre o exemplo que deve ser seguido, ou seja, a mulher ateniense, casta, dedicada ao lar, exemplo de cordialidade, brandura e submissão ao domínio masculino. No entanto, tão submissas quanto às mulheres esposas, havia as prostitutas, que estavam fadadas a exploração comercial do próprio Estado. Como afirma Sólon<sup>2</sup>: “qualquer mulher que tentasse ser independente dos homens, todas as mulheres pobres, as estrangeiras e as escravas que trabalhavam fora de casa, caíam na segunda categoria”, ou seja, a de prostituta. (ROBERTS, 1998, p.35)

A história retratada demonstra fato semelhante ao segundo decênio, em que muitas vezes a precariedade de recursos para uma sobrevivência com o mínimo de dignidade em uma sociedade, pode ser fator desencadeador da opção pela prostituição, como afirma Roberts (1998), no caso de Atenas, naquele momento histórico:

[...] em muitos casos, isto era verdade, pois muitas mulheres que não eram esposas-modelo tinham poucas escolhas, além de se prostituir para sobreviver. Sólon, rápido na avaliação dos enormes lucros conseguidos pelas prostitutas, tanto comerciais, quanto as religiosas, começou ele próprio a organizar o negócio, o que resultou em uma grande proliferação por toda Atenas em bordéis oficiais, administrados pelo Estado. Esse empreendimento mostrou-se tão bem-sucedido que Sólon conseguiu mais que o suficiente para financiar sua imensa máquina militar: constava que o porto ateniense de Pireus foi virtualmente construído com os lucros do seu maciço comércio sexual (p.35).

Se por um lado, escritores gregos passaram a elogiar a iniciativa de Sólon, por outra perspectiva temos a escravidão instaurada dentro dos bordéis do Estado, composto pelas chamadas *deikteriades*, como eram conhecidas as prostitutas que eram exploradas por estes mesmos. Essas prostitutas viviam em péssimas condições de moradia, em pequenos cubículos comparados à celas e que: “da mesma forma que as “boas” esposas de Atenas, não tinham controle nenhum sobre suas vidas” (ROBERTS, 1998, p.36)

Observa-se que ao lado da submissão masculina, encontra-se os dois polos, a mulher modelo de família e bons costumes, e a prostituta, aquela que serviria apenas para proporcionar o prazer e a satisfação masculina, a um preço bem baixo e livre de qualquer vínculo ou obrigação por parte do homem.

---

<sup>2</sup> ROBERTS (1998) esclarece que Sólon, foi o “sábio”, que governou Atenas na virada do séc VI, a partir do apoio da classe média, composta por fazendeiros e comerciantes, que lutavam com a velha aristocracia, por uma parcela de poder (p.33)

Instaura-se, então, a prostituição hierarquizada e dominadora do capital:

Pela primeira vez na história as mulheres estavam sendo cafetinadas-oficialmente. Os homens estavam fazendo enormes fortunas com a venda de serviços sexuais delas: primeiro os administradores de bordéis, depois os coletores de impostos, e finalmente, no topo do monte, o Estado, com o “esperto” Sólon a sua frente. Assim nasceram a cafetinagem estatal e a privada – de mãos dadas (ROBERTS, 1998, p.37).

Paralelamente a cafetinagem estatal, surgem organizações de mulheres independentes, que se associam a outras, geralmente mais velhas, para dominarem a prostituição em algumas regiões das cidades. Surgem, então, as “cafetinas”, ou outro termo reconhecido nos dias atuais, as “madames”. De acordo com Roberts (1998), a presença delas é tão marcadamente territorial, ao revelar que: “estas zonas de meretrício eram áreas lucrativas de empreendimentos femininos, pois as prostitutas que nela exerciam o seu comércio estavam envolvidas em um negócio em que os homens não tinham outra posição financeira, senão a de cliente-pagante – ou funcionário subornado (p.37).

Assinala-se, aqui, fato importante da época, que hexistir vantagens, entre ser uma prostituta independente de classe mais elevada, do que se fadar ao papel de esposa de um cidadão grego, pois além do comércio da prostituição estar em domínios femininos, em algumas partes da Grécia ainda havia a associação à Deusas.

Por esta característica tão marcante das mulheres gregas, no domínio da prostituição e do comércio gerado a partir dela, mesmo com o controle e os ataques frequentes dos legisladores, hipotetiza-se que pela bravura de militância, talvez seja a partir daí que tenha se instaurado as primeiras feministas da história, “provavelmente as mais famosas e respeitadas destas mulheres eram as *hetaire* (literalmente “companheira dos homens”), prostitutas da elite da antiga Grécia que eram famosas tanto por seu intelecto, quanto por sua beleza e habilidades em fazer amor”(ROBERTS, 1998, p.40)

As hetairas ou *heteaire*, constituíam um grupo de cortesãs muito abastadas, com recursos próprios para conduzir seus negócios abertamente em Atenas, exercendo seu trabalho tanto em bordéis do Estado como em Templos. Fato interessante de se registrar é o seu poder de autonomia:

[...] Cada cortesã tinha uma pedra que ela usava registrar mensagens, e toda manhã um cliente lhe escrevia cumprimentos, juntamente com os detalhes mais práticos, como o horário sugerido e o preço. O escravo pessoal da prostituta levava a mensagem para a sua senhora e, se os termos fossem do



seu agrado, a cortesã dispunha a encontrar com o cliente mais tarde, no cemitério. Ao anoitecer, o jardim estava repleto de belas mulheres e seus clientes, flertando, se divertindo, negociando (ROBERTS, 1998, p.41).

Na passagem acima, podemos vislumbrar também a forma como os encontros ocorriam. Durante o dia parecia algo mais velado, o contato entre cliente e prostituta era feito por contato indireto, sendo que a noite encontravam-se todos, como um contato direto, constituindo um espaço livre de negociação e diversão.

Fato interessante de se registrar é a liberdade sexual durante a grande civilização clássica, ou seja, a antiga Roma, que perdurou desde o século VIII a. C, aos primeiros cinco séculos d. C. em que alguns escritores e acadêmicos registraram como sendo tempos em que:

[...] juntamente com a “estrutura elegante e lógica” que eles tanto admiram, floresceu uma fantástica e caótica profusão de práticas sexuais, pois os romanos eram extremamente auto-indulgentes. Rotulá-los como perversos é uma atenuação, pois eles escarneciam de qualquer noção de convecção moral ou sexual e se desviavam de toda norma que houvesse sido inventada até então. A posse absoluta de enormes quantidades de seres humanos encorajavam as classes dominantes a pôr em prática suas fantasias mais primitivas, e o faziam com grande prazer (ROBERTS, 1998, p.54).

Foram os romanos que conseguiram introduzir na Europa o que constituiu como sendo o primeiro sistema de registro estatal das prostitutas de classe baixa. As prostitutas se dividiam em classes: “[...] as *meretrices* registradas e as *prostibulae* [...] não registradas. A exigência da lei era que fossem registradas todas as prostitutas com um funcionário conhecido como *aedile*” (ROBERTS, 1998, p. 63). No entanto, na prática, a grande maioria não o fazia, devido ao fato de que se o nome fosse colocado na lista ele jamais poderia ser retirado. Os dados registrados das prostitutas eram: seu nome, idade e local de nascimento, devidamente anotados em pergaminhos. O passo a seguir era estipular seu valor e, então, ela recebia a licença para exercer a profissão. Nota-se que as prostitutas de classe alta não eram submissas a mesma regra, bem como algumas dançarinas, atrizes e instrumentistas, que também vendiam seus serviços sexuais. Apesar de toda a inspeção realizada, grande parte das prostitutas de classe baixa, não se opunha ao registro. No entanto, era fato que pelo tamanho da cidade, o policiamento não era eficaz e se por ventura, alguma prostituta viesse a ser perseguida, elas acabavam por subornar aos policiais.

Assim como na Grécia antiga existiam as *hetaire*, ou *hetairas*, agora por sua vez, em Roma, temos as *delicatae*:

Criaram sua própria cultura singular e diversa, desprezando a posição subordinada da “respeitável” matrona romana e preferindo manter a antiga tradição das prostitutas de completa autonomia sexual, de não “pertencer” a nenhum homem. As cortesãs romanas orgulhavam-se de sua educação, inteligência, beleza e independência; e se reconhecem como as verdadeiras “mulheres livres” de Roma (ROBERTS, 1998, p.75).

As *delicatae* eram invejadas pela casta nobreza das mulheres bem casadas, uma vez que não provinham de tanta liberdade de ação e expressão.

Já a Idade Média foi um período marcado pela dominação do cristianismo, que era representado pela Igreja Católica na Europa Ocidental. Constituíam-se como uma instituição rica, organizada e muito influente. O Império Romano, em 391d.C. teve decretado o cristianismo como religião oficial e por sua vez a Igreja passou a acumular fortunas e vastos territórios.

De acordo com Rebolho (2015),

No século V, a instituição tinha uma organização hierárquica definida – com padres e sacerdotes na base da pirâmide, bispos acima e o papa no topo. Os religiosos dedicaram-se a converter bárbaros e a promover sua integração com os romanos, ganhando prestígio e passando a assumir funções administrativas nos novos reinos. Além de deter o poder político e econômico, os sacerdotes formavam a elite letrada e passaram a concentrar em si o monopólio do conhecimento. Essa ascendência cultural oportunizou aos religiosos da época serem reconhecidos como os maiores expoentes da filosofia medieval, entre eles, Santo Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225 – 1274) (p.101)

Diante deste cenário, totalmente repressivo hierarquizado e castrador, instaura-se a repressão dos corpos, e conseqüentemente a sexualidade, inicia-se a castidade como reguladora e a Igreja passa a fortalecer a família e também a virgindade.

Os homens da Igreja Cristã, já estavam inventando o dogma que iria superar qualquer coisa que o próprio Cristo possa ter dito ou escrito; pois embora Jesus tenha condenado a “luxúria” em pensamentos ou atos, parece ter considerado as prostitutas meras pecadoras insignificantes, que teriam alcançado o Reino dos Céus bem antes daqueles principais transgressores, como os fariseus”. E deve ser lembrado que foi a prostituta Maria Madalena, que desempenhou um dos papéis principais no drama da vida de Cristo. A ex-prostituta da galileia tornou-se uma das mais devotas seguidoras do mestre; foi a primeira pessoa a descobrir que a sua tumba estava vazia e também a primeira a testemunhar a sua ressurreição. “No entanto, o mais incrível – infelizmente – foi Maria Madalena ter proporcionado aos cristãos o protótipo de um de seus modelos preferidos: a Prostituta Arrependida [...]” (ROBERTS, 1998, p. 81).

A igreja passa a combater a homossexualidade, valorizar a virgindade e impor que a sociedade se constitua em laços embasada em matrimoniais indissolúveis, perante Deus e os homens. Travam-se batalhas quanto ao prazer sexual e o sexo é fadado a perpetuação da espécie.

A prostituição há de se considerar o fato de a Idade Média ter durado cerca de um milênio, e neste pano de fundo a concepção de prostituta também sofreu mudanças significativas ao longo dos tempos. Adentrando nos séculos XVI e XVII, que assinalaram o começo de um período histórico chamado de Idade Moderna, que se prolonga até o final do século XVIII. O elemento central do Renascimento foi o humanismo, corrente filosófica que se baseava no antropocentrismo – que considerava o ser humano o centro das questões.

Neste mesmo período, temos Reforma foi um movimento religioso que também teve início na Idade Média e eclode no século XVI, rompendo o monopólio da Igreja Católica, remodelando a ordem moral da Europa Ocidental, reforçando a economia capitalista.

Homens como Lutero e Calvino, despontaram entre Alemanha, Suíça e Inglaterra, promovendo uma nova ordem sexual. Embora continuavam a propor “a ascensão da instituição patriarcal do casamento: um homem tinha apenas que se casar e *voilà!* – poderia ter todo o sexo que desejasse, contanto que fosse para o divino propósito de gerar frutos crentes tementes a Deus” (ROBERTS, 1998, p. 141).

No entanto, a relação entre sexo velado ao pecado e as coisas imorais, também reinaram nesse período, pois segundo Roberts (1998):

Lutero era de opinião que o próprio sexo era “sujo” e Calvino foi célebre em enfatizar a natureza nociva do prazer sexual. Seu objetivo era de total castidade fora; do casamento pronunciavam-se amargamente contrários à noção de que a promiscuidade dos jovens era natural e inevitável e que por isso a prostituição era permissível.[...] Também proclamava o desastre para todos aqueles que – como a prostituta – ficavam às margens da vida sexual e fora das instituições aceitas do casamento e do sacerdócio.(p.141)

Nesse período, imperavam aos castigos contra as prostitutas, que variavam desde o corte das orelhas, ao espancamento e também afogamento, além do constrangê-las perante a sociedade e a igreja. No entanto, nos séculos XVI e XVII, as prostitutas ainda sobrevivem “graças à contínua expansão das vilas e cidades, o empobrecimento das pessoas (especialmente mulheres) e a disseminação das condições do mercado livre, a prostituição continuou a se mostrar impossível de ser detida: havia pessoas demais ligadas a ela” (ROBERTS, 1998,p. 151).

Logo no século seguinte, ocorre no século XVIII, os prostíbulo atingem ao ápice, com um novo modelo, capaz de satisfazer aos mais exigentes gostos dos especialistas na arte dos Bordéis. Como corrobora Roberts (1998):

Um modelo deste gênero era o estabelecimento de MMe. Gourdan, na rue Deux Ports, em Paris. Uma das inovações desta senhora foi estabelecer sua casa no centro “harém de um grande salão onde as prostitutas anunciavam seus serviços aos clientes através de poses provocativas. Madame também oferecia uma variação extremamente abrangente de serviços sexuais, um menu que na verdade satisfazia os gostos mais variados- e bizarros. Pornografia e “escravos estimulantes estavam disponíveis para aqueles que requeriam um pouco de ajuda; para os *voyers* havia um aposento de observação de onde podiam assistir as atividades sexuais dos outros, e, para os clientes com uma inclinação sadomasoquista, havia os encantos da “câmara de horrores” (p.191)

Para trabalharem neste tipo de prostíbulo, as mulheres eram devidamente preparadas, recebiam um treinamento completo que variavam desde banhos, a maquiagens e instruções da arte da prostituição. Eles proliferaram por toda a Inglaterra, servindo às classes dominantes, inclusive aos religiosos.

A Idade Contemporânea é um tempo histórico em aberto. Compreende o final do século XVIII, com a Revolução Industrial (1760) e com a Revolução Francesa (1789), até os dias atuais. Foi com o desenvolvimento do capitalismo, que instaurou-se uma forma de organização econômica que migrou para todos os continentes.

Este é um período de grandes guerras e massacres, humanidade sobreviveu, mas convive com a ameaça de muitas outras guerras. Desde o século XIX convivemos com fantasma da guerra que aterroriza a humanidade, conseqüentemente alterando vidas e mudando o rumo da história.

O resumo do início deste período retrata uma minoria da população que se encontrava empregada em fábricas, oficinas de roupas, geralmente eram costureiras, operárias ou trabalhavam em serviços domésticos e, para isso, recebiam um salário miserável que geralmente são menores aos dos homens que ocupavam aos mesmos cargos e eram obrigadas a cumprir jornadas escravas de trabalho. As condições sociais e econômicas estavam, vislumbrando esse contexto, propícias ao florescimento da prostituição.

---

---

## 1.1- UM RECORTE SOBRE A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

---

---

*“O campo que se constituiu em torno da prostituição passou a recobrir inúmeras práticas desejanças. O processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de desterritorialização das subjetividades impulsionou o alargamento dos territórios do desejo. [...]. Nas grandes áreas de concentração do capital financeiro – áreas de bancos, casas comerciais, sedes de sociedade anônimas -, instalaram-se cafés, restaurantes e centros noturnos de diversão. Expandiam-se as formas de consumo do amor venal. Crescia a prostituição profissionalizada, enquanto o bordel se tornava o ideal de toda uma geração, como lembrava Oswald de Andrade” (RAGO, 1991, p. 81).*

Tanto no Brasil, quanto em todo o mundo, o fenômeno da prostituição moderna, baseado no modelo europeu, passava a predominar a partir do século XIX e algumas características ainda vislumbramos nos dias de hoje. De acordo com Rebolho (2015),

As prostitutas invadiram o centro e procuravam se exhibir, desfilar em carros abertos, expor o corpo aos olhares dos curiosos nos espaços elegantes da vida boêmia, ou mesmo na ruas ocupadas pelo baixo meretrício. Não havia, segundo Rago (1991, apud REBOLHO, 2015, p.157), uma rígida separação geográfica entre o universo da prostituição e o mundo da respeitabilidade burguesa. “Algumas confeitarias dividiam seus horários de atendimento entre as famílias e as *demi-mondaines*, enfeitadas e vistosas, enquanto os teatros eram obrigados a abrigar esses diferentes setores da sociedade”, quando ocorriam apresentações artísticas internacionais (p.157).

Engel, ao analisar a situação econômica da cidade do Rio de Janeiro, na tentativa de buscar explicações para o advento da prostituição, dos anos de 1840 a 1890, constatou que mesmo após a abolição da escravidão em 1888, havia a presença significativa desse tipo de mão de obra em vários setores, como pesca, lavradores, domésticos, criados, jornaleiros, dentre outros que não possuíam profissão ( 1989, p.19). Como constata Engel,

tal situação reduzia bastante as oportunidades de emprego para o grande contingente constituído pelos indivíduos livres e despossuídos. Estes personagens sociais, faziam parte do cenário urbanos desde o período colonial, tornaram-se ao logo do século XIX, numericamente cada vez mais expressivos... parte desse contingente foi absorvido , principalmente, pelos setores comercial, burocrático-administrativo e de serviços urbanos...Contudo, mesmo que ampliada por esse desenvolvimento, a capacidade de absorção de mão-de-obra pelos setores urbanos apresentava-se muito aquém da oferta existente... (p.20)

Contudo, a situação da parcela feminina, segundo Engel (1989), era ainda mais agravante, ao consideramos que, devido ao preconceito, muitas ocupações não podiam ser desempenhadas por mulheres, a não ser aquelas de menor valor e as mais depreciadas pela sociedade, como o exercício da curanderia, domésticas, vendedoras, cartomantes, quituteiras, artesãs, atrizes, cantoras e por fim prostitutas. “A prostituição permanecia assim, como uma alternativa importante de sobrevivência para a mulher, oferecendo em alguns casos a possibilidade de ganhos mais expressivos.”(p.25)

A associação da escravidão à prostituição acaba caracterizando uma conotação patológica de doença e clandestinidade, como relata Engel, nos primeiros textos médicos sobre prostituição, “o africano – “portador de uma natureza erótica, libidinosa, despudorada e estúpida” – é apontado como fonte de propagação da doença moral” (1989, p.90,91)

Numa perspectiva médica o aliciamento das supostas “vítimas da doença moral”, se dá por meio da sedução (ENGEL, 1989,p. 90). E discorre ainda sobre a sedução,

Arma possivelmente mais eficiente do que os métodos violentos - como por exemplo, o estupro – a sedução é apontada no discurso como a arte desenvolvida pelo libertino e pela prostituta na disseminação da sexualidade depravada e pecaminosa. Deste modo que, à medida que se enfatiza a sutileza e o disfarce como características predominantes da ameaça, esta se torna mais perigosa conferindo ao médico o papel de delator (1989, p.90).

Questão importante a ser considerada é sobre a possibilidade de escolha da mulher por prostituir-se na medida em que, aspectos sexuais, econômicos e até mesmo emocionais possam viabilizar uma vivência mais autônoma e também independente:

Lembre-se, ainda, que, conforme os registros da literatura e das crônicas do período, a prostituta seria a grande interlocutora dos frequentadores dos bordéis de luxo da cidade nas discussões sobre política, artes economia, etc., assuntos que costumavam ser monopolizados pelo mundo masculino (Engel, 1989, p.27).

Temos, então, uma questão interessante, que se revela a partir da fala anterior, que seria a legitimação na prostituição, quanto a garantia de um espaço de resistência contra a fragilidade e submissão que a sociedade masculina impera sobre a mulher e o local em que ela deve ocupar na sociedade, seu papel, seus deveres e afazeres, que geralmente estão confinados ao lar e a maternidade.

Entretanto, por outro lado, a prostituição revela-se também como produto dos valores morais que presidem a sociedade brasileira no século passado, o que situa ao mesmo tempo e contraditoriamente como um espaço de reação e de manutenção destes mesmos valores. Um espaço econômico, sexual e emocionalmente marcado também pela presença de uma rede de exploração e de dominação que se expressa, por exemplo, nas relações entre a prostituta e as figuras do gigolô, da cafetina e, muitas vezes, do próprio cliente (ENGEL, 1989, p.27).

Inseridos na categoria de profissionais liberais os médicos constituíam-se uma classe acima de qualquer suspeita. A relação que a sociedade estabelecia com esses profissionais era de confiança e respeito, procurando seguir a todas e quaisquer recomendações, mesmo que essas ultrapassassem ao âmbito médico. Estabelecidos no Rio de Janeiro, com tendência de se tornar uma classe numericamente muito expressiva e portanto, apresentavam-se como um seguimento da intelectualidade que se empenhavam na tarefa de ordenar tudo aquilo que era visto como desordem, transformando a cidade num espaço civilizado (ENGEL, 1989, p.39). Dentre outras questões sanitárias, a prostituição, como era concebida por doença da alma e doença do corpo, constituía-se o lugar de discurso médico na década de 1930, com a criação da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

Ao saber médico da época, ainda segundo Engel (1989),

a mulher e a criança figuravam como as personagens centrais no tratamento das questões de ordem higiênica, o que pode ser observado como na recorrência de temas como a gravidez, o aborto, o aleitamento, a mortalidade infantil, a educação da mulher e da criança. Usando de argumentos de autoridade, respaldados na sua formação universitária e científica, o médico passava a opinar sobre tudo o que dissesse respeito à mulher: desde os aspectos relacionados a sua constituição física e mental, até do vestuário e dos hábitos de moda – como o uso de espartilhos, a frequência em bailes, etc – para a sua saúde (p.44).

De acordo com as observações de Corbin, desde o século XIX, as categorias representadas por prostitutas, loucos, detentos, judeus, homossexuais e do homem-estercó,

prevalecem um mesmo estigma, que é o parentesco com o lixo, como exemplifica: “Quer trate do excremento, quer se trate da prostituta ou do catador, o incessante vaivém do fascínio à repulsa pontua o discurso do mesmo modo como regula a atitude dos higienistas e dos pesquisadores sociais” (CORBIN, 1987, p. 189).

A questão da apropriação médica no tratamento de assuntos como a prostituição no Brasil, foi advinda das concepções da medicina social desenvolvida na França desde o final do século XVIII, em destaque o idealizador de intervenções de caráter sanitário, o médico Parent Duchâtelet, famoso em seus feitos, uma vez que:

...dedicou sua vida profissional à busca de focos de contágios de moléstias epidêmicas em Paris. Os esgotos e as prostitutas, considerados por ele receptores dos dejetos humanos, foram objetos de intensa pesquisa com resultados expressos no mapeamento dos desaguadouros subterrâneos da cidade e na regulamentação da prostituição controlada pela polícia (in: BRESCIANI, 1985, p.52).

No entanto, todo esse processo de aquisição da prostituição como objeto do saber médico, sempre esteve estigmatizado por inquietações, hesitações e também ambiguidades. De acordo com Engel:

A vontade de saber do cientista, muitas vezes, esbarrava nos obstáculos impostos pela concepção cristã, que fazia do corpo, do sexo, do prazer e do desejo temas melindrosos, estigmatizados pela ideia de pecado. A presença de uma moralidade cristã, traduz, por exemplo, nas frequentes citações bíblicas, nas epígrafes retiradas das epístolas e nas constantes referências ao pensamento agostiniano. Além disso, os textos médicos sobre a Prostituição são marcados, a princípio, por um tom embaraçoso, que se expressa na insistência em justificar a escolha do tema, situando-o como objeto da medicina (1989, p. 56).

Os adventos da AIDS e da Sífilis, por volta de 1890, propulsionaram o caráter sanitarista do pensamento médico. Para reconhecer a prostituição houve a necessidade de convertê-la primeiramente como doença e não mais como pecado. A pauta seria atribuir a prostituição como principal meio de produção e difusão de moléstias venéreas, agora inseridas no “campo dos estudos de higiene médica e saúde pública” (ENGEL, 1989, p. 66)

Ou seja, de acordo com Engel (1989),



a prostituição é assim concebida como um perigo escondido nos “antros” e coberto por um “véu”. Um perigo desconhecido que, apesar de “repugnante”, “imundo”, “miserável” e “degradante”, deve ser estudado pelo médico. Cabe a este fazer desaparecer o foco miasmático e prevenir seus “efeitos maléficos” sobre o organismo humano e a saúde pública. Apesar da “mágoa”, é preciso que o médico penetre no desconhecido e levante o véu que o encobre; é preciso que o médico faça da ameaça oculta uma ameaça conhecida e classificada, tornando-a, assim, controlável (p.66).

Como vimos, a necessidade de conhecer e apropriar-se dos estudos sobre prostituição, sobretudo pela implicação da ameaça das patologias advindas desta prática, tiveram que permear o universo do discurso da medicina, mesmo que esbarrassem em entraves morais e religiosos, pois havia a necessidade da erradicação de epidemias. No entanto, o fato de admitir a prostituição apenas como patológico, ou seja, algo que deve ser banido para que não dê continuidade a propagação de doenças, acaba deixando em detrimento outros valores que a ela estão implícitos, como esclarece Engel,

Fixando os limites entre a normalidade e a doença no campo da sexualidade, o discurso sobre prostituição traz implícito um projeto de normatização higiênica do corpo, concebido não apenas num sentido físico, mas também, num sentido moral e num sentido social. Obsevando a prostituição através de lentes, reveladoras de cada um destas dimensões, o médico constrói as categorias básicas de classificação: a perversão (a doença física); a depravação (a doença moral); e o comércio do corpo (a doença social). Na elaboração de um diagnóstico minucioso, o médico desempenha o seu papel incorporando vários personagens: o cientista, o educador, o moralista, o economista, o legislador, o político. (1989 p. 69,70).

Sendo assim, torna-se cada vez mais restrito ao domínio daqueles que se encontram nos mais altos patamares da sociedade o exercício ou não da prostituição, sendo eles os reguladores desta prática.

Em resumo, os textos sobre prostituição produzidos no Rio de Janeiro nos anos decorrentes entre 1840 e 1890, a sexualidade era vinculada pela medicina, com função orgânica, para a finalidade de reprodução da espécie e que a satisfação do desejo sexual, por meio do prazer, como uma exigência fisiológica e que, no entanto, o excesso de prazer, sem a finalidade reprodutora adquire caráter de perversão, específico de organismo doente e foco de degeneração física. Como esclarece Engel (1989),

a prostituta é classificada – ao lado do libertino, do pederasta, do anonista, do sodomita, da lésbica e da ninfomaníaca – entre os tipos que apresentam um comportamento sexual desviante segundo critérios médicos de avaliação

[...] a perversão sexual, qualificada de antifísica e de antinatural, é identificada como doença do organismo [...] que aliás, pelo menos até princípios do século XX, não costumavam se constituir em temas tratados de modo mais específico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro [...](p.72)

O tratamento da prostituição, no Rio de Janeiro, no período de 1840 à 1890, ocorria de fato de acordo com duas normas, ou seja, por meio da repressão policial e a regulamentação sanitária que propunha sua extinção. Quanto a repressão policial, era intensiva e discriminatória, pois segundo notas de Barreto (1983) , apud Engel (1989):

a polícia, não sei como e por que, adquiriu a mania das generalizações ... Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com o nome arresado, assim os russos, polacos, românicos são para ela forçosamente cáftens; todo cidadão de cor há de ser por força um malandro... (p. 138)

No entanto, não significa dado novo a questão de a prostituição estar ligada a discursos sanitários. A prostituição já foi associada à transmissão de doenças, e a este motivo somaram-se outros implícitos, resultando na banalização da categoria nas sociedades.

Notamos que nos dias de hoje, o exercício da sexualidade vem sendo transformado, agregando novos valores, por meio de lutas de alguns grupos interessados em desvencilharem-se do senso comum e tratem com maior rigor científico o sexo, desapegando-se dos discursos míticos e preconceituosos, a exemplo, temos a Revolução Sexual da década de 1960 que dentre outras conquistas, traz a descoberta e disseminação da pílula anticoncepcional seria uma tentativa de exercer uma vida sexual mais livre, sem que necessariamente houvesse a necessidade de procriação. No entanto, de acordo com Engel (1989),

...esses saberes continuam, portanto, ditando as normas e fixando procedimentos que assegurem um “ bom desempenho sexual”, através por exemplo da obtenção do orgasmo e do máximo de prazer nas relações sexuais. Continuam, enfim, definindo os limites da sexualidade sadia. Limites, certamente, bem mais amplos e flexíveis do que aqueles estabelecidos pelos médicos do século XIX, mas que nem por isso deixam de assegurar – e talvez de uma forma até mais eficiente – o controle e a disciplinarização dos corpos e comportamentos sexuais (p.14).

Vale a pena ressaltar aqui, que em pleno século XXI, as iniciativas governamentais de políticas públicas sobre a prostituição, ainda se resumem em programas contra DST-Aids,

mesmo com toda a movimentação de alguns grupos, na tentativa de efetivar o pleno exercício dos direitos, da classe trabalhadora, que acima de tudo, deve ser vista como um grupo de seres humanos, que tenham suas necessidades políticas e sociais atendidas pelos órgãos governamentais e pela própria sociedade da qual ela é parte integrante.

A luta pela categoria de trabalhadora é apontada por Aquino, Ximenes e Pinheiro (2010) “que a partir da década de 1980, intensificaram os movimentos de prostitutas no mundo, com a pretensão de maior envolvimento político e redução do estigma e da discriminação em relação as prostitutas.” (p.19)

De acordo com nossa interpretação, ações governamentais estão fortemente atreladas à questões de estigmas e preconceitos que são difundidos em toda a sociedade, principalmente nos assuntos abordam o universo sexual. Universo este permeado de significados e que nos foi tão cerceado, desde os tempos mais antigos e continuam irraigados ao nosso imaginário, como algo pecaminoso, imoral e que traz prejuízos ao indivíduos. Heranças de uma educação sexual repressora. Como complementa Ribeiro (1990),

[...] os valores e a história de vida que acompanham indivíduo desde a infância estão de tal modo incorporados que dificilmente o jovem consegue viver sua sexualidade sem os tabus, os conflitos e os sentimentos de culpa, em consequência do confronto entre estes valores e os que a sociedade oferece hoje, entre as regras e o desejo. (p.16)

Mas como lidar com toda essa problemática? Por um lado temos a função biológica e psicológica a punção sexual latente e do outro os mecanismos castradores da sociedade?

Questão essa, nada fácil de ser respondida, mas calar-se a ela também significa respondê-la, só que de forma a colaborar com o silêncio impregnado de tabus e preconceitos.

Fato considerável é que mesmo com toda dificuldade em tratar com a problemática da sexualidade, temos em contrapartida, nos dias de hoje uma exposição constante e apelativa do pornográfico e o erótico, em todos os meios de comunicação e cada vez mais frequente a céu aberto. A luta pela propaganda destinada a venda dos corpos, ultrapassam a barreira do virtual e chega ao real, em algumas ruas e avenidas, que sob a luz do dia e principalmente ao anoitecer, viram palco de um espetáculo a céu aberto, prostitutas e transexuais, expostos como mercadorias, para quem quiser observar, ou algo além.

São vários os fatores que levam uma pessoa a se prostituir. Geralmente, a opção está ligada a questões de ordem financeira, uma vez que, em algumas ocasiões, a única alternativa disponível e com resultados imediatos, me refiro ao lucro rápido, acaba sendo a recorrência a

prostituição. Seja para suprir necessidades básicas, como para adquirir bens de consumo desejados.

Em relação à exposição e erotização dos corpos, precisamos elucidar as questões do Ser e estar no mundo.

Partindo da ideia de que o Ser humano, precisa se descobrir como Ser corpo sexuado, “como condição a priori de sua inserção como Ser no mundo”, (MELO, 2004, p.31), somos levados a entender que aqueles/as que não negam a sexualidade de seus corpos, são automaticamente capazes de se sentirem como Ser corporificado, fato que lhe dão sustentação a viver plenamente em satisfação consigo e com o outro. Assim, somos levados a questionar se a prostituta é capaz de se enxergar sua importância enquanto Ser no mundo, enquanto Ser humano capaz de se relacionar com o outro, estabelecendo trocas significativas para ambos.

Acreditamos que não seja nada simples, principalmente no que tange ao gênero feminino esse exercício de corporificação, em uma sociedade machista. A atitude mais comum é negarmos nossos corpos.

Segundo Bourdieu (1999), o paradoxo da construção social do corpo,

está no fato de que são as diferenças visíveis no corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o melhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de ) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade de ponto de honra caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais e hierarquizadas (p.32 e 33).

Concordando com a afirmativa acima, esta fala é atual, uma vez que vivemos em uma sociedade androcêntrica em que a mulher ainda é submissa ao homem. Sendo assim, temos uma variante considerável para entendermos o universo da mulher e da prostituta em nossa sociedade, que mesmo depois de travadas grandes lutas sociais, assim como as representadas pelas feministas, a mulher continua ainda restrita aos porões, cedidos pela autarquia masculina.

No sentido da reflexão sobre a influência da própria sociedade ao favorecimento à prostituição e no sentido de responder a essa questão, passamos a analisar sobre, quem são as prostitutas nos dias atuais, como vivem, o que pretendem e também sobre seus clientes,

realizando um levantamento semelhante, e um exercício de contraposição em suas falas, no sentido de identificar qual o imaginário que os circundam nessa relação mútua.

# **A Dama de Vermelho**

(Milionário e José Rico)

**Garçom, olhe pelo espelho  
A dama de vermelho que vai se levantar  
Note que até a orquestra  
Fica toda em festa  
Quando ela sai para dançar  
Essa dama já me pertenceu  
E o culpado fui eu da separação  
Hoje choro de ciúme  
Ciúme até do perfume  
Que ela deixa no salão  
Garçom amigo, apague a luz da minha mesa  
Eu não quero que ela note  
Em mim tanta tristeza  
Traga mais uma garrafa  
Hoje vou embriagar-me  
Quero dormir para não ver  
Outro homem lhe abraçar**

---

---

## 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS CLIENTES QUE BUSCAM SERVIÇOS SEXUAIS EM CASAS DE PROSTITUIÇÃO

---

---

Faremos, a partir de então, um exercício de inserção do papel na prostituição. Vale a pena postular que estamos nos referindo àqueles que utilizam dos “serviços sexuais”, quer seja em casas de *show*, quer seja pelo abordamento de prostitutas de rua ou aqueles que frequentam os locais retratados como Zona do Meretrício.

Em busca de, traçar um perfil do homem que procura por esses serviços, na literatura encontramos poucos registros. Isso nos leva hipotetizar os motivos pelos quais não se fala muito sobre o frequentador. Uma delas é que esteja fortemente irraigado com os registros da história da prostituição, principalmente com o advento do cristianismo, em que impera o poder do macho sobre a fêmea, e isso quer dizer, que nada mais comum que o homem poder utilizar-se da mulher para a satisfação de seus impulsos carnis. O mesmo, não é permitido para a mulher, principalmente para a esposa, a qual deve fazer sexo apenas para a reprodução e aquela que demonstra prazer com o coito é considerada mundana e deve ir para o prostíbulo, pois lá seria o seu local mais adequado e não no seio de uma família.

A exemplo disso temos o discurso de Rago (1985, p.89 apud DINIS 2009, p.20), que define a prostituta como,

é aquela que, ao contrário da mulher honesta e pura, vive em função da satisfação dos seus desejos libidinosos e devassos. Ela “tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhes são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada extremamente simpática ao álcool, despreocupada com o futuro, e, muitas vezes destituída de senso moral. A antítese da esposa honesta, mulher da vida tem um apetite sexual exaltado, [...] inato e incontido que leva a precocidade, por vezes fantásticas, na prática de perversões ou mesmo do coito”.

São vários os motivos que ainda levam os homens a frequentarem prostíbulos. De acordo com Ceccarelli (2008) esses locais permitem ao homem viver *fantasias sexuais inconfessáveis*, sem se sentir ameaçado em sua identidade social, “além de existirem também aqueles que o fato de pagar, representa uma forma de afirmação de poder”. Deve ser levado em consideração também, que o fato de “qualquer fracasso no desempenho, ou mesmo falta de performance sexual “ estarão perfeitamente preservados nesses espaços.

Verifica-se a dificuldade em formular uma resposta que aborde com exatidão, quais os motivos que levam um homem a procurar por serviços sexuais, bem como os motivos que levam uma mulher a se prostituir.

Vivemos em tempos de certa “liberalização sexual”, que após a revolução sexual de 1960, mesmo que vagarosamente, o perfil sexual feminino e masculino, vem tomando novas nuances. Nuances estas menos restritas a valores morais e preconceituosos.

Assim como ilustra Louro (2000),

Se as transformações sociais que construíam novas formas de relacionamento e estilos de vida já se mostravam, nos anos 60, profundas e perturbadoras, elas se acelerariam ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer (p.4,5).

A esta altura da história, o homem de um modo geral vive um momento de transformação e adaptação dentro de um novo tempo, contexto e “espaços”, tanto físicos como virtuais. E ao gênero feminino, essas transformações orrorrem em maior velocidade, na medida que estariam menos vigiadas e com maior liberdade à busca do prazer sem culpa. Daí um questionamento, se no decorrer da história, o homem sempre conseguiu ter um papel de domínio de sua sexualidade e agora a conquista feminina, de um comportamento sexual mais flexível, socialmente falando, quais os motivos da manutenção da busca pela prostituta?

Uma hipótese seria, que além de auto-afirmação, virilidade, problemas afetivos mal resolvidos, entre outros, esteja algo ainda implícito, mas consideravelmente importante, que são os processos educativos que ocorrem durante esse relacionamento.

Quanto ao papel da educação nesse trabalho de pesquisa, refletimos sobre sua importância ao passo que entendemos educação a partir das relações que são estabelecidas entre pessoas no mundo e com o mundo. Tratam-se de relações permanentes e constantes em processos educativos. No entanto, essas relações podem servir tanto para transformações sociais, quanto para a manutenção dela, dependendo da forma, do uso e do contexto em que ocorrem, bem como os sujeitos envolvidos e seus objetivos.

Comportamentos, ações e interações, se transformam e são apropriadas de acordo com cada fase do processo de construção histórico-social, que a partir de suas relações, os



seres humanos, com seus atos de criação, recriação e decisão, domina e humaniza sua “ realidade, bem como a si próprio” (SOUZA, 2007, p.17).

---

---

## 3 - OBJETIVOS

---

---

### 3.1 Partindo do Problema da pesquisa:

A temática envolve várias questões as quais pretendemos responder a partir da utilização de uma metodologia que corresponda aos objetivos propostos, e também com o auxílio do suporte bibliográfico que conduzirá ao exercício heurístico do pesquisador, em relação ao diálogo entre a teoria e práxis.

Qual a concepção que as prostitutas e os homens que recorrem a seus serviços, possuem a respeito de corpo, sexo, sexualidade, gênero e prostituição?

Que relações se estabelecem no contexto de oferta e procura no serviço de prostituição? Quais saberes estão inerentes à construção da cultura da prostituição?

Como as pessoas aprendem pelas relações que estabelecem como elas leem o dito pelo não dito?

Como elas estruturam seus papéis sociais a partir da relação com o outro e consigo mesma? Em que isso reflete ao seu olhar sobre o futuro?

### 3.2 Objetivo Geral

Compreender a expressão da cultura e das relações que se estabelecem no serviço de oferta e de procura da prostituição.

### 3.3 Objetivos Específicos

- a) Descrever, analisar e contrapor, a história das mulheres que têm a prostituição como meio de vida;
- b) Comparar a fala das prostitutas com a visão dos clientes entrevistados.

---

---

## 4 - MÉTODO DA PESQUISA

---

---

Quanto à escolha do método, concordamos com Campos (2000) no momento em que ele nos atenta sobre a escolha do método,

O interesse em conhecer a problemática humana necessita de uma forma de fazê-lo, ou seja, um método. Esse mesmo método determinaria a melhor forma para se atingir o objeto estudado. O método seria amparado por uma filosofia ou corpo de conhecimentos que garantiriam a ele e ao produto final de sua procura, um “rigor científico”, avalizando assim uma maior consistência ou confiabilidade aos resultados finais. (p.1)

Delimitada a importância da escolha de um método que seja capaz de atingir aos objetivos da pesquisa, destacamos autores que discorrem sobre a importância do ato de pesquisar e de como fazê-lo.

Pesquisar é um processo de desencantamento e de encantamento simultâneos do mundo físico e social. Pesquisar é também penetrar nas camadas de leitura que vão sendo construídas pelo pesquisador através da sua interação simbólica no mundo. Os meios simbólicos não cessam de alimentar a compreensão que construímos das experiências contemporâneas, criando sempre novas possibilidades de interpretação e uma realidade em permanente mutação (FREITAS, JOBIM e SOUZA, KRAMER, 2007, p.81).

Partindo desta citação, destacamos não só a importância do envolvimento do pesquisador com os aspectos circundantes a sua realidade, mas, como a necessidade do inserir-se num processo de aceitar o novo, de livrar-se de mitos, tabus e preconceitos para que sua visão sobre o discurso do outro possa ser mais próxima possível da verdade.

Entendemos que a metodologia de pesquisa enquanto, caminho percorrido pelo pesquisador, é necessário assim, neste momento, buscarmos explicitar as opções metodológicas, os objetivos do trabalho, a caracterização dos participantes, bem como, a descrição dos instrumentos de coleta de dados e, subsequentemente, os processos de análise dos mesmos.

Sendo assim, a escolha das técnicas a serem utilizadas, são de suma importância, pois podem facilitar ou camuflar ao pesquisador dados que podem afetar o resultado da pesquisa.

Entendemos por metodologia de pesquisa o caminho do pensamento e a prática e a abordagem realizada na realidade. Ou seja, a metodologia, inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, DESLANDES, GOMES, 2011, p. 14).

Uma vez delimitado nossos objetivos de pesquisa e formuladas a hipóteses e feito a escolha dos sujeitos, seria o momento de buscar o método mais eficaz, para garantir resultados que nos fossem plenamente satisfatórios. A escolha do caminho a ser percorrido é de grande responsabilidade, uma vez que se trata de uma pesquisa social, abordando pessoas, sentimentos, valores morais e éticos. A necessidade de preservar a integridade de todos esses aspectos também constituem parte integrante do resultado da pesquisa.

De acordo com Ludke e André (1986), para a realização de uma pesquisa é necessário saber que,

[...] é preciso promover um confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento (p.01-02).

Atentamo-nos não somente para fatos que estejam explícitos, mas tão importante quanto é compreender aquilo que foi silenciado e detectar os motivos que levaram o sujeito a calar-se perante determinada situação. Muitas vezes os dados mais significativos não estão visíveis aos olhos, pois devemos considerar também o ocultamento de dados e como se trata de um trabalho investigativo que volve a fala dos sujeitos, devemos considerar que por muitas vezes no silêncio pode estar implícitos dados importantes a serem considerados.

Após questionamentos suscitados a partir da verificação dos objetivos da pesquisa, verificamos a melhor opção seria a realização de uma pesquisa de cunho qualitativo, por possuir características que valorizam a participação e a valorização do sujeito por meio de seu discurso.

Para salientar a importância do discurso do sujeito, temos o aporte de França (1989, p. 18) na medida em que ele esclarece,

[...] o discurso como organização do pensamento expresso através da

linguagem, constitui um modo de ser do homem, é parte integrante do homem como ser-no-mundo. Através do discurso o ser humano se manifesta, exprime a própria existência. O discurso se expressa por intermédio da linguagem e, como meio de expressão do discurso, a linguagem é uma totalidade de palavras que possibilita o fenômeno da comunicação interpessoal.

Sendo assim, justificamos nossa opção metodológica, baseada na pesquisa qualitativa, sobre análise do discurso dos sujeitos, a observação de campo e a interpretação dos dados por meio de entrevista semiestruturada, como sendo a mais eficaz para que possamos alcançar aos objetivos propostos.

#### **4.1 Natureza da Pesquisa**

Por tratar-se de uma pesquisa científica, realizada com seres humanos, que em sua essência, possuem concepções que diferenciam-se uns dos outros, devido as mais variadas características psico-sócio-políticas, a quantificação reduziria a qualidade e relevância dos dados. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, considerando fundamental a participação e valorização do sujeito na pesquisa, por meio de seu discurso.

Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa,

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p.21-22).

A pesquisa qualitativa que evidenciamos como a mais eficiente na obtenção das respostas que buscamos, associamos a duas técnicas que consideramos indispensáveis: o estudo de caso e a observação.

Segundo Bell (2008), os estudos de caso, são indicados quando se necessita de um maior detalhamento na pesquisa,

[...] devem ser feitos para acompanhar e proporcionar mais detalhes a um levantamento. Também podem preceder um levantamento e ser usados como um meio para identificar questões-chave que mereçam mais pesquisa, mas a maioria é realizada como exercícios independentes. Os pesquisadores identificam o um “momento”, que pode ser a introdução de uma nova maneira de trabalhar, o modo como uma organização se adapta a um novo

papel, ou a qualquer inovação ou fase de desenvolvimento em uma instituição. (p.18)

Partindo do objetivo da pesquisa, em apurar com maior veracidade os dados, a observação do campo, a entrevista realizada de maneira que permita o olhar do pesquisador e do sujeito em identificar fatos explícitos ou implícitos ao discurso, contata-se mais eficaz ao quantificar e qualificar respostas inçadas, que podem camuflar dados importantes ao resultado da pesquisa. Por esse motivo optamos pela pesquisa qualitativa e descartamos a quantificação dos dados.

Com a pretensão de maior proximidade com a verdade, garantindo a fidedignidade da pesquisa, utilizaremos a técnica de entrevista semi-estruturada e também a observação direta. Concordando com os autores Bogdan e Blinquem (1994), na medida em que relatam que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p.134)

Triviños (1987, p.170), ao discorrer sobre a importância da pesquisa qualitativa, esclarece que:

[...] pelo tipo de técnicas que emprega, de preferência a entrevista semi-estruturada, o questionário aberto, o método clínico, a análise de conteúdo, etc., não estabelece separações marcadas entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas. (...) A dimensão subjetiva desse enfoque, cujas verdades se baseiam em critérios internos e externos, favorece a flexibilidade da análise dos dados. Isso permite a passagem constante entre informações que são reunidas e que, em seguida, são interpretadas, para o levantamento de novas hipóteses e nova busca de dados.

A pesquisa qualitativa, mesmo com o aspecto de valorizar a subjetividade e opondose a pesquisa quantitativa, que por sua vez, valoriza a objetividade e a quantificação do método experimental, não perde seu caráter científico, na medida em que opta por seguir caminhos diferentes a fim de obter resultados em comum, que no caso seria a verificação de determinada realidade.

Para efetuarmos a análise dos dados, utilizaremos a análise de conteúdo, que constitui um conjunto de técnicas de análise da comunicação e que também utiliza-se de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que nada

mais são do que indicadores que possibilitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção dessas mensagens (BARDIN, 1997).

Quanto ao método de análise de interpretação de dados, a partir do discurso dos participantes, Bardin (1997, p. 21) esclarece:

[...] esse método constitui em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção ( variáveis inferidas) das mensagens.

De acordo com o autor, devemos ainda percorrer três etapas, que ele considera com sendo básicas para analisar os dados, ou seja: “a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial” (BARDIN, 1997, p.21).

A pré-análise, constituiria a “organização do material”. A segunda etapa, que seria a “descrição analítica” seria, um aprofundamento teórico dos dados, orientados pelas hipóteses, previamente formuladas. E por fim, a “fase de interpretação referencial” significa a reflexão, a intuição, produzida por meio de materiais empíricos, estabelecendo relações e se possível chegar á propostas básicas de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais. (BARDIN, 1997, p.21, 22)

De acordo com a constatação de MINAYO, DESLANDES, GOMES, (2011) por meio de estudo realizado a partir da análise de Bardin (1997), chegou-se a conclusão, avanços no que se refere à interpretação dos dados por meio do estudo da análise de conteúdo, já começou a demonstrar características peculiares e mais complexas, a partir da década de 1970, pois,

[...] (a) a existência de mais de uma técnica para analisar conteúdos de mensagens; (b) a possibilidade de analisar conteúdos a partir da perspectiva qualitativa; (c) o uso de interferências que partem descrição dos conteúdos explícitos da comunicação para se chegar a dimensões que vão além da mensagem. Em outras palavras, através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por traz dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que foi comunicado” (p.84).

Ou seja, o que está implícito ao discurso pode ser muito mais revelador do que aquilo que se é relatado e estão presentes nesses detalhes a verdadeira expressão do esclarecimento sobre as hipóteses pré-estabelecidas. Esse exercício de contraposição e verificação, se dá por

meio da observação direta, pois uma expressão física por exemplo, muitas vezes se contrapõe ao que é revelado na fala do sujeito. Daí a importância da observação como parte da análise de conteúdo.

A observação como técnica eficiente na pesquisa qualitativa, nos oferece a possibilidade de detectar indicadores importantes extraídos sob o foco do pesquisador. Como nos esclarece LUDKE e ANDRÉ (1986),

Como principal método de investigação ou associada a outra técnica de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. (p.26)

Observar é muito mais que um simples olhar fenômeno, pois muito para além do olhar, significantes e significados podem ser detectados e fornecerem instrumentos poderosos na análise dos dados. De acordo com o que sugere Triviños (1992),

[...] não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características ( cor, tamanho, etc.). Observar um fenômeno social, significa em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua, dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentais e mais profundos, até captar se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações, etc (p.193).

Após a realização das entrevistas, partiremos, então, para a busca de um método de análise dos dados que serão obtidos a partir do discurso dos participantes, que constitui instrumento potencial neste tipo de pesquisa, uma vez que, de acordo com o mencionado anteriormente, valorizar a fala do sujeito, suas emoções, que muitas vezes são notadas apenas pela entonação do discurso. No entanto, devemos nos atentar a Minayo (2006), quanto aos critérios que essa técnica pressupõe,

Os pesquisadores que buscam a compreensão dos significados no contexto da fala, em geral negam e criticam a análise de frequência das falas e palavras como critério de objetividade e cientificidade e tentam ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem, para atingir mediante



referência, uma interpretação mais profunda (p. 307).

A análise de conteúdos constitui um campo vasto de métodos e técnicas, que ancoradas por um referencial teórico coerente aos objetivos da pesquisa, garantem sua estrutura científica e coerente e o encontro dos objetivos almejados.

#### **4.2 Caracterização dos Participantes e Campo de Estudos**

A pesquisa foi realizada em uma cidade do interior Paulista, localizada a 277 quilômetros da capital. Conta com população estimada para o ano de 2015 em 226.508 de pessoas de acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Considerando os objetivos da pesquisa e o campo de estudo a ser investigado, os sujeitos que fazem parte de nosso objeto de estudo seriam classificados em dois grupos, os clientes de casas de prostituição, ou aqueles que buscam serviços sexuais e as prostitutas que oferecem esse tipo de trabalho, por algum tipo de troca, querem seja ela diretamente financeira ou não.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, totalizamos um número de dez participantes. Contamos com a descrição de três participantes do sexo masculino, com idades entre 24 a 64 anos. As profissões são variadas, cujas características mais específicas estão inseridas no contexto do apêndice.

À participação feminina, totalizamos um número de sete participantes com faixas etárias entre 19 a 55 anos. A esse grupo de sete prostitutas, categorizamos os depoimentos de em três categorias diferenciadas. Determinamos necessário por assim fazê-lo, devido à diferenciação dos locais de atendimento e, portanto, o resultado obtido leva a uma diferenciação, tanto quanto, à abordagem ao cliente pela procura, quanto pela oferta do programa, e o modo em que ele ocorre, como demonstraremos posteriormente.

A primeira categoria refere-se a um grupo de três participantes, que, fazem parte de casas de prostituição e atendem basicamente aos clientes da casa, em dependências destinadas a esse fim, no próprio local de trabalho.

Outro grupo de prostitutas, o qual compõe duas delas, que fazem parte de uma casa de *show*, situada em uma região periférica, no entanto, compõe, uma área nobre, com imóveis destinados à áreas para lazer. Trata-se de uma chácara de luxo, e, popularmente é

conhecida como o local das prostitutas universitárias, embora não tenhamos encontrado nenhuma.

O terceiro grupo, aborda prostitutas que concentram seus “pontos” – que são locais negociados previamente com cafetões e necessitam de pagamento de locação mensal, em uma avenida, conhecida popularmente como “Rua da Zona”. Trata-se de uma avenida, em que se concentra um número aproximado de dez casas de *show*, um motel e dois bares. As garotas circulam pela avenida a procura da abordagem dos clientes e realizam os programas em suas residências, ou no motel da “Rua da Zona”.

As referidas casas de *show*, as quais encontramos encontramos na “Avenida da Zona do Meretrício” esteticamente assemelham-se a áreas de lazer, que possuem em suas dependências, churrasqueira, piscina. Em seu interior, apenas, é que pode-se discernir de uma área destinada ao lazer familiar, pois há um grande bar, com um acervo de muitas marcas e tipos diferenciados de bebidas e um palco para a apresentação de espetáculos. Os palcos são totalmente estruturados em questão de iluminação e som, com jogos de luzes, geralmente muito brilhantes e coloridas, uma passarela e também uma barra para prática de *pole dance*. Em todos os estabelecimentos o som é gerado a partir de uma jukebox, que consiste em uma máquina eletônica, que reproduz músicas. Geralmente necessita de moedas ou fichas para que o acervo seja disposto e o cliente possa escolher o álbum a ser ouvido no momento, de acordo com sua preferência. As músicas utilizadas em nosso trabalho de pesquisa fazem parte do repertório ouvido, em momentos de visitas as casas de prostituição.

Nosso campo de estudo permeou entre a chamada “Avenida da Zona do Meretrício”, e uma Boate, em uma chácara localizada em um bairro periférico de uma cidade do interior do Estado de São Paulo e verificou-se que o oferecimento e a abordagem ao cliente é diferenciado, de acordo com cada local. As prostitutas que circulam na rua necessitam atrair os clientes. Elas possuem técnicas diferenciadas quanto à busca pelos clientes. Algumas preferem ficar sentadas em bancos próprios, que elas trazem de casa e ficam ali, em uma posição mais sensual e submissa aquéles que por algum motivo, param o veículo e aí sim, ela se levanta para negociar ao programa. Outras circulam nos limites de seus espaços, na tentativa de chamar atenção aos que transitam, os fazerem parar e tentar convencê-los ao programa. Outras preferem concentrarem-se em grupos em seus “pontos”, para garantir a segurança pessoal, aguardando ofertas, num mercado entre prostitutas e travestis, em que uns protegem aos outros. Observasse que nesse momento eles estão unidos e não configuram-se como rivais ou oponentes. O cliente é quem faz a escolha de quem deseja, para o momento.

### 4.3 Procedimentos da Pesquisa

Por tratar-se de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, alguns procedimentos foram respeitados para a realização desta. O primeiro passo consistiu em informar aos sujeitos entrevistados a importância e os objetivos da realização pesquisa. Já o procedimento posterior, trata-se da realização da entrevista, que necessita de um gravador para que não corra o risco de perder nenhum dado. Atenta-se aqui que a utilização do gravador faz parte de uma negociação de consentimento entre o sujeito a ser entrevistado. O terceiro procedimento consiste na transcrição das entrevistas, trata-se de descrever todos os relatos ocorridos durante a fala entre o sujeito e o entrevistador. O último passo consiste na análise do material coletado por meio das entrevistas.

### 4.4 Procedimentos de coletas de dados

O município em que foi desenvolvida a pesquisa localiza-se no interior do Estado de São Paulo, localizada a 277 quilômetros da capital. Ocupa um dos primeiros lugares entre as 100 melhores cidades<sup>3</sup> do Brasil para se viver.

Assim como em outras cidades do Estado, com características urbanas semelhantes a cidade escolhida para realizarmos a pesquisa, verificamos a existência de casas específicas que prestam serviços sexuais.

Observamos que a prostituição ocorre em alguns locais isolados, como chácaras, algumas ruas e avenidas, onde transexuais e prostitutas dividem o espaço.

A “Zona do Meretrício”, como assim é retratada pelos populares, encontra-se encrustada entre os distritos industriais e um jardim residencial, que fica localizado na região semiperiférica do um município. As casas que abrigam as garotas de programa se alinham em uma única quadra, o movimento é muito intenso, entre lá circulam veículos o tempo todo, uma vez que com a expansão demográfica, foram criados novos bairros e aquela avenida se tornou uma via de acesso importante a esses residenciais.

Nesta etapa da pesquisa, os procedimentos de coleta iniciaram primeiramente com visitas constantes, tanto durante o período diurno, quanto noturno na avenida em que

---

<sup>3</sup>Cidades: Essa informação é de domínio público, intitulada como: As 100 melhores e (piores)cidades brasileiras para viver em 2013 segundo a ONU. Encontra-se em: <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=29860>. Acesso em: 02/02/2015.

localizam-se a maior concentração de Boates que oferecem prostitutas e *shows*, inclusive sensuais, como *stripetease*<sup>4</sup>.

Essas visitas ficavam estritamente fadadas a um passeio rápido de automóvel, com os vidros fechados, sem nenhum outro tipo de contato, uma vez que os seguranças das boates, geralmente ficam ao lado de fora da casa de *show* e sempre fechavam o semblante ao detectarem minha presença, pois mesmo com constante tráfego eles são sempre muito observadores e eu costumava passar sempre desacompanhada, em velocidade muito baixa na tentativa de capturar o máximo de imagens mentais que me auxiliasse na descrição do local.

Algumas prostitutas que ficavam na rua, também se viravam ou desviavam o olhar quando notavam minha presença. Observou-se que exceto os homens que buscam a uma determinada casa de *show*, as demais pessoas que transitam em veículos, por aquela avenida, o fazem com os vidros fechados e, eu não poderia fechar os meus, ou não veria muita coisa e nem conseguiria uma possível aproximação. Minha intenção era mesmo ser conhecida por elas, para poder parar o veículo, abordar uma delas e iniciar uma aproximação com o grupo. Após um mês de repetidas tentativas, entendi que seria impossível adentrar daquela forma, naquele tipo de local.

Logo em seguida, por meio de pesquisas sobre o tema prostituição, tomei ciência da existência do CTA<sup>5</sup> na cidade. Fui até a sede, me apresentei para todos os funcionários e relatei minha pesquisa e sobre a necessidade de conhecer o local. A partir de então, passei a fazer parte de visitas semanais e/ou mensais, durante o período noturno, na distribuição de preservativos e insumos, que são fornecidos para todos os profissionais do sexo.

As visitas noturnas eram feitas em automóvel, devidamente identificado pelo programa e em seu interior ocupavam os assentos o motorista, uma enfermeira e duas agentes de saúde, todas uniformizadas para a melhor aproximação das prostitutas, que geralmente são esquivas à pessoas estranhas, que não se assemelhem à clientes.

---

<sup>4</sup>*Strepttease* é um ato, geralmente envolvendo dança, no qual uma pessoa se despe completamente para outras pessoas de forma a excitá-la sexualmente. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Striptease>, Acesso em: 01/02/2015

<sup>5</sup> Os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) constituem, uma modalidade de serviços de saúde, que realizam ações de diagnóstico e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. São ofertados gratuitamente a população testes para HIV, sífilis e hepatites B e C. Todos os testes são realizados de acordo com a norma definida pelo Ministério da Saúde e com produtos registrados na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e por ela controlados.

Quanto ao atendimento e a testagem, nesses centros é inteiramente sigiloso. Há o acompanhamento uma equipe de profissionais de saúde que a orientará sobre resultados, e, dependendo do caso, o paciente é encaminhado para tratamento nos serviços de referência.

O CTA realiza também, um serviço de aconselhamento, individual ou coletivo, que constitui um trabalho preventivo, oferecendo aporte físico e emocional à população em geral, quanto à prevenção e riscos. Esta ação ocorre de forma extra e intra-muros, na medida em que, atua em campanhas nacionais e/ou locais e, até mesmo na promoção de ações isoladas, principalmente em locais que ocorram, situações de vulnerabilidade em aquisição de DSTs.

Também disponibilizam insumos de prevenção, como camisinhas masculinas e femininas para a população geral, gel lubrificante para profissionais do sexo de todos os gêneros e kits de redução de danos para usuários de drogas. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/tipo\\_endereco/centro-de-testagem-e-aconselhamento](http://www.aids.gov.br/tipo_endereco/centro-de-testagem-e-aconselhamento). Acesso em: Março 2016.

No caso eu também vestia um uniforme, que consistia em uma camiseta de campanha de prevenção as DSTs, para que não houvesse nenhum tipo de repressão e até mesmo estranheza por parte das prostitutas.

No primeiro ano de visita juntamente com a equipe do CTA , ou seja, meados de 2013 ao segundo semestre de 2014, minha observação era muito restrita, pois dependendo dos membros que estavam comigo naquela noite, eu poderia ou não abordar as prostitutas, ou os seguranças das casas de *show*. Mas mesmo com a equipe de profissionais que eu mais me identificava, a orientação era para que a minha intervenção junto às prostitutas fossem restritas as falas que retrato abaixo:

- Você precisa de camisinha? Quer lubrificantes também?

Aos seguranças, que geralmente demonstravam incômodo com a nossa presença, as perguntas também eram restritas:

- Qual a quantidade de meninas, hoje na casa? Posso deixar quantas caixas? Precisa de lubrificantes?

De acordo com o passar do tempo aumentava minha tensão perante a impotência, pois eu não poderia abordá-las da forma como eu necessitava, ou seja, fazer uma aproximação direta para cogitar a possibilidade da realização de uma entrevista.

Em uma determinada noite, no processo de separação dos insumos para distribuição, enquanto eu auxiliava a uma técnica, na montagem dos *kits*<sup>6</sup> de preservativos queixei-me, sobre as dificuldades e, a falta de perspectiva em adentrar ao ambiente da “vida noturna” por intermédio do CTA, pois o trabalho é muito rápido e eu acabava ficando sem poder interagir com as prostitutas.

Foi, então, a partir desta noite, com a quantidade reduzida de funcionárias, apenas duas técnicas e o motorista, eu consegui, efetivamente iniciar meus contatos com as prostitutas.

A referida técnica de enfermagem, orientou-me para que eu sentasse ao lado do motorista e passasse a tomar a titude de abordagem. Foi, então com essa liberdade, que resolvi descer do carro e abordá-las de forma diferente, em pé, me expondo e principalmente aconchegando. Na primeira noite, na última semana de novembro de 2014, pude passar a agir

---

<sup>6</sup>Kits eram pequenos pacotes plásticos, que seriam então preparados com uma hora de antecedência à saída para as visitas noturnas, e que continham uma quantidade menor de preservativos e lubrificantes, do que nas caixas fechadas. Como há uma demanda semanal de distribuição e o número de insumos pode não ser suficiente para a distribuição semanal na sede do CTA, para as prostitutas que ficam expostas na rua, são distribuídos esses saquinhos contendo em torno de 25 preservativos masculinos e 25 lubrificantes. Já nas casas noturnas a distribuição depende do número de prostitutas no interior das boates. Para as casas se show são distribuídas caixas fechadas, com 100 preservativos masculinos e 100 lubrificantes, que seria de uso coletivo. Haveria uma divisão por quantidade de interessadas, mas isso quem supostamente executa, são os próprios seguranças e não a equipe, pois a noite, com a presença de clientes, não é permitido adentrar a esses espaços.

de forma diferenciada, menos passiva, mais atuante junto aos ambiente, e, assim, vieram os resultados. Eu sempre abordava de maneira natural, como trato todas as pessoas a minha volta. Recebi-as com os braços abertos, oferecendo um abraço e um beijo de cumprimento, falávamos rapidamente algumas palavras, oferecia os insumos e dizia que retornaria na próxima semana.

Em outras oportunidades, mais duas vezes no mês de dezembro, pude agir com essa autonomia ainda em companhia ao CTA, e, assim, chegamos a aquisição de confiança mútua, no sentido de que efetivamos o contato de algumas destas pessoas, para a realização da pesquisa. Com essa ação direta a campo os resultados foram mais rápidos, na segunda semana eu estava com duas prostitutas agendadas.

Agora iniciava-se uma nova batalha, que seria adentrar nas casas noturnas, uma vez, que as prostitutas da rua já haviam me alertado sobre que eu não seria bem vinda, pois se tratava de um ambiente muito restrito á prostitutas e clientes. Aconcelharam-me a fazer uma tentativa durante o dia, mas a noite jamais, ou desacompanhada de um parceiro, correria o risco de ser retirada pelos seguranças. No entanto meu maior desejo era cumprir meu objetivo de pesquisa e em uma tarde de dezembro, por volta das 15:00 horas, eu adentrei sozinha em uma das casas de *show*. Solicitei a uma das “meninas” que estavam na porta de entrada, para que me levasse até a gerência e falei sobre a pesquisa.

Certamente o semblante não foi o dos mais contentes, mas ela acabou permitindo que eu realizasse a entrevista, embora duvidasse que alguma prostituta topasse falar. E naquele dia, entrevistei três.

Outras visitas, da mesma forma foram feitas. Eu conheci a todas as casas daquela avenida, mas nem todos os dias com o mesmo sucesso. Em algumas visitas e em determinadas casas eu não pude realizar entrevistas.

Havia uma das casas de *show* da avenida em que eu tinha um maior interesse em visitar, pois, geralmente no início do mês a casa recebia atrizes e modelos que em algum período de suas vidas fizeram sucesso e ficaram conhecidas na mídia. Nessas noites, como eu observei, a lotação era máxima e havia a necessidade de se efetuar reserva antecipada. Certa vez pude observar os seguranças dispensando aqueles que não estavam com as reservas, independente do poder aquisitivo, da marca e modelo do automóvel.

Nesta casa estive pela primeira vez, e, ao adentrar notei que se tratava de um local que realmente era mais luxuoso que os demais que eu já havia visitado. A começar pelo mármore do bar, que era onde se encontrava a gerente. Expliquei a ela sobre a pesquisa e ela

me disso que eu voltasse em outro dia, num horário mais tarde, pois as meninas ainda estavam acordando.

No outro dia eu estava lá, as 16:00 horas e fui novamente falar com a gerente. No bar estavam oito garotas que falavam alto, cantarolavam e pareciam estarem felizes. No entanto a gerente me pediu pra que eu voltasse em outra ocasião, pois ela precisaria pedir autorização ao dono da boate.

Aproveitando do fato de que no dia anterior no horário em que eu havia ido, várias garotas estavam acordadas, eu voltei no terceiro dia subsequente e pontualmente às 16:00 horas. Mas desta vez, juntamente com a gerente estava um segurança e o dono da boate. O segurança me abordou na porta tentando impedir minha entrada, dizendo que na semana passada já havia estado jornalistas lá e eles não cederiam mais entrevistas a imprensa. Mostrei a ele minha identificação da UNESP (carteira de estudante) e disse que eu já havia combinado o encontro no dia anterior com a gerente. Ele permitiu minha entrada, mas a gerente já alterou seu tratamento. Apontou para um senhor que estava no caixa e pediu para que eu conversasse com ele diretamente. Ao mesmo tempo o segurança solicitou a todas as garotas que voltassem para seus quartos. Eu expliquei a pesquisa ao senhor indicado, e ele por nenhum momento olhou em meus olhos ou me deu algum tipo de importância. Fiquei aguardando um período de silêncio, quando ele me disse que elas não iriam falar. Nesse momento o segurança estupidamente solicitou minha retirada, colocou a mão na cintura como se estivesse me ameaçando com um revólver que supostamente estava ali. Pediu para que eu não voltasse mais, saísse o mais rápido possível, ou ele não se responsabilizaria pelas consequências. Naquela casa eu não pude mais retornar.

Estive também em uma terceira casa, em que fui muito bem recebida por uma senhora muito agradável de setenta e dois anos, a gerente da casa. Conversamos por mais de uma hora e naquele dia, nenhuma garota, apesar da insistência da gerente, cedeu à entrevista. Por esse motivo ela me convidou a voltar e estive naquela casa por mais duas tardes e uma garota aceitou ser entrevistada. Nesta casa fui apresentada ao dono da boate e ele foi muito simpático e autorizou minha presença no local.

Nesta avenida, de acordo com o mencionado anteriormente, existe um bar. É um local muito movimentado durante o dia e também a noite. No período diurno as prostitutas das casas de show vão ao bar para beberem cerveja, uma vez que dentro da casa elas não são permitidas do consumo desta bebida. Aproveitando-se da presença delas, acaba-se atraindo vários homens a procura de programas mais baratos, uma vez que elas estão fora da casa, sendo assim, eles não precisam pagar pela “saída” delas. Essas chamadas “saídas”

constituem-se na retirada das prostitutas dos locais originais, para a realização de programas em outros locais. Há a estipulação do pagamento de uma multa, em que o valor varia de acordo com o tipo de casa de *show*. Gerlamente esta multa é paga pelo homem, mas há casos em que a mulher deseja sair e prefere efetuar ao pagamento da mesma.

No referido bar, em que as prostitutas acabam passando uma grande parte das tardes, ou para consumirem cerveja, ou realizarem programas esporádicos, ou até mesmo socializarem-se, fiz a tentativa de realizar entrevista tanto com clientes, como com prostitutas. Recebi uma ajuda extra ao informar sobre a pesquisa para o casal que são ao mesmo tempo atendentes e proprietários do local. Embora a robrietária convidasse alguns dos clientes à participação, pude observar, que, a realização de uma entrevista com clientes, naquele local, seria inviável, tarefa praticamente impossível, uma vez que eles geralmente são casados e temem a exposição. E devido a própria estética do ambiente, a exposição é natural a todos os que circulam pela avenida.

No entanto, neste mesmo bar, consegui a entrevista de uma prostituta que trabalha na rua e já teve muitas experiências com casas de prostituição.

Interessei-me bastante por entrevistar as prostitutas que trabalham na rua, pois por meio da observação, notei o quão dificultoso é a conquista do programa. Muitas vezes observei algumas delas em situações de perigo, ao correr atrás de um veículo na tentativa de pará-lo, antes que ele adentre a uma das casas de *show*, sem notar que outros veículos trafegavam. Por meio de muita insistência, consegui uma “garota”, a qual cedeu a uma entrevista em sua própria casa, que é também o local de atendimento aos clientes.

Partindo dos objetivos da presente pesquisa, havia a necessidade de realizar entrevistas com os clientes, que buscavam os serviços nas casas de prostituição. Os contatos foram feitos a partir das visitas as boates, de indicações das próprias garotas, que acabaram intermediando aos contatos e assim iniciamos aos agendamentos de entrevista.

#### **4.5 Elaboração da Entrevista**

Como instrumento de coletas de dados, optou-se pela entrevista, que de acordo com Creswell (2007), é possível por esse método uma maior aproximação com os participantes, visto que,

[...] o pesquisador conduz entrevistas face a face com os participantes, entrevista os participantes por telefone ou faz entrevistas com grupos focais,



com 6 ou 8 entrevistados a cada grupo. Essas entrevistas envolvem poucas perguntas não-estruturadas e geralmente abertas, que pretendem extrair visões e opiniões dos participantes (p. 190)

Para a obtenção dos objetivos da pesquisa, a valorização do discurso e da forma como se desenvolve a articulação do discurso, utilizando também a técnica de observação, permite-nos aproximarmos o máximo possível da intencionalidade do sujeito entrevistado, fato que corrobora para a validação ou não de nossas hipóteses de estudo.

Através dela o pesquisador visa obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra uma vez que só insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade, que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva (NETO, 1994, p. 57).

A fim de alcançar aos objetivos da pesquisa e almejando que os resultados obtidos fossem o mais próximo possível da realidade dos participantes, uma vez buscando uma expressão permeada pela clareza de opinião dos elementos entrevistados, identificamos que, o método de entrevista semi-estruturada, neste tipo de pesquisa, seria o mais indicado. Ludke e André (1986, p. 34) corroboram ao afirmarem que,

[...] o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas livres, menos estruturados. As informações que se quer obter, e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível.

Embora em nosso objeto de estudo, os sujeitos não estejam inseridos necessariamente dentro do contexto escolar, no entanto, acreditamos que os requisitos necessários à pesquisa sejam os mesmos, necessita-se da mesma clareza, objetividade e veracidade, pois são objetos que interessam ao campo das pesquisas sociais tanto quanto a outras áreas do conhecimento humano. Triviños (1992), privilegia a entrevista semi-estruturada ao afirmar que: “[...] esta, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”(p.146).

Segundo Neto (1994), com a citação a seguir, corrobora para nossa escolha quanto ao método de entrevista,

Em geral, as entrevistas podem ser *estruturadas* e *não estruturadas*, correspondendo de fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou *não-estruturada*, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem com as *estruturadas* que pressupõe perguntas previamente *formuladas*. Há formas, no entanto que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas *semi-estruturadas* (p. 58).

Vale a pena ressaltar ainda que esta técnica, por meio de seu caráter interativo, permite ao entrevistador realizar sempre que necessário, uma interferência, desde que esta justifique a compreensão de um determinado dado, que por algum motivo, não tenha sido clareado a contento durante a explanação do entrevistado.

Nos encontros de aproximação ao campo, tratamos aos sujeitos da pesquisa com muita clareza, procurando ressaltar a importância da pesquisa, sobre o uso dela e também sobre o esclarecimento de possíveis dúvidas. Por outro lado, os entrevistados sentiram-se a vontade para perguntar e questionar, a fim de manterem um canal de interlocução aberto e por outro lado também esclarecer às expectativas sobre a pesquisa.

Em uma situação de entrevista estão envolvidos aspectos de intencionalidade e subjetividade, no entanto, a contribuição que ela traz para o conhecimento da realidade social é decorrente do fato dela ser a expressão de uma particularidade, ou seja, a interpretação única de um sujeito a partir da posição que ocupa dentro de sua estrutura social.

Nesse sentido, os relatos de vida são tomados referências de um movimento social mais amplo: uma trajetória de vida que se insere em uma conjuntura, enquanto produto e produtora de uma determinada estrutura (TRIGO e BRIOSCHI, 1992, p.35).

Para que o discurso produzido durante o processo de entrevista seja inteligível, necessita-se que as questões não estejam descoladas de seu contexto, não estejam restritas a uma mera troca interlocutora entre perguntas e respostas. Há necessariamente que haver sentido.

Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala (FREITAS, 2002, p.29).

Sendo assim, o sucesso da entrevista provém da forma como se dá o estabelecimento do processo interativo entre os envolvidos. O personagem responsável por criar essa atmosfera de interatividade é o pesquisador, uma vez que ele possui conhecimentos sobre o universo a ser investigado.

#### **4.6 Procedimentos éticos**

A pesquisa realizada atendeu a todos os procedimentos éticos em pesquisas realizadas em seres humanos, garantindo o anonimato e assegurando sobre nenhum envolvimento ou dano moral, psicológico e financeiro.

Todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde estão expressos todos os objetivos da pesquisa. Também foi esclarecido que estavam livres à preencherem ou não. O documento consistia em uma cópia destinada ao participante e outra ao entrevistador (vide: apêndice A). No entanto, apenas um participante devolveu o documento preenchido, pois os demais, preferiram se manter no anonimato. Foi respeitada a vontade do participante.

Cada sujeito participante da pesquisa teve sua respectiva identidade respeitada, e a escolha dos nomes utilizados para identificá-los foi feita por eles, de acordo com critérios pessoais e a vontade de cada um.

As prostitutas possuem uma identificação na noite, que retratam como “nome de guerra”- que para elas possuem o significado do nome de luta, da batalha pela vida e deve ser fictício e pode ser escolhido pela força que elas atribuem a ele, para a garantia de atrair aos clientes. Em sua maioria são nomes internacionais, de atrizes, cantoras ou pessoas com as quais elas se identificam. Em nossas entrevistas, elas tiveram total liberdade para se autoidentificarem. A possibilidade em se trabalhar com o uso de pseudônimos, independentemente da utilização do termo de consentimento livre e esclarecido, se valida devido ao fato da população investigada e da vulnerabilidade quanto ao sofrimento de comportamentos preconceituosos, tanto em relação às prostitutas, quanto aos clientes, uma vez que nesse universo um fator do isolamento a locais restritos, também ocorrem por

motivos sanitarios, onde impera um discurso que nestes locais encontram-se o centro das DSTs.

---

---

## 5 - DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA NOITE: CLIENTES, PROSTITUTAS E SUAS RELAÇÕES.

---

---

“A grande diferença entre sexo pago e sexo grátis, é que o sexo pago geralmente custa muito menos”

(MR. Catra)

Ao adentrarmos ao universo da pesquisa, mais especificamente nos relatos obtidos por meio das entrevistas, achamos necessário primeiramente traçar um breve perfil das prostitutas e dos clientes, para que assim possamos identificar características gerais dos sujeitos retratados na pesquisa.

Os respectivos perfis serão apresentados seguindo a ordem da realização da entrevista.

*Lorena*, 40 anos, cinco a seis meses de experiência na prostituição, separada, após 23 anos de casamento, possui filhos grandes, possui Ensino Fundamental incompleto (quinta-série) e retrata ter entrado na vida de prostituição por dificuldades financeiras devido ao desemprego, no entanto, admite que gosta do que faz.

*Luana*, 26 anos, sete anos de experiência na prostituição, separada, possui nível técnico de instrução, retrata ter entrado na vida noturna por uma desilusão amorosa dentro do casamento e não admite gostar de permanecer neste trabalho.

*Samara*, 31 anos, nove anos de experiência com a prostituição, separada, Ensino Médio completo. Retrata ter entrado para a prostituição por ter perdido muito cedo dos pais e ter sido abandonada com uma criança muito pequena ainda, pelo ex-marido. Confessa o fascínio pelo poli dance e se prepara para abandonar a vida noturna para se casar e residir em outro país.

*Yasmin*, 19 anos, dois anos de experiência com a prostituição, solteira, sem namorado, Ensino Fundamental incompleto. Segundo ela, após um desentendimento com a mãe, procurou uma mulher que havia sido casada com um parente e insistiu para que esta

pessoa à levasse para trabalhar na prostituição. Admite estar na vida noturna por necessidade, uma vez que necessita pagar o aluguel de sua residência, mantida em outra cidade.

*Leticia*, 24 anos, um ano de experiência com a prostituição, separada, um filho, que ajuda a sustentar. Possui Ensino Fundamental completo e iniciou o primeiro ano do Médio, mas não concluiu por ciúmes do ex-marido. Foi levada para a prostituição por uma amiga, que, assim como ela “estavam precisando de dinheiro”, no entanto, relata que foi por opção também.

*Doris*, 55 anos, dezesseis anos experiência com a prostituição, separada, analfabeta. Segundo relatos, após uma sociedade fracassada em que ela foi roubada pelo sócio em outro estado do país, e, sua irmã compadecida, foi buscá-la e a levou a uma casa de prostituição na qual trabalhava e que segundo ela desconhecia tal fato. Portanto, não foi por opção permanecer na vida da noite, pois não restava alternativa.

*Cláudia*, 32 anos, quatorze anos de experiência com o trabalho na noite, separada, Ensino Fundamental incompleto resolve deixar seu Estado de origem, por uma decepção amorosa e, certa ingenuidade opta por vir para o Estado de São Paulo e, não, encontra outra forma de sobrevivência se não, a prostituição.

*Mandinho*, 64 anos, é separado, não tem filhos, possui o ensino fundamental e médio completo e tem muita experiência sobre a vida na noite, sua estrutura e funcionamento, pois frequenta casas de prostituição há aproximadamente cinquenta anos.

*Marcos*, 24 anos, solteiro, sem filhos, estudante universitário, acumula oito anos de experiência em casas de prostituição. Tem conhecimentos sobre seu funcionamento, pois apesar de frequentador, já atuou como segurança em uma das casas de *show* da cidade.

*Fernando*, 44 anos, separado, dois filhos, micro empresário, possui 28 anos de experiências com casas noturnas, sendo que nos últimos dez anos, que passou a frequentar com maior assiduidade as casas e boates de prostituição.

Neste capítulo apresentamos a análise dos dados obtidos ao longo da pesquisa. Com base no universo de informações, extraídos a partir dos discursos, foi necessário realizar uma análise sistematizada em que subtraímos categorias representadas por um tema gerador e subcategorias, servirão de norteadores da análise do discurso.

## **Som de Cristal**

(Joaquim & Manuel)

**A casa noturna se mantêm a noite em clima de festa  
De longe se ouve vários instrumentos de cordas e metais  
Boêmios bebendo cantando e dançando ao som da  
orquestra  
Um som estridente que lhe deu o nome de som de  
cristal**

**A casa noturna boate falada lugar de ma fama  
Com as portas abertas durante a noite entra quem quiser  
porém nesta noite sem que eu esperasse entrou uma dama  
Fiquei abismado porque se tratava da minha mulher**

**Ela se cansou de dormir sozinha esperando por mim  
E nesta noite resolveu dar fim na sua longa e maldita  
espera**

**Ela não quis mais levar a vida de mulher honrada  
Se na verdade não adiantou nada ser mulher direita  
conforme ela era**

**Ela decidiu abandonar o papel de esposa para viver  
entre as mariposas  
Que fazem ponto naquele local  
A minha vida muito mais errante agora continua  
Transformei a esposa em mulher da rua  
A mais nova dama do som de cristal**

### 5.1 - Prostituição: na casa, em casa, na rua, na boate...

A partir da análise do discurso dos clientes e das prostitutas, podemos eleger subitens, que desta forma, traria maior sentido à realidade observada nos relatos e sendo assim, poderia auxiliar no seu entendimento. Sendo assim, analisando esse item, elencamos quatro subitens relacionados a forma como ocorre o ingresso à prostituição. A cada subitem indicamos uma letra para elencar aos assuntos abordados:

- a) **Como fui parar lá?**
- b) **Por que estou ainda?**
- c) **É questão de assegurar o futuro?**
- d) **Como eu vou sair desse lugar?**

Esta categoria engloba os relatos das clientes sobre o início na prostituição e sua ligação a princípio, com a sua manutenção nela.

As produções literárias no campo da prostituição são férteis, no entanto, ainda não são capazes de responder a questionamentos que abordem tanto a visão da prostituta, quanto do cliente que busca aos serviços da prostituição, bem como os laços que a mantém e a consolidam.

Como poderemos notar nos relatos, a inserção das mulheres, no meio à prostituição, geralmente estão relacionados a conflitos e/ou frustrações emocionais. Questões que envolvem maus tratos, abuso, violência, mesmo que ocorra de maneira simbólica, dentro das instituições, podem ser geradoras de neuroses e suas consequências, muitas vezes, desastrosas.

No entanto, a início, temos dois contrapontos, sendo que um refere-se à priori, a subsistência do ser humano na sociedade e o segundo sua consolidação e manutenção em determinado meio. Assim, justifica-se a falta de opção quanto à escolha pela prostituição, em um primeiro momento. E também a sua manutenção dentro deste espaço, uma vez que se torna produto do meio no qual está inserido, sendo assim, necessita maior produção para permanência no sistema.

#### 5.1 a) Como fui parar lá?

Eu entrei *pra* noite depois de uma decepção amorosa (pausa). A decepção foi muito grande. Foi. É muito triste você às vezes decidir a não ter um filho e o seu parceiro *qué* ter um filho e você por...por não *querê tê* um filho né, pela



a situação financeira que no momento não dava, e o seu parceiro ter um filho fora de casa e você descobrir isso num casamento (Luana, 26).

No caso de Luana, a decepção desencadeadora do processo pela entrada na vida de prostituição, foi uma decepção amorosa, uma traição no casamento, na descoberta de outra família por parte do parceiro. Identifica-se na construção imaginária de Luana, a questão do machismo predominante na relação, uma vez que, não havia na relação um consenso sobre o momento ideal para aumento da família. A justificativa de Luana seria o financeiro, que provavelmente não deveria ser o problema do ex-marido, que partiu para a realização do seu desejo de procriação em outro relacionamento.

A excessiva valorização do masculino em detrimento do feminino na cultura ocidental, “efeito da cultura científica do século XVII, encontrou fundamento em três ideais que permearam aquele momento histórico: autonomia, objetividade e controle” (Silva, 2006, p 23) Evidenciaram nesses discursos as características citadas por Silva, principalmente a autonomia e o controle.

Outra justificativa que não é incomum percorre o universo das fantasias masculinas, em que em suas histórias, algumas verídicas, outras nem tanto e passam a ser veiculadas entre as mulheres que oferecem serviços sexuais, como se estivessem prestando um serviço assistencialista, como exemplifica o relato a seguir:

[...] tem um engenheiro que eu saio com ele aí, a esposa dele deu Câncer no anus, ela operou, disse que ficou um buraco desse tamanho, é de pouquinho que vai *fechano*, ela num pode mais *transá*. Então, ele tem que *procurá* fora, ele disse que ela, a esposa, que eles dois era a *maió* maravilha em sexo em tudo, ele ama ela. Só que ele nunca abandona ela, ele tá com ela, só que sexo não pode mais, então ele me procura (Dóris, 55).

Em outro depoimento é abordada a questão das perdas, e os danos relacionados a elas são imediatamente financeiros, o que justifica a prostituição como forma imediata e única, em busca da sua própria subsistência, como evidencia-se em sua fala,

Eu comecei porque eu perdi meus pais muito cedo, e então eu entrei numa situação meio, muito difícil, tinha uma filha muito pequena e o ex-marido abandonou a gente...(Samara, 31)

Neste depoimento vislumbramos a questão das perdas, que marcaram o percurso desta jovem. A perda dos pais, o abandono do marido, a vulnerabilidade no sentir-se incapacitada ao lidar com algumas ausências que, segundo ela, seriam as estruturas familiares que, por sua vez, dariam um aporte econômico e psicológico. No entanto, a ruptura dessa estrutura e mais a responsabilidade da educação e do cuidado de um incapaz, gerou um conflito interno, desencadeando a prostituição como a resolução dos problemas imediatos na estabilização da questão econômica para a sustentabilidade agora, daquela pequena família.

Eu comecei, porque eu sai da casa da minha Mãe, a gente brigou, aí eu tive que dá um jeito né, de *ganhá* dinheiro, alguma forma, aí foi assim. Sai da casa da minha Mãe aí fui pra uma boate, trabalhei um ano lá. (Yasmin, 19)

Yasmin trata-se de uma garota muito jovem. Em seu discurso contraditório deixa claro que adentrou para a prostituição ainda sem completar a maior idade. Após um desentendimento com sua mãe, solicitou à uma mulher que havia sido casada com seu tio, que a levasse para a “casa” em que ela trabalhava. Após ter passado por essa experiência, tem frequentado em várias boates, em alguns Estados. No entanto, vislumbramos aqui, um caso que se assemelha ao anterior, retratando a incapacidade, de algumas pessoas, ao tratar determinados sentimentos, como um desentendimento familiar. No entanto, pode estar implícito outros aspectos relevantes, aos quais a jovem preferiu não relatar, mas que possam ter alavancado ao rompimento desse relacionamento com a mãe. Como seria composta esta relação familiar? Estão imbricadas questões de violência? Abuso?

Há de se considerar a questão psicanalítica referente ao elo entre o amor e a perda dele. “Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor”. Nesta frase notamos a questão do amor, que mesmo sendo inerente à natureza humana, constitui também premissa a nossos sofrimentos, dando entonação à frase: “quanto mais se ama, mais se sofre” (NÀSIO, 1997, p.27). a medida em que, a relação revela o amor materno, o sofrimento envolve questões psíquicas ainda mais amplas, considerando o contexto da gestação e da vida intra-uterina.

No depoimento a seguir, encontraremos na fala um discurso apregoadado de questões machistas e, também a experimentação do sujeito à sucessivas situações de abandono, num exercício constante da convivência com o Luto.

Fui casada, separei *pá* e pra *podê criá deis irmão e treis fio* sozinha. Porque meu marido não deixava *ajudá* meus pais *né*, eu larguei dele, eu não gostava dele. [...] Foi assim a minha, minha Mãe morreu eu entrei em depressão, Meu Pai e minha Mãe morreu *né* e eu entrei em depressão. Que *nóis* nunca tinha, *pra... pra* mim meu Pai e minha Mãe era tudo na vida *né*? Aí eu fui embora pra Natal depois de *treis ano*, ela morreu em noventa e noventa e *treis* eu fui *pra* Natal. Fui *passiá*. Aí *depoisi* cabeí ficando lá morando lá, aí coloquei um, lanchonetezinha *pra* mim *né*, aí de sócia com um cara, aí ele cabo me roubando tudo, aí eu fiquei lá sem nada, não fazia programa nem nada, fiquei lá sem nada, minha irmã foi e me busco *né*? Aí nela *buscá* me trouxe eu *pa* zona. Ah, ela já fazia programa eu num sabia. Aí depois me largo aqui e foi em bora *pra* Itália e tá até hoje na Itália (Dóris, 55).

No caso relatado, Dóris teve que abrir mão de um casamento que a oprimia para poder garantir a sobrevivência dos demais familiares. Sofreu o luto e a perda dos pais que eram figuras centrais em sua vida. Após um período de depressão na tentativa de reconstruir sua vida, alia-se mais uma vez a um homem que além de abandoná-la, retira dela seu pequeno investimento financeiro. Sua irmã na tentativa de ajudá-la, a leva para a prostituição e também sai de cena, pois nunca mais retorna ao País.

O luto do amado é, de fato, a prova mais exemplar para compreender a natureza e os mecanismos da dor mental. Entretanto, seria falso acreditar que a dor psíquica é um sentimento exclusivamente provocado pela perda de um ser amado. Ela também pode ser dor de *abandono*, quando o amado nos retira subitamente o seu amor; de *humilhação* quando somos profundamente feridos no nosso amor-próprio; e dor de *mutilação* quando perdemos uma parte do nosso corpo. Todas essas dores são, em diversos graus, dores de amputação brutal de um objeto amado, ao qual estávamos tão intensa e permanentemente ligados que ele regulava a harmonia do nosso psiquismo. A dor só existe sobre um fundo de amor. (NASIO, 1997, p.18)

Por meio da citação acima, Násio oferta a amplitude do valor psíquico atrelado às perdas afetivas. O ser humano vivencia um sentimento de luto, associado a outros, como o abandono, a humilhação e a mutilação. Certamente o grau de intensidade em que os sujeitos experienciam esses fatos, são variáveis de um indivíduo ao outro, mas geralmente necessita-se de um amadurecimento para o enfrentamento desse tipo de situação. E nesses momentos de vulnerabilidade, principalmente em que as perdas estão acompanhadas a desestabilidade econômica, há uma tendência em optar-se para o caminho mais curto para a obtenção da subsistência e em algumas vezes, para até mesmo, o melhor enfrentamento emocional do sentimento de perda.

A visita a campo constituiu mesmo etapa fundamental para a pesquisa e a realização da coleta feita pela própria pesquisadora permite à aproximação com a realidade. O conhecimento sobre detalhes da vida das participantes revelaram a veracidade encontrada nos depoimentos, uma vez que além do relato, também há a observação, um contato mais próximo, o estabelecimento de um vínculo de troca, pois não se trata de uma relação estática. Há uma dinâmica entre os interlocutores. Nesta dinâmica, conforme relato anterior à entrevista possibilitou tomar conhecimento da simplicidade do sujeito, o que confirmam a ocorrência dos fatos.

Ai, depois que eu saí de casa. Desde quando eu fiquei de maior, mais que eu comecei a trabalhar na noite, com vinte e dois anos. Foi necessidade mesmo. [...] eu vim *pra cá* porque foi eu quem decidi que eu queria sair da minha cidade, mesmo se eu tivesse estudo, meu *poblema* era, é particular, com namorado, era muito boba na época (Cláudia, 32)

No recorte feito do relato de Cláudia, nota-se a questão da perda, ainda no vivenciar ao luto sobre ter que deixar o que se ama, que no caso seriam os pais, o próprio Estado, motivados pela frustração de um namoro que em momento algum, ela deixa visível os motivos que tornaram esse relacionamento insuportável ao ponto dela ser obrigada a tomar atitude de fuga.

A fim de verificar um dos objetivos do trabalho, que seria confrontar a realidade vivida pelas prostitutas e verificar o posicionamento do cliente nesse imaginário que os circunda, temos a seguir o relato dos clientes abordando a mesma temática, que refere-se a forma como elas chegam até as casas de prostituição.

Refletindo sobre alguns depoimentos, podemos observar situações bastante complexas, em que há uma vulnerabilidade exacerbada, entre as mulheres, principalmente as mais jovens e provindas de estruturas sociais menos favorecidas. Em muitas famílias, em várias regiões de nosso País, em que as famílias são economicamente muito carentes, as atitudes, os valores e comportamentos, diferenciam-se daqueles que provém de grandes centros urbanos. Pudemos observar em relatos, que em algumas regiões, economicamente desfavorecidas, práticas cotidianas realizadas pela maioria das mulheres, por exemplo, frequentar uma manicure, cabelereiro, entre outros, constituem atividades que não fazem parte de sua cultura, sendo assim, ao se depararem com o encantamento que pode gerar a partir do “embelezamento”, elas acabam ficando à margem de um esquema de aliciamento e, assim, são trazidas para as casas de prostituição, a partir do deslumbramento de uma vida melhor.

Lá é como uma escola, *cê* entende? Aí é outra ala, aí tem outra gente, que é outro seguimento. Eles vão pega, em certas região assim essas meninas mais (pausa) sem experiência nenhuma, é... as *veis* nem escola teve *nê*? Então eles traz. Menina que nunca viu um, um esmalte na unha, nunca viu uma batom, nunca viu mudar o cabelo de cor, nunca viu tirar uma sobrancelha, *fazê* um, um olho com, com rímel e uma sombra. Então, eles fazem tudo isso na menina, então eles produz ela, depois que eles produz elas, então eles, eles faz a doutrina da escola deles, *cê* entende (Mandinho,64)?

Outra questão abordada pelo depoente é quando a família está de acordo com o aliciamento, justamente devido às próprias condições e estruturas socioeconômicas, em que a prostituição pode ser geradora de renda para todos em questão.

Sempre, é, é cafetão, cafetina e biscate. Essa é a realidade do negócio, *cê* entende? Fica maquiando, e querendo maquiari. E a menina por sair de lá e as *veis* o pai e a mãe, a vó, a tia, o irmão, eles sabem que vem vindo *pra* isso, mas a, a, a necessidade é tão grande e, e, e como eles já oferta que ele leva, ele vem trazendo, quando monta no carro já põe “*duzentinho*” na, na mão do pai ou da mãe ou da vó que é um alto dinheiro, né, né, no norte de Minas, nesses cantos, então... Aí chega aqui e o que, que ele faz? Pega lá o telefone e fala, liga lá *pra* vó, e tal, ou *pra* tia ou *pro* pai, quem que é o responsável e pá, e fala que tá tudo bem, que tá tudo bem. Então tá tudo bem (Mandinho, 64).

Observa-se a existência de inúmeros casos que justificam necessidade financeira e adotam a prostituição como único meio capaz de proporcionar uma vida melhor, e nota-se ainda que o universo daquelas que buscam esse caminho amplo, na medida que inserem-se as que não possuem nenhum ou pouco nível de instrução e perpassam ao meio universitário.

[...] a maior parte é garotas, são garotas de fora, que vem de outros Estados trazidas pelos donos da casa, né, e muitas delas têm filho, precisa sustenta as vezes tem, é o único sustento da família e tal. Outras não, têm algumas que são universitárias, tem muitas universitárias, que fazem *pra* poder pagar o, a mensalidade da faculdade, então, normalmente são pessoas, algumas delas são pessoas assim que sofrem um pouco né, tem necessidade, as vezes por não ter estudo, por ter começado uma vida as vezes sexual cedo demais, teve filho, atrapalhou o estudo, não tem outra coisa *pra* fazer da vida, vai fazer isso que é uma forma mais fácil, mais rápida *pra* conseguir o dinheiro que precisa (Marcos, 24).

Por meio do Protocolo para prevenir, suprimir, e punir o tráfico de pessoas, especialmente mulheres e crianças, realizadas na cidade de Palermo, na Itália NO ANO DE

2000 - que suplementou a convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) contra o crime organizado transnacional, estabeleceu-se a definição internacionalmente aceita como tráfico de seres humanos, esclarece que,

a)“Tráfico de pessoas” deve significar o recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas por meio de ameaça ou uso da força ou outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de engano, do abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade ou de dar ou receber pagamentos ou benefícios para obter o consentimento para uma pessoa ter controle sobre a outra, para o propósito de exploração, inclui, no mínimo a exploração da prostituição, ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas análogas à escravidão, servidão ou a remoção de órgãos. b) O consentimento de uma vítima de tráfico de pessoas para desejada exploração definida no subparágrafo a) deste artigo deve ser irrelevante onde qualquer um dos meios definidos no subparágrafo a) tenham sido usados. c) O recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de uma criança para fins de exploração devem ser considerados “Tráfico de pessoas” mesmo que não envolvam nenhuns dos meios definidos no subparágrafo a) deste artigo. d) “ Criança” deve significar qualquer pessoa com menos de 18 anos de idade (CASTILHO, 2000, p.5).

De acordo com as contribuições de Castilho (2000), sobre o amparo da ONU, a partir de documentos internacionalmente aceitos, verifica-se no discurso do depoente, que o aliciamento constitui-se como prática constante para a seleção e o recrutamento de pessoas que irão trabalhar com a prostituição e que constituem práticas semelhantes à escravidão, uma vez que a liberdade lhes é cerceada. Há um único dia de folga na semana e, ainda assim, elas são estimuladas à exercerem suas atividades habituais naqueles dias, visando a questão do lucro.

[...] *Aí cê já é mais velha de casa, já entende o sistema, nem sai no domingo, aproveita a clientela. Sempre tem um que pá, no domingo, cê entende? Num pode dia de semana, mais pode domingo (Mandinho,64).*

No depoimento verificamos que existe uma prática coerciva que exercem sobre a exploração do trabalho da prostituta, que muitas delas, por residirem em outros estados, não tendo parentes ou amigos nos locais de trabalho, acabam sendo levadas a um sistema de isolamento interno à casa de prostituição,

[...] que muitas delas nem saem do local de trabalho, só vive ali trancada como se fosse uma prisão. Algumas não podem nem sair do lugar *né*? Acontece disso também [...] (Marcos, 24).

A pesquisa revela dados entre seus depoentes, de que a prostituição à pessoas maiores de dezoito anos. Ainda neste tópico, logo mais acima, na entrevista da prostituta Yasmin (19), ela deixa implícita sua entrada à vida da prostituição aos dezessete anos. Encontramos no depoimento de um dos clientes, falas que condecoram passagens de como são permitidos o acesso e falsificação de documentação de menores, que contam com a colaboração e parentes das prostitutas “vítimas”,

Então *que* dizer que se tiver algum *pobrema* aqui, *cê* entende, *pra* família lá fala que *tá* tudo certo, *tá* tudo bem, que *incrusive* tem menina que até é de menor, pega o registro de nascimento da irmã, da tia, da, da cunhada, *cê* entende? Então, eles *arma* tudo, *é, é, é* um, *é* um processo que as pessoas *num* acredita, *cê* entende? Já *tá* num aceite da família, que *tá* recebendo unzinho aí, por fora, e aí deixa a *máfia* *agí*, *cê* entende? (Mandinho, 64)?

Observamos, então, que neste tópico apresentado, sobre como a prostituta chegou até as casas de prostituição, mesmo que em sua maioria se revele que foi por extrema necessidade de manutenção financeira, uma reflexão interessante é saber sobre o funcionamento do sistema de manutenção das casas e da oferta dos serviços, pois, como pudemos observar, a opção pode se transformar em última vez que se exerceu a liberdade de escolha. Assim como exemplifica a fala da depoente,

[...] na boate eles explora a gente mais, *cê* entra as, *cê* entra as oito horas no salão só sai as quatro hora da manhã, *cê, cê* é obrigada a bebê e não, *cê* o *cê* dormi antes *cê* tem que paga a multa, *pro* *cê* saí *pa* rua *cê* tem que *pagá* multa e eu já *num tava aguentano* mais. Eu *num* bebo, não *num* gosto de bebê e, e a gente lá é obrigado. Eu *num* fumo, *num* bebo nunca usei droga, então, lá, lá a pessoa é obrigada a beber mesmo. E os *cafetão* abusa muito das, das, da gente, *eis* *cê* *tá* doente ou não, *cê* *tá* doente eles manda, joga você *pra* rua, faz nada, manda *cê* *im bora*. Se você sofre um acidente aí, eles manda, eles fala: *num* fala que é daqui de casa não viu? Desse jeito (Dóris, 55).

Dentre os relatos, encontramos um depoimento que esclarece a opinião do cliente a respeito da entrada de uma garota para o mundo da prostituição, e aponta aos desafios que elas acabam enfrentando em sua rotina de trabalho,

Eu imagino que a necessidade fala mais alto, porque não é todo mundo que toma um banho antes de ir, que vai limpo, cheiroso, que chega lá e trata elas com respeito. [...] tem muita gente que acaba de sair do serviço e vai, tem gente que tá fedendo *né*, que trabalha o dia inteiro, suado, vai, bebe, enche a cara de pinga, fica lá e as garotas são obrigadas a suportar certas situações desse tipo por causa mesmo da necessidade do dinheiro, porque eu acho que nenhuma suportaria tal coisa por, por gosto *né* (Marcos,24)?

Na fala de outro cliente, encontramos discurso semelhante, no sentido de que eles possuem consciência sobre os enfrentamentos do cotidiano, em uma casa de prostituição, mas que no entanto, continuam freqüentando e consciêntes do papel que exercem todos os elementos que fazem parte deste tipo de ambiente, as trocas, como são, de que forma ocorrem, em quais circunstâncias. É como se fossem meros expectadores, sem se dar conta, que estão presentes no ato, fazem parte do espetáculo e contribuem para que ele ocorra, pagando por isso:

Eu sei que algumas, estão lá porque gostam, porque isso é verdade, tem umas que gostam e não vai sair, tem umas que tão por necessidade e tem umas que não...é (pausa). A maioria é por necessidade porque ninguém gosta de ficar sendo usado por homem é... *fidido*, cheirando mal, é bêbado, isso é terrível, *né* (Fernando, 44)?

A partir do depoimento, vislumbramos a forma como os indivíduos se enchem no interior desses ambientes, como seres críticos e observadores de uma realidade exterior.

### 5.1 - b) Por que estou ainda?

Aqui é uma, é uma vida ilusória *pra* garota. Ela tem um período de, de *fazê* um pé de meia, como diz o antigo. Chegou nessa parte, se você não sai, não sai mais. Então eu tive amigas que quando começo, ah, meu primeiro dia na noite, eu falei, sai, porque depois você não sai mais. Porque que fica difícil. Porque que *cê* se acostuma com o dinheiro, e tu ganha, ganha um dinheiro legal, que dá *pra sobrevivê*, *pra* compra um luxo alguma coisa, mas é, é ilusão porque chega até uma certa idade, já, já num tem mais a, o mesmo ganho tal (Samara, 31).



Esta categoria visa buscar contribuições dos clientes e também nos relatos de prostitutas, sobre os motivos que fazem com que haja a permanência na prostituição, uma vez identificada, a necessidade de adentrar nela por motivos econômicos.

As questões que se deseja responder neste tópico versam sobre o gosto pela forma de trabalho e, de estilo de vida que exercem suas atividades de trabalho de prostituição.

Hoje, hoje eu levo como uma necessidade, *gostá* de ter vários homens isso não é o meu forte, *né?* Mais necessidade, tenho meus objetivos. Se hoje eu for arrumar um emprego, lá fora no mercado de trabalho eu não vou ganhar tanto quanto eu ganho aqui, *né?* Eu acho que é o sonho de qualquer pessoa, ter sua casa própria, um meio de condução, e aqui não é fácil, é um dinheiro rápido (Luana, 26).

De acordo com Luana (26), a prostituição é a única maneira que ela tem de chegar a atingir aos seus objetivos de consumo, uma vez que o lucro no exercício de outra atividade remunerada que esteja fora deste ramo não atingiria a renda necessária para que ela obtivesse suas conquistas.

Há um encantamento pela vida nas casas de *show*, devido ao fato de oferecer um mundo novo, para algumas jovens, que, no entanto, se restringem ao campo das ilusões. Para aquelas que não têm acesso a uma vida social, o fato de poder dançar em uma boate e ainda receber ao invés de pagar por isso, já se torna fato tentador.

Ah, eu comecei foi um, foi uma, foi um sonho de infância, *né?* [...] não era nessa boate. E a partir desse momento então, eu já saí várias vezes, ah.. mas, sempre o passado volta, porque *a pessoas* nunca...o preconceito é grande, então, acaba a única opção que resta é fica aqui por enquanto por causa do dinheiro mesmo. [...] não por *gostá*, na verdade, eu, eu fico porque eu amo muito dança. Eu amo muito o *Pole Dance*, então, *é onde* veio uma paixão minha, *né?* Que é o *striptease* (Samara, 31).

A depoente em questão, em sua entrevista retrata estar em uma casa de prostituição, devido ao fato de que, de certa forma, parte de um projeto de vida advindo de sua infância. No entanto, de acordo como ela vai tecendo sua linha imaginária e os fatos antecedentes à sua adentrada às casas de prostituição esclarecem aos motivos, já citados no tópico anterior, que é a perda dos pais e um casamento mal sucedido com uma criança pequena para ser cuidada e protegida. Atrelado a isso um desejo latente pela dança desde a infância, aos palcos, a exposição. Todo esse desejo reprimido, quando lançado as vias da possibilidade, aliada à

manutenção dele, devido ao advento da necessidade de subsistência, pode revelar-se em fator facilitador.

[...] então, foi uma paixão mesmo o *Pole Dance*, então, eu só fico porque eu gosto muito do *pole dance* (Samara, 31)

Dentre os clientes, encontramos depoimentos que retratam reconhecer casos, em que a renda da prostituição acaba sendo necessária para a manutenção de uma estrutura familiar,

[...] que já aconteceu por exemplo de... que nem quem tem filho em casa usa o dinheiro *pra sustentá* a casa *né*, as vezes alguma tem a Mãe doente o Pai doente, que *qué pagá* remédio, tem, tem muito disso também (Marcos, 24).

Outra justificativa pela permanência no trabalho de prostituição é a questão da forma como as prostitutas encaram a forma de trabalho que lhe são impostas, algumas preferem ignorar que estão livres de responsabilidades.

Foi por opção também. [...] *gostá* eu num gosto não, mais acostuma, *cê* acostuma, com a noite, *num* ter que *trabalhá*, não ter responsabilidade com nada, *ganhá* dinheiro fácil (Letícia, 24).

Quanto a informalidade no que tange às responsabilidades trabalhistas da prostituta, constitui-se outro fato ilusório constatado na vida da prostituição. Não há um horário exato, exigido ao comparecimento no ambiente de trabalho, com a rigurosidade de um ponto para bater, marcar, ou assinar, entretanto, elas são subordinadas à regras tão severas e punitivas, quanto às da escravidão, que no entanto, passam despercebidas, por ocorrem de forma velada. Elas possuem um patrão, gerente e fiscais, que geralmente são pessoas mais velhas de casa que observam o trabalho das mais novas em troca de favores. No entanto, muitas delas não compreendem o mercado de trabalho em que estão inseridas, pois não há um contrato trabalhista formal, e sim um informal, o que judicialmente não possui valor jurídico.

Não, não, elas *num* pode sair assim, elas saem intercaladamente mais tem um horário nobre que elas tem que cumprir. Chegou assim, tipo oito e meia, nove horas assim, então, elas já tem que começar a ir *pra* sala e ficar até a

madrugada e se tiver cliente pra amanhecer o dia, tem que amanhecer o dia, *cê* entende (Mandinho, 64)?

Em outra casa, considerada a melhor da cidade, por receber a uma clientela social diferenciada, as garotas também devem seguir regras rígidas, mesmo que o confinamento seja em menor tempo que em relação a outras casas, ainda há a obrigação de cumprimento de horário.

É na chácara do “Vim”, é, onde eu frequento, eu não frequento *boca de* ? Eu vou em casa mais chique *né?* que é mais sossegado e mais seguro. [...] Aí, casa fechada. Ela interfona lá, o porteiro abre e ela entra. Porque elas tem que estar dentro da casa até quatro horas da tarde. Elas são liberadas *pra* sair mas tem que tá, quatro horas da tarde tem que tá dentro da casa (Fernando,44).

Encontram-se também prostitutas que possuem um lar na cidade e, obtém algum tipo de vantagem na casa em relação às outras residentes. Geralmente são mulheres casadas, ou com relacionamentos estáveis e que saíram das casas de *show*, no entanto, continuam prestando seus serviços normalmente, como é o caso identificado a seguir,

Não, é as *veis póza* lá por causa de, de, da noitada, mais, vai naquela assim, *cê* entende? É, chega, é...tipo nove horas e vai *im bora* de madrugada, ou dependendo acaba de posar lá, mas tem o mesmo compromisso das outra, não pode *falhá*, se *falhá*... (pausa). É como um trabalho mesmo, exatamente (Mandinho, 64).

Não é incomum o relato de pessoas que acabam tendo gosto pela vida de prostituição. Algumas pelo fato do encantamento com relação ao espetáculo, ao show, outras pela forma de cumprimento de horário de trabalho, que lhes são mais convenientes e outras pelo encontro com o prazer.

Para algumas mulheres, assumir o gosto pelo sexo e a busca pelo prazer é algo muito complicado. Estão incultidos valores morais e culturais seculares, em que o sexo geralmente é atrelado ao pecado, cerceado à mitos tabus e preconceitos. Segundo Gregersen (1993),

[...] entre os seres humanos, em nenhum lugar o sexo permaneceu meramente um ato físico para aliviar certas tensões corpóreas. Ele transformou-se dentro de todas as sociedades humanas, para tornar-se uma área básica para a moralidade e organização da sociedade (p.3).

Sendo assim, para algumas civilizações permaneceu tempo fadado ao exercício com finalidade de procriação, e todo o prazer sexual, durante séculos foi privilégio masculino e exercício de dominação ao feminino.

O ato sexual, como produção humana, é permeado por vários significados, como o prazer, o desejo e a vontade. As experiências humanas possuem uma bagagem subjetiva, que apresentam-se ancoradas nas sensações corporais, nos pensamentos, nos discursos e na ação propriamente dita. Assim, a sexualidade humana é representada pelo “conjunto de fantasias e ideias que cada um constrói sobre si e para si em função daquilo que supõe levar ao gozo” (VILLELA & ARILHA, p.98)

Dentre o universo pesquisado, encontram-se pessoas, que apesar de serem frutos de uma geração de repressão sexual, quando estão ocupando uma posição de maior liberdade frente ao exercício e a busca pelo prazer, acabam vendo no ambiente de prostituição um local facilitador, pois foge as amarras da família, do esposo e da igreja, quanto ao respeito as normas moais vigentes.

Eu acho que também um pouquinho é porque eu gosto sabe...(risos)? Vamos jogar o tempo, o certo sabe, mas *tamos* aí (Lorena, 40).

No entanto, a questão de conviver durante muitos anos em um regime de comportamento padronizado, quando questionada sob outra ótica, a mesma prostituta esquece a afirmação que havia acabado de ser feita e, assume que a relação dentro da prostituição é desprovida de prazer, num de retorno ao antigo lar e a vida de esposa.

É deferente né, a gente com o marido da gente, a gente faz com amor tudo né...aqui a gente tá fazendo por ganhar né, então, a gente faz, faz a parte da gente sem sentir e não e sente nada, eu não sinto nada pelos cliente, vem aí eu faço a parte que tem que fazer e já... entendeu? Então, na casa da gente é diferente, a gente sente amor pelo marido, então, faz, né, um amor, um carinho, essas coisas, é diferente. Aqui é por dinheiro mesmo e... (silêncio) (Lorena,40).

### **5.1– c) É questão de assegurar o futuro?**

[...] temos os nossos gastos, é: salão, cabelereiro, roupas, calçado, perfume maquiagem que você gasta todos os dias. Então, tudo tem o seu investimento, você tem que investir em si (Luana, 26).

Muito se produz a respeito da temática que versa o universo da prostituição e no sentido da aquisição ou manutenção de um estilo de vida. Da mesma forma como tem sido discutido bastante, sobre a subordinação escrava do homem atual sobre o mercado de consumo. De acordo com Melman (2004), o sujeito contemporâneo convive paradoxalmente com, o que ele chama de “formidável liberdade”, ao mesmo tempo em que sofre uma trágica desorientação, uma vez que vem sofrendo grande perda de seus referenciais, pois está alienado ao que é de fato importante, verdadeiro e descartável.

A sociedade atual se caracteriza pela cultura do espetáculo, reprodutora de comportamentos centrados no próprio eu, acaba nos incitando ao consumo e também a assumir seus ideários de sucesso e de beleza. Mas, se de um lado somos produtos destas identidades descartáveis, ao assumi-las também, nos tornamos produtores,

Hoje a saúde mental não se origina mais da harmonia com o ideal de cada um, mas do objeto que possa trazer satisfação. Não há limites. Há uma nova forma de pensar, de julgar, de comer, de transar, de se casar ou não, de viver a família, a pátria e os ideais. Essa nova economia psíquica é organizada pela exibição do prazer e implica em novos deveres, dificuldades e sofrimentos (MELMAN, 2004, p.10).

A partir da reflexão de Melman (2004) estamos fadados a uma luta diária pela manutenção e o fortalecimento do consumo pelo consumo. O tempo todo somos incitados a consumir, e o que consumir, o apelo midiático constitui-se prova disto. Em todos os momentos e locais ocorrem o apelo ao consumo. Não obstante ocorre no ambiente de prostituição, temos as mesmas necessidades de consumo. Celulares, vestimentas, moradia, automóvel, e nos meios de prostituição outros tipos de investimentos também se tornam necessários e muitas vezes mais dispendiosos, devido ao fato das prostitutas terem menos acesso aos grandes centros de comprar elas acabam consumindo de ambulantes e pagando a valores que por eles são estipulados, tal fato pode levar a gastos dispendiosos, causando uma escravidão pela própria questão de subsistência no meio.

Como vemos no discurso a seguir, em que altos valores que poderiam constituir-se em lucros, acabam sendo restritos à manutenção da própria “garota” em seu modo de vida,

[...] em um mês, faixa de dentro de oito a quinze mil, quando o mês *tá* bom né? É nessa faixa. [...] dinheiro de prostituição é um dinheiro rápido mais é um dinheiro que *cê num* consegue *fazê* nada com ele. *Cê* trabalha ali, *cê* vira escrava daquele dinheiro. Roupa, *comê* bem, se vestir bem, sair, *gastá* ali no máximo que *cê* consegue ter é um carro, ou uma moto, mais não é um dinheiro que você consegue adquirir muitos bens com ele (Letícia,24).

Diante do discurso, revela-se a consciência do curto poder, que o lucro gerado com a prostituição exerce sobre a própria atividade e todas as suas necessidades de manutenção. No entanto, ainda persiste a esperança de que a prostituição traga a garantia de qualidade de vida melhor para o futuro, pois como em qualquer profissão, haverá um momento em que o lucro será maior e poderá ser melhor administrado em prol de um futuro fora daquele ambiente.

[...] ganhar o suficiente *pra* ter um lar, que seja meu, ser uma pessoa independente, não pretendo *casá* no momento, de jeito nenhum, pretendo *conquistá* minhas coisas e quem sabe futuramente *fazê* uma faculdade (Luana, 26).

Evidenciamos nos relatos, o anseio de mudança de vida, a conquista de certa estabilidade financeira, a aquisição de bens, no entanto, algumas, por falta de maturidade, acabam se perdendo dentro do sistema de prostituição a ponto de não conseguirem mais recursos que garantam sua saída da prostituição. Como exemplifica abaixo o depoente,

Elas vão *pra* zona em busca de *enganá pra* poder, *pra* poder *mudá* de vida e *pegá* um, um com uma classe social mais alta, *cê* entende? E outras, e outras, num..., cáí na droga, então, elas fica a *mercê* daquele convívio da boate, *cê* entende? Então, *cê* mora aqui, *cê* não pode sair, só no seu dia de *força*, se você *saí* fora do seu dia de *força*, você paga uma murta e elas se acomoda porquê? Porque ela já levanta uma hora, duas hora da tarde, então, umas que tão ali, fuma, fuma maconha, outra cheira, a , a outra que bebe, então, aquelas que tão ali, elas fica a *mercê* ali, quando vê passou a tarde, então aí *vorta*, dá uma descansadinha, aí toma um banho, *pra vortá fazê* sala, *cê* entende? Então, fica aquele círculo vicioso, *elas fica* que nem dentro, *dum, dum* penitenciária, *cê* entende (Mandinho, 64)?

A permanência em casas de prostituição é fadada às migrações, no caso a maioria das prostitutas, que vão à busca de conhecer boates mais renomadas, que garantam preços mais altos nos programas e lucratividade maior. Essas casas, geralmente se aproximem das grandes capitais, onde o poder aquisitivo dos frequentadores geralmente é maior, e também um outro fator da migração de boates, tange quanto à questão da novidade da mercadoria. Com isso, a maioria prefere migrar ao concentrar-se em uma única casa, como relatam a depoentes:

É porque eu tenho pouco tempo na vida “isso aqui”, então, não vou saber muita coisa (risos) (Lorena, 40)

[...] Não, comecei em outras boates. (Samara, 31)

É, tem dois anos que *tô* trabalhando na noite, só que em boates diferentes (Yasmin, 19).

Não, não comecei aqui não, comecei em Trindade, foi à primeira boate que eu fui. (Letícia, 24)

Encontramos nos relatos dos outros grupos de prostituição a migração tanto das boates, para outros sistemas de atendimento, como casas, motéis entre outros. No entanto, revela-se fato interessante e não incomum, o desejo na prostituição internacional, como o relato a seguir:

Olha, eu, eu tenho um sonho sim, eu tenho o sonho de saí da, da noite, da noite né, e só *dançá*, porque eu amo o *Pole Dance*, eu gosto muito de *dançá*, até internacionalmente, eu tenho o sonho de morar fora do Brasil (Samara, 31).

Pudemos encontrar no contexto desta prostituta esse desejo, de forma velada. A relação com a dança é apenas um degrau galgado em direção à prostituição internacional. Apesar de algo que a priori, pode parecer tentador e uma grande conquista, não se desconsidera que atrelado está o tráfico internacional de mulheres.

Outros sonhos de consumo adquiridos com a renda obtida, versam sobre a aquisição de segurança pessoal, uma vez que para muitas garotas de programa, há a expectativa de constituir uma vida paralela à prostituição,

[...] *comprá* minha casa é claro (risos) é o que eu penso né, penso nem em carro, moto essas coisas eu *num* penso, eu penso na minha casa. Agora eu aluguei minha casa faz pouco tempo e *tô* comprando minhas coisas, né, aos pouquinhos. É isso que eu *tô pensano*, em compra minhas coisinhas aos poucos né (Yasmin, 19)?

[...] *ficá* bem sabe, vou *montá* um restaurante *pra* mim, *montá* um negócio, na minha cidade, no Maranhão, *tô* juntando dinheiro, já tá tudo certo (Cláudia, 32).

Outras possuem consciência que a falta de estabilidade, gerada pela falta de um contrato formal e todos os direitos trabalhistas assegurados, a prostituição não oferece garantias com o passar do tempo, mas a manutenção dela acaba sendo a forma mais segura de sobrevivência.

Ó eu nunca vou *podê tê* uma aposentadoria, porque eu *trabaiei* tantos anos na roça, meu serviço foi sempre de roça, depois de doméstica, depois nessa vida, isso aí ninguém, é, é tem coisa, é carteira assinada, como que eu vou me *aposentá* um dia, nunca. Eu até *tava* com esperança de *tomá* conta lá do bar junto com meu genro em outra cidade mas *nun* sei se vai dar certo mais não. [...] mais eu tenho medo de *largá* a casa aqui que eu moro *ha muitos ano*, minha freguesia, ir *pra* lá, *chegá lá* e *num dá nada*. Aí sabe, aqui *o*, pelo menos todo dia pinga *né* ( Dóris, 55)?

Não é incomum encontrar nos discursos a falta de organização financeira com os lucros gerados pela prostituição. Quando as prostitutas saem da prostituição, geralmente não é devido ao resultado do faturamento gerado por ela, mas por outra fonte,

[...] porque o que eu vou fazer lá é com dinheiro de lá mesmo *né*, não é com dinheiro daqui, da vida. Meu dinheiro já foi. É que eu casei uma época, e viajei muito, gastei tudo em viagem, viajei *pelas* Europa, fui *pra* África, fui *pra* várias cidades, adoro *viagé*. Quando eu era criança eu falava que meu sonho era ser caminhoneiro pra conhecer o Brasil todo, quando eu era criança, aí depois, cresci e conheci a Europa inteira, agora falta eu conhecer o Brasil todo agora. Que vou conhecer, aos poucos *né* (risos), aos poucos (Cláudia, 32).

A consciência do consumo constitui um universo específico, cheio de obstáculos, independentemente de quem quer que seja o consumidor. Somos manipulados ao consumo, mesmo quando não temos a intenção de consumir, mas temos mecanismos que reforçam essa “necessidade”. Melman retrata também em sua obra o excesso de objetos de gozo (hoje achamos bom o que outrora rejeitávamos, ou o que antes se achava obsceno, hoje é exibido) e a desvalorização da vida: se antes a vida era sagrada, hoje o respeito à vida não se configura mais como um valor, também não funciona como limite para o gozo, não contém os excessos. Para Melman, o sujeito moderno transformou-se num ser atípico, uma vez que "não consegue mais encontrar seu lugar, sua própria voz, é um sujeito que parece sem consistência, sem projeto fixo, sem anseios pessoais" (2004, p. 153).



Parece que o sujeito está perdido, em meio a possibilidade de escolha dos mecanismos voltados a um único objetivo: o gozo.

Para Bauman (2004, p.67) a principal característica do consumismo “[...] não é acumular bens[...], mas usá-los e descartá-los em seguida a fim de abrir espaço para outros bens e usos”. E o corpo também acaba sendo utilizado nesta busca pelo deleite.

O corpo do consumista/do consumidor é autotélico constituindo o próprio fim e um valor em si mesmo; na sociedade de consumidores, também é, por acaso, o valor supremo. Seu bem estar é o principal objetivo de toda e qualquer busca existencial, assim, como o principal teste e critério de utilidade, conveniência e desejo para o restante do mundo humano e cada um dos seus elementos (BAUMAN 2007, p.120).

Ou seja, o corpo sendo dotado de um valor supremo, e sua satisfação plena é o que move as pessoas do mundo contemporâneo, em que o consumo exacerbado extrapola todos os limites de consciência ambiental, necessitando de campanhas, voltadas a uma consumo sustentável e consciente.

Sendo assim, a este modelo seguido, nesta ânsia do gozo pelo gozo, acabam tendo dificuldades em estabelecer relações em longo prazo e acaba reduzindo-se ao corpóreo.

De acordo com Bauman (2004),

O relacionamento puro tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e “se continua apenas quando ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem nas relações (p.11).

Assim, notamos com essa citação de Bauman (2004) a visão mercadológica das relações interpessoais, no momento em que elas ocorrem de forma a disporem-se como um negócio, em que no mínimo as partes vislumbrem o lucro.

Estamos a frente de um novo cenário social, com ideias próprias e também julgamentos permeados de revolta e agressividade. Como exemplifica Melman (2004) “Hoje nos autorizamos por nossa existência e constituímos nossa própria área. É o movimento que segue seu próprio impulso numa economia organizada pela exibição e pelo gozo e não pelo recalque” (p.16).

O recalque dos desejos na cultura das neuroses, entretanto, está mudando para uma livre expressão desses desejos promovendo assim, uma cultura da perversão. O mal-estar que se instala na cultura emerge para a transgressão das leis e a incapacidade de acatar limites.

Exemplificando a questão da prostituição para a manutenção do consumo, encontramos um depoimento que demonstra um caso em que não se justificava pela falta de estrutura financeira, mas para a manutenção ostentação de um determinado estilo de vida.

[...] quem uma posição assim, um pouco melhor, mora *num* bairro melhor, *num* mora *num* Jardim América *nem num* Jardim Pinheiro, *cê* entende? E tem a filha dele que *ta num* colégio que paga mensalidade, o cara *num* acredita as vezes que, que a mulher dele vai nisso. [...] Então, às vezes o cara chega e fala minha filha, puxa, minha filha vai *pra* academia, Mas ela vai sozinha? Ah minha filha, ela malha na academia, *pá...* Aí, daí a pouco ela encontra uma amiga que fala assim *pra* ela assim:

- Olha *cê* não quer ganhar 500 contos noite? Depende? Mas aonde?

- Eu te levo *num* lugar. *Cê* entende? Aí a filha dele passa a ganhar 500 *conto* por noite, *cê* entede? E depois ela arruma um tontinho, na rua, como namorado, leva *pra* casa, aí o pai fala assim:

- Tá vendo, minha filha ó, *ta* vendo, tal (Mandinho, 64) .

No depoimento de outro cliente, podemos encontrar o discurso da prostituição como manutenção de um determinado *status*, e poder aquisitivo para tal,

[...] porque que elas ganham, elas ganham. Ah e ganham *né*, tem garotas que tiram uma, uma fortuna *né*? Tem garotas que vivem muito bem *né*, tem gente que se *vê*, *cê* num acredita, fala assim, fala: Essa fulana é garota de programa, tem casão, *né*, algumas, tem carrão (Marcos, 24)

### 5.1– d) Como eu vou sair desse lugar?

Esta subcategoria surge com a necessidade de apontar o desejo e a forma como as prostitutas, na medida em que vão descobrindo que o sonho de grandes conquistas não serão realizáveis.

Independentemente do local de trabalho, há regras a serem cumpridas, como observamos no decorrer dos depoimentos, a aprendizagem de abordagem dos clientes é transmitida por uma garota mais velha de casa, pela gerência, ou pelo proprietário. Uma vez que se adentre à vida de prostituição, é difícil sair dela. No entanto, há pequenas diferenças de regras entre um local e outro, mas que mesmo umas casas sendo um pouco menos severas que outras, notamos a presença da servidão da prostitua ao trabalho. Fato que se observa no relato a seguir:

Ó, na onde eu trabalhei, não era uma zona digamos assim, não era uma não era um bordel, era apenas uma casa de *strip* ali no local, as garotas não, não moravam no local, então, elas tinham que ter a vida delas fora, muitas

alugavam uma casa em quatro, cinco ali, viviam na casa só, só elas. No local ali não tinha mais pelo que eu sei de outras casas, muitas delas moram no local pagam aluguel sim, pagam aluguel *pro* dono da casa e acaba as vezes algumas acabam ficado presa até mesmo ao, ao cara, *né?* Isso no meu local de trabalho não acontecia, por causa que, como eu te falei, a vida delas ali começava, era a hora que abria terminava a hora que fechava. Depois disso, elas faziam o que queriam, tinha que ir pra casa delas pra cuidar dos afazeres (Marcos, 24).

Sendo assim, há necessidade de encontrar dentro do exercício do trabalho da prostituição, modos para tentar sair dela.

Elas vão *pra* zona em busca de *enganá pra* poder, *pra* poder *mudá* de vida e *pegá* um, um com uma classe social mais alta, *cê* entende? E outras, e outras, num..., cai na droga, então, elas fica a mercê daquele convívio da boate, *cê* entende (Mandinho, 64) ?

Segundo o depoimento acima, existem “garotas” que buscam na prostituição um relacionamento seguro e que lhe garanta estabilidade financeira. No entanto nem todas conseguem, pois um dos subterfúgios da “vida na noite” é o uso de drogas. Algumas acabam ficando confinadas à prostituição apenas para a manutenção de seu vício.

*Mais* a maioria quando *vê* uma chance... Não perde. Não perde, [...] deixa a criança nascer, nem que for de motorista de entregador da servi-cola, de cerveja, que é o que *tá* acontecendo com a Izinha agora, ela não quer tirar é que fica na...porquê? Por que fazer a transformação! Que toda mulher que *tê* um filho. Não importa, pode ser até dum, de um mendigo, e como essa lei que *apóia* agora, essas igreja tudo, então, elas *qué* isso ai, elas *qué* se sentir apoiada, então, amanhã: ah não, lógico, ah mais eu morei com ele lá em tal lugar, lá e tal *né*, tentei fazer a minha vida, *cê* entende? Então...é uma, é uma sequencia, *cê* entende, então, elas jogam a responsabilidade em cima de quem, do cara, *cê* entende (Mandinho, 64).

Como esclarece, no depoimento de um dos clientes, de acordo com o funcionamento de cada casa de *show*, o dinheiro necessário para “sair da noite” geralmente é maior do que o valor que elas conseguem acumular. Sendo assim, as prostitutas estão sempre à procura de alguém que tenha condições de resgatá-la.

[...] alguns clientes são alvo, muitas acontecem de sair, que nem, o, o se *arruma* um cara bem de vida, bem de grana, então elas assinam tipo um contrato com o dono da casa *né*, elas tem que pagar uma multa. Muitas vezes elas não saem porque essa multa é grande e o dinheiro que elas conseguem guardar não é o suficiente pra sair. Mas elas esperam que alguém, que possam tirar elas de lá pague por isso, *né* (Marcos, 24)?

O fato da “garota de programa” procurar por um cliente fixo, também constitui uma forma de tentativa de que este seja o responsável pelo seu resgate. No entanto, nem sempre há êxito, uma vez que aqueles que possuem um poder aquisitivo alto podem manter a prostituta com exclusividade em outro local, por um determinado período de tempo e depois disso ela retorna para a casa de prostituição, como exemplifica a seguir,

[...] é o mais de dinheiro *né*? No caso assim elas não se tornam vamos supor às vezes muitas delas preferem se tronar uma prostituta particular, entre aspas, vamos dizer assim *né*? O cara tira ela de lá e ela acaba saindo com o cara, somente com o cara, mas muitas vezes isso aí não acontece da forma que se deseja *né*? Tem casos de o cara *pagá*, paga, quem tem muito dinheiro paga até apartamento particular pra mulher, quando quer ele vai lá e *fais* o serviço com ela (Marcos, 24).

A busca por um cliente especial, que dê a preferência sempre para uma mesma prostituta, constitui-se em uma estratégia, a fim de cativar ao cliente, na tentativa de um envolvimento maior, a ponto de constituir uma oportunidade do abandono do meio. Durante os relatos, observa-se a maioria das garotas de programa possui ao menos um cliente fixo, e por ventura, aquelas que ainda não têm, é devido ao fato do tempo em que estão na casa que a impediram do estabelecimento desses vínculos.

Já acontece, sempre acontece cliente que se identifica com ele e *as veis* ele virá até cliente seu, vem, vem na boate e não fica com outra menina, fica só com você, se você tá acompanhada ele espera, ou volta outro dia, acontece, bastante (Letícia, 24)

O cliente fixo, pode ser um subterfúgio de proporcionar maior conforto dentro do mundo da prostituição, uma vez que ainda não tenham conseguido sair desse meio.

[...] é cliente fixo porque às vezes ele me trata bem, me chama *pra* sair e é gostoso. Ah, as vezes é uma pessoa que te faz bem, uma pessoa (pausa). Porque você *tá* longe da sua família, *né*, então, você tem que *agarra* com as pessoas que gostam de você, as pessoas que desejam o seu bem, tem que *ta* sempre próximo. (Luana, 26).

Nota-se que há uma disputa acirrada entre as garotas de programa, para conquistarem a um determinado cliente, há uma busca pela exclusividade,

Então, tem essa *tamém*, os dois motivos, ou cara ou ela também que *num* dá chance. *Cê* entende? E *num* deixa outra também, e a outra já sabe *heim*: ó fulano é meu, *ciclano* é meu, fulano é teu e *ciclano* é seu. Se *intervi* tem briga (Mandinho, 64) .

Em outro relato observamos que o cliente fixo oferece garantia de saída da prostituição, uma vez que ele pode assumir características de um relacionamento fora do casamento e ajudar a manter a prostituta em seu meio, como pode ser observado no depoimento a seguir,

Tem, tem bastante, cliente fixo, tem bem uns 10 que assim já 12 anos que eu saio com eles. Eles vem, por si mesmo. Vem assim, uma vez por semana, de quinze em quinze dia, mas vem. Inclusive teve um que eu fiquei oito *ano* com ele e ele nunca tinha *bibido* Viagra e esse dia ele disse: ah deixa eu *experimentá* esse negócio. Eu falei Antônio, *cê* tem diabete? Tem. *Cê* tem pressão alta? Tem. Falei, então, não experimenta não cara. Ah, foi tiro e queda, não esqueço desse dia foi 19 de dezembro agora vai *fazê* 5 anos. Ele experimentou o negócio começo a *dá* bateadeira eu falei: vai *pra* sua casa. Ele foi *imbora* pra casa dele e morreu lá. Morreu, começou *dá* bateadeira nele aí a *muié* dele falou que ele morreu de infarto *né*, mas eu, só eu sei de que que ele morreu. Ele tinha 73 anos, mas era fortão sabe? Ele tomou Viagra, ele, porque ele ficava meio *tontão* sabe, não era aquela coisa dura, mais era, fazia *né*, *num* sei *pra* quê isso, toma Viagra tomou e eu perdi ele, era muito bom pra mim viu, esse era um dos *melhó* cliente que eu tive. Ele fazia compra pra mim, todo mês ele fazia aquela *comprona* pra mim. Ele, ele dava, ele dava dinheiro toda vez que eu viajava ele me dava e *num* cobrava sabe, *fais* de conta, eu falava: Antônio, *fais* um, eu quero, *fais* um cheque *pra* mim, vou viajar amanhã. Ele fazia de mil reais, nunca pediu nada, nada em troca. Toda sexta-feira ele me dava dinheiro, ele comprava presente pra mim no Natal, mim..., na Páscoa, no meu aniversário, tudo ele comprava presente *pra* mim. Foi o melhor cliente que eu tive (Dóris,55).

Observa-se a importância de um bom cliente, que auxilia nas despesas do lar, bem como ampara emocionalmente essas “garotas”, com visitas frequentes, presentinhos em datas comemorativas, ou seja, fazendo acreditarem que são necessárias.

Em outra fala, observamos que nem sempre o perfil da “vítima” é escolhido pela condição sócio-econômica, uma vez que este pode não ser tão facilmente ludibriado. A questão da idade é levada em consideração, a princípio as prostitutas acreditam que os mais jovens são manipulados com maior facilidade,

*Nóis* usa um termo lá assim que é, de, *de*, motorista de, de, de entrega de bebida, *cê* entende? É o que mais *cái* na malha dela. Molecada nova, motorista, ajudante, e tal, *fais* aquela, aquele *introsamento*, *dalí* a pouco um leva *pra morá*, depois *devorve*, daqui a pouco tem *fio*. Mas ela *qué fazê* isso, *mudá* de vida sabe? *Qué tê* um cara, uma casa, tudo. Mas aquele ritmo que elas leva de, de, *tê* um, uma convivência melhor assim, *cê* entende? Tem essa finalidade. Viu, então, aquela ilusão, de, de *querê*... (pausa). É isso, de ter uma casa, ser dona de casa, assim uma ilusão, então, elas viaja é, é com os menino, *cê* entende (Mandinho, 64)?

De acordo com o relato de clientes, pode haver um vínculo afetivo/emocional com alguns clientes, o que seria uma forma de estabelecimento de um vínculo mais profícuo. Geralmente isso ocorre quando há exclusividade de uma determinada garota de programa a um determinado cliente.

[...] ela percebe quando o cara começa a gostar dela. Porque se eu chegar *na* casa e procurar sempre a mesma pessoa, ela já sabe que ela tem aquele cara na mão e ela começa a *trabalhá* isso, *deixá* o cara mais doidinho, casa sessão vai ser um pouco melhor, e o cara não quer saber de outra pessoa, tanto que gera briga lá dentro. Gera, gera briga, porque se uma outra *malandrinha* for parti *pra* cima dele ela não vai *gostá*. É tipo assim: você respeita que aquele cliente é meu. São os clientes fixos, *tá*, se o cara é casado, ela vai ter que ficar naquela posição lá, *tá*. Ele vai chegar lá, ela vai sair com ele, ele paga direitinho, ele paga o que ela quer, ela já *tá* acostumada com os carinhos dele lá, já sabe como que é o cara, já pegou uma certa confiança, *tá*. Mas aquela que *tá* com vontade de ter o cara *pra* ela e ir *imbora* de lá ela vai começar a fazer esse trabalho aí, ela vai começa, ela vai *percebê* que o cara *te* começando a gostar dela e só vem na casa atrás dela. As vezes ela não está e o cara também vai embora. Então, ela percebe que o cara já *tá* ligado nela. Aí vai depender da intenção dela. Se o cara for casado e deixar bem claro que não vai rolar nada ela vai usar o cara sempre *pra* esse tipo de coisa, mas se ela percebe que o cara é solteiro e tal ela vai começar a trabalhar em cima dele, *pra* ver se consegue, se o cara começa a querer tirar ela lá de dentro entendeu (Fernando, 44)?

Do mesmo modo em que a “garota” escolhe seus clientes fixos, elas também podem ser escolhidas. No depoimento a seguir, que configura uma casa de *show* em que não há

espaço para a realização de programas, também há a ocorrência da busca por esse tipo de cliente.

Tem aquele cliente que só quer sair com determinada mulher. Onde eu trabalhava o *rapais* chegava lá, ele só queria ficar com aquela mulher, era fiel. Não eu quero a fulana. Se de repente, se a fulana tivesse com algum *rapais* na mesa, ele virava as costas e ia *imbora* e nem entrava na casa. É acontece muito disso, e esses cara tipo, vai e gasta uma fortuna. É já teve dia *pegá* mil reais numa brincadeira, numa paulada só. Mil reais, dois mil reais. *Gastano* em bebida, não, não só, não em, nem tanto em programa, em bebida com a mulher, depois disso, provavelmente, fora *né*, por no local de trabalho não podia fazer o programa. Deixa eu corrigir, no local que eu trabalhava. Não podia fazer o programa, então saia da casa, saia com a mulher (Marcos,24) .

A gravidez desejada também pode ser um projeto de fuga e a garantia de estabilidade, de acordo com um dos depoimentos, notou que há um consenso entre as prostitutas entre essa prática, mesmo que de modo velado, uma vez que as casas não permitem a gestação,

É, então, esses cara que chega com esses carro poderoso, de família, pode ver, eles deita e rola, tudo e *pá*. Só que depois começa o drama da coisa, *cê* entende? Então, que, que as *menina fais*? Os cara chega e *cagueta*, porquê? *Os porteiro* conhece, a outra conhece, tal: ô, esse aí é filho do fulano, e tal, *tá*. Então as menina... então elas mesmo já xaveca o cara e tal e não tem programa com camisinha, *cê* entende? Ela *ta rezando pra...* que depois o que *que* ela vai *fazê*? Ela vai chantagear. E eles não tão sabendo de nada, que tem a, tem o grupo de malandragem também, que as meninas também são *malandra*, *cê* entende? Que nem aquele caso que aconteceu em Ribeirão lá com o *rapais* ele *arrastô* a menina de caminhonete e acabou matando ela, por quê? Porque ela era da chácara da Japonesa e ele de família boa de Ribeirão e ele não teve outra saída. Ele queria que a menina *tirava* e a menina não queria tirar: Eu vou, eu vou tirar o trunfo meu? Eu fiz de tudo *pá* consegui isso *véio*. Por que, por que depois é o seguinte: é só chegar lá no juiz e falar o filho é dele:

\_Não, Não é.

\_Não é, então *fai*z o DNA Doutor. Então é o, é o que as *espertona fais*. Mas só que quando dá o contrário, dá zebra, *cê* entende, ai é o seguinte ou assume ou *fais* acordo, *cê* entende(Mandinho, 64)?

Nota-se que, segundo o relato acima, há um esquema entre os trabalhadores das casas de *show*, a fim de garantir que a escolha da “vítima” seja correta. No entanto, os riscos que as prostitutas correm na tentativa de enganar, podem ser trágicos e além de não garantirem sua saída da “casa”, pode ocasionar algum dano maior.

Manda *imbora*. Manda, eles manda *abortá*, se a *muié* não topa ele manda *imbora*. Sem *pagá* nada. Direito nenhum. Paga nada não (Dóris, 55).

De acordo com a depoente, é regra definida a falta de aceitação de uma gestação por parte dos proprietários das casas de *show*, sendo de total responsabilidade da garota de programa seguir a diante com a gravidez.

Eles já tem o... ,as pessoas. Na clínica, é, eles já tem o... , *cê* entende? O pessoal de confiança deles (Mandinho,64).

Segundo o relato, caso haja a gravidez, existe um esquema clandestino filiado à prostituição para amparar aquelas que optem pelo aborto. No entanto, correndo riscos dos mais diversos, que vão desde a perda do trabalho, até outras consequências mais sérias, as prostitutas não dispensam as possibilidades, segundo o depoimento a seguir,

*Mais* a maioria quando vê uma chance... Não perde. Não perde, não faz aborto deixa a criança nascer, deixa a criança nascer, nem que for de motorista de entregador da kids-cola, de cerveja, que é o que *tá* acontecendo com a *Izinha* agora, ela não quer tirar é que fica na...porquê? Por que fazer a transformação! Que toda mulher *qué* *tê* um filho. Não importa, pode ser até *dum*, de um mendigo, e como essa lei que apoia agora, essas igreja tudo, então, elas *qué* isso ai, elas *qué* se sentir apoiada, então, amanhã: ah não, lógico, ah mais eu morei com ele lá em tal lugar, lá e tal *né*, tentei fazer a minha vida, *cê* entende? Então...é uma, é uma sequencia, *cê* entende, então, elas jogam a responsabilidade em cima de quem, do cara, *cê* entende (Mandinho,64).

Ou seja, a questão da constituição de um lar, a partir da gravidez, seria um modo de aquisição de uma estrutura familiar, em que traria a prostituta um status de dignidade e integridade, perante a sociedade com um todo.

E em contrapartida, na intenção de dificultar o uso dessa estratégia, as zonas de prostituição passaram a adotar um método de segurança, ao mesmo tempo que aumenta o período de trabalho da “garota de programa”, no impedimento da menstruação.

[...] lá que, que inclusive, eles adotam, adotam um esquema assim, que a mulher tem que *tomá* injeção *pra* não menstruar, que é *pra* num *perdê* o..., a sequencia do negócio, que senão fica lá três, quatro dias lá, de, de boa vida lá e eles tem que *bancá* [...] (Mandinho, 64)



No decorrer dos depoimentos, podemos identificar que há relações de aprendizagens entre atitudes e comportamentos que ocorrem em meio a prostitutas e clientes. Sendo assim, passaremos agora a analisar com maior profundidade essas relações a partir do próximo tema elencado.

# **Taça de Ouro**

**(Trio Parada Dura)**

**Taça de ouro é o nome de uma casa  
Frequentada por pessoas de alto padrão  
Mulheres lindas, extravagantes, perfumadas  
Damas da noite que alucinam corações  
Danças eróticas, bebidas variadas  
Onde a luxaria desempenha seu papel  
Ali tentei afogar as minhas mágoas  
Mas minha taça transformou-se taça de fel**

**Taça de ouro, falsa ilusão  
Você jogou-me nos braços da solidão  
Taça de ouro é o seu papel  
Fez minha taça transformar em taça de fel**

**Final da noite e a boate já vazia  
Fim de orgia então pude perceber  
Vender carinhos é o papel das mariposas  
E eu buscava muito mais do que prazer**

**Embriagado cambaleando pelas ruas  
Voltei de pressa pra rainha do meu lar  
Naquele instante vi meu mundo ir ao chão  
Ela se foi, se cansou de me esperar**

---

---

## 6 - A ESCOLA DA PROSTITUIÇÃO

---

---

Prosseguindo a análise do discurso dos clientes e das prostitutas, elencamos mais sete subitens que facilitaram ao entendimento dos relatos facilitando ao leitor, a localização dos assuntos. Sendo assim, partimos para a análise das formas como se aprende a ser prostituta e como se manter ou não as em casas de prostituição, bem como alguns percalços existentes na profissão. Para cada subitem, prosseguimos da mesma forma que no item anterior, indicando uma letra para elencar aos assuntos abordados:

- a) **Como se aprende a ser prostituta?**
- b) **Como negociar um programa? quais são as regras de lucro?**
- c) **A busca pelo “bom cliente”.**
- d) **Técnicas de sedução para a conquista do programa.**
- e) **Quem são, o que buscam os clientes? só sexo?**
- f) **Realização de Fantasias;**
- g) **Gozo & Prazer.**

### 6.1- a) Como se aprende a ser prostituta?

Nesta categoria procuramos demonstrar o percurso no qual as garotas se transformam em prostitutas, desde o momento que adentram em uma casa de *show*, ou mesmo aquelas que batalham por seus clientes nas ruas. Como elas aprendem a se comportar no ambiente de prostituição? Há um ensinamento sobre como batalhar por um programa? Quem ensina?

A fim de elucidar as questões propostas recorreremos às falas, tanto das prostitutas como de clientes.

Nada, na, na época, como eu fiquei na casa do Pernambucano e, e aí do jeito que *as menina fazia* eu fazia *tamém*, ficava vendo elas *fazê*, atendendo os cliente, como eles mandava eu fazia *tamém*, foi onde que eu aprendi. No começo era meio de... fiquei mais ou menos um ano assim com vergonha né, mais elas me ensinava (Dóris,55).

De acordo com o depoimento acima, a observação do comportamento dentro do ambiente é muito importante, há uma tendência em serem copiadas àquelas que são mais velhas de casa, que geralmente se responsabilizam por ensinar aqueles que estão adentrando a vida de prostituição.

Há casos em que prostituta não admite ter copiado algum padrão, talvez pela espontaneidade em lidar com situações adversas, ela possui a consciência que comportar-se em um ambiente de prostituição é algo inerente ao ser humano e as habilidades vão se concretizando no decorrer do tempo de permanência no meio.

[...] eu sei lá se foi de mim mesmo sabe, ninguém me ensinou nada não, e foi eu mesmo, entendeu? A gente ao tempo a gente aprende muita coisa *né* (risos) (Lorena,40)?

[...] ah, isso aí quando a gente tem, que já é do sangue, e sozinha isso, aprende sozinha isso ninguém ensina, *cê* chega, conversa, como se fosse uma pessoa que tivesse conhecendo numa balada, conversa e é isso (Letícia,24).

Nos relatos acima, podemos notar certa naturalidade em sobreviver em meio à prostituição, uma vez que, segundo a depoente, a forma de estabelecimento de contato com um cliente, ocorre semelhantemente um flerte em uma balada. Então, o compartimento num ambiente de prostituição, ou em uma festa, seria muito semelhante.

Entretanto, notamos que há uma série de regras e comportamentos a serem cumpridos, que vão desde o preparo físico, com o uso de maquiagens, vestimentas até a questão psicológica do cliente. Nos depoimento a seguir, podemos observar que há a figura de uma pessoa com experiência na vida de prostituição e oferece dicas de comportamento, que ultrapassa a relação com exterior, mas revela artimanhas de como trabalhar psicologicamente para a manutenção do programa.

Ah, ninguém (pausa), respira fundo e reinicia sua fala: Não na verdade eu tinha... minha tia *né*, ela não é minha tia de sangue, ela foi casada com meu tio e aí eu sabia que ela trabalhava na noite e quando eu briguei com a minha mãe eu sabia que ela trabalhava eu cheguei nela e pedi *pra* ela me *levá*. Ela ficou meio assim, mas ela acabou me levando, *né*, ela me levou e ela quem me ajudava assim, explicava as coisas, o que era. Ah, sei lá, que eu tinha que *conversá*, *cê* animada, ter paciência, é, isso aí (Yasmin,19).

É fato comum garotas de programa mais antigas de casa e mais experientes, transmitirem seus conhecimentos quanto a batalha por um programa, uma vez que todas precisam de determinados preparos e cuidados estéticos. Uma vez feito a busca pelo cliente, é necessário mantê-lo, para isso há necessidade de testar as estruturas psicológicas e colocá-las em prática.

As, as meninas que já *trabalhava* me ensinaram. Que eu não conhecia, que eu conheci *né* com uma outra mais velha. Tudo isso, de me arrumar *né*, porque no começo eu não sabia *né*, é *maquiá*, *fazê* cabelo, roupa *tamém*. Tinha certos tipos de roupa que eu não usava (risos). Roupas mais sexy, eu não usava, tinha vergonha, até hoje. E ter paciência. Muita paciência. Muita psicologia. É ser uma psicóloga, ao final viu? *Escutá* e dar a resposta que a pessoa *qué escutá* e não a, a verdadeira resposta, sabia? *Escutá* bem e dá a resposta que a pessoa *qué*, não a verdadeira. *Numa* errada espanta, e *espantá* o cliente... (pausa) Depois *cê* já ouviu o ditado *né*, tem muita gente que fala, mas não escuta o que *qué*, *né*? Fala o *que qué*, mas não escuta o que *qué* (Cláudia,32)

Outras apelam para a alienação com o uso do álcool, que de acordo como veremos no próximo tópico, que atenta sobre as regras de funcionamento e obtenção de lucro, seu uso é estimulado em casas de prostituição.

Com a bebida tudo fica mais fácil *né*, você se sente mais alegre, mais espontânea, *né*? Mas no começo, no começo, eu não gostava muito de fazer programa não, bebia *pra* caramba, então era mais lucro *pra* dona de.. da casa (Luana,26).

Outro depoimento reafirma a questão da importância da observação do ambiente de trabalho no auxílio de executá-lo da melhor forma e também identifica a participação do proprietário da casa de prostituição.

Ah, eu aprendi observando *né*? As meninas, na noite, as que tinham mais experiência, com o dono que ensinava a gente também... olha, indicava também, *pra ganhá* dinheiro. Então fui aprendendo *né*? Fui vendo. No começo a gente ficava, eu ficava com muito medo, *né*? Inexperiente, então a gente vai aprendendo assim, vendo mesmo, na noite, o cotidiano da noite (Samara,31).

O depoimento do cliente a seguir, reafirma a questão estética, como uma alavanca propulsora para a manutenção da “garota” em meio à prostituição, uma vez que há todo um processo de produção, com vistas a transformação e o embelezamento, como artimanha para a conquista do cliente, em como todo um ensinamento sobre regras de atitudes e comportamentos.

Menina que nunca viu um, um esmalte na unha, nunca viu uma batom, nunca viu mudar o cabelo de cor, nunca viu tirar uma sobrancelha, *fazê* um, um olho com, com rímel e uma sombra. Então, eles fazem tudo isso na menina, então eles *produz* ela, depois que eles *produz* elas, então, eles, eles

faz a doutrina da escola deles, *cê* entende? Aí chega, põe ela na sala, aí chega um cara e fala: ó esse cara você tem que fazer isso ó: se *senta* na mesa ele vai pedir uma cerveja. Você fala que você não toma cerveja. *Cê* toma dose (Mandinho, 64).

Os clientes também possuem consciência da manipulação exercida pela prostituta na tentativa de conquistar um bom programa, desde suas vestimentas até as formas de abordagem.

Bom, elas costumam chegar, sempre usando roupas sensuais, elas não, nunca *tão* de calça jeans, por exemplo, e camiseta, sempre ou shortinho muito curto, biquíni as vezes dependendo o lugar. Elas chegam sentam, na mesa *né*, com: Olá, posso me sentar? Começam a trocar uma ideia, aí vai perguntando quem é, vai querendo conhecer um pouco da pessoa *né*, e aí vai conversando. Mas tem alguns casos onde a, a, algumas são mais diretas *né*. Tem algumas que já chega, ah vamos fazer um programinha, num sei o que, é, um *morzinho*, *pá, pá, pá*, vai daqui, vai de lá. Tem algumas que já chegam desse jeito. Algumas outras vão mais conversando, vão no xaveco mesmo *né*, não vão só no... aí já vai, dá uma, uma esfregada no cara, *pro* cara já *ficá* meio é, o, o excitado *né*, que é *pra, pro* cara ter a vontade de fazer mesmo o programa *pro* cara gastar dinheiro com elas *né* (Marcos,24)?

### 6.1 – b) Como negociar um programa? Quais são as regras de lucro?

Esse tópico destina-se a demonstrar as regras de negociação de um programa, tanto dentro das casas, como os critérios seguidos pelas prostitutas que abordam seus clientes nas ruas ou atendem em outros locais. O objetivo é saber sobre as formas de obtenção de lucro, nas várias instâncias em que se realizam os programas.

Elas *falava*, *cê* tem que ir lá no balcão ou na mesa, a, a, pede uma dose fica *conversano* com o *homi*, ou se não conversa com ele e ele te oferece bebida *cê* só pode beber dose, aí depois *cê* chama ele *pro* quarto, era assim que elas *falava*. O preço do programa a gente já sabia por que o dono *falava né?* Trinta minuto [...] se ela *fazê* programa com um *homi* ela ganha o dinheiro dela e paga o quarto. Cada *veis* que vai *no* quarto tem que *pagá*. É escravo, quem ganha dinheiro é os cafetão. *As mulher* quase *num* ganha que ó, a gente a enche a cara e dá lucro pra eles, se uma dose na cidade custa dois *real*, lá custa vinte. E os *homi* tem que *pagá* e, e os *homi* vai *pagano, pagano* que *so* *cê* num *levá* eles logo *pro* quarto *cê* num ganha dinheiro e só quem ganha é o dono da casa. Porque na rua o que a gente, *fais* é da gente, lá é cento e cinquenta o programa as *veis* *cê* demora uma semana *pa ganhá* um e na rua *cê* *fais* de cinquenta, de setenta, é seu, *cê* não vai *tê* que dá *pra* ninguém. Prefiro *fazê* *treis pa ganhá* cento e cinquenta do que *ficá lá* Entrou *pra* dentro do quarto a gente já recebeu, não tem essa não, cliente nenhum fica com a gente sem a gente *recebê* não. Aqui, aqui como diz o outro, ou *trais* aqui em casa *né?* Só os que eu conheço. Os que eu *num*, o, o já chega

aqui em casa e antes dele tira a roupa eu já pego o dinheiro, e lá no motel a mesma coisa, entrou pra dentro *dum* motel, já recebo adiantado. Então eu já levei cano uma *veis*, então, aprendi, o polícia falou *pra nós*: recebe adiantado, pode *sê* quem for. Aí pronto!(Dóris,55).

Mas observa-se no relato que há um ensinamento de como se comportar, geralmente feito por uma “garota” mais velha da casa e até mesmo pelo proprietário do local, que fornece as informações mais importantes no sentido da obtenção e geração do lucro.

Outra questão a ser observada é quanto à escolha do cliente, os procedimentos são muito comuns quando se trata da conquista de um cliente na casa. Há situações em que elas fazem a escolha pelo melhor cliente.

Bom a gente já, a partir do momento que a gente apresenta *pra* pessoa, a gente vê se a pessoa é uma pessoa boa *né*, pessoa que você vê, pessoa que se vê a aparência, que a pessoa conversa, né ? A gente senta na mesinha, conversa primeiro tudo, se a gente gostar, dá certo, e vai fazer o *pograma*, se não... (pausa) Já vê de cara ali é um não sabe? A gente já sai. Tá bom [...] Aqui é meia hora, o mínimo é R\$80,00 depois R\$120,00, que eu cobro. Aí se ele quiser sair, aí eu vou vendo os preços, aí gente vê os preços, que a gente é que tem que pagar nossa parte da casa *pra* sair *né* (Lorena,40)?

A observação da disponibilidade do cliente para o gasto é um fator imprescindível, pois disso depende o faturamento das casas e também das prostitutas.

Tem que... primeiramente se já sabe se um *homi* vai *gastá* ou não. É você pedindo uma dose e ele falando que pode *pegá* (risos), pode *pegá* meu bem. Assim se já vai vê que o *homi* vai *gastá* com você. Agora *cê* chega, o *homi* fala que não vai *pagá* a dose, então... (faz expressão com as mãos de sair, abandonar) A dose é, é preço normal, assim. É que a gente ganha nas doses também. E a gente tem que tomar dose. Que aí o lucro fica maior *né* (Yasmin,19)?

Os clientes sabem que são observados o tempo todo e avaliados quanto à disposição para a realização do programa, como observamos no depoimento a seguir,

[...] normalmente se chega, senta na mesa, fica esperando. Elas vem, começam a conversar *né*, *dalí* a pouco já pede *pra* paga uma bebida e aí se a pessoa paga a bebida, elas ficam com você na mesa, se não, se elas vê que o cara tá, tá só ali de bobeira, não é um cliente *pra* ela, ela sai e vai atrás de outras pessoas, dos outros que estão chegando na casa. Porque elas, porque elas ganham também com a bebida consumida *né*, não somente com o

programa, que nem, vamos supor se ela *fais* o cara *pagá*, *gastá* cem reais em bebida, exemplo, vinte por cento é delas dez por cento é delas, além do programa da, da casa, do programa (Marcos,24).

Observa-se uma padronização quanto ao comportamento das prostitutas nas casas. O primeiro passo é, portanto a escolha do cliente, em seguida verifica-se seu potencial de lucro na medida em que passa a ser consumidas as doses. Os valores dos programas variam de acordo com a casa. Há um valor mínimo e um máximo a ser estabelecido, no entanto, em alguns locais a negociação é feita diretamente com o gerente ou o proprietário, a prostituta, após os descontos com despesas de moradia, alimentação, utilização dos quartos para a realização do programa e as doses consumidas, repassam às garotas os lucros da noite. Há também o estabelecimento de uma multa, quando o cliente deseja realizar o programa em outro local. Quando o cliente não efetua o pagamento da saída da prostituta, ela o tem que fazer, por esse motivo, algumas optam por não realizarem programas fora da casa.

[...]Em alguns dos casos a gente vai atrás dos cliente aí, em outros casos o cliente mesmo chama, oferece uma bebida. Aí a gente, conversa, uma roupa sensual, uma boa conversa, lógico, *cê* não deixa de *dá* uma atiçada neles *tamém né*, mais é isso.[...] Eu não faço saída, só trabalho dentro da boate, com os clientes e geralmente antes da gente ir *pro* quarto ele faz o pagamento no caixa, no balcão, antes do programa. O pagamento ele faz lá no caixa e no final da noite o dono da casa acerta com as meninas. É uma vida de um dinheiro rápido, não fácil, *mais* rápido. Numa noite boa, já tirei novecentos, oitocentos, mil e duzentos, depende do cliente, depende da casa, também. Em um mês, tirei faixa de dentro de oito a quinze mil, quando o mês tá bom *né*, é nessa faixa (Letícia, 24).

A partir do depoimento de um cliente, os gastos dentro de uma casa de *show* podem trazer consequências ruins, quando não são bem administrados e levarem prejuízos até ao âmbito familiar.

Uh, já vi gente *passá* o cartão de crédito *gastá* estourar o limite do cartão lá. Gente que saía, acabava *de trabalhá*, recebia o salário: *vamo* todo mundo lá. Saía todo mundo sem um centavo. Deixava de por coisa dentro de casa *pra gastá* dinheiro lá (Marcos,24).

Os programas que são batalhados por prostitutas das ruas obedecem a critérios diferenciados, algumas permanecem paradas nas esquinas a espera da abordagem do cliente. Quanto aos valores dos programas são mais baixos que os das casas de show, a tendência é serem menores, pois não há o glamour das boates e também os gastos envolvidos são



diferenciados, ficam restritos ao pagamento de um quarto em um motel, ou ocorrem nas residências de algumas prostitutas.

Na rua a gente não seduz, eles param e..., eles que param e conversa com a gente, (pausa) pergunta o preço do programa e se a gente, se der certo, a gente acertar o preço eles vão. Eles procuram de tudo, mais tudo quando eles paga tudo *né?* *Fais* de conta, eles *qué* sexo anal eles adoram o sexo anal, quando paga o preço que a gente pede, a gente *fais*, se não *pedi*, se não *pagá* a gente não *fais*. É, *fais* de conta, eu cobro setenta, cinquenta, setenta o programa, aí é: põe a camisinha, *fais* uma chupetinha e transa normal, agora se eles querem um sexo a mais, aí eles tem que paga a mais, o dobro. Aí como muita gente não paga, eu não faço (Dóris,55).

Na rua também encontramos prostitutas que arriscam a própria vida na batalha pelo cliente, pois algumas delas fazem a abordagem dos automóveis, mesmo com eles em movimento, pois a competitividade é grande em determinadas esquinas, em que chegam a estarem aglomeradas grupos de oito a dez garotas em busca de clientes.

Ah, *vô* até o carro, quando tem deles que *qué* ir pra sair *né*, sair *pra* fora dependendo as *veis* eu falo que não, eu saio fora, porque as *veis*, a gente tem medo *né?* Ou se é conhecido, de casa, tal, a gente, então, negocia tudo, na casa mesmo, não deixa *pra* receber depois não. Sempre se recebe antes, adiantado. Atendo meus clientes aqui no motel do Pernambucano mesmo, é aqui mesmo na praça. Não *vô pra* fora não. *Pra* minha segurança. Isso só quando já é conhecido de já, conhecido mesmo de muito tempo daqui, a gente vai *pro* Motel ou na casa. [...] Anal eu não aceito, não, não programa não. Meu programa é de meia hora, uma hora, depende, se a gente tá conversando e *tá* bem a conversa a gente fica mais tempo, se não a gente vai *imbora* (Cláudia 32).

A partir do discurso de um cliente, confirmamos os detalhes do funcionamento das casas, quanto ao modo de agir, a partir do primeiro contato com o local. Afirma-se a questão do incentivo ao consumo da bebida alcoólica, em especial quanto aos destilados, que contribuem para uma margem de lucro, tanto para a casa, quanto para a prostituta.

Aí chega, põe ela na sala, aí chega um cara e fala: ó esse cara você tem que fazer isso ó: se senta na mesa ele vai pedir uma cerveja. Você fala que você não toma cerveja. *Cê* toma dose. *Cê* toma dose, cerveja *cê* não toma. E essa dose é uma dose maquiada. Essa dose é um, um, uma latinha de,de, de *vodka*, *schwepps* *né?* Essa latinha eles *fais* cem contos dela. Eles põem... é aquela tônica. É, eles põe ela no copo, põe gelo e põe um aromazinho de *vodka*, *cê* entende? É que é *pra* elas não ficar bêbadas, exatamente, é *pra* elas não ficar bêbadas e continuar a noitada, *cê* entende? Então é assim, então essa escola aí chega..., então aí, a outra já deu a escola, como é que

*fais*, como deita na cama e tal, como é que trata o cara, *cê* entende (Mandinho 64)?

De acordo com a fala do depoente, a prostituição constitui-se em uma escola, em que quanto maior a permanência, maior a aquisição de habilidades, que serão utilizadas no intuito de enganar ao cliente, uma vez que, há a intenção de alcoolizar ao cliente, para que ele chegue ao orgasmo com mais rapidez, e assim, ela está pronta para realizar um novo programa.

Encontramos no relato do depoente o registro de procedimento semelhante quanto a ingestão de bebida alcoólica, no entanto, não seria o primeiro relato em que encontra-se o registro do gosto em que as garotas possuem pela cerveja e que não dispensam a oportunidade em fazerem a ingestão da cerveja.

Cerveja não, a, a bebida destilada ela é bem cara *né*? Exorbitante o valor. Por isso que ela..., por isso que você paga uma comissão *pra* ela e uma comissão *pra* casa, *né*? Uma comissão *pra* ela e o resto é da casa, *né*? Por isso que elas são proibidas de tomar cerveja, a cerveja não gera, não gera retorno *pra* casa porque é bebida mais barata que tem, então uma cerveja dessa, não a latinha, uma garrafa, porque não vende latinha, é a garrafa custa dez, doze reais, mas elas não podem tomar cerveja *tá*, porque não gera retorno, não existe porcentagem delas ficarem tomando cerveja e a casa ganhar com isso, porque é muito pouco, não é interessante, então, a cerveja é só *pro* cliente. Então, elas não podem tomar, mas mesmo assim, elas dão uma olhadinha *pra* la, *pra* cá, ninguém tá olhando elas: “*pá*”, no copo do cliente, entendeu, e ali já gera uma troca de *né*? Uma troca de bactérias nisso, porque o que ela *tava* fazendo agora de pouco? Pegou no meu copo e “*puff*”, *né* (Fernando44)?

O depoimento a seguir, refere-se a um relato de um cliente que fornece dados que se juntam aos demais no sentido da escola da prostituição.

Porque também lá na, na, na roça ela era *biscatinha*, dava atrás da bananeira, dava atrás da (risos) *cê* entende? Então, ela não vem totalmente leiga não, não vem totalmente leiga, lá ela ... *cê* entende? Então, o *que* *que* acontece? Acontece assim, um pouco da noção do negócio ela tem. Então, elas querem uma escola. Ela chega e *pá, pá, pá*, aí deita na cama e *ilái, ilái, iláaaaaaaa*. E o cara, se o cara é bêbado também já é *pá, pá, pá*. Então, eles vão, ela vai, *pra* si, passando assim, como diz, assim é *né*, que falava antigamente: primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, (risos) *cê* entende? E ela vai passando, *cê* entende (Mandinho 64)?

O depoente fornece detalhes de como passa a ser o lucro da casa, da forma como o cliente é incitado a consumir e também a forma em que a prostituta obtém sua recompensa. No entanto, o lucro da garota é muito menor que o da casa, fato esse que contribui para a sua manutenção na casa, uma vez que é preciso batalhar muitos programas e várias doses, para garantir um salário razoável, uma vez que de acordo com depoimentos anteriores o contingente de clientes não se mantém em equilíbrio, pois exceto os clientes fixos, a procura ao serviço prostitucional é inconstante, depende de variáveis como período de recebimento de salário, instabilidade econômica e financeira, entre outros.

Então, é onde eles *explora* e daí chega no ....: ah não, não, não precisa não, põe tudo na comanda. Então, quer dizer: o cara tomou cinco cerveja, tomou, ela tomou 2 doses, fez um *programa*, então, ele soma lá: *bão*, cinco cerveja, é..., tantas doses, mais o quarto, mais o programa, então ó: 150 real, *duzentos real*, trezentos, o tanto. Aí fala pra ela, não, tudo bem. Aí ele chega, ela fica com o crédito do, do *programa* e da dose, *cê* entende? Porque por exemplo, é por exemplo, a dose foi 25, ela ganhou 5 e ganhou mais o *programa*. Então, se ela tomou duas doses, ela ganhou 10 e ganhou mais o *programa*, *cê* entende (Mandinho 64)?

A fim de colaborar com o comentário acima, sobre a instabilidade da procura pelos serviços sexuais, temos o depoimento de uma garota de programa.

Se for uma noite boa faço até 4 ou 5 programas. Tem dia que é péssimo, você não faz nenhum (Luana,26).

O relato a seguir, parte da ótica do cliente sobre as regras de funcionamento da casa.

A gente estava tomando cerveja , mas elas não, elas não podem tomar cerveja, tá? Cerveja na casa não é uma coisa que dá retorno *pro* proprietário *né*? Então, elas são, então, elas são envolvidas com doses, entendeu? Que são de valores mais expressivos e é o que dá retorno tanto pra elas, uma certa comissão *pra* elas e *pra* casa *tamém* [...] A partir do momento que eu pago, ofereço uma bebida desse tipo ela é obrigada a ficar, a ficar ali comigo. Se ela terminar de beber ela já pode sair entendeu? Mas até então, ela tem que ficar ali (Fernando,44).

O recorte acima da fala de um sujeito corrobora com a questão do lucro, obtido pelo consumo de bebidas alcoólicas em casas de prostituição e também o poder coercitivo que o

simples pagamento de uma dose exerce sobre a prostituta, uma vez que isso faz com que o cliente seja proprietário da garota, mesmo que por um breve período de tempo. Há uma violência simbólica na fala, pois, a garota não tem poder de escolha. Além do machismo implícito a relação do poder de compra.

### 6.1– c) A busca pelo “bom cliente”.

Durante o processo de leitura das falas, encontramos a necessidade da busca clientes que possuam potencial de consumo dentro do meio de prostituição. Observamos que a idade e a classe social não constituem indicadores de bom pagamento ou da procura pelo programa.

Bom a gente já, a partir do momento que a gente apresenta *pra* pessoa, a gente vê se a pessoa é uma pessoa boa *né*, pessoa que você vê, pessoa que se vê a aparência, que a pessoa conversa, *né* ? A gente senta na mesinha, conversa primeiro tudo, se a gente gostar, dá certo, e vai fazer o *pograma*, se não... (pausa) Já vê de cara ali é um não sabe, a gente já sai. Tá bom (Lorena, 40)?

Para algumas prostitutas, a identificação do bom cliente é imediata, pois com o exercício da atividade, esse processo é cotidiano. No entanto, para algumas, isso não é tão fácil de identificar e essa é uma justificativa para a permanência em casas de prostituição, uma vez que há maior garantia, não só de pagamento efetuado pelos serviços prestados, mas também pela segurança física da profissional.

Não (pausa). É tudo..., não, não tem como reconhecer, coração dos outros não é terra que se pisa, *né*? Mas tem que ir lá e tentar a sorte, se não deu, *cê* viu que o cara tá sendo meio arrogante, pede licença e sai fora. Sempre tem outro [...] eu sou uma pessoa que num, num julgo classe social de ninguém, desde que a pessoa me trate bem e desde que a pessoa me agrade financeiramente, num escolho classe social. É de um tudo, na noite vem de um tudo, *desde do* mais rico ou *dês* do mais pobre, prefiro até os pobre que acaba gastando bem mais, do que os ricos, os ricos se são ricos é porque *guardo né*, é mais difícil de gastar são uns verdadeiros Turcos. Então, os pobres da classe mais baixa eles gastam bem mais. Ai, e graças a Deus sempre aparece os mais novos e são gatos também (Luana, 26).

De acordo com a fala do sujeito, apesar de não ser fácil identificar o “bom cliente”, mas há uma predisposição para aqueles advindos de uma classe socioeconômica inferior à

gastarem mais com as “garotas” e ela deixa implícita sua preferência pelos homens mais jovens.

Vai do começo, pelo olhar dele, pelo jeito que ele trata você. Que *os bom* mesmo eles te tratam como mulher mesmo, não como quenga, agora os, os que *faiz sacanage* eles te vê mesmo como produto mesmo *né* (Cláudia,32)?

No depoimento acima, podemos notar na fala a presença de relações de gênero em uma prostituta que acima de qualquer profissão, ela é uma mulher e deseja ser respeitada como tal e não ser tratada como mera mercadoria a ser negociada. De acordo com Saffioti (2004) “gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas” (p.116). Essas representações, constituídas com conceitos machistas, em que ao homem são atribuídas características de virilidade, superioridade, e à mulher fragilidade e docilidade, sendo submissa ao poder dominador e coercitivo do homem, são os motivos que contribuem para atitudes desrespeitosas, principalmente em situações em que a mulher encontra-se mais vulnerável.

No decorrer dos relatos, observa-se que há uma grande batalha até a realização de um programa que gere o lucro esperado pela prostituta. Evidencia-se fatos quotidianos do mercado de trabalho, como a realização da pechincha:

Não existe mais bom cliente, não existe mais isso, que hoje em dia é uma caixinha de surpresa. A maioria paga o básico e ainda pechincha (Cláudia,32).

Os depoimentos de dois clientes vão corroborar sobre a prática da negociação por um valor mais baixo do que o solicitado pela prostituta.

Ah, imagino que na medida do possível sou um bom cliente, *né?* Mas, eu pechincho. Ah, eu pechincho, bastante (risos) (Marcos, 24).

Outro cliente, frequentador da casa de prostituição mais luxuosa, também exerce seu poder de negociação,

Aí falo assim, quanto tá seu programa? Ah, cento e cinquenta, vamos dizer, aí eu falo assim: ah não, não faz cento e vinte? A gente pechincha, também. Entendeu, porque dói no bolso. Porque dói no bolso, entendeu? Aí umas

aceitam outras não aceitam, *tá*, porque muito, muito delas, elas jogam um valor muito alto achando que a gente é trocha *né*? Então, a mulher pede duzentos e acaba indo pra lá com cem, porque a noite pode estar fraca, ruim, ela vai passar batido a noite inteira, sem ganhar um real, a não ser com uma bebida que pagaram pra ela, ou uma coisa assim, uma comissãozinha (Fernando, 44).

No entanto, há uma justificativa, segundo os clientes, para esse tipo de comportamento em negociar ao programa, quando busca tirar vantagem, pagar um menos valor do que o solicitado. Aos clientes também elencam categorias de garotas de programa e nesse contexto acreditam ser justificável a pechincha:

É tipo assim, existe aquela que é profissional que ela chega lá e você percebe profissionalismo mesmo, veio ali vai fazer aquele *servicinho*, não vai te dar muito carinho, vai pular em cima de você, vai *bombar* até você chegar *no* orgasmo acabou o serviço (espalma com as mãos num gesto de se mandar) e vai embora *pra* casa. Vamos dizer. Existe aquela que te trata com mais carinho, te dá algo a mais, entendeu, e você percebe isso e te marca mais. Entã, a gente comenta assim: ó aquela menina é gente fina, é..., é, transa legal, entendeu? Ela não chega com aquela pressa toda de cumprir aquele horário e tal e já terminar e fazer você chegar ao orgasmo logo *pra* tudo aquilo terminar. Tem umas que gostam de conversar um pouco, te dão um carinho a mais, te segurar um pouquinho a mais no quarto, até estoura um pouco o horário, que aí a gerente vem bater na porta: tem que sair, tem que sair. Então, é assim (Fernando,44).

O processo de negociação do programa pode ser semelhante, em todas as casas, no entanto, há a necessidade para alguns clientes, de que haja diferenciação entre eles, justificando um desvinculamento do processo de produto e aquisição dele, uma vês que sempre são seguidos aos mesmos critérios os valores, as atitudes, as negociações:

O valor varia, de cem a trezentos, é uma dureza, passa, por isso que não vale a pena. São 30 minutos, ou menos, o prazer é menos. O prazo que você tem é trinta minutos. Se você não tiver psicologicamente muito preparado, tiver muito aguçado alguma coisa assim, se vai dançar, vai rolar com 10 minutos. Você pode ficar no quarto, você pode usar seus trinta, mas talvez algumas delas com o serviço já feito querem já se retirar, então, você bate o pé *pra* não, fica aqui comigo, vou te abraçar, te fazer um carinho. E por exemplo, se você quiser dar duas? Não *tá* no programa? Só se você for simpático e ela for com a sua cara beleza, senão, dançou. Entendeu? Porque ela dá o preço de uma, *né*? Então se ela conseguir levar você nas alturas já com quinze minutos, já foi. Se você, se ela for com a tua cara e você *tá* com o (faz gesto com as mãos indicando algo esguio), você pode negociar na hora, outro momento ( Fernando,44).

A caça ao “bom cliente”, pelas prostitutas não constitui modelo único de prática, uma vez que há locais de prostituição, em que a escolha é feita por meio da gerência da casa, pois, ao ter contato financeiro direto com os clientes, no pagamento de tudo o que é consumido, eles já sabem quais são os clientes predispostos a gastar.

[...] eu fui com um amigo, a gente sentou na beira da piscina, e (pausa) não tinha liberado ainda, né as meninas ainda, a casa *tava* vazia, a gente entrou e não tinha liberado ainda.[...]elas subiram e a gerente que comanda, que fica de olho nessas meninas colocou essa moça *pra* sentar comigo (pausa), até, então, olhei né, porque praticamente obrigou a moça a sentar comigo, pegou pelo braço e senta aqui, *pá* (Fernando,44).

Mesmo que a prostituta não possa sempre fazer a escolha pelo cliente, ela transgredir algumas regras da casa, no momento em que procura os clientes em potencial para o gasto. Segunda a fala de um depoente, naquela casa de *show* em especial, os mais jovens possuem menor poder de negociação:

Olha *pra* você mas ela já não vai *pra* você, que ela escolhe, entendeu? Elas enxergam longe, vamos dizer, a vítima dela, elas conhecem e sabem onde elas têm que mexer, entendeu? Elas batem o olho assim, tipo assim, elas batem o olho assim e fala: ih, esse um aí num vai virá nada né, outra fala assim, chega assim bate o olho e fala: *vixe* esse é *mulecão*. Deixa quieto, *num* vou (Fernando, 44) .

Em outro depoimento, encontramos evidências de que há a escolha pelo melhor cliente e há um consentimento em alguns casos do proprietário compactuar com o sistema, uma vez que vá garantir algum tipo de lucro para a casa.

[...] alguns clientes são alvo, muitas acontecem de sair, que nem, o, o se arruma um cara bem de vida, bem de grana, então, elas assinam tipo um contrato com o dono da casa *né*, elas tem que pagar uma multa. Muitas vezes elas não saem porque essa multa é grande e o dinheiro que elas conseguem guardar não é o suficiente pra sair. Mas elas esperam que alguém, que possam tirar elas de lá pague por isso, *né* (Marcos,24)?

Ao percorrermos os relatos, notamos que há um campo imenso de estratégias utilizadas entre todos os personagens que adentram ao meio prostitucional, quer sejam clientes, quer sejam prostitutas. Elas em busca dos melhores clientes, eles, em busca de

melhores programas e a menores preços com maiores vantagens, ou nem uma coisa, e nem outra.

*Tô tomando minha cerveja: Paga uma dose? Aí fia não vou pagar, nossa, tô quebradinho, eu vim aqui só..., tá vendo aquele rapaz lá, é meu patrão, vai conversar com ele lá que eu tô com ele lá, ele quem vai pagar a comanda. Entendeu? Aí você descarta: Ah, então, tudo bem, tal. Então beleza, depois a gente conversa. Falô, valeu. Educadamente, sem ferir a pessoa (Fernando,44).*

### **6.1 – d) Técnicas de sedução para a conquista do programa.**

As técnicas utilizadas para a conquista e sedução dos clientes constituem-se em uma ferramenta de grande valor, uma vez que vão além da garantia da realização do programa, mas podem agregar a garota outros valores, que proporcionarão vantagens no meio de trabalho.

*Então, quando é uma nova, bonita e tal, de destaque, de ponta, top, cê entende? Aí, então, o que que acontece? Quando a menina vixe, ta com seus vinte e sete, vinte e nove anos, ela ta, então, o que que acontece? Aí ela, aí ela começa a impressoiná o, o cafetão. Aí sim, se ela é de ponta, tal, tem clientes bom inclusive, pá, tal, aí o distribuidor de bebida, tá, não sei o que tem lá, tal. Aí, então, ele oferta coisas melhor pra ela e tal e ela também ganha mais, cê entende (Mandinho,64).*

De acordo com o depoimento acima, a questão da idade, constitui um grande potencial para a garota, uma vez que a beleza pode estar agregada à juventude e por si só, gerar lucros.

*Isso é uma coisa assim, é, é psicológico pro homem assim. A mulher que cobra mais é a mais bonita e bem mais cuidada, né? Você chega que ela tá com uma pintura, ela tá, é...ela, ela tem um estilo diferente é uma mulher mais cara, entendeu? Entã, você coloca um pouco mais fé, naquela que se lança, que tá mal vestida, que tá meio, que vai se lançando pra cima dos outros, tem uma que faz um charminho, acompanha? Olha pra você mas ela já não vai pra você que ela escolhe, entendeu (Fernando,44)?*

No caso de outro cliente, o fato da “garota de programa” se autovalorizar, constitui uma ferramenta muito importante para a conquista de ótimos clientes, pois está implícita que,



atrelado ao fato de ser o programa mais caro, também é a melhor “garota” da casa, a mais bela, a que tem a melhor vestimenta, a melhor maquiagem, a mais “top”.

Durante os relatos, pudemos observar que dentre o grupo de “garotas de programa”, cada uma utiliza-se ou não, de técnicas para sedução de clientes.

Aí a gente joga um charminho né (risos) sabe..., linda, arrumadinha, se a gente puder chegar a gente vai chegando, conversando: oi tudo bem? Sabe, então, a gente conquista os *criente né* (Lorena, 40)?

Em outros discursos anteriores, observamos que as garotas de programa utiliza-se de vestimentas próprias para uso cotidiano, maquiagem, o uso de tintura nos cabelos, esmaltes nas unhas, ou seja, artifícios de beleza comuns a maioria das mulheres. O jogo de sedução, com olhares, também constitui técnica bastante utilizada em nossa sociedade. No entanto, notamos que não há uma padronização do uso de técnicas para a conquista dentro da prostituição, como demonstra o discurso a seguir:

[...] não tenho nenhum meio porque, de *tá* seduzindo gosto de *trabalhá* comportada, não gosto de *trabalhá* me expondo tanto meu corpo, eu uso mais a minha simpatia, o meu eu (Luana, 26).

A exposição do corpo, ou seja, a mercadoria que está sendo vendida constituiria uma prática totalmente aceitável dentro deste meio, assim, como assinala Foucault (1989) “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p.125), entretanto, também não constitui padrão de comportamento no âmbito da prostituição.

Na rua a gente não seduz, eles param e..., eles que param e conversa com a gente, (pausa) pergunta o preço do programa e se a gente, se der certo, a gente acertar o preço eles vão. Tem muito *homi* que pede, que fala assim: ó eu só saio sem camisinha. Eu falo eu não curto, eu só saio com tudo o meu serviço é com camisinha. *Aí eles sai e vão em borá* (Dóris,55).

Como podemos observar no depoimento acima, o valor atribuído ao corpo vai além da negociação do programa. Há uma preocupação com relação á integridade física, com a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis. A negociação é bastante direta e prática.

O *striptease* e o *Pole Dance*. A dança seria uma das maneiras e, também eu acho que é mais com, com simpatia, *né*, o diálogo (Samara, 31).

Em algumas casas, existem garotas de programa que exercem a prática da dança e do *striptease*. Constitui um número reduzido de garotas que praticam, pois demandam domínios, habilidades e treinamentos e algumas apenas se dedicam, pois há a necessidade de algumas horas de ensaios durante o dia e muitas preferem deixar o tempo disponível para o descanso. Por se tratarem de habilidades muito sensuais, também constituem técnicas utilizadas como atrativas para a conquista de clientes.

[...] sorrindo bastante. Sorrindo, só isso. E as vezes uso a dança. É bom, sempre bom *pra* atraí, eu uso também (Yasmin,19).

O sorriso, o demonstrar alegria sempre, é uma das técnicas utilizadas pelas garotas a fim de atrair, uma vez que trata-se de estar em meio a um ambiente festivo, onde há música, dança, bebidas.

Ah na conversa, fala o que ele gosta, o que ele quer ouvir, porque a gente vê a maioria dos *homi né*, e já vê o que, que eles quê *né*, a conversa, que eles já conversa umas coisa, aí a gente vai atraindo, a gente muda a conversa deles (Cláudia,32).

Aí a gente, conversa, uma roupa sensual, uma boa conversa, lógico, *cê* não deixa de *dá* uma atiçada neles *tamém né*, mais é isso (Leticia, 24).

Outras preferem utilizarem-se de recursos introspectivos, na tentativa do uso da psicologia, de atrair pela fala, sempre com assuntos agradáveis e na direção de cativar primeiramente com o uso da conversa.

[...] sempre usando roupas sensuais[...] shortinho muito curto, biquíni as vezes dependendo o lugar. Elas chegam sentam, na mesa *né*, com: Olá, posso me sentar? Começam a trocar uma ideia, aí vai perguntando quem é, vai querendo conhecer um pouco da pessoa *né*, e aí vai conversando. Mas tem alguns casos onde a, a, algumas são mais diretas *né*. Tem algumas que já chega, ah vamos fazer um programinha, num sei o que, é, um *morzinho*, pá, pá, pá, pá, vai daqui, vai de lá. Tem algumas que já chegam desse jeito. Algumas outras vão mais conversando, vão no xaveco mesmo *né*, não vão só no... aí já vai, dá uma, uma esfregada no cara, *pro* cara já *ficá* meio é, o, o excitado *né* (Marcus, 24).

Outras, segundo o relato do cliente acima, vão para além de um bom papo, se utilizam de vestimentas ousadas, carícias, e partem com tudo em busca de conquistarem ao

cliente. Cada uma com sua técnica, cada cliente com sua maneira de observar, e assim vão se constituindo essas relações dentro do meio da prostituição, como se ocorressem em quaisquer outros locais, como corrobora Bruns e Almeida (2004), “os relacionamentos relâmpagos acontecem como se fossem eventos e, como tais, ocorrem dentro de padrões específicos, podendo ter a duração de uma festa de aniversário, um churrasco entre amigos ou um final de semana na praia. Enfim, um acontecimento que não demanda continuidade” (p.21).

### 6.1– e) Quem são, o que buscam os clientes? Só sexo?

Bom, aqui eu não trabalhei ainda, cheguei ontem, mas na boate onde eu trabalhava, dava novo, dava velho dava novinho, do novinho dezoito até... em diante, entendeu, não tinha idade certa, eu *vô falá*: ah que só vinha novo, ou só vinha velho, não todas as idades (Yasmin 19).

Neste momento da pesquisa demonstraremos quem são os clientes e qual é o tipo de serviço que buscam em meio prostitucional.

Como observamos no relato acima, no que se refere a idade dos frequentadores, não se pode padronizar, pois eles iniciam as visitas às casas de prostituição ainda muito cedo, de acordo com o depoimento do cliente a seguir:

Ah *pra* te falar a verdade eu vou desde os meus dezesseis anos viu. É que eu sempre fui assim fortinho, alto, cheinho, era fácil de passar. Ainda mais que um tio meu me levava, mas não era sempre, sempre não (Marcos,24).

Quanto ao estado civil dos frequentadores, uma das “garotas de programa” entrevistadas, fez a estimativa:

Noventa por cento deles são casados e mais velhos, dez por cento são casados e jovens, ou jovens solteiros, mas noventa por cento são homens casados e mais velhos (Letícia,24).

No entanto, de acordo com o relato de uma delas, não é restrito apenas ao público masculino a procura por casas de prostituição:

Tem mulher *tamém*, que procura. Homens casados, *pra* sair com, com *as mulher*, também, tem isso também. Porque *pra* entrar tem que ser de casal.

De vez em quando sempre aparece né, essas outras coisas. E aí é mais caro, com certeza. Eu nunca fiz, mas *se rolá* um preço bom eu *vô*, mais não *pra mim fazê*. (risos). Prefiro homens, com certeza, com certeza (Yasmin,19).

Embora a depoente tenha relatado a procura de mulheres pelo serviço de garotas de programa, vale a pena esclarecer, que a adentrada as casas de *show*, só é permitida quando trata-se de um casal, ou de lésbicas.

Outra questão interessante que foi apontada no relato de uma “garota”, é com relação à imagem que ela faz do perfil de escolha dos clientes, e o vínculo que estabelece entre alguns:

Ah, mais na verdade os clientes faixa social média e a faixa etária, é isso é interessante na vida noturna que depende do, da idade da garota de programa. Se a garota de programa for nova ela vai ter muitos clientes mais, com mais idade, *né?* Que os coroa gosta muito de novinha, *né?* Então, vem *procurá* muito novinha e quando *cê* chega numa fase na idade de trinta, trinta e poucos anos, você já tem clientes mais novos, porque a procura é mais novo nessa idade, então *vareia* muito. E também, ah, geralmente os clientes são bem, eu não tenho assim, tenho um ou dois clientes fixos, mas ah... são pessoas que acabo assim eu chamando como amigos, que, que nem eu falo e torno a *repeti* é que nem psicólogo, você escuta muito. Eles não querem saber muito de seus problemas, psicólogo não fala de problemas pessoais e ouve mais. E garota de programa a mesma coisa. Tanto homem, como casal, também vem, desabafa, conversa, faz programa, *vê show*, tudo, mas é mais pra desabafar mesmo, a maioria dos clientes vem pra *conversá* ou pra *fazê*... lógico, também relação sexual, mas eles querem muito *expressa* o que *tá* sentindo no momento, então você tem que *tê* paciência de escutar. Eu comparo como uma psicóloga, uma psicóloga mesmo (Samara 31).

O fato do cliente buscar casas de prostituição, não exclusivamente a procura de sexo é comum e recorrente em vários discursos, tanto nos relatos das prostitutas quanto de seus clientes. Uma explicação poderia estar contida no conceito utilizado por Adelman (2011), que é a “relação demarcada”, ou seja, a partir do momento que for efetivado o pagamento, há um cessar imediato na relação entre o consumidor e o produto, sendo assim, tudo o que foi realizado, falado, ouvido, é finalizado e deletado após e valor liquidado. No entanto, nem a todos os casos se aplica esse conceito.

Não, muitas vezes não vem só *pra* sexo, muitas vezes uns vêm só *pra* beber mesmo, pra conversar, entendeu? Tem uns que chegou *ne* mim e falou *pra* mim assim: Olha você é uma pessoa muito legal, eu gostei de você, eu vou voltar mais vezes, *pra* gente conversar, não *pra* sexo, mas enfim, gostei de

you do your way, you are very sympathetic, so people go *vim* to talk. And in fact they came, they bought a beer, they looked for me, did you understand? *Pra* to talk a little. Many times they talk a little still is what is happening at home even *pra* people. It's like a shoulder friend (Lorena 40).

Only sex, come *pra conversá, aliviá, pra* baby. Ah, I think so, ah I don't know how to talk, but, I came in a *stres*, I came from home, that if he didn't come home the *homi* wouldn't go *procurá* in the street, I think that starts so, *né*. I am very *conversá*, now *aconselhá* no, no because I *tamém* am not an example *pra* giving that advice. Ah people talk a lot, people talk (Yasmin 19).

Observamos nos relatos acima, um consenso quanto a procura das casas de prostituição e das garotas de programa, como um local para descontração com os amigos e também um espaço para serem ouvidos. De acordo com depoimentos oferecidos, os homens acabam procurando esse tipo de “ombro amigo” geralmente quando estão com problemas de relacionamentos e encontram nelas o apoio psicológico que necessitam.

[...] I had to pay the price of the program, that people ask, when they reach the room and the client doesn't pay because the *veis* is with *poblema* at home, or *ca* wife, when he doesn't pay and only talks, and goes away. It happened. Generally she doesn't seek advice, she only seeks an ear, only *pra desabafa* (Letícia 24).

Among the clients there is a statement in which the client uses the houses of prostitution as a form of alienation:

There are times when you want to be alone, right? There is a time when *tá* rolling a *dance* there and you want to stay just looking. *Cê* enters in a box of nothing. *Cê* is in your box of nothing, looking, but suddenly, you are not looking anymore, *cê* is only *tá* looking and is only *tá* in the box of nothing and *cê* doesn't want to be uncomfortable, that no one touches you, when *cê* stays there, in that noise, *né*, in that dance, high and *cê* stays there, in the box of nothing, in the mind (Fernando,44).

The case of the report above, is completely understandable because it is about a client, who uses the houses of *show* to make contacts with prostitutes, in order to establish relationships with some of them so that they can be realized programs outside the office of

trabalho. Esse tipo de negociação só é possível no final do expediente, sendo assim, a permanência dele nas casas demandam muitas horas, o que o leva a esse sentimento de entediamento.

[...] Companhia também. [...] Sim, e muito, muito. Só que a maioria dessas pessoas tiram ela de lá, ou mandam ela ir até o local. Tipo assim, eu moro *num* apartamento aqui no centro, eu ligo *pra* ela e falo: vem pra cá. Então um taxi vai lá, busca ela, deixa no meu apartamento, ela passa a noite comigo, aí depois você leva todo o dinheiro que você precisa, a multa, o dinheiro da noite que você passou comigo e vai *imbora*, que o táxi leva de volta. Conheço bastante (Fernando 44).

No entanto, não é incomum a prática de alguns homens em receberem privilégios da profissional do sexo. Perante o grupo de amigos, isso lhe assegura virilidade e perante a si mesmo, autoestima elevada. Cenário semelhante foi encontrado por Pasini (2009) na Vila Mimosa, a autora notou que alguns clientes recebiam privilégios de profissionais do sexo:

Já para o homem, não ser tratado como um cliente é motivo de orgulho e satisfação, afinal, “cliente não é homem”, ou seja, é preciso se mostrar diferente daquele frequentador que obedece às regras da zona e, por isso, é menos valorizado. O privilégio dado ao frequentador, é que o especifica enquanto não cliente, assim, para o frequentador o privilégio também é vantajoso. Portanto, o prestígio beneficia tanto a prostituta quanto o frequentador e, desta maneira, reatualiza as convenções de feminilidade e masculinidade (p.257).

A questão de clientes com privilégios é, no entanto, uma questão que vai além do prazer masculino, mas adentra ao universo feminino, na medida que ela deixa de exercer uma função mecânica do ato sexual com um cliente comum ao estabelecer vínculos ela acaba atrelando prazer, satisfação e outros sentimentos, que estarão interligados numa relação afetiva consolidada.

[...] mais também muitos vão lá e ficam conversando, aí chora as mágoas da, da vida que mulher *faiz* isso, mulher *num* sei o que lá. Alguns acabam falando, conversando mais do que *qualqué* outra coisa lá. Muitos clientes procuram apenas ser compreendidos. É procura, um pouco mais, um pouco de carinho porque as mulheres conseguem isso *né*, conseguem. E *pra* isso *pra* elas é lucro *né*? Quando elas conseguem um cliente desse jeito porque elas ganham sem *fazê* a relação *né*, então sem *corrê* risco nenhum. [...]Existem também, *Ichi*, certeza (Marcos 24).

Dentre os relatos, encontramos clientes que vão à busca do estabelecimento de vínculos mais profundos, do tipo romances, apenas de não assumirem diretamente, mas todas as atitudes e comportamentos demonstram.

Minha intenção foi realmente conhecê-la. Então, o sexo ali não era o mais importante, que *tava...*(pausa). Eu sabia que ia ser bom quando acontecesse, mas não era o mais importante, porque são duas coisas que eu faço na casa, eu trato bem a mulher, porque *pra* mim é uma mulher que está ali, até então, eu não sei o motivo que está ali, as vezes não procuro saber, porque não me interessou, mas, as vezes é uma mulher bonita, mas não me interessou pelo jeito, pelo jeito, pela conversa, pela fala, ou, não, *num* me interessou, mesmo ela sendo bonita, chamando atenção, tudo, não deu aquele *feelling* né? Então, ali, apesar de ser, eu sou um cara romântico, eu gosto de criar um clima de romance, antes que role alguma coisa. Aquela coisa automática, *pra* mim, não funciona muito, entendeu? *Aí, pra* mim o automático é assim, é a minha atitude. Se ela é uma pessoa automática, eu me transformo também *numa* pessoa automática. Se ela *tá* bagunçando eu vou bagunçar também. *Tá*, então eu não vou levar nada a sério do que você *tá* falando, tudo o que você fizer eu vou levar na brincadeira e *pá, pá, pá*. Então, é isso que eu coloco na minha cabeça. Quando é diferente, a chegada, o carinho, o modo de conversar é diferente, eu me coloco nessa posição que é a posição original, que eu sou romântico e gosto de conversar, gosto de ouvir o que você tem *pra* falar *pra* mim (Fernando, 44).

Encontramos o depoimento de outro cliente que afirma que muitas vezes recorre à prostitutas em busca de carinho, compreensão. Observamos no decorrer dos relatos que geralmente isso acontece quando estão em um relacionamento estável, pois quando solteiros e sem compromisso geralmente vão à procura de sexo.

Ah não, todos que eu saio é sexo mesmo. Nada de conversinha, nada que ombro amigo nada menina, o ombro amigo deles é sexo mesmo, homem é que nem animal, é o animal mais irracional que tem no mundo porque ele só *qué* sexo, sexo, sexo. Homem é muito animal. Talvez o animal é mais, mais gente do que um *homi* (Dóris 55).

Dentre o universo da prostituição, evidenciamos comportamentos e atitudes diferenciadas, entre as prostitutas e seus clientes, enquanto uns vão à procura de carinho, uma palavra amiga, outros estão interessados em realizar suas satisfações sexuais, suas fantasias.

### 6.1– f) Realização de Fantasia

A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. Mas, tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês (FOUCAULT, 1982, p.234).

Partindo da premissa que vivemos em uma sociedade em que o sexo ainda é permeado à mitos tabus e preconceitos, transmitindo comportamentos enraizados à papéis tradicionais e hegemônicos, conforme nos atenta Wagner (2005):

[...] os mitos estão enraizados. Na medida que provocam uma repetição estereotipada das relações e comportamentos de forma transgeracional, dificultam o desenvolvimento de novos padrões. Embora possa haver um desejo em modificar modelos, eles ainda são mantidos, tendo uma função homeostática. (p.112)

O exercício da sexualidade ainda obedece a padrões restritos, geralmente mais livre aos homens, uma vez que vivemos em uma sociedade em que os padrões estereotipados de estrutura familiar, que apesar de lutas, ainda predomina o modelo nuclear com papéis de gênero desiguais, a partir da “dominação masculina” Bourdieu (1999). Com esse cenário, em que as funções e atividades restritas ao lar, obedecem a normas e padrões, o meio prostitucional, constitui o espaço em que tanto o homem, quanto à mulher, possam exercer com liberdade seus desejos e fantasias, como colabora o relato do cliente:

Sim, acho que a maior parte das pessoas que vai, vai *pra* procurar isso mesmo. Acho que muita, a maior parte da, do que acontece lá é mais *pra* realização de fantasias, que nem as vezes, bom, nem vou falar nada (risos) Agora não. [...] Não, não sei, por exemplo tem homens que é casado há vinte anos com uma mulher e nunca por exemplo a mulher nunca fez sexo anal com o cara, ou nunca fez sexo oral. Provavelmente esse cara vai lá atrás, é por causa disso daí, o interesse maior dele é esse. Ou esse tipo de coisa, ou aquele outro tipo, ou a mulher que, sei lá, que domine ele, ou ele que domine uma mulher, mais o interesse maior é a realização das fantasias, eu acho, com toda certeza, pelo menos no meu caso é isso (Marcos 24).



Interessante é observar que algumas fantasias tentam imitar a realidade, sobre a qual se desejaria. Como foi falado acima, alguns comportamentos e atitudes não cabem ao espaço do lar, são proibidos de serem exercidos. E sendo assim procura-se a realização de determinados desejos em espaços que não se traria algum tipo de punição, ou até mesmo retaliação de outros membros do meio social em questão.

Ái menina (pausa) é...o homem ele, ele sempre tem suas fantasias né? Sempre, sempre tem alguma coisa, Já passei por várias já fiz fantasias né? De vários homens, ainda bem, e vem com suas fantasias (pausa). A mais engraçada que eu tive era me passar pela sua esposa. É chato pra mim como pessoa? É, mas... pela esposa, é ruim pra mim se passar. É, mas é o meu trabalho, ele me pediu tive que agradar. [...] A esposa perfeita. Isso (pausa),é incrível. Teve a hora assim que era até gostoso, mas é ruim assim a gente se passar por outra (Luana 26).

No relato da “garota de programa” a insatisfação dela em realizar a essa fantasia, uma vez que se trata de um desejo seu, constituir uma família, um relacionamento estável, e que ela poderia sim ser a esposa perfeita, no entanto, é só um faz de conta, pois na realidade o parceiro retornaria ao lar e a mulher amada é a outra.

Entretanto, outras práticas são encontradas e notamos que muitas vezes as pessoas não compreendem bem do que se tratam, como por exemplo, a questão da BDSM, ou seja:

B é para *bondage*, ou imobilização, geralmente com cordas ou algemas. O par B e D para *bondage* e disciplina, o uso de fantasias eróticas de castigos e punições; que ligam-se ao par D e S que representam representação de humilhação e violação. O par S e M representam sadismo e masoquismo, ou sadomasoquismo – o uso de dor como estímulo erótico. (ZILLI, 2007, p. 8-9)

O termo *Bondage* significa a imobilização do outro por meio de lenços, cordas ou algemas, no entanto, qualquer prática utilizada deve ser consensual e contar com o respeito das partes envolvidas, para que não caracterize uma violação ou transgressão (Zilli, 2007). Daí certamente provém o medo e falta de aprovação na realização, uma vez que não o fazem por prazer, mas apenas mediante ao pagamento.

É... pisar em cima do, do, homem, com salto alto. Foi uma fantasia assim legal, eu achei interessante, boa né? Pra mim foi bom e... eu gostei dessa, foi uma fantasia marcante do lado bom. E teve uma do lado ruim também,

que eu tive uma experiência muito ruim, eu não gostei, também não indico. Eu nunca tinha feito, mas o homem falou que queria *fazê* um tipo de um, é como se fosse *um sado masoquismo*, eu não sei como funciona, mas ele, ele ofereceu um bom dinheiro e falou que eu não ia *sofrê* muito tal, mas eu não gostei. Por *amarrá* a pessoa, se sentir um pouco meio estranha, uma sensação ruim. [...] É ele tinha o prazer de ver a mulher amarrada. [...] ele só queria *vê* amarrada, só que a sensação de pânico é que ruim, uma sensação muito ruim. [...] ele só queria *vê*, então não aconteceu nada de mal, depois ele me amarrou e só ficou me olhando (Samara 31).

O relato acima configurou exatamente um caso de Sadomasoquismo e outro de *Bondage*. Nota-se aqui, que mesmo em nenhum momento houve agressão à prostituta, apenas a realização das fantasias solicitadas, que, no entanto, o desejo ficou restrito somente ao pagador.

Acontece assim de *homi querê* vesti *mulhé*, *pra* gente, *calçá* o salto, *pra* gente fica vendo ele *né*, vestido de mulher, *vesti* calcinha, sutiã, meia, *ficá* desfilando *pra* gente *vê*. Isso já aconteceu muito. É *homi* casado. Aí depois pega um consolo e manda a gente *comê* eles. É, aqui em nessa cidade, tem muito pouco *homi*, *homi*, os *homi* maioria aqui, aqui é bissexual. [...] Só uma *veis* que um *homi* *pegô*, ele num transava, ele punha, mandava por uma tábua e *calçá* o chinelo havaiana e subi com os dois pé no cacete dele (risos). Aí ele gozava eu *massacrano* ele. Ele era sado, ele num gostava, eu falei *pra* ele *num* vim mais não. E outro também que fazia eu *batê* nele com, com a fivela do cinto. *Tamém* esse eu saí com ele duas *veis* depois eu *num* quis mais não. Não gosto de *batê*. [...] Eles procuram de tudo, mais tudo quando eles paga tudo né (Dóris 55).

A fim de poder argumentar sobre o relato acima, vemos a necessidade de retratar sobre o termo sadomasoquismo. De acordo com Leite Junior (2000), expressões masoquismo e sadismo surgem a partir da observação da reunião de práticas sexuais presentes nas obras de dois autores: Sade costumava descrever cenas de sexo forçado com presença de torturas sexuais e os personagens de Masoch vivenciavam situações de submissão e ao mesmo tempo que experienciavam o prazer na dor que estavam sentindo.

No final do século XIX, o mais renomado psiquiatra da época, estudioso das então recém-criadas “perversões” ou “perversidades” sexuais, o austríaco Richard Von Krafft-Ebing, lançou em seu colossal tratado “*Psychopathia Sexualis*” os termos “sadismo” e “masoquismo”. O primeiro designava o prazer em ferir ou humilhar o parceiro no ato sexual, e o segundo, o prazer em ser ferido ou humilhado, também durante o sexo. Derivado do nome do Marquês de Sade, nobre francês do século XVIII, o termo “sadismo” foi

criado para designar a “associação entre a luxúria e a crueldade” [nas palavras de Krafft-Ebing]. (...) O mesmo destino triste teve o também escritor e romancista austríaco Leopold Von Sacher-Masoch. Contemporâneo de Krafft-Ebing, sua novela mais famosa “A Vênus das Peles” entrou para a história como um clássico da literatura erótica ao mesmo tempo em que seu nome foi utilizado para designar a “perversão oposta” ao sadismo (Leite Júnior 2000, p. 8-9).

De acordo com Foucault (2004, p.263-264) estamos adentrando em um campo de “invenção de novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo – erotizando o corpo”. Sendo assim, as práticas BDMG sugerem que “nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estranhas do corpo, nas situações mais inabituais”. É, também, “a primeira vez que as pessoas utilizam as relações estratégicas como fonte de prazer” (FOUCAULT, 2004, p. 271). Neste contexto, não é “anormal” que um homem seja passivo e submisso, utilize vestes determinadas, quer seja masculina, ou feminina, as regras são ditadas em conjunto e pelo conjunto, de acordo com o prazer de ambos.

Em revisão bibliográfica a respeito da temática BDMG, observa-se que característica comuns, constituem um conjunto de práticas, como vestimentas, acessórios, práticas e dentre elas, a podofilia encontra-se, tanto em encontro hetero, como homoafetivos. No Brasil os primeiros registros sobre o tema, inicia-se com a produção de literatura erótica, pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. Segundo com Facchini e Machado (2013) o marco da difusão do sadomasoquismo erótico no Brasil está ligado às figuras de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso. Acrescenta-se que o título mais famoso de Glauco Mattoso, intitula-se: “Manual do podólatra amador”, publicado em 1986, possui formato autobiográfico e incorpora em sua trama o fetiche por pés, ou seja, a podolatria.

Ai, sei lá. Tinha um que uma vez eu fui *pro* quarto com ele, ele ah, *tava* assim, tem tipo uma, não sei como te *explicá*, *né*, fantasia *homi* tem de monte. Que nem ah uma vez eu fui *pro* quarto, o cara que nem ele falou que queria ficar vendo o meu pé, só vendo o meu pé, passando a mão no meu pé só e nem fez nada comigo. Escolheu o pé mais feio do mundo ainda. (risos)  
O meu pé é feio (Yasmin 19).

No relato abaixo, temos o depoimento de uma “garota de programa” que ainda encontra-se presa aos moldes tradicionais do exercício da sexualidade, o chamado sexo

baunilha (Freitas, 2012), que no entanto, no ambiente de prostituição, a utilização de técnicas variadas, o conhecimento sobre a obtenção do prazer e do oferecimento do prazer, poderiam ser mais difundidos por ocuparem um espaço de “liberdade sexual”, uma vez que dentro do lar, as regras sexuais sejam mais restritas.

O que eles mais procura é *pra* inversão, sabe aqueles clientes que não vem *pra* comer você, mas *pra* você comer eles? Vários. Isso é comum. É sim, muito, muito comum. Ai, menina, tem uns deles que gosta de vesti as nossas roupas, sapatos, calcinhas, tem vários. É a mais comum. De *vesti*, do que dá. [...] Foi por, por aquele pinto lá de calcinha, é um vibrador lá com uma calcinha. Essa *pra* mim foi demais. Teve que por e comer ele. Como se eu fosse um homem e ele a mulher. Essa *pra* mim foi demais. E isso é comum. Por aqui é, mais *pra* mim não era (risos). Na época *né* (Cláudia 32)?

A autora Silva (2015), em sua dissertação intitulada: “Jogos de Inversão, Jogos de poder: uma etnografia online sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetchista”, aborda a essa questão das fantasias que utilizam acessórios e que permitem a inversão, ou troca de papéis, que não obedeçam necessariamente aos modelos de gênero, impostos socialmente.

Um exemplo interessante de fantasia que aborda a situação mencionada acima é a de “donzela em perigo<sup>7</sup>”, na qual ser donzela nem sempre é um desejo feminino, muitos homens desejam estar nessa posição, serem feminizados e vivenciar a sensação de perigo latente. No entanto, desejar essa posição não está relacionado à orientação do desejo. Alguns irão se travestir de mulher, mas desejar ser “capturado” por uma pessoa do gênero oposto; outros admitirão outras práticas como inversão de papéis (p.80).

### **6.1 – g) Gozo e prazer sexual no meio prostitucional.**

Segundo Freud (1973), até certo ponto de seu desenvolvimento psicosssexual, meninos e meninas caminham na mesma direção, compartilhando a mesma constituição. No entanto, em determinado momento, a partir do qual elas podem se tornar homens e mulheres, a disposição masculina é predominante: tanto a libido, pela sua tendência à atividade, quanto

<sup>7</sup> 7- Utiliza-se o acessório denominado strapon. Fonte: Internet. Disponível em: <http://www.bound-brazil.com/2012/06/outra-face-do-bondage.html?zx=402e29e6fd2f007c> Acesso em Jan/2016.

o desconhecimento da diferença entre os sexos pelo inconsciente, dominado pela primazia ao falo. Para que a feminilidade possa emergir é preciso um trabalho a mais, e que trabalho. Vislumbramos então a necessidade da Educação Sexual e do exercício de uma sexualidade desmitificada de tabus e preconceitos, que nada contribuirão para a re-construção do feminino em questão, que entre avanços e retrocessos caminhamos para além de Freud e superamos a castração peniana.

No entanto, como muito se tem discutido, o sexo permeado, ungido e emergido à pecados e pudores, corrobora com Beauvoir (1980) na medida em que a mulher necessita de um exercício maior na luta em busca do prazer, que há tanto tempo, permaneceu fadado ao domínio masculino.

Durante registros históricos, nos lares, e hoje em dia em algumas culturas, as mulheres ainda são proibidas de sentirem e ao menos demonstrarem prazer. Sussurros, gemidos, gestos, são punidos muitas vezes com a própria morte.

A modernidade alavancou inúmeros avanços, com a tecnologia caminhamos a espaços mais abertos, em que podemos sem sair de casa exercer a sexualidade de forma livre, mesmo que a distância e sem contato físico como demonstra Silva (2015), em seu profícuo trabalho intitulado por, “Jogos de inversão, jogos de poder: uma etnografia *online* sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetichista”, que aborda todo um complexo de representações masculinas em práticas feminilizadas, com participantes totalmente advindos do universo virtual e que lá satisfaziam a seus desejos sexuais e a realização de suas fantasias.

E a respeito de nosso universo, que a princípio, a prostituição é o local que tem por finalidade a “libertação sexual”, mesmo que por determinado período de tempo, como será que se enquadra a questão do prazer? As prostitutas, que toda noite se preparam, roupas maquiagem, bebidas, danças sensuais, chame, sedução... e gozo? Elas sentem prazer na realização dos programas?

Não, não, não sinto prazer nenhum. As vezes é raiva, sinto raiva, nojo. Tem muitos *homi* que eu num olho nem na cara deles (Dóris 55).

Os relato de (Dóris, 55) aborda o universo de algumas pessoas, que realizam programas apenas para a própria sobrevivência e não possuem nenhum tipo de satisfação no exercício da prostituição e nem tão pouco da relação sexual. Em outros trechos de seu discurso ela relata os motivos que a obrigaram a adentrar ao meio prostitucional e o desejo de

ainda adquirir autonomia para poder desempenhar outro tipo de função. Apesar de se tratar de uma pessoa bastante simpática, não possui atributos de beleza, veste-se sempre com roupas de cor preta, muito discreta, para disfarçar um corpo que foge aos padrões vigentes de beleza e talvez por esse motivo, ela não escolhe a clientela, queixa-se de um número restrito, na faixa dos setenta anos de idade ou daqueles que procuram por algo que ela considera como bizarro.

Ah sim, sim, sim, uma boa parte finge, *ta* na cama já começa *gemê* que nem... (risos). É, é, mas faz parte do contexto, *cê* entende, porque a maioria dos caras que vai ali, eles não tem, eles não tem técnica, eles não tem *malandrage*, *cê* entende, eles vai ali *pra pá*, então, elas no decorrer da permanência ali, elas se tornam na realidade mais malandras do que os homens, por causa disso que eu falo *pra* você, que eu levo as minhas vantagens ali, porque eu já tenho minhas técnicas e já tenho conhecimento, *cê* entende? Então não adianta filha, ou seja, *cê* vai ficar onde eu quero, onde eu não quero você não vai ficar (risos). *Cê* entende (Mandinho,64) ?

Os clientes mais experientes da vida das casas de *show* sabem que o fingimento constitui uma técnica para a rapidez do programa. Quanto mais rápido o homem chegar ao orgasmo, maior chance a “garota de programa” tem em batalhar por outro cliente e assim sucessivamente.

Imagino que em alguns casos sim, quando elas estão com vontade *né*? Quando se sentem bem, então, eu acho que às vezes acaba acontecendo *né*, muito pouco, mais a maioria das vezes não porque num, é *num*, é um local muito forçado ali, *né*? Muitas vezes, que na maior parte das vezes elas estão forçadas *né*, então, por necessidade vai lá, finge um orgasmo *pro* cara achar que é o garanhão e *cabô*, mais raramente, isso acontece sim. Seria impossível *tamém fazê* isso todas as vezes, algumas pessoas deve dá um *thã* *né*, nelas, sei lá. É bom *né*, afinal de contas é bom. [...] Sim, com certeza, tem estudos que falam sobre isso mesmo *né*, que a mulher, mesmo, nem, até nem, não necessariamente uma garota de programa, até mesmo mulheres em casa, elas usam do, do, por exemplo de gemido *né*, *pra excitá* o parceiro *pra* que ele chegue mais rápido ao orgasmo *pra* que ela fique logo livre, vamos dizer assim livre da, do assunto, livre da, dos problemas. [...] talvez pelo fato dela fingir muito, depende quantos anos *né*, nessa, nessa vida *né*? Porque acontece que o mercado quer garotas novas *né*? A pessoa vai começando a, a normalmente *pega* garotas, muitas com dezoito anos, logo com dezoito anos, pega e já, com vinte e cinco anos por exemplo já não serve mais, *né*, vinte e dois, aí vai passando *né*, vai, vai trocando as garotas, muitas vai *pra* rua, outras vão tentar levar uma vida normal, olha eu não sei de repente acontece muito *né*, as vezes a mulher já fica até sem vontade de fazer essas coisas, se torna fria *né*, se torna mais fria (Marcos,24).

No caso do relato acima, (Marcos, 24) acredita que o fato de uma garota de programa passar muito tempo fingindo orgasmo, isso poderá ocasionar danos a relacionamentos posteriores, como por exemplo a falta de apetite sexual ou a frigidez feminina.

No entanto, encontramos depoimentos de garotas que são capazes de sentir orgasmo na realização de um programa. Algumas com clientes fixos, ou clientes estáveis, que são aqueles que acabam criando um vínculo pela recorrência á mesma “garota”:

Sim, mas com clientes que já são clientes que vem que fica comigo algum período. Não sou de me entregar tanto na cama para os clientes. Só fixo. Tenho um cliente fixo, mas não significa que possa rolar algum tipo de orgasmo, posso até fingir, mas orgasmo, orgasmo, é muito raro (Luana,26).

Encontramos neste universo o relato de uma única “garota de programa”, em que não houve a necessidade do vínculo estabelecido com o cliente, para que houvesse o gozo.

As vezes sim, muito raro, mas as vezes sim, é raro (risos). É coisas que acontece, é inexplicável. [...] Não, isso acontece assim, é por acaso é lá no momento, mas é uma coisa que acontece (risos). Deixa eu te *faá*, porque eu perdi minha virgindade com dezoito e vim *trabalhá* com vinte e dois e eu não sabia o que era orgasmo, vim descobri na noite. Sério, eu perdi com dezoito, né uma média dos dezoito até os vinte e dois, nunca tinha gozado, eu gozei na noite. [...] Foi com um cliente normal, não fixo, por acaso. (Cláudia,32).

Os outros dois depoimentos que seguem, vão ao mesmo sentido, de que há possibilidade de acontecer, o gozo em um programa, mas que na maioria dos casos faz parte da estratégia de aceleração do prazer do parceiro, para a aceleração ou no sentido de cativar o outro, para que ele volte a procurá-la mais vezes.

Não, não. É claro que as vezes tem um que tal, assim, sempre tem um, mais não geralmente não a não ser que bater aquela química mesmo e tal, entendeu? [...] Já fingi muito, com certeza. Porque é importante. Não, é que eles querem, é que dá mais prazer a eles né ele acha que *cê tá gostano* ele então ele *tá* no embalo *tamém* e acaba *gostano* mais. [...]Não, não tem nada a ver isso não porque eu tô apenas fingindo, né, num tô tendo (Yasmin,19).

A partir do relato a seguir, fazemos uma reflexão a respeito da evolução sexual feminina, que iniciou a partir da Revolução Sexual da década de 60, vem caminhando em pelo século XXI, no sentido de que o prazer à mulher foi permitido e aos poucos esse comportamento foi sendo incutido no imaginário masculino, estimulando, e fazendo que ele também se tornasse responsável e parte pelo prazer de ambos. Uma vez consolidada essa conquista, para o homem da época contemporânea, o comportamento feminino passa a ser retrógrado, na medida em que ela necessita fingir, para conquistar seu cliente.

[...] Várias, em todas as vezes (risos) eu finjo em toda relação. Por que isso aí, a mulher tem que gozar, porque o cliente gosta *né*, e a intenção da gente não é de *ficá* com o cliente só uma vez e pronto. A intenção é de a gente *ficá* com o cliente, ele *gostá* e *voltá*, entendeu (Leticia, 24)?

O fato do gozo feminino representar no imaginário masculino uma conquista para as mulheres, nota-se entretanto que passa despercebido por elas e acaba fazendo parte de uma encenação necessária e não aquilo que realmente representa e o valor expresso nas relações humanas.



## **Eu Vou Tirar Você Desse Lugar**

(Odair José)

**Olha, da primeira vez que eu estive aqui  
Foi só pra me distrair  
Eu vim em busca do amor**

**Olha, foi então que eu lhe conheci  
Naquela noite fria  
Nos seus braços meus problemas esqueci**

**Olha, a segunda vez que eu estive aqui  
Já não foi pra distrair  
Eu senti saudade de você**

**Olha, eu precisei do seu carinho  
Eu me sentia tão sozinho já não podia mais lhe esquecer**

**Eu vou tirar você desse lugar  
Eu vou levar você pra ficar comigo  
E não me interessa o que os outros vão pensar**

**Eu sei que você tem medo de não dar certo  
Pensa que o passado vai estar sempre perto  
E que um dia eu posso me arrepender**

**E eu quero que você não pense em nada triste  
Pois quando o amor existe  
Não existe tempo pra sofrer**

**Eu vou tirar você desse lugar  
Eu vou levar você pra ficar comigo  
E não me interessa o que os outros vão pensar**

---

---

## **7 - ATITUDES E COMPORTAMENTOS IDENTIFICADOS**

---

---

Nesse item abordaremos comportamentos e atitudes identificados entre prostitutas e clientes, dentro e fora do ambiente prostitucional, em relação a alguns temas em específico, focando assim, uma abordagem mais ampla referente a alguns tópicos que consideramos contribuintes para a conclusão da pesquisa, para tanto, subdividimos nos seguintes itens:

- a) Relações de aprendizagem;**
- b) Prostituição e relações de afeto;**
  - b)-1. Beijo na boca;**
  - b)-2. Vínculos afetivos & relacionamentos estáveis entre prostitutas e clientes;**
- c) Causas do retorno à prostituição;**
- d) Prostituição e Prevenção às DSTs;**
- e) Prostituição e violência;**
- f) Os homens ainda recorrem aos serviços nos meios de prostituição?**
- g) Primeira relação sexual masculina.**

### **7.1 – a) Relações de aprendizagem;**

Partindo do pressuposto que o homem está permanentemente em processos educativos a partir das relações sociais, uma vez que o ser humano não encontra-se só e tampouco estante, em um meio profícuo ao desencadeamento de ações/relações/reações, estabelecem-se verdadeiras redes de conhecimentos, tanto no mundo físico quanto agora, no virtual (Filatro, 2009).

Dialogando com Libâneo (2005), na medida em que esclarece sobre práticas educativas não estarem restritas a espaços como à escola ou à família, partindo da afirmativa de que elas ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, quer seja no modo institucionalizado ou não e sob várias modalidades. Entre essas práticas, há as que acontecem de forma difusa e dispersa, são as que ocorrem nos processos de

aquisição de saberes e modos de ação de modo não intencional e não institucional, configurando a educação informal.

Entendemos a partir das reflexões postuladas, que os processos sociais e as relações educativas são estabelecidas a tempo todo, nos mais diversos locais, sendo assim, concluímos que também ocorrem entre as prostitutas e seus clientes.

Ontem mesmo aconselhei um, *dí*, falei, conversei com um novinho *rapaizinho* aí, ele *tava* preso, tinha saído tudo e eu dei uns conselhos *pra* ele, sabe eu, praticamente, eu tenho filho de 25 ano, então assim, ele tem 30 ano, ele foi preso duas vezes, ele *tava* aqui o *rapaizinho*, ele foi preso duas vezes ele falou que chegou aqui ontem turbinado sabe. Ai sentei com ele na mesa, ele ficou até 4 horas da manhã na mesa conversando comigo, *dí* uns conselhos, falei: vai por mim entendeu? Hoje eu *tô* trabalhando, é meu trabalho, mas, você é tão novinho, sai dessa vida, não fica nisso aí. Ele falou: eu *tô* com medo de ser preso de novo. Eu *dí* uns conselhos *pra* ele entendeu? Aí saiu aqui ele falou assim, olha, eu vou voltar aqui *pra* conversar com você, eu gostei de conversar com você. Entendeu? Então quer dizer se a gente pode ajudar conversando, igual, ele é novinho, bem mais novinho, então né, a gente *vamo* em frente, entendeu? Ele escutou bem, ele *escutô* bem meus os conselhos, eu falei, sai dessa vida que essa vida não te leva a nada, *cê* é muito noivinho, tem a vida toda pela frente, entendeu? Então ele escutou os conselhos entendeu, eu falei por mim que eu tenho um filho quase da tua idade, então eu *tô* te falando, não é porque eu *tô* aqui hoje, mas vai pela amizade, entendeu (Lorena 40)?

Como podemos notar no discurso há uma troca de experiências entre a prostituta e seu cliente, que a partir do histórico de vida, procura orientar quando a conduta que ele deve seguir a partir de então. Essa troca está impregnada de reflexões, a partir da relação social e do contexto social e que os elementos estão inseridos. Simbolicamente ouve uma relação de aprendizagem, a partir do momento em que a relação se manteve estabelecida e demarca continuidade.

Ô vários (risos), teve clientes meus que falou assim, nossa moça, você tinha que ser uma psicóloga. (risos) Como eu falei *pra* você, tem uns que a gente tem que *falá* o que ele *qué* ouvi e não o que é a realidade, né? [...] Já vários (risos). Muitos também, se preocupa também com a gente, com as meninas da vida, porque muitos *tamém* que eles dá conselho. [...] eu conheço muitos que as vezes paga a gente só *pra* *desabafá*, *conversá* e *escutá*, as *veis* a gente fala palavras que eles *fala* que, que procurava alguma pessoas, *tipo* *pra* como é que se diz dá uma *encenativa*, como é que se fala? Uma ajuda (Cláudia 32).

Conversar, ouvir, falar, escutar, ajudar, também constituem momentos em que ocorrem relações de aprendizagens informais.

Já aconteceu isso de *fazê* isso, mas assim, vamos supor, depois da relação. Inclusive aconteceu uma vez que eu sai com uma garota, que era, que era um pouco tarde da madrugada *né*, eu tinha pagado por um programa de uma hora, cabeí ficando quatro horas com ela. Quatro horas, ninguém é uma máquina *pra ficá* (risos) no, na, na relação por quatro horas, até porque eu conversei com ela na verdade ela mais falou *pra* comigo, do que eu conversei com ela *né*? A gente conversando lá comecei *trocá* uma ideia lá de boa e ela mais me contou a história dela do que eu contei pra ela. Mesmo porque quando eu vou nesses lugar, eu nunca dou meu nome verdadeiro e nunca falo o que eu faço de verdade *né*? [...]No caso foi *pra* uma, já , já, aconteceu uma vez isso comigo sim. [...] Olha, isso depende muito *né*, não é, não é com *qualqué* um que isso acontece, é casos mito raros, *né* que nem, é o caso que eu falei *pra* você, o cara que chega com mais respeito, que tá mais aberto a diálogo, que conversa mais com a mulher, ele com certeza deve ganhar alguma coisa, as *veis* ouvir algum conselho a der mulher deve aprender alguma coisa também, quando o cara vai *pra* procurar apenas sexo o cara chega lá tira a roupa, faz o que tem que fazer, e vai, volta *pra* casa não fala nem oi, não sabe e nada (Marcos 24) ?

De acordo com o relato acima, notamos a presença da relação de trocas e aprendizagens, uns com os outros a partir do estabelecimento de relações. No entanto, vale apenas ressaltar que tanto o falar, quanto o calar, são transmissores de conhecimentos. Como o corpo não é apenas visto, mas é percebido, é significado e interpretado, não há corpo sem cultura (BAKHTIN, 1986). Para o autor, toda reação física, por mínima e imperceptível que seja, aos estímulos exteriores, adquire um valor semiótico nas relações sociais. Cada indivíduo apreende sua própria corporeidade e expressividade na mediação com o do outro, reconhecendo-se como pessoa singular e o outro como seu semelhante e também sua diferença. Portanto, são nas relações sociais que os corpos são elaborados e nessa elaboração também ocorrem os processos de conhecimento e reconhecimento, portanto também relações de aprendizagem.

Toda conversa que é, que é feito lá dentro fica lá dentro. É o papo furado, *né*? Quando você percebe que a pessoa tá falando num assunto sério da vida dela é lógico que a gente coloca no ombro aqui e aconselha sim. E até oferece ajuda até: fala assim, olha se eu puder te ajudar de alguma forma, as vezes troca o telefone e fala, se eu precisar te ajudar e se for perto, cidade perto ou coisa assim, a gente até troca ideia. Eu sou uma cara emotivo também, mas se eu perceber que aquilo ali é uma conversa fiada, ela vai falar e vai falar sozinha, porque eu vou estar com minha caixinha do nada olhando *pra* frente e ela vai falar sozinha, pode falar, falar, falar, mas se eu

perceber que ela *tá* falando de coração e aquilo lá ela *tá* passando realmente, eu dou atenção sim (Fernando 44).

O cliente que forneceu o relato acima acaba contradizendo sua fala, na medida que reconhece a existência das relações de aprendizagem na medida em que oferece ajuda, conforto, conselhos, mas, ao mesmo tempo reconhece pontos vazios dentre as relações. Constitui um retrato muito próximo da realidade experienciada no local, em que há trocas de experiências com várias pessoas em um curto período de tempo.

### **7.1 – b) Prostituição e Relações de Afeto;**

É uma troca. As *veis nois* da noite também somos muitos carentes, *cê* acaba conhecendo uma pessoa diferente, um cara legal, um cara bacana, *cê* acaba conversando com ele e acaba tendo um carinho (Luana 26).

Notamos que nem sempre no trabalho com a prostituição, as relações pessoais são totalmente desprovidas de sentimentos, em muitos dos relatos encontramos o estabelecimento de vínculos emocionais e afetivos intensos, entre as prostitutas e seus clientes.

#### **7.1 – b)-1. Beijo na Boca;**

Não. *Beijá* na boca, *num* beijo na boca, nem deixo fazer sexo oral em mim. Ah, porque, e, é trabalho *né*? A gente beija na boca de namorado, da, da, de,do namorado, acho que isso é muito pessoal. É já fala, no programa. (Letícia 24).

A partir do relato da prostituta, observamos que veladamente, a questão do beijo, refere-se a algo estritamente íntimo, de cunho amoroso, que envolve o amor romântico, o qual que não existe na situação de trabalho de prostituição, uma vez que não deve envolver sentimentos. Então, esse tratado já deve ser feito antes mesmo do programa, para que o cliente esteja ciente e não cometa a tentativa de burlar o combinado e aí a prostituta pode encerrar a partir daí, sem prejuízo algum a ela, uma vez que não houve o cumprimento do combinado entre as partes.

Não.[...] Ah eu falo *pra* eles que se apaixona. Porque eu tenho medo. Porque tem um mito *né*, desde aquele programa da, não sei se você lembra daquele filme que Julia Roberts ...Linda Mulher, Linda Mulher, *né*, então,

que ela também não beija. É ela fala que se apaixonou, é verdade, mas não. É porque eu tenho nojo mesmo, aí eu falo que se apaixonou, aí eu *num* beijo. Porque se já vai *fazê* um programa, é um programa *né*, é um sexo, ele já *tá atrais* daquilo, não *pra* beijar, e beijar é uma coisa íntima, a boca *né*, até pra beijar lá em baixo eu também não aceito. Não, eu acho muito nojento (Cláudia,32).

Notamos que atrelado ao tema beijo na boca, há toda uma simbologia, criada pela mídia e absorvida entre os telespectadores, de que a partir do beijo, possa se estabelecer um vínculo. O beijo na boca seria o marco inicial, então, há de se fugir dele, a tempo que ele não seja capaz de fazer algumas vítimas de uma paixão. Esse imaginário impera no mundo das fantasias, pois na realidade é um subterfúgio utilizado para a prevenção contra DSTs, uma vez que há o contato direto entre as mucosas.

Não, jamais. [...] Ah eu tenho um pouco de receio *né*? Eu não se de repente essa mulher, por exemplo, se ela beijou um outro homem, se ela fez sexo oral com outro homem, eu, então eu jamais, o contato físico ali é o único e exclusivamente *pra* relação sexual e *usano* preservativo (Marcos,24).

Alguns clientes que já possuem a consciência quanto a prevenção, evitam esse tipo de intimidade, no entanto, outros, necessitam que as regras sejam impostas, pois, caso contrário, o contato ocorrerá. Mesmo assim, alguns tentam uma negociação, como é o caso abaixo:

São proibidas, são proibidas. Tudo é questão de conversar, se ela for com a tua cara se tiver bem de hálito. Porque eu acho que mulher nenhuma gosta de beijar um cara já com cachaça, com hálito de onça, mal hálito, tal. É uma questão de conversar. É a última vez que estive (pausa) é foi uma experiência até assim bacana, porque você nunca vai acreditar que vai existir uma pessoa assim. Quando eu cheguei *na* porta eu já *fu* é, me..., me apresentando *pra* uma moça e essa moça ficou comigo a noite inteira, até de madrugada, sem me pedir uma dose. E me beijando o tempo todo. E assumiu, que ela não pode fazer isso, a gerência pode chegar e chamar a atenção, que ela não *tá* girando, não *tá* gastando, não *tá* dando lucro *pra* casa, de jeito nenhum. E essa moça ficou comigo, até de madrugada, até eu ir *imbora*. Mas também não rolou nada, de sexo nada, agente ficou, como dois namoradinhos (risos), entendeu, e ela *tá* aí no meu Face. Mas não vi mais. Ela pediu até que eu fosse até a cidade dela ficasse na casa com o pai, com ela, com o pai, queria já, namorar. Aí eu fiquei usando aquele jeitinho, de não chatear, mas também de não ir atrás. Eu já passei uma experiência e não *tô* afim de outra, apesar de ser uma pessoa diferente, não tem filho, não tem nada. Aí eu *num*..., eu fiquei com preguiça de ficar pensando, então,

passou, mas foi bacana, que foi, foi a primeira vez que aconteceu isso na casa (Fernando 44).

A estratégia das garotas falarem que são proibidas do beijo na boca, faz parte da artimanha de negociação daquilo que elas fazem ou não em um programa. No caso citado acima, de Fernando (44), trata-se de algo incomum, pois é contra as regras de qualquer “casa” alguém que fique por horas sem gerar algum tipo de lucro. Dito isso em outro depoimento pelo próprio depoente em questão. Na realidade, tal depoimento mais se configura como fantasioso do que realmente verídico, a partir de todos os argumentos obtidos até então:

Porque ela tem que levar renda *pra* casa, não *pra* ela só. Nenhuma casa é instituição de caridade e nem filantrópica (Fernando,44).

### **7.1–b)-2. Vínculos afetivos & relacionamentos estáveis entre prostitutas e clientes**

Como muito foi falado já sobre o que os clientes buscam nas casas de prostituição, vimos, que, são vários os motivos e os vínculos que estabelecem uns pouco menos superficiais que outros, mas alguns, perspassam o ambiente prostitucional.

Que nem a Gê faz comigo. As *veis* eu chego lá e ela, ela me imobiliza. Ela vem e *nham*, que nem coruja e *pá*, pula em cima e não tem jeito de eu *parti* pra outra. Por quê? Porque ela sabe, não, porque o cara *ta* lá, *que aliviá*, *tomá* uma cerveja, *num* sei o quê, *cê* entende? Então tem essa *tamém*, os dois motivos, ou cara ou ela também que *num* dá chance. *Cê* entende? E *num* deixa outra também, e a outra já sabe heim: ó fulano é meu, ciclano é meu, fulano é teu e ciclano é seu. Se *interví* tem briga. Dá muita briga. *Mais* como. Como que não, ó: a outra, a loira, *tá* de pé quebrado. *Tá* enchendo o saco. Ela falou que a hora que *tirá* o gesso vai *metê* o *pau* na Carol, porquê? Por que a Carol fez aniversário, eu dei um presentinho e *pá*, *cê* entende? (risos) Ah, mas já que eu *tô* no inferno, vou abraçar o capeta(risos). Carol tem 25 anos, mais ó! Ontem eu tive aqui na, na Alameda e trouxe a outra *pra comê* espetinho e *tomá* chope preto. E antes de ontem as meninas *queria* ir na Guacira. Elas me pediram se eu podia *levá*. Elas *montaro* no carro. Elas acabaram de *montá* no carro ela *tá* falando assim:

- Ó a gente não tem mais nada heim, não tem mais nada, somo amigos.

- Ô pode *deixá*, *somo* amigo, tudo bem.

Mas quando as meninas vieram *pra montá* no carro sabe, o que ela fez? Ela foi lá abriu a porta, puxou o banco, colocou as meninas *tudo* no banco de trás e *pá*, sentou no banco da frente e falou: vamo embora. Eu falei, ah tudo bem. Aí eu *pá*, foi lá na Guacira cheguei falei: - Ó. Parei, as meninas *decero*: - ô

cabelo, ô cabelo? Falei: - não vou embora, eu falei que ia só *trazê* vocês. Aí eu falei e você, não vai? Não se me leva *divorta*. Aí eu falei: mas é fiscal agora? Fiscalizando? Não, não eu vim dá uma *vorta*.

Quando foi ontem, a mesma coisa, cheguei lá, foi pro lado, aí ela:

- É tem jeito de me pagá uma cerveja?

- Falei: *ôchei, vamo, vamo, tomá* uma cerveja. Aí daí a pouco ela veio:

- *Num vai imbora?*

- Falei: ah, daqui a pouco.

- *Ah tá bão.*

Aí ela falou:

- Ah *tô* com uma vontade de comer um um espetinho, *tomá* um chope preto lá na mesa, falei: tudo bem.

Aí eu *truxe* ela. Então, elas são tudo cheio de *artimanha* sabe? Umas, umas são descoladas é por gente que já tem mais experiência e outras porque elas já adquiriram experiência, *cê* entende (Mandinho, 64)?

Ao observarmos em detalhes o depoimento acima, notamos a disputa entre duas garotas de programa, por um mesmo cliente. A *artimanha* utilizada em fazer com que ele leve ambas para passear, fora do ambiente de prostituição e mesmo quando acompanhada de outras, demarcando território, sempre ao lado do cliente, concorre na tentativa de configurar um *status* de namoro. Daí seria um grande passo até esse cliente em potencial retirar uma delas da prostituição, por meio da consolidação de vínculos emocionais mais sólidos. No entanto, como trata-se de uma pessoa experiente, que já percebeu estar sendo manipulada para determinado fim.

Em outro caso, não prosseguiu da mesma forma. Apesar de se tratar de um cliente experiente nas *artimanhas* de conquista, pois revelou em detalhes, várias delas, desde a abordagem da prostituta na batalha pelo programa, no entanto, a história configurou-se de outra maneira:

Foi uma história séria. Porque acabei até gostando dela, é, mesmo sem ter tido relação com ela até então. Eu estive na casa, né, no sábado à tarde, porque sábado a tarde rola um churrasco, né, *pros* clientes, de graça, e tal. Então, a gente, eu fui com um amigo, a gente sentou na beira da piscina [...] aí elas subiram e a gerente que comanda, que fica de olho nessas meninas colocou essa moça *pra* sentar comigo (pausa), até, então, olhei né, porque praticamente obrigou a moça a sentar comigo, pegou pelo braço e senta aqui, *pá*. Aí ela se sentou comigo ali dei uma olhadinha assim e: Tudo bem? Tudo bem? E, sentou uma outra sentou com um colega e... Até, então, aí *tava* meio preso ainda que a gente *num...* *tava* tomando ainda a primeira cerveja, a gente *tava* meio preso, *num* *tava* solto [...] ficamos conversando ali e tal, e ela não pode ficar muito tempo, que ela em que *corrê*, *trabalhá*, então se não vai *rolá* nada ali, ela pede licença e sai, vai *pra* outra mesa, vai *pra* outro, atender outra pessoa e tal. E, mas eu percebi naquele momento ela ficou ali por querer ficar, a partir de um certo instante. Aí a gente começou a conversar, começou a conversar e se descontraír a coisa foi rolando, a coisa



foi rolando, ai eu paguei uma água de côco *pra* ela *pra* ela podê ficá ali comigo. A partir do momento que eu pago, ofereço uma bebida desse tipo ela é obrigada a ficar, a ficar ali comigo. Se ela terminar de beber ela já pode sair entendeu? Mas até então, ela tem que ficar ali. E aí foi rolando, foi rolando, foi rolando, isso aí foi até seis, sete horas da noite, esse bate-papo. E a gente trocou telefone. Quando a gente troca telefone com esse tipo de pessoa, você nunca sabe se realmente é aquilo, porque você passa... eu posso passar um número errado *pra* você e você não vai me achar nunca. E, e elas também podem passar o número errado delas também que vai ficar perdido. Então você nunca acredita que realmente aquilo vai se *concretizá*. Mas até então isso tudo rolou, tal e, e eu, e a gente e depois a gente foi *pro* salão ainda e depois acabou trocando ideias com outras meninas, *pa, pa, pá*, virou bagunça tudo, tudo isso né, e umas oito e meia nove horas nós fomos *imbora* (Fernando,44).

Até esse ponto do relato o cliente fornece detalhes comuns a qualquer estratégia de conquista de cliente, tanto seguem aos protocolos da casa, como das técnicas em particular a cada garota de programa, com uma única diferença até então, a troca de número de telefones entre ambos e o fato de se tratar do número real, e não de um fictício como é o mais comum de ocorrer por parte de ambos, para que mesmo que elegantemente, sem deixar transparecer, o vínculo termine a partir da saída do cliente, pois se ele não retornar, não haverá rastros.

[...] aí na segunda-feira é..., ela me ligou. Era uma meio dia e *meio*, é... dizendo que *tava* no Banco Fulanescos, tinha feito um depósito no banco vendo se eu podia levar ela até a casa de volta, uma carona. Aí eu fiquei assim: *Pô*, que legal um telefone era verdadeiro. Né, porque até então eu já não tava mais passando pela cabeça. Falei *pra* ela: ah não se você puder esperar mais um pouco porque eu *tô* almoçando e já te levo. Passei pelo centro peguei ela e levei *pra* casa. Fomos conversando novamente, *pa,pa,pa* até na casa. Aí, casa fechada. Ela interfona lá, o porteiro abre e ela entra. Porque elas têm que estar dentro da casa até quatro horas da tarde. Elas são liberadas *pra* sair mas tem que *tá*, quatro horas da tarde tem que *tá* dentro da casa. E isso foi rolando, foi rolando, foi rolando e eu fui me apegando, me apegando (Fernando, 44).

Nesta altura, o depoente já havia sido conquistado por meio da gentileza e a prestação de favores, o que os aproximou em uma relação que não configurava entre cliente e prostituta, uma vez que ela não havia realizado nenhum programa com ele. Caracterizava outro tipo de relação, na qual configurava um vínculo de dependência da garota pelo frequentador de casas de prostituição.

Na verdade ela não pediu que retirasse ela de lá, ela pedia, a situação foi levando *pra* um caminho, que eu mesmo disse que não teria condições de a gente se relacionar dessa maneira. E o tempo foi passando, o tempo foi passando e cada vez mais ela não queria mais ficar a noite, na noite, tanto que ela mudou, parou de fazer programa e começou a dançar somente, entendeu? Então, ela não fazia mais programa ela só dançava. Que eu nem sei, *pra* mim eu nem sei o que é pior né, se é fazer programa ou dançar. Acho que dançar é um pouco menos pior. [...] o tempo foi passando foi passando, foi passando, foi passando e nessa situação ela quis, saiu da casa e foi *pra* outra casa em outra cidade. Quando ela chegou nessa casa, no mesmo dia, a noite, já era umas dez da noite ela já me ligou *pra* eu ir buscá-la, que não ia ficar lá. A partir dessa noite acabou. Aí depois a gente ficou juntos uns três meses, só eu e ela e eu fui duas vezes pra Caldas Novas onde ela morava. Conheci a mãe e o filho dela que lá estavam. Ela tinha um filho de cinco anos, muito bonito, um garoto de olho verde muito bonito [...] Aí ela começou a me pedir que eu trouxesse o filho dela. Falei: - ah, tudo bem. Vamos lá. Como eu não conhecia muito o filho dela, a parte educativa dele, eu falei, ah tudo bem. O menino já tem uma certa idade, certa base, certo, beleza. Aí buscamos. Bom, o que, que estragou? É o que, que estragou? Esse menino estragou (pausa) tudo a relação porque começou todos os conflitos, em relação, tudo em cima dele. Por quê? Reclamação na escola, de todo o tipo, não estudava, não fazia nada. Dentro de casa ele ia tomar banho e demorava uma hora no chuveiro e quando você abria a porta do banheiro ele não tava embaixo do chuveiro, não sabia nem limpar a bunda. Aí teve *uma*, um dia que esse menino disse que não tinha aula, em nenhum lugar, falei tudo bem então você fica em casa, quando eu cheguei no trabalho, as nove ou dez horas da manhã a escola me ligou e depois o Lar Escola me ligou também, do porquê que o menino não tinha aparecido. E quando eu cheguei em casa, eu chamei ele, eu peguei na orelhinha dele e dei um puxãozinho na orelhinha dele assim e falei: - ó, você não mente *pra* mim dentro da minha casa e saí e fui tomar banho. Quando eu voltei ela falou assim pra mim: Olha se você colocar a mão no meu filho novamente eu te ponho na cadeia heim (Fernando, 44).

No relato da experiência vivida pela prostituta e seu cliente, ela conseguiu conquistar a uma outra família, uma vida estável, até o ponto de obter segurança para trazer o filho para o convívio do casal, no entanto, não suportou ao sentir que estaria expondo o filho à reação de outros. E foi o final de tudo com a ameaça de denunciar o depoente.

A reconstituição de novas estruturas familiares requer de tempo, valores, diálogos e muito respeito entre as partes. São conquistas a priori que demandam uma laço afetivo significativo entre ambos.

A partir daqui, não seria com grande grau de dificuldade imaginar o porquê muitas prostitutas acabam retornando à vida prostitucional, mesmo após a conquista de um lar, de uma certa estrutura familiar organizada. É o que passaremos a ver no próximo tópico.

### 7.1 –c) Causas do retorno à prostituição;

Por causa desse negócio assim de cumprir horário, *levantá, lavá* roupa. Elas tão acostumadas *num* outro ritmo. Elas tão acostumadas ao contrário, num *fazê* e a maior parte, só quando tá muito no desespero que *fais*, senão paga *pra fazê*, como por exemplo, *lavá calsinha*, sutiã, roupa, tal, elas não fazem. Não, não fazem. Aí elas não consegue *sigurá* o cara mesmo. O cara sai cedo, *qué almoçá*, aí elas tem que *tê* pronto, é aí que o bicho pega, elas *num guenta* e... (pausa). [...] *Ôche* (pausa), a maioria, noventa e oito por cento retorna, dois por cento fica (Mandinho, 64).

De acordo com a visão do cliente, relatada acima, a prostituição traz atrelada a si uma série de “vantagens” as quais as prostitutas acabam se acostumando e depois quando estão novamente no exercício de sua liberdade, e se dão conta das responsabilidades que ela acarreta, elas acabam retornando. Durante a transcrição, leitura e observação de campo, podemos notar que há uma ilusão de que dentro das casas, o cotidiano é bem diferenciado do qual estamos acostumados. Quando há uma renda razoável que cumpra o pagamento das taxas estipuladas pela casa, para quem observá-las do lado de fora verá moças saindo de seus quartos após as 14:00 horas, se dirigindo ao bar, em que já iniciam as bebidas a fim de prepará-las para todo contingente alcoólico da noite, elas conversam, sorriem, outras já estão com manicures, outras fazendo penteados e todo um clima e uma ambiente de muita descontração. Logo a comida é servida por uma cosinheira, e a mesma é incumbida de lavar toda a louça. Roupas de cama ou toalhas pertencentes à casa, são incumbência da lavanderia. Apenas as roupas pessoais cabem às garotas cuidarem cada uma das suas, no entanto, elas também pagam para a lavadeira lavar e passar. É uma realidade ofuscante, quando se depara ao lar de uma família qualquer, sem empregados, e que fazem tudo o que tiver que ser feito em relação aos cuidados da manutenção de uma casa e dos filhos.

E eu chegava em casa de madrugada, falei, quando você chegar você toma um banho *pra* deitar na minha cama. Então ela voltou a trabalhar, na noite. Porque aí ela saiu do serviço. Assim, não é que ela saiu, a firma fechou e aí ela ficou desempregada, foi no que ela voltou a trabalhar, fazer programa. Tipo assim, eu vou arrumar um dinheiro a mais que eu vou *imbora* (Fernando, 44).

Outras retornam na tentativa de aquisição de dinheiro suficiente para garantia de estabilidade em outros locais, como foi o caso citado acima, em que a “garota” retornou para a prostituição para voltar, retroceder, no tempo?

Já tive namorado mesmo estando na noite, mas, não tinha aceitação, ele exigiu que eu saísse da noite e me ajudava financeiramente, praticamente me tirou da zona, mas eu não quis, eu me acostumei, eu não quis, eu preferi, eu optei por voltar *pra* noite (Letícia, 24).

Fato comum é o homem não querer aceitar a duplicidade em um relacionamento, principalmente quando se trata do relacionamento no meio prostitucional.

No caso de outro cliente, ele sugeriu, antes que a garota saísse totalmente da vida de prostituição, que ela assumisse outra função, no caso a de dançarina e que no entanto, ele mesmo acabou ficando em dúvida sobre essa opção:

Que eu nem sei, *pra* mim eu nem sei o que é pior né, se é fazer programa ou dançar. Acho que dançar é um pouco menos pior. Dançar a renda é menor, dançar sim, pelo seguinte, porque dançar ela só vai ganhar o dinheiro que ela recolhe. Entendeu? Ela não tem o dinheiro da casa pela dança. Então ela faz um trabalho de recolhimento no salão, *tá*? É... roupa *tá*, normal *né*? Roupa normal não, a roupa que elas usam *né*? Roupas *sexys* que elas usam no salão. Então ela passa recolhendo dinheiro, cinco de um, dez do outro, *pa*, *pá*, quem paga mais vai ter um, um,um, *vamo deixá*, uma deixa a mais, que dá pouco vai *tê* tipo: uma lambidinha só e *cabô*, *tá*? E quem paga mais vai ter um carinho melhor, quando ela passar por essa pessoa. Então, ela começou a fazer isso. Então parou de fazer programa e começou só a dançar. É porque não tem penetração, não tem contato. Na verdade a pessoa não pode colocar a mão nela. Só ela pode chegar esfregar e sentar. E isso com quem na mente dela ajudou. E isso ela não pode esquecer, senão dá zebra, *tá*? Ela não pode deixar ninguém *pra trás*, que o cara pode *ir no* dono da, no dono da casa e falar: - Ó, eu paguei *pra* moça e nem *tchum*, nem passou lá nada, aí tal, ela vai ser chamada atenção aí, esse negócio todo. E, então, na casa tem os seguranças, *né*, que ficam ali em volta, as gerentes, então, é quando acontece essa apresentação, vamos dizer, o homem não pode agarrar a moça, de forma alguma, segurar ou agarrar. Entendeu? Alguns colocam a mão na coxa ali tal, mas não pode segurar, a moça pode, tem que sair a hora que ela quiser (Fernando, 44).

A questão primordial é que dentro do poder do macho sobre a fêmea, ele está impassivo, uma vez que não detém mais esse poder, pois outros podem exercer práticas sexuais com sua parceira que não sejam necessariamente a penetração. E ele se dá conta desse fato à medida que ele fica em dúvida, na incerteza, do que seria menos pior, dançar ou fazer o programa completo.

Na medida em que houve o questionamento sobre a relação que a falta acesso aos estudos, à profissionalização ou a capacitação em outras áreas, seria o ponto que a distanciariam da prostituição e as possibilitariam novas escolhas, os relatos foram bastante distintos.

Se tivesse estudado, com estudo hoje talvez *tava* até formada, alguma coisa aí né, talvez precisaria nada disso *né* (Lorena, 40)?

Para essa prostituta, a questão da falta de oportunidades de estudo pode ter feito a diferença na opção pela vida de prostituição, no entanto nos outros dois relatos que prosseguem, nada influenciariam, uma vez que há ocorrência de pessoas que possuem formação e procuram a prostituição, como meio de sobrevivência, ou para a manutenção de um estilo de vida.

Não eu acho que não, não tem nada a ver, não tem nada a ver, porque hoje em dia tem muita menina que estuda e que trabalha na noite, cê entendeu, então eu acho que isso não tem nada a ver (Yasmin, 19).

Creio que não, porque eu vim pra cá porque foi eu quem decidi que eu queria sair da minha cidade, mesmo se eu tivesse estudo (Cláudia, 32)

Por fim, no depoimento do cliente, temos uma nova realidade, que constituem as universitárias que buscam na prostituição um meio de manutenção do curso e de sua sobrevivência no local, uma vez que nas grandes cidades, principalmente nas cidade em que há uma grande concentração de faculdades e universidades, o custo e a manutenção são maiores, em comparação aos pequenos centros urbanos.

Bom, como eu disse *pra* você tem muitas universitárias nesse meio *né*, eu falo a verdade porque eu conheço (risos), conheço alguns lugares onde a maioria das mulheres vai uma vez ou duas por mês que é *pra...*, somente *pra* custear a faculdade, mas depende muito né que nem é o caso que eu falei, depende, algumas não tem muito a esse acesso *né*, outras já tem acesso a informação e continua na vida (Marcos, 24).

Acreditamos que o depoimento abaixo seja bastante pertinente para refletirmos sobre a realidade, tanto no meio prostitucional, quanto fora dele, na medida em que em todas as

atividades humanas, há momentos de alta e baixa, no entanto, nem sempre estamos preparados para o declínio.

*Mais eu acho assim, que é nisso daí, a própria sociedade é curpada por que os caras fais, ONG de não sei o quê, ONG de não sei o que lá, ONG de não sei o que tem lá, tá? E não fais uma ONG, pá, pra apoiá uma pessoa e preparáela psicologicamente pra saí do abismo. Por que se você analisá, aquilo é um abismo, que chega uma hora, pé de galinha, pá, mucha, caída, tal, e aí, cái, já não vai mais fazê programa de 100 conto, nem de 200 conto, cêentende? E se tive aí uma queda, aí começa... (pausa). Aí começa a caí mais na droga, porquê? Por que não consegue competi, cê entende? Pra bancá aquele status, que tinha. Porque tem menina lá que banca, tem empregada pra levá filho na creche pagá perua palevá na escola e trazê tudo. E a hora que ela dé um, uma ciaidinhaque ela... (pausa) vai tê pra isso (Mandinho 64)?*

#### **7.1-d) Prostituição e Prevenção às DSTs;**

No que se refere à proteção contra Doenças Sexualmente Transmissíveis, temos pontos divergentes, tanto entre a conduta de “garotas de programa”, quanto ao discurso de seus clientes. Por via de regra, as “garotas” que atendem em casas de *show* são orientadas a utilizarem preservativos masculinos em todas as relações, tanto orais, vaginais ou anais. Como vimos anteriormente, há punições para aquelas que tentam transgredir as normas das casas, quando deixam de utilizar com determinados clientes na tentativa de engravidar.

De acordo com o relato de um dos clientes, as orientações de uso de preservativo e de higiene pessoal, são fornecidos pela gerência das casas de prostituição:

*Ah eu tenho um pouco de receio né? Eu não se de repente essa mulher, por exemplo, se ela beijou um outro homem, se ela fez sexo oral com outro homem, eu, então eu jamais, o contato físico ali é o único e exclusivamente pra relação sexual é usano preservativo né, sem jamais também sem preservativo. Isso no meu caso, tem alguns que oferecem a mais pra isso acontecê ou não, de acordo com a vontade deles dentro da casa. [...] Ah, alguma deve aceitá né? As que mais precisam certeza que devem aceitar, as vezes a quantia for muito boa, num, acho que nenhuma mulher rejeita não, ali dentro não. [...] Ó, todos os lugares que eu frequentei, o uso de camisinha era obrigatório né, no caso a própria casa fornecia preservativo né, eu sempre preferi levar os meus particulares, né? Comprava, tal, mais...(pausa) em todos os lugares tinha o preservativo lá, normalmente era esses preservativos gratuitos, né, que a casa tamém não quer gastar dinheiro com essas coisas né, mas eles obrigavam sim as garotas a usarem. Algumas casas, inclusive prevenção de doenças não é somente preservativo, né, tem o caso da, da higiene, né. Algumas casas que eu saí a garota tomavam banho antes de realizar o programa e um banho logo após a realização. Eu pelo menos da minha parte eu via isso como um lado positivo, uma coisa positiva, né? Pelo*

menos fazia a higiene pessoal com mais frequência *né*? Que já teve casos de a mulher não *fazê né*? Sim, com certeza, não somente nesses casos, mas inclusive na vida pessoal, com namoradas, com tudo, sempre prevenido. [...] Sim, somente, somente com camisinha (Marcos,24).

Segundo o relato de Marcos (24), o fato de possuir experiência de trabalho em casa de *show* e, conhecer toda sua estrutura e funcionamento tenham levado a aquisição de determinados critérios, como o cuidado e as cautelas quanto à prevenção, tanto dentro do ambiente prostitucional, quanto em relações estáveis.

Então, a gente se previne *né*, previne, usando camisinha (pausa). [...] *Tê* tem, mais *ái*, a gente não aceita *né*, não aceita, se quiser, vai ter que ser com camisinha, ou nada feito. Pode pagar o tanto que for, entendeu? Mas sem camisinha, eu? Não vai. (Lorena, 40).

A depoente trata-se de uma garota de programa de uma das casas de *show* e, em seu discurso garante que não realiza programas sem o uso do preservativo masculino.

Isso também. [...] Ah sempre, camisinha sempre, sempre, sempre, e mais o *kit* do trabalho, é um lubrificante básico, *né* porque quanto mais você faz programa, a, a sua vagina ela vai *inchá né*, então, é meio difícil, é o risco é maior de uma camisinha estourar, então, tem que ter um lubrificante porque não existe nenhum tipo de *tesão* qualquer nenhum cliente. [...] Não tem, é muito difícil. Entre mil, três casos. [...] Sim a CTA sempre está por aqui passa por perto, sempre fazendo exames, sempre dando preservativo e primeiramente você tem que ter o seu cuidado próprio *né*? Não só espera pela pessoas, *cê* tem que *corrê atrais*. Me cuido super bem tenho exames, faço exames de seis em seis meses (Luana, 26).

De acordo com o mencionado anteriormente, neste local há a visita do CTA (Centro de Testagem e Aconselhamento), que além de oferecer os insumos no local, também oferece todo o suporte quanto aos testes na sede, localizada na região central da cidade e em campanhas, oferta o mesmo serviço nos locais de trabalho das prostitutas. No entanto, de acordo com a constante migração e o fato de outras localidades não ofertarem a esse serviço, muitas não chegam a tomar conhecimento que ele exista.

Muito interessante o relato de Luana (26), que possui a consciência da necessidade de buscar a prevenção constantemente, realizar exames, frequentar o ginecologista, uma vez que nesses locais há uma maior pré- disposição à contaminação, pelo contingente diário e pela desinformação de alguns, como veremos no exemplo abaixo:

Com certeza, se não *cuidá* sim. [...] Camisinha é claro, gel, muito gel, *vô* sempre *no* médico, *né*. O que tem *pra* se *previní* é isso, camisinha e bastante gel (risos). [...] Sem camisinha, não, não. Claro que já teve *homi* de *perguntá*, e tal, mais não, não tem essa possibilidade. [...] Eu não faço, ah pensei que você falou..., ah oral é com camisinha. [...] Anal eu não faço (Yasmin 19).

Porque eu *pra mim* fazer no cliente tem como eu me *protegê* colocando camisinha nele, *pra* ele *fazê* em mim não tem como. Então é uma maneira de proteção que a gente tem. [...] Alguns sim, outros não. Com camisinha, não *deixano* o cliente me *beijá*, *num* *deixano* ele *fazê* sexo oral em mim, não, tem certas posição que eu não deixo, que eu não fico com o *cleinte*. [...] de quatro. [...] Porque tem muito cliente que aproveita, quando...(pausa). Nunca aconteceu comigo, mas a gente escuta muita história, que o cliente pede *pra* Dona *ficá* de quatro e tira a camisinha, entendeu? Ou, então, fica forçando ela *pra* ela *arrebentá*, então aí... [...] Não (Letícia, 24).

No relato acima, podemos notar que a prostituta lança mão de outras atitudes que evitem o contato com o cliente, a fim da própria proteção, que vai além da utilização correta do preservativo.

Ah, eu procuro, sempre estar em dia *né*? Ginecologista sempre *procurá* *tê* prevenção, você já vê o cliente, *né*? Um odor ou alguma coisa, você já... Você tem que se prevenir bem porque o risco é grande, de pegar qualquer coisa ruim é grande, na vida noturna é mais arriscado que na vida normal *né*, de um casal *né*? [...] Não, a maioria *qué* sem, a maioria *qué* sem camisinha, fala: ó eu, eu não saio com ninguém só com a minha esposa. A maioria fala isso. Então *num*, *num* cai nessa porque é história de, de homem é história de, de homem de boate, então... Se ele pediu *pra* você ele pede *pra* todas que ele sai. Já é..., isso aí você já tem que ver por aí, então, não vá porque não vale a pena. [...] Alguns acham ruim, mas não, eles vão até o final, porque falam que *tá pagano*, então, eles querem *terminá* o serviço. Então (Samara 31).

Mesmo em ambiente tão vulnerável a contaminação de DSTs, notamos que há ainda uma falta de conscientização por parte da população, quanto à insistência da realização do programa sem prevenção. Como pudemos observar há uma tentativa de coação, que não temos certeza de até que ponto não haveria consenso, se este representasse um cliente em potencial para a saída da prostituta do meio, como exemplifica o relato a seguir:

Ah sim, a prevenção elas usa *memo*, porque o desconhecido tem que *usá*, porque hoje elas tão assim, esperta nessa parte. *Mais* depois que faz um contato, faz uma convivência aí já não usa mais. Aí já não usa mais. Porque aí já tem aquela coisa, porque o cara força, ou ela força. Ou as *veis* ela tem interesse de *rancar* um filho do cara que é através da, da continuidade das amizade e tudo ela já percebeu que o cara é...(pausa) que nem comigo, ê, tem



um monte que vem aqui que, que sabe que eu sou sozinho e tal, e tal, e os cara, fala, o Zé, o outro, o Paulinho, o cara fala: Ô, o Mandinho aí, ó, sozinho, *pá* (Mandinho, 64).

O relato a seguir possui características de uma forma de apelo, um grito de socorro, em meio á vivência de uma realidade e consciência de seu papel enquanto ser humano na sociedade. Acharmos interessante registrar aqui, que a depoente (Doris, 55) é uma prostituta de rua, divide seu ponto com outras “garotas” e “garotos” de programa. Ela também atende seus clientes em sua casa, no mesmo quintal em que outras “garotas” e “garotos” de programa também fazem o mesmo. Sendo assim, não trata-se de um mero discurso, mas daquilo que ela presencia em seu cotidiano:

Tem muito *homi* que pede, que fala assim: ó eu só saio sem camisinha. Eu falo: eu não curto, eu só saio com, *tudo* o meu serviço é com camisinha. Aí *eles sai e vão* embora. [...]Por isso que eu falo *pra* você que nós não *somo* grupo de risco, grupo de risco são as *mulhé* casada, porque muitos *homi* casado, transa com os travesti a maioria dos travesti tem HIV e eles transa sem camisinha e tem um monte de menina com HIV é na rua aí e eles transa com elas sem camisinha e as coitada das esposa que fica em casa *tá passano, arriscano* a vida. Inclusive eu queria até *sabê* se tem jeito de *denunciá* essas menina que que fica *transano* com todos os *homi* sem camisinha e *sabeno* que tem HIV (Dóris, 55).

### 7.1-e) Prostituição e Violência;

*“Usualmente nossa interpretação da violência converge para uma perspectiva limitada a atos contra a integridade física do homem. A adoção deste sentido restrito de violência nos impede de estabelecer uma reflexão sobre a sua vinculação com a ética presente nas esferas do interindividual, do cultural, do social e do político. Esse nexó entre ética e análise da violência só pode ser estabelecido se começarmos por perceber a violência como um*

*processo com diversas facetas: simbólicas, psicológicas, físicas, etc” (MENDONÇA, p. 117).*

A partir do postulado por Mendonça (2003), não deve ser considerada violência apenas aquele comportamento que desencadeou marcas físicas, mas a qualquer manifestação que tenha gerado uma agreção psicológica e mesmo simbólica, uma vez que até configurar outros estágios de agreção, que se tornem visíveis, a situação possa estar fora de controle.

A opção de uma garota, por iniciar a vida na prostituição em uma casa de *show* ou boate de *striptease*, nem sempre é por questão de vantagem financeira, muito ao contrário, há uma grande exploração por parte dos agenciadores, na cobrança de taxas, aluguel de quarto, gastos com alimentação, entre outros, no entanto, essas “casas” oferecem maior segurança na realização dos programas, uma vez que contam com seguranças e também estabelecem regras aos frequentadores.

Com certeza é, é, a gente não sai daqui, “Ela” (a dona da boate) não deixa, é aqui mesmo sabe. Então, já é por isso *pra* evitar esse tipo de coisa, porque fora..., é perigoso. “Ela” fica esperta. É com certeza, a gente não sai, não “Ela” (a dona da boate) não deixa. Bom eu acho que a gente já vê tipo de ó: se a gente entra no quarto, tudo e ele começar, eu já largo ele e eu já saio, porque a gente fica aqui e a gente faz programa aqui mesmo *né*? Aí eu saio e largo. Como você *tá* aqui, você tem como largar e sair. Com certeza. Jamais *né*, jamais se tiver que acontecer esse tipo de coisa a gente vai continuar *né*, como assim, *pra* começar ela não vai deixar *né*? Eu também não vou deixar *né*, porque não *tô* ganhando *pra* isso *né*, então, quer dizer eu não vou deixar jamais isso acontecer comigo, entendeu? Porque nem na minha casa nunca aconteceu isso, quando eu era casada, então agora *pra* fora eu também não vou *deixá*. Entendeu (Lorena,40)?

Os riscos são iminentes, no entanto, não há possibilidades de prever qual cliente oferecerá riscos à garota de programa, de acordo com o relato a seguir:

Sim com certeza, corremos nossos riscos sim. Mas o homem ele é um ser assim tão racional, é tão diferente que as vezes você pensa nossa entrar *pro* quarto com aquele cara, quarenta *minuto* vai ser uma hora e meia. Não é bem assim, às vezes a pessoa aqui fora no salão é (pausa), apresenta ser uma pessoa tão estúpida mas, quando chega no quarto é um amor. Graças a Deus eu nunca sofri nenhum constrangimento com nenhum cliente, graças a Deus (Luana, 26).

No depoimento a seguir o relato é de uma garota que nunca passou por nenhum tipo de situação de risco, devido ao fato de não sair da proteção da casa:

Não, nunca aconteceu comigo, não porque eu não trabalho fora da boate, eu não faço saída, eu só trabalho dentro da boate. Os clientes que procuram a boate, geralmente não são violentos não, se são pelo menos dentro da boate eles têm comportamento, que tem que *tê* (Leticia, 24).

Em busca de obtenção de lucros maiores e havendo a procura, algumas garotas arriscam-se com as chamadas “Saidinhas”, que constituem programas feitos fora das casas de *show*, em motéis, residências, festas, desde que, mediante o pagamento de multa para a gerência casa em questão. Nesta negociação entre o cliente e a casa, é gerado um valor, que é dividido entre o proprietário e a prostituta e dependendo da gerência, o lucro total da noite passa a ser lucro exclusivo da “garota de programa”, fato que estimulam algumas a procurarem por esse tipo de “passeio”, em que muitas vezes os riscos não são calculados.

Olha na verdade é um risco que *cê* corre, não tem como você *identificá*, que já, já aconteceu comigo de cliente ser muito de *tratá*, de *tratá* muito bem como uma rainha aqui dentro aí chegar (pausa) e chegar e depois tratar totalmente, ou ser outro homem no motel. Não tem como você *identificá*, é como jogar na loteria, mas você consegue *percebê* quando a pessoa *tá* lúcida, quando a pessoa é boa. Isso aí da noite você consegue, com a experiência, com o tempo você consegue vê como a pessoa é. Eu já tive *numa* situação bem precária, muito ruim mesmo, porque, inclusive foi com uma amiga minha. Isso aconteceu, levou eu, uma amiga, então ele, ele tratou a gente muito bem e quando chegou dentro do carro, foi sair ele enfiou o carro dentro de um caminhão e quis matar a gente, falou que era prostituta. Foi uma cena muito ruim, muito triste, mas graças a Deus não aconteceu nada com a gente, acho que ele *tava* totalmente transtornado, então... Isso aconteceu comigo sim. Foi um risco ele falou assim: olha... Ele voltou *né*, foi que levou a gente de volta porque na verdade ele foi uma pessoa assim que ele queria *fazê*, combinou uma coisa, comigo, com a minha amiga, de ir no Motel, na cidade, aí ele queria levar *pra* uma outra cidade, longe e a gente não quis ir, porque a gente achou que era muito arriscado ele *tava* muito transtornado. Olha, eu... a gente desconfiou que ele *tava* drogado, porque no, no momento algum a gente viu ele usar, mas ele mudou de, de, de personalidade muito rápido, ficou muito violento. Então a gente ficou com medo, inclusive ele agrediu minha amiga, ela *tava* lá no banco da frente. Ficou uma situação muito ruim. Aí ele voltou na, na boate e ,e essa cena eu não esqueço que ele levou a gente de volta, a gente pediu por favor *né*, *pra* ele levar a gente de volta, ele levou que tirou a gente de dentro da boate. Aí levou de volta e falou, falou, que, que ele queria ser um corno se pisasse na zona de novo, numa boate de novo. Aí passou assim, mais de um ano um ano e meio mais ou menos, eu encontrei com ele numa boate de novo, aí eu falei pra ele: - Prazer, você é, realmente é um corno, porque eu *tô* te vendo de novo na noite. E eu reconheci, eu lembrei dele, eu reconheci ele. Aí como eu *tava* dentro da boate, não tem perigo nenhum ali, *num*... tem perigo. O dono não reconheceu, porque ele passou mais de dois anos sem ir. É se for sair , na verdade, eu saio sozinha, eu, eu se o cliente vem e tira, porque é

assim, essa noite é arriscada, quem entra sabe. Então, por exemplo, for passear alguma coisa tudo bem. Mas aqui dentro, a maioria vai *pro* Motel, pagou aqui, vai leva... então é assim, uma vida arriscada, uma vida muito arriscada (Samara, 31).

O caso do relato acima, terminou relativamente bem, uma vez que a prostituta conseguiu ter domínio da situação de perigo e vulnerabilidade, entretanto, devido ao fato da obrigação de prestar contas à casa daquelas “garotas” pode ter sido fator facilitador da devolução. Mas como se defendem as “garotas” que agem por si só, sem nenhum aliciador, ou segurança?

Na maioria das vezes sim, parecem bons, agora, tem *veis* que eles enganam. Eu, dependendo do começo, *né*, eu finjo que não *tá* acontecendo nada, *dô* risada, mais se eu vejo que isso não adianta, eu peço ajuda, disfarçadamente, com certeza no meu celular (Cláudia, 32).

Devido ao fato da insegurança daquelas que batalham nas ruas, há um círculo de amizade entre essas pessoas, para que nesses momentos de vulnerabilidade, tenha alguém que possa prestar socorro.

[...] Não, não a gente sempre se dá bem aqui o pessoal da rua, só que sempre rola uma briguinha, mas é tipo como dentro de casa, irmão com irmão, e depois volta tudo as pazes (risos). Um tem que ajudá o outro, *né* (Cláudia, 32)?

No depoimento a seguir, temos o relato de Marcos (24), que apesar de frequentar casas de prostituição, trabalhou por algum tempo como segurança em uma casa de *show* e conhece o cotidiano e as especificidades desses locais:

Ah, deve *acontecê* sim viu, por causa que vai muito nego bêbado, que sei lá, eles devem, eles acham que porque eles tão pagando. Não só bêbados *né*, as pessoas normais também, eles acham que porque *tá* pagando pode *fazê* o que *qué* e isso mesmo é uma das questões que eu falei *pra* você de, de fantasia *né*, as vezes isso aí acaba até sendo um, um fetiche que o cara tem de poder assim, se sentir no poder e se, ser o macho dominador, então, as, as vezes acaba acontecendo isso mesmo sem, sem o, *vamo*, como eu posso *dizê* (pausa longa), extrapola o limite porque ele *tá* pagando. Diz assim, ah eu tô pagando e quem manda aqui sou eu. *Tá*, a pessoa acha assim, eles acham que.... bom, eu da minha parte eu sou uma pessoa que independente de *qualqué* coisa, ela *tá* ali *trabalhano*, ela *tá* ali *ofereceno* o serviço dela, então, ela tem que ser respeitada igual *qualqué* uma outra pessoa. Eu sempre procurei respeitar, *mais* tem uns que acha que porque paga eles é o dono, manda, faz o que quer. E muitas vezes estão bêbados mesmo e é onde que

acaba acontecendo esse tipo de, de situação chata *né*? Já aconteceu inclusive na época que eu trabalhava, que eu era segurança de *tê* que *botá* algum, um cara *pra* fora por causa disso *né*? Não, nunca, jamais, jamais, jamais (Marcos, 24).

### 7.1-f) Os homens ainda recorrem aos serviços nos meios de prostituição?

Para além das questões da masculinidade, virilidade e heteronormatividade, em sua fala Bauman (1998, 2004), ilustra características da atualidade, na medida em que aponta a fluidez das relações contemporâneas, e, levam as pessoas a buscarem relacionamentos insólidos, efêmeros, descartáveis e rápidos, levando o sexo aos moldes do consumo, e com a duração de acordo com o desejo e o poder de cada um. O tempo passa muito rapidamente e o próprio pode ser melhor e mais vantajoso, sendo assim, um movimento constante, de acordo com Bauman (1998) “nenhuma necessidade deveria ser vista como inteiramente satisfeita, nenhum desejo como inútil (p. 88)”.

Ah, um dia sim, outro também (risos), é porque se eu não *tô* viajando *cê* sabe *né*, eu já chego, tomo meu banhinho, me arrumo me perfume e subo. Num tem conversa. [...] *Ichi*, nossa, isso é mais velho, ó pra você *tê* uma noção, eu ia com uns amigos do meu Avô, naquela época, em outras cidades, no Rio de Janeiro, *cê* entende? Vai pra mais de, *vamo* coloca, uns cinquenta ano vai (Mandinho 64).

De acorso com o depoente, o tempo em que ele frequenta locais de prostituição já perdura meio século. Concordamos que a vida sexual desse cliente iniciou-se ao mesmo tempo em que outros grandes avanços em nossa história e sociedade, com a revolução sexual de 1960, mas que a liberdade sexual propriamente dita, ainda engatinha.

No entanto esse homem pertence ao mundo contemporâneo, de relações rápidas e insólidas, em que o dinheiro compra determinadas facilidades e sua experiência de vida já lhe ensinou essas lições, na medida em que comparamos seus depoimentos anteriores, e vislumbramos que trata-se de um frequentador assíduo e também disputado e que não se deixa cair nos encantos de nenhuma daquelas que o encanta.

Sim, já e ainda frequento. [...] Ah *pra* te falar a verdade eu vou desde os meus dezesseis anos viu. É que eu sempre fui assim fortinho, alto, cheinho, era fácil de passar. Ainda mais que um tio meu me levava, mas não era sempre, sempre não. [...] Ah, *num* é, *num* é frequente *né*? *Mais* não tem uma frequência certa, ah, as vezes, sei lá, esse ano fui uma vez. Mas já fui mais vezes já, antigamente eu ia mais vezes, hoje em dia que eu já não *tô* mais

assim tão, tão frequente, mas antes eu ia direto, já teve vezes de eu ir três vezes na mesma semana. [...] Sim, isso aí é frequente (Marcos 24).

Apesar de ser bastante jovem e, desfrutar das facilidades dos “romances contemporâneos”, este depoente também continua sendo um cliente das casas de prostituição com certa regularidade.

De acordo com a justificativa de cada cliente, pode ter relação com a oferta e a procura, uma vez que pode se escolher, tamanho, peso, altura, nacionalidade, entre outros atributos:

Ah, eu depende muito assim, vamos dizer assim, eu não tenho um perfil, vamos dizer assim ah, depende da, como ali é mais por um contato físico do que emocional, às vezes a gente vai atrás de uma pessoa diferente, por exemplo ah eu nunca saí com uma pessoa japonesa, por exemplo, já aconteceu comigo, disso, eu já fui atrás uma vez *pra* sair com uma mulher japonesa. Aí *tá*, eu nunca saí com uma ruiva, com uma negra então *vão*, *ta*, *querê* uma mulher com um peito maior, um peito menor, uma bunda grande, bunda, magrinha, gordinha, depende disso né, nunca saí com uma assim, então *vão*, *vão* lá vê se acha. É mais ou menos assim. (Marcos, 24)

Ou seja, há um vasto campo de escolha, como uma loja de artefatos quaisquer, se você já tem esse, escolha o outro, e assim por diante. Diante deste cenário nos faz lembrar a passagem de Debord (1997) “ O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’. A atitude que ele exige por princípio é esta aceitação passiva (p. 16-17).

Já frequentei, desde moleque, meus quinze, dezesseis anos, é (pausa). Como eu vou dizer, eu frequentei muito quando eu era mais novo um pouco, agora ultimamente, com as relações que eu tive, sérias, eu, eu me afastei um pouco (Fernando 44).

No depoimento acima, temos o relato de Fernando (44), que frequenta casas de prostituição há vinte e oito anos. Se retomarmos o contexto de seus depoimentos, podemos observar que embora ele não reconheça, em seu discurso, mas na prática ele busca seus romances nos contatos que ele faz com as “garotas de programa”.

Apesar de talvez, apesar você não ter essa visão minha, eu sou um cara bastante romântico, entendeu? Então eu *num*, eu *tô* lá, eu vou usar você *pra* conseguir isso, tal, não era, não foi a minha intenção. Minha intenção foi

realmente conhecê-la. Então o sexo ali não era o mais importante, que *tava...*(pausa). Eu sabia que ia ser bom quando acontecesse, mas não era o mais importante, porque são duas coisas que eu faço na casa, eu trato bem a mulher, porque pra mim é uma mulher que está ali, até então eu não sei o motivo que está ali, as vezes não procuro saber, porque não me interessou, mas, as vezes é uma mulher bonita, mas não me interessou pelo jeito, pelo jeito, pela conversa, pela fala, ou, não, *num* me interessou, mesmo ela sendo bonita, chamando atenção, tudo, não deu aquele *feelling* né? Então, ali, apesar de ser, eu sou um cara romântico, eu gosto de criar um clima de romance, antes que role alguma coisa. Aquela coisa automática, *pra* mim, não funciona muito, entendeu? *Aí, pra* mim o automático é assim, é a minha atitude. Se ela é uma pessoa automática, eu me transformo também *numa* pessoa automática. Se ela tá bagunçando eu vou bagunçar também. Tá, então eu não vou levar nada a sério do que você tá falando, tudo o que você fizer eu vou levar na brincadeira e *pá, pá, pá*. Então, é isso que eu coloco na minha cabeça. Quando é diferente, a chegada, o carinho, o modo de coversar é diferente, eu me coloco nessa posição que é a posição original, que eu sou romântico e gosto de conversar, gosto de ouvir o que você tem pra falar pra mim. O que você quer dizer pra se sentir melhor? Então é, eu consigo me transformar no que é necessário no momento ali (Fernando, 44).

Mas seria, então, o tratamento dispensado aos clientes o motivo do retorno às casas de *show*? As prostitutas possuem técnicas sexuais diferenciadas daquelas que habitualmente conhecemos? Essa é uma questão recorrente, na busca da compreensão dos motivos pelos quais os homens ainda são fiéis aos prostíbulos.

Não, não, a única diferença é que elas cobram pelo que elas fazem. Não tem não, né? É que a maioria aqui fora trabalham né, mantêm a aparência, mas como a gente tem a noite fora de lá, também aqui, é a gente conhece a cidade então tem muitas daqui. Tipo assim: ó vamos fazer uma festa numa chácara, num sítio hoje? Vamos. Então ah, liga *pra* cinco, seis aí, não importa o nome, são iguais. Só que lá não cobram não cobram né? Bebem, comem, aí depois vai de pé mesmo, vai, vai na grama, vai atrás do carro, onde tiver vai, entendeu? Não tem muita diferença não. A única diferença é essa, lá elas cobram, são profissionais, elas cobram por isso, tá (Fernando, 44)?

Segundo o relato acima, a questão excitante é realizar o pagamento pelo serviço da prostituição. Tal fato é revelador da manutenção do poder do macho pela fêmea (Beauvoir, 1980), da detenção do poder do mais forte sobre o mais fraco, determinada pela condição sócio-econômica (Baumam, 2004), enfim, o reforço de estereótipos que já estamos enfadados em vislumbrar.

Nao, não, vou te contar, tem mulher aqui, que é até melhor que elas. É que tem menina que vai tão bêbada *pra* cama, sabe, tão cherada, que ela não oferece prazer nenhum *pro* cara. É aquela ilusão. Então as *veis* aquele cara *pra num brigá, num discuti*, sai fora. *Aí* quando tem aquele cara que chega e

já tá tão bêbado, e ela que também que já usou da artimanha, e ele pensa que as vezes ele *tá* fazendo alguma coisa, e ele nem faz, nem, nem faz nada. É ilusão, é uma fantasia, *cê* entende? É mais fantasia do que realidade, por causa disso que eles sobrevivem, *cê* entende (Mandinho 64)?

### 7.1-g) Primeira relação sexual masculina;

[...] homem vai por duas *razão*, *cê* entende? Ele vai as vezes, é... (pausa) começo assim, né, as *veis* ele vai por uma curiosidade, *cê* entende, porque ele escuta os amigos falarem, então, ele fala:

- Não, não vou junto com os caras mais eu vou sozinho dar uma olhadinha. É que nem jogo de bicho, *cê* mesmo, que *cê* num joga, mas *cê* dá uma olhadinha no resultado ver que bicho que deu. *Cê* entende (Mandinho,64)?

A partir do relato acima, passamos a refletir sobre a relação da pressão sofrida pelo homem, quanto a primeira relação sexual. Poderia ser este, um dos motivos da recorrência á casas de prostituição?

Nos dias atuais a ocorrência de mudanças, frente atitudes e comportamentos sexuais, no entanto, como por exemplo, em relação ao primeiro beijo e a perda da virgindade masculina e feminina, que com a veiculação da mídia, nota-se uma tendência a ocorrência de um processo de aceleração. Ainda na pré-adolescência, entre 10 a 12 anos de idade, em programas televisivos, o BV, ou seja boca virgem, ainda é motivo de chacotas e insultos. Entretanto, há uma tendência após a difusão das DSTs, principalmente em ambientes vulneráveis, ao fato da iniciação sexual masculina, não restringir-se ao espaço prostitucional. E como será que nossos colaboradores lidaram com essa questão da perda da virgindade?

Não, minha primeira experiência sexual, foi com uma mulher bem mais velha que eu, no caso eu tinha 16, ela tinha 36. Mas não foi com uma garota de programa, não foi com uma prostituta. Não. É na minha vida já rolou muita coisa, já fui casado cinco vezes, já tive duzentos e noventa e nove namoradas, sim, só que eu deveria ser casado com a primeira mulher com quem eu me relacionei, que eu fui noivo, fiquei cinco anos noivo, *pra* casar, tudo pronto *pra* casar, aí eu conheci uma outra e larguei dessa, por essa aventura. E bem depois com essa aventura também não deu certo e eu caminhei, fui caminhando a minha vida. Então eu era virgem e a menina também era virgem. Era menina de família, cujo tal a gente caminhou para se casar já com casa, tudo. [...] Por que hoje analisando tudo o que hoje eu já passei, ela era uma menina de família, ela tinha sido só minha, e seria uma pessoa de total confiança e seria minha parceira *pro* resto da vida.[...] Eu tô dizendo isso pelo nível é... do amor dela por mim, *tá*? Quem viveu isso fui eu, então ela ficou arrasada, por muitos anos, até hoje, até hoje ela é *apaxonada* em mim, sou o homem da vida dela, apesar dela estar casada, já



ter dois filhos, eu sou o homem da vida dela, até hoje ela é apaixonada *ne* mim, tá. Então hoje eu tenho certeza que eu devia ter casado com ela. Porque a minha vida teria tomado um rumo diferente do que é hoje. Se seria melhor ou pior eu não sei, mas seria uma outra trajetória. Talvez nem estaria nesta cidade, *né* (Fernando 44)?

Apesar de não ter sido com uma prostituta a sua primeira vez, o depoente deixa evidente a importância dessa pessoa, em sua vida, que poderia ter, segundo ele, mudado o rumo de todos os acontecimentos posteriores. No entanto, se analisarmos, fica claro que a importância atribuída ao sexo pelo homem, não seria difícil de imaginar que ele pudesse ter outros relacionamentos, o contrário, daquilo que ainda se encontra em relatos femininos, de mulheres que tiveram a primeira relação sexual com seus respectivos esposos e jamais com outras pessoas. É uma condição socialmente aceita (Beauvoir, 1980).

Não, minha primeira experiência sexual, foi com uma mulher bem mais velha que eu, no caso eu tinha 16, ela tinha 36. Mas não foi com uma garota de programa, não foi com uma prostituta (Marcos 24).

Apesar de Marcos (24), não ter recorrido a uma prostituta para a sua primeira vez, ele procedeu de forma habitual, de acordo com ritos antigos de iniciação sexual masculina que deveria ser com uma mulher mais velha, a qual pudesse ser experiente e “ensinar” a arte erótica ao rapaz.

Foi há muito tempo, *cê* entende ? Era uma prostituta que ficava andando pelas ruas perto da estação de trem. *Os amigo* mais velho, todos pegaram ela e eu também peguei por influência deles, *cê* entende. Tinha uns dezessete anos não sabia de nada com mulher ai fui com ela em um quatinho *aonde* ela morava, depois voltei mais algumas *veis*, *cê* entende? Eu num sou bobo nem nada, nunca fui (Mandinho, 64).

O relato acima configura comportamentos e atitudes características do século XX e início do séc XXI, em que era muito comum aos mais jovens iniciarem sua vida sexual, com prostitutas, e, influenciados por parentes ou amigos mais velhos. Guimarães (2015), complementa que seu depoente, “repete o comportamento de seu avô de frequentar os bordéis e manter relação com as garotas de programa de forma automática sem levantar

nenhum tipo de crítica sobre seu agir uma vez que esse comportamento de um heterossexual “machão e putanheiro” é naturalizado (p.124). Assim como age nosso sujeito, ao frequentar as casas de prostituição, sob a influência e /com a companhia dos amigos e dar sequência à uma prática vivenciada por eles.

## **Rei da Zona**

(Juliano Cezar)

**Eu sou o fudido quando eu chego na Zona !  
Eu sou o fudido quando eu chego na Zona !  
Faço amor com a mulherada  
Mas primeiro eu vou na dona!**

**Quando eu chego na zona  
Fico até de madrugada  
Primeiro eu "cutuco" a dona  
Pra poder não pagar nada  
Fazendo amor com a dona  
Não preciso de dinheiro  
Quando é de madrugada  
Sou o chefe do puteiro  
Antes de me embriagar  
Vou levando com respeito  
Mas depois que eu encho o rabo  
Faço amor de qualquer jeito  
Depois que eu tiver chapado  
Tanto fez ou tanto faz  
Seja puta ou viado  
Qualquer ficará pra trás**

**Eu sou o fudido quando eu chego na Zona !  
Eu sou o fudido quando eu chego na Zona !  
Faço amor com a mulherada  
Mas primeiro eu vou na dona!**

**Todo dia eu tô na zona**

**Eu sou o linha de frente  
Quando eu não tô na zona  
Pode crer que eu tô doente  
A zona é coisa boa  
A zona é coisa jóia  
Tem gente que é contra  
Mas tem gente que apóia  
Quando o dia amanhece  
Tô pra lá de embalado  
Beijo na boca das puta  
Sapatão e até viado  
Uma mão vai na virilha  
E a outra vai no sovaco  
Eu "cutuco" a noite inteira  
Até arrancar o coro do saco**

---

---

## Considerações Finais

---

---

Assuntos como sexo, sexualidade, amor, prazer, estão sempre em pauta nos mais diversificados contextos e principalmente sendo veiculado diariamente pelos meios de comunicação em massa que hoje, nos saturam de informações. Eis aí o mote da questão, não trata-se de formação, mas de informação. Dentro desses convites à leitura sobre como obter maior prazer com o parceiro, a chamada parece convidativa, mas, ao adentrarmos sob uma ótica mais crítica, certamente iremos nos deparar à informações que estão permeadas a mitos, tabus e preconceitos, mesmo que a intenção primordial seja quebrá-los, é muito difícil ainda em pelo século XXI, pois somos frutos de uma cultura permeada à valores estereotipados em que o sexo feminino é frágil, e se encontra sob corpos doces.

Diante deste cenário apresenta-se o mundo real, aquele que necessita de subterfúgos para viver sua independência, ou de acordo com a ótica, sua dependência sexual. Em uma sociedade voltada para e pelo consumo, somos prisioneiros quando tentamos nos libertar, pois tudo tem seu preço.

E quanto custa o prazer? O valor é relativamente uma troca, dentro do labirinto da fuga, pensamos que estamos prestes à liberdade, entretanto, há por outro lado alguém a espera de nos mostrar o caminho para o aprisionamento, basta eu conseguir discernir e deter o domínio da situação, ou o castigo será a reclusão, só que em outro cárcere.

Falar sobre prostituição é algo muito pretencioso, pois, ninguém está imune a refletir sobre suas atitudes e rever seus valores, ao adentrar nesse universo. Porém, considerações a apontar é que a prostituição vive, pulsa, lateja e sobrevive, talvez nunca deixará de existir, pois alimenta corpos e mentes sedentos a busca de algo. E como estaremos sempre a busca, posso ser tendenciosa a acreditar que as mudanças estejam focadas nas características recorrentes de toda prática e comportamento sexual presente nos prostíbulos, que não se sustentem da forma como hoje se configuram, uma vez que o ser humano está sempre inovando, transformando. Acreditamos em um novo modelo de prostituição, voltada à práticas específicas, no sentido de atender aos “mutantes”, que hoje estão distribuídos em grupos, agendando encontros pela internet, mas que muito em breve, algum cafetão, no mercado de consumo, saberá a tendência e se apropriará.

A busca pela aquisição de prazer, por meio das mais diversas formas, já fazem parte do discurso de algumas prostitutas e seus clientes. Em um primeiro momento, não

encontramos conceito na aceitação, por parte das prostitutas. Contudo, a mídia facilita esses encontros diferenciados e o comércio entre eles.

Portanto, trata-se de um trabalho inconcluso, na medida em que vislumbramos adentrar pelas mazelas da busca pelo prazer, independente da forma, local e gêneros envolvidos.

Concluimos que a prostituição é tão necessária quanto qualquer outro meio de subsistência, pois mantém é mantida pelo próprio meio de consumo como um bem ou um mal necessário.

---

---

## REFERÊNCIAS

---

---

- ADELMAN, N., **Por amor ou dinheiro? emoções, discursos, mercados**. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCAR. São Carlos, n.2, 117-138, 2011.
- ADLER, L. **A vida nos bordéis da França: 1830 – 1930**. Editora Terramar, Lisboa: Portugal, 1990.
- AQUINO, P. **Desempenho das atividades de vida por prostitutas**. 2007, 128 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Araraquara, São Paulo, 2002.
- AQUINO P.S., XIMENES L.B., PINHEIRO A. K. B. **Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve histórico**. Revista Enfermagem em Foco, 2010.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Pt: Edições 70, 1997.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELL, J. Projeto de pesquisa: **Guia para pesquisadores e iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRESCIANI, M. S.M. **Metrópoles: as faces do monstro urbano (A cidades no século XIX)**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Editora Marco Zero, 1984/85, v. 5, nº 8/9, p62.
- BRUNS, M. A. T. & ALMEIDA, S. **Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Editora Átomo, (Coleção Sexualidade &Vida) 2004.
- BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAMPOS, C. J. G. **Metodologia qualitativa e método clínico-qualitativo: um panorama geral de seus conceitos e fundamentos**. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/poster1/05.pdf>>. Acesso em: 01 abril 2011.

CASTILHO, E. W. V. de. **Tráfico de pessoas: da convenção de Genebra ao protocolo de Palermo. In: cartilha Ministério da Justiça: política nacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas.** Brasília: 2007. Disponível em: [.pgr.mpf.gov.br/publicacoes/docs\\_artigos/artigo\\_trafico\\_de\\_pessoas.pdf](http://pgr.mpf.gov.br/publicacoes/docs_artigos/artigo_trafico_de_pessoas.pdf); Acesso em 14 de dez. 2015.

CECCARELLI, P. R. **Prostituição – Corpo como mercadoria, in- mente & cérebro**, 2008, Disponível em: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/prostituicao/htm>. Acesso em 31 março 2011.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)** Editora Brasiliense: São Paulo, 1989.

ENGEL in: BARRETO, L. C. dos A. **O cemitério dos vivos**, São Paulo: Brasiliense, 1983, 10ª Ed. pp. 151-152.

FACCHINI, R., MACHADO, S. **Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro**. In: Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino – Americana. Dossier, n.2, n.14 – ago. 2013 – pp. 195 – 228.

FRANÇA, C. A. V. **Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

FILATRO, A. **As teorias pedagógicas fundamentais em EAD**. In Litto F, & Formiga, M. (Orgs.). Educação a distância: o estado da arte (pp. 96-104). São Paulo: Pearson, 2009.

FREITAS, F, R. A. de. **BONDAGE, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, 2012.

FREITAS, M, T. A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa. N.116 julho/2002.

FREITAS, M.T, JOBIM e SOUZA, KRAMER,S. **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

FREUD, S. **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_, M. **Uma entrevista: sexo, poder, e a política da identidade**; tradução Wanderson Flor do Nascimento. In: Verve, 5. p. 260-277, 2004.



GUIMARÃES, K, MERCHÁN-HAMAN, E. **Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania**. Estudos feministas: Florianópolis, 2005.

GUIMARÃES, R.M. **Consumidores de prazer: o discurso de clientes da prostituição feminina**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras- USP- Ribeirão Preto, 2015.

GREGERSEN, E. **Práticas sexuais. a história da sexualidade humana**. São Paulo: Rocca, 1993.

IBGE. Diretoria de Pesquisas – DPE – **Coordenação de população e indicadores sociais-COPIS** – Acesso em: janeiro 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350320&search=sao-paulo|araraquara|infograficos:-informacoes-completas>

ILUSTRAÇÃO – Site [www.acritica.uol.com.br](http://www.acritica.uol.com.br) acesso em 24/02/2016.

LEITE JÚNIOR, J. **A cultura S&M**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 2000.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 200p. (8. ed.), 2005.

LOMBROSO, M. in KUSHNIR, B. **Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição**. Rio de Janeiro:Imago, 1996.

LOURO, G. L. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP:EPU, 1986.

MÁRQUES, F. T. **No cáis do corpo: um estudo etnográfico da prostituição viril na região portuária santista**. 2002, 250 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem), Universidade Federal do Ceará Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Fortaleza 2007.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MELO, S. M. M. de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

MENDONÇA, K. **Deus e diabo nos detalhes: a ética em Buber e Adorno**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política 60, p. 117-129, 2003.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

MINAYO, M.C.S, DESLANDES, S. F., GOMES, R. (ORG) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** 30ª ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NETO, O.C.O. **Trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, M.C.S, DESLANDES, S. F., GOMES, R. (ORG) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** 23ª ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 51-66.

PASINI, E. **Homens da vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH-Unicamp, Campinas – SP, 2009.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar- Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, In DINIS, M. I. **Silenciosas e silenciadas: descortinando as violências contra a mulher no cotidiano da prostituição em Natal – RN**. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2009.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**, Paz e terra: São Paulo, 1991. In: REBOLHO, A.C.F. **Estudo Bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à Prostituição da Pré-História aos dias atuais**. 264 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, 2015.

REBOLHO, A.C.F. **Estudo Bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à Prostituição da Pré-História aos dias atuais**. 264 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, 2015.

REY, L. In: AQUINO, P. **Desempenho das atividades de vida por prostitutas**. 2007, 128 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Araraquara, São Paulo, 2002.

RIBEIRO, P.R.M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROBERTS, N. **Prostituição na história**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SERAFIM, D., SILVA, G., SANTANA, J.L., PITTALUGA, L., DOMINGUES, R. in: GUIMARÃES, K, MERCHÁN-HAMAN, E. **Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania**. Estudos feministas: Florianópolis, 2005.

SILVA, M. J. da. **Jogos de inversão, jogos de poder: uma etnografia online sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetichista**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SILVA, J. A. de C. e. **Estresse no trabalho: machismo e o papel da mulher**. Niterói, RJ: Muitaquitã, 2006.

SOARES, L.C. **Rameiras ilhoas e polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX**. Editora Ática: São Paulo, 1992.

SJÖÖ, M & MOR, B (1987) in ROBERTS, N. **Prostituição na história**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998

SOUZA, F. R. de. **Saberes da vida da noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes**, 2007, 163 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação), Universidade Federal de São Carlos, cidade de São Carlos, São Paulo, 2007.

TRIGO, M. H. BRIOSCHI, L. **Interação e comunicação no processo de pesquisa**. In Lang. Alice B. Gordo (org). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. SP.: Atlas, 1992.

USSEL, J. V. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

VILLELA, W. V., ARILHA, M. Sexualidade, gênero e direitos e direitos reprodutivos. In: BERQUÓ, E. (org). **Sexo e vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp. 2003. p. 95-149.

WAGNER, A. (coord.) **Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ZILLI, B. D. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

---

---

**APÊNDICE**

---

---

Apêndice A - **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

NOME: \_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO: \_\_/\_\_/\_\_. IDADE: \_\_\_\_\_

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

SEXO: M ( ) F ( )

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

BAIRRO: \_\_\_\_\_ CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ FONE: \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de um grupo de prostitutas e seus clientes. O projeto de pesquisa será conduzido por: Professora Mestra Valéria Cristina Gimenes Prado, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, orientada pelo Professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pertencente ao quadro docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Araraquara.

Estou ciente de que estes relatos serão utilizados para a composição de Tese destinada à obtenção de título de Doutorado, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição.

A pesquisa tem por objetivo entender as relações educativas que ocorrem entre os clientes e as mulheres envolvidas com a prostituição, bem como as concepções que possuem sobre sexo, sexualidade, questões de gênero, e a visão que possuem de seus corpos e o modo como relacionam-se com eles.

Fui esclarecido (a) sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e a garantia do anonimato bem como esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Araraquara, de \_\_\_\_\_ de 2015. .

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

**Artigo I.**

**Artigo II.**

\_\_\_\_\_  
(assinatura)

Pesquisador Responsável

Nome: Professora Mestra Valéria Cristina Gimenes Prado

E-mail: [vagimenesprado@yahoo.com.br](mailto:vagimenesprado@yahoo.com.br)

\_\_\_\_\_  
(assinatura)

Orientador

Professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro

E-mail: [paulorennes@fclar.unesp.br](mailto:paulorennes@fclar.unesp.br)

**Apêndice B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROSTITUTA****Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de um grupo de prostitutas e seus clientes.**

- 1- Como você começou a vida na noite? Por quê? Foi uma opção sua?
- 2- É por necessidade financeira ou porque você gosta?
- 3- Como aprendeu a abordar os clientes, quem ensinou isso a você no início?
- 4- Como reconhece se o cliente é bom pagador, é carinhoso, não é violento, como lida com a questão da violência?
- 5- Como negocia o programa, o que geralmente eles buscam, o que atende, o que não costuma atender?
- 6- Como costuma seduzir ao cliente e demonstrar sua sensualidade?
- 7- Como o cliente costuma a seduzir?
- 8- Você costuma estabelecer vínculos com alguns clientes?
- 9- Recebe conselhos ou oferece conselhos a eles.
- 10- Os clientes procuram apenas sexo?
- 11- Geralmente há necessidade de inventar histórias, realizar várias fantasias?
- 12- O que os clientes geralmente chamam pra fazer, além de sexo?
- 13- Quem são seus clientes?
- 14- Quem é são as mulheres que prestam serviços sexuais?
- 15- O que aprendem e ensinam uns aos outros nos programas?
- 16- Como você lida com os riscos, com seu corpo? Como faz para minimizar os riscos?
- 17- Há algum tipo de orientação oferecida quanto aos riscos e a forma de prevenção?
- 18- Você estudou? Qual seu grau de instrução?
- 19- Sua relação com a educação, poderia ter alterado sua opção pelo trabalho com a prostituição?
- 20- O que você planeja para o futuro?

**Apêndice C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM CLIENTES****Comportamentos e atitudes sexuais no cotidiano de um grupo de prostitutas e seus clientes.**

- 1- Qual a sua idade e seu nível de instrução? Tente me situar sobre seu nível socioeconômico.
- 2- Você frequenta a Zona do Meretrício da cidade, ou alguma casa de show daqui?
- 3- E com que frequência você costuma ir?
- 4- Entre homens, vocês costumam comentar a respeito que foram, ou com que frequência vão? Comentam sobre as garotas, comentam o que?
- 5- Sua primeira experiência sexual foi com uma prostituta? Porque? Como?
- 6- Como que você começou o seu contato com as prostitutas?
- 7- Quem são as prostitutas que você conhece como elas são, o que você tem a dizer sobre elas?
- 8- Você acha que elas estão na noite por necessidade ou porque gostam? Conhece o caso de alguma que queira relatar?
- 9- Você acha que algumas delas procuram formas de conquistar parceiros para poderem sair da vida da prostituição? Tentam enganá-los, engravidar, por exemplo.
- 10- Como elas abordam os clientes, são elas que chegam em você, ou você quem faz a abordagem?
- 11- Como costumam seduzir ao cliente, como expressam sensualidade?
- 12- Sobre a vida delas, o funcionamento da casa, os ensinamentos de como agir na noite, você sabe alguma coisa? (saber também quanto aos valores da casa e bebida)
- 13- Você costuma ser um bom cliente? Paga bem oferece a mais, ou só o valor do programa? Conhece histórias de clientes?
- 14- Você beija uma prostituta na boca? Já se apaixonou por alguma? Já estabeleceu vínculos com alguma delas? Já teve uma cliente fixa, ou namorou alguma?
- 15- Quem são as garotas que você procura?
- 16- Quem é são as mulheres que prestam serviços sexuais? Sabe como elas vivem e sobrevivem nas casas, ou na noite?
- 17- Os clientes procuram só sexo nas casas de show? Já procurou alguma cliente para fazer outro tipo de coisa, o que? Sair pra balada etc.)
- 18- Já procurou receber conselhos ou oferecer conselhos a elas?

- 19- Você acha que há uma troca educativa entre cliente e prostituta?
- 20- Em relação a fantasias você já as procurou pra realizar alguma, qual (is).
- 21- Como você vê a questão da violência da vida de prostituição? Já foi violento, ou sentiu vontade de ser? Sabe de algum caso?
- 22- Quanto à prevenção, você acha que elas se previnem? Como acha que elas agem com o corpo, acha que elas deixam de se prevenir se a oferta for maior?
- 23- Você acha que elas recebem orientação contra a prevenção?
- 24- Você se previne contra as DSTS? Como lida com seu corpo?
- 25- Porque procuram prostitutas? Você acha que elas sentem prazer e chegam ao orgasmo com todos os clientes? Acha que elas fingem? E se elas fingem o que pensa sobre isso?
- 26- Quem procuram as prostitutas? Só homens? O que você acha?
- 27- Você acha que as prostitutas procuram casamento? Parceiros fixos que possam a tirar da prostituição?
- 28- Você acha que a prostituição trará reflexos para a vida futura das prostitutas, quanto ao prazer? Me refiro ao futuro, com um possível parceiro que seja mais que um cliente, acha que elas sempre tenderão a fingir orgasmos?
- 29- Você acha que maiores chances de estudo e formação, poderiam alterar a opção pelo trabalho com a prostituição?



---



---

## PROSTITUTAS

---



---

### *Lorena, 40 anos*

Lorena foi a primeira pessoa que realizei entrevista ao chegar na casa de show. Essa casa se localiza na avenida em que contém bares e boates, e esta seria popularmente a casa mais frequentada pelas classes mais baixas devido a sua localização, fica próximo a esquina, lá também se alojam os pontos das garotas de rua que são as popularmente menos valorizadas, e também, por ter característica de acolher a todas as garotas que a procuram.

Quando adentrei a boate, abordei um grupo de três meninas que estavam sentadas logo na entrada, em cadeiras brancas de plástico, vestiam saia jeans ou shorts e na parte de cima somente um biquíni. Apoiavam as pernas sobre outra cadeira vazia de forma a exporem suas partes íntimas, totalmente desnudas.

Ao falar sobre a pesquisa e indagar sobre possíveis voluntárias à participação, Lorena me disse que tudo bem, mas que eu teria que ter a autorização da dona da casa.

Aporto-me para o interior de uma sala com um balcão de bebidas, onde se encontra uma senhora com vestes comuns a quem está em casa. Aparência simples, olhar expressivo e atento, mas com certa desconfiança. Quando peço sua autorização, ela me responde com voz suave: não se elas vão topiar, mas, pode fazer.

Agradeço e digo que não vou força-las, respeitarei suas vontades e caso eu não consiga voluntária, assinalo que serei muito breve.

Volto novamente ao grupo de garotas sentadas na entrada da casa e puxo uma cadeira dessas plásticas de bares e me sento junto a elas. Pergunto quem seria a primeira voluntária e elas se entreolham com certa desconfiança. Duas delas se recusam. Eu insisto e noto que esta terceira garota sentiu certo compadecimento e resolve deixar eu a entrevistar. Ao mesmo tempo em que alívio, neste momento já sentimos a tensão de mais uma vez ter dificuldade em coletar os dados, pois foram meses de aproximação para conseguir chegar a entrar em uma casa de show.

Enfim começamos:

**Entrevistadora:** Eu vou fazendo as perguntas e você vai respondendo com naturalidade, é só pra gente não se perder, porque nós vamos bater papo.

**Lorena:** É porque eu tenho pouco tempo na vida “isso aqui”, então não vou saber muita coisa (risos)

**Entrevistadora:** Qual é a sua idade?

**Lorena:** Quarenta.

**Entrevistadora:** Qual que é o tempo que você tá no trabalho noturno?

**Lorena:** Cinco meses. Cinco a seis meses.

**Entrevistadora:** E porque você começou? Que te levou a isso?

**Lorena:** É que eu me separei, então tava parada, desempregada, aí onde eu (pausa) achei mais fácil, entendeu? Porque aí eu comecei a entregar currículo e nada e aí eu me separei tudo, meus filhos até tá com são grandes, os meus filhos, vinte e três anos de casada, foi na onde eu entrei. Eu acho que também um pouquinho é porque eu gosto sabe...(risos)? Vamos jogar o tempo, o certo sabe, mas tamos aí.

**Observação:** nesse momento a entrevistada solicita para eu desligar o gravador e se diz envergonhada em assumir que gosta da vida de prostituição. Conversamos um pouco e eu deixei-a bastante confortável, salientando sobre a necessidade do prazer feminino e ela

consentiu em manter a parte da entrevista em que ela assume o prazer em se prostituir e por essa questão, desta forma ela consentiu em prosseguir com a entrevista.

**Entrevistadora:** Como que você aprendeu a fazer um programa, quem que te ensinou?

**Lorena:** É deferente né, a gente com o marido da gente, a gente faz com amor tudo né...aqui a gente tá fazendo por ganhar né, então a gente faz, faz a parte da gente sem sentir e não e sente nada, eu não sinto nada pelos cliente, vem, aí eu faço a parte que tem que fazer e já... entendeu? Então na casa da gente é diferente, a gente sente amor pelo marido então faz, né, um amor, um carinho, essas coisas, é diferente. Aqui é por dinheiro mesmo e... (silêncio).

**Entrevistadora:** E quem que te ensinou dessa forma, como que você recebeu essas dicas?

**Lorena:** Não (risos) eu sei lá se foi de mim mesmo sabe, ninguém me ensinou nada não, e foi eu mesmo, entendeu? A gente ao tempo a gente aprende muita coisa né (risos)?

**Entrevistadora:** Como que você reconhece se aquele cliente é um cliente que vai te tratar bem, se ele é um bom pagador, se você deve sair com ele?

**Lorena:** Bom, a gente já a partir do momento que a gente apresenta pra pessoa, a gente vê se a pessoa é uma pessoa boa né, pessoa que você vê, pessoa que se vê a aparência, que a pessoa conversa, né? A gente senta na mesinha, conversa primeiro tudo, se a gente gostar, dá certo, e vai fazer o programa, se não... (pausa) Já vê de cara ali é um não sabe, a gente já sai. Tá bom?

**Entrevistadora:** Porque tem aqueles clientes que são violentos? Ou não?

**Lorena:** Com certeza é, é, a gente não sai daqui, “Ela” (*a dona da boate*) não deixa, é aqui mesmo sabe. Então já é por isso, pra evitar esse tipo de coisa, porque fora..., é perigoso. “Ela” fica esperta. É, com certeza, a gente não sai não, “Ela” (*a dona da boate*) não deixa.

**Entrevistadora:** E com aquele cliente num deu na cara que ele é um cara violento e na hora que ele começa, ele começa a ser violento. Como que você age com a violência, como que você aprendeu a agir com a violência?

**Lorena:** Bom, eu acho que a gente já vê tipo de ó: se a gente entra no quarto, tudo e ele começar, eu já largo ele e eu já saio, porque a gente fica aqui e a gente faz programa aqui mesmo né? Aí, eu saio e largo. Como você tá aqui, você tem como largar e sair. Com certeza. Jamais né, jamais se tiver que acontecer esse tipo de coisa a gente vai continuar né, como assim, pra começar ela não vai deixar né? Eu também não vou deixar né, porque não tô ganhando pra isso né, então quer dizer, eu não vou deixar jamais isso acontecer comigo, entendeu? Porque nem na minha casa nunca aconteceu isso, quando eu era casada, então agora pra fora eu também não vou deixá. Entendeu?

**Entrevistadora:** Como que você demonstra sedução?

**Lorena:** Aí a gente joga um charminho né (risos) sabe..., linda, arrumadinha, se a gente puder chegar a gente vai chegando, conversando: oi, tudo bem? Sabe, então a gente conquista os cliente né?

**Entrevistadora:** Tem todo um preparo pra vocês abordarem os clientes, como fazem pra se arrumar, se preparar?

**Lorena:** A gente tem horário a gente se arruma tudo, vem pro salão já se arrumadinha, a gente senta na mesa, fica na mesa e os cliente chega né. Chega na gente chegou, que não chegá a gente chega neles, tudo bem, conversa, rola um papinho né, se rolá rolou, se não rolá, cada um... a amizade ficou de boa.

**Entrevistadora:** E me fala uma coisa, os clientes procuram vocês só pra sexo?

**Lorena:** Não, muitas vezes não vem só pra sexo, muitas vezes uns vêm só pra beber mesmo, pra conversar, entendeu? Tem uns que chegou ne mim e falou pra mim assim: Olha você é uma pessoa muito legal, eu gostei de você, eu vou voltar mais vezes, pra gente conversar, não pra sexo, mas enfim, gostei de você do seu jeito, você é muito simpática, então a gente vai vim pra conversar. E de fato eles voltaram, tomaram a cervejinha, me procuraram, entendeu? Pra conversar, desabafar um pouco. Muitas vezes eles desabafam ainda é o que tá acontecendo em casa mesmo pra gente. É meio que um ombro amigo.

**Entrevistadora:** Como, com quem que vocês aprenderam a dar conselhos aos clientes?

**Lorena:** Ah, eu mesmo, é de mim mesmo, sabe, de mim mesmo. Acho assim, cê sentar com a pessoa, conversar com a pessoa, eu acho que cê já vê a pessoa de ... o jeito que a pessoa é. Você vê que uma pessoa que é bom você continua, se você vê que a pessoa já mum... Você vê no rosto da pessoa né? Cê já cai fora.

**Entrevistadora:** E me fala uma coisa, aprende com eles, tem uma troca? (Obs: Fomos interrompidas por uma prostituta da casa que chegava buzinando sua moto sorridente cantarolava: Saco cheio e coração vazio. Parecia expressar alegria, se aproximou, me cumprimentou e se ofereceu a ser a próxima participante. Após essa breve pausa, retornamos eu e Lorena questão interrompida).

**Entrevistadora:** Você aprende com eles, eles você acha, tem uma troca educativa entre vocês e os parceiros?

**Lorena:** Muitas vezes tem, muitas vezes não, né? (pausa de quem estava pensativa) Ontem mesmo aconselhei um, dí, falei, conversei com um novinho rapaizinho aí, ele tava preso, tinha saído tudo e eu dei uns conselhos pra ele, sabe eu praticamente eu tenho filho de vinte e cinco ano, então assim, ele tem 30 ano, ele foi preso duas vezes, ele tava aqui o rapaizinho, ele foi preso duas vezes, ele falou que chegou aqui ontem turbinado sabe. Ai, sentei com ele na mesa, ele ficou até quatro horas da manhã na mesa conversando comigo, dí uns conselhos, falei vai por mim entendeu? Hoje eu to trabalhando, é meu trabalho, mas, você é tão novinho, sai dessa vida, não fica nisso aí. Ele falou: eu to com medo de ser preso de novo. Eu dí uns conselhos pra ele entendeu? Aí saiu aqui, ele falou assim, olha, eu vou voltar aqui pra conversar com você, eu gostei de conversar com você. Entendeu? Então, quer dizer, se a gente pode ajudar conversando, igual, ele é novinho, bem mais novinho, então né, a gente vamo em frente, entendeu? Ele escutou bem, ele escuto bem meus os conselhos, eu falei, sai dessa vida que essa vida não te leva a nada, cê é muito noivinho, tem a vida toda pela frente, entendeu? Então ele escutou os conselhos entendeu, eu falei por mim que eu tenho um filho quase da tua idade, então eu to te falando, não é porque eu to aqui hoje, mas vai pela amizade, entendeu?

**Entrevistadora:** Em relação a fantasias você realizou muitas?

**Lorena:** Não, eu não cheguei fazer isso ainda não porque aqui na casa, nessa casa aqui, eu tenho pouco tempo, eu trabalhei numa casa de massage. Então, pra noite eu tenho pouco tempo, pouco tempo, então assim, lógico, eles qué, eles qué, se pude eles que tudo mesmo né, mas a gente tem certinho os horário da gente, se demora um pouquinho mais no quarto eles bate na porta, cê tá entendendo? Aqui é desse jeito. Aqui é meia hora, então se entrá lá e começá a enrolá, tem que fazê logo as coisas, então não fica aquelas coisa muito de... coisa de fantasia entendeu? Agora a partir do momento que ele quiser sair daqui pra fora ele tem que me pagar a mais, mas aí já é outros papo, aí pode, eu posso ficar com ele o dia inteiro, é só ele me pagar, mas aí as fantasias são diferentes, que aqui não dá tempo de fazer nenhuma fantasia. Aqui é meia hora, o mínimo é R\$80,00 depois R\$120,00, que eu cobro. Aí se ele quiser sair, aí eu vou vendo os preços, aí gente vê os preços, que a gente é que tem que pagar nossa parte da casa pra sair né? Lá fora ele pode escolher até fantasia, mas aqui dentro fica meio complicado, até por que é rápido né?

**Entrevistadora:** Me fala uma coisa, você acha que existe perigo essa vida da noite?

**Lorena:** Ah, com certeza existe, existe, existe muito.

**Entrevistadora:** e como você lida com essa questão dos perigos?

**Lorena:** Bom, igual eu to aqui dentro da casa aqui, eu evito o máximo que eu pude de ir pra aqui fora, tenho até medo de ir pra longe por causa que já é um meio bem falado, então quer dizer garota de programa já é um meio bem falado, mais que tem muita gente com mal sentimento por aí, tem gente que quer mexer com coisa errada e prejudicar a gente, tem bastante né? Então eu evito o máximo, fico aqui mesmo que pelo menos eu sei que aqui acaba não acontecendo nada comigo.

**Entrevistadora:** E a questão das Doenças, como vocês lidam com isso?

**Lorena:** Então, a gente se previne né, previne usando camisinha (pausa).

**Entrevistadora:** Tem aqueles clientes que querem pagar a mais pra sair sem?

**Lorena:** Tô tem, mais aí, a gente não aceita né, não aceita, se quiser, vai ter que ser com camisinha, ou nada feito. Pode pagar o tanto que for, entendeu? Mas sem camisinha, eu? Não vai.

**Entrevistadora:** E vocês tem aqui um acompanhamento pra falar sobre as doenças, que vem aconselhar, elas passam aqui? **Observação:** Visto a expressão de profundo desconhecimento, tanto da entrevistada, quanto das quatro moças que estavam alternadamente atentas tanto a entrevista quanto a abordagem de clientes que passavam pela calçada e que no momento desta questão em específico, pelo fato de buscarem respostas umas nas outras, achei necessário interceder, com a seguinte fala: Não é porque eu estou saindo com elas, que vocês tem que falar, não elas vêm, tá, porque uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.

**Lorena:** Bom, porque eu não vi.

**Entrevistadora:** As meninas do Centro de Testagem e Aconselhamento, se elas vêm até vocês pra explicar, pra fazer a prevenção na verdade?

**Lorena:** Bom porque de quando eu tô aqui eu não vi. Quando eu tô aqui eu não vi também.

**Entrevistadora:** Qual que é seu nível de instrução, você estudou?

**Lorena:** Só até a quinta série (risos), até a quinta série (pausa).

**Entrevistadora:** Tá, e você acha faz falta a instrução na sua vida?

**Lorena:** Com certeza faz !

**Entrevistadora:** Você acha que se estivesse estudado você não teria precisado escolher esta vida, ou você acha que não tem nada a ver uma coisa com a outra?

**Lorena:** Se tivesse estudado, com estudo hoje talvez tava até formada, alguma coisa aí né, talvez precisaria nada disso né?

**Entrevistadora:** E quais são seus planos pro futuro agora?

**Lorena:** Meus pranos...é ter um servicinho digno (risos), não vou falar que ele não é digno (risos) acho que é uma palavra digna, mas é que é perigoso entendeu, é perigoso, é uma profissõzinha sempre perigosa, não vou falar que não é, porque é, tem muitos homens. Eu já sei casos, entendeu, que dois caras que catou uma menina que tava na rua fazendo ponto, jogou dentro do carro, estupraram e mataram, entendeu? Então, eu fico meio assim com medo, entendeu? Igual eu falo, se eu saio, nunca saio sozinha, eu preciso ter quem ali na frente comigo, ou ela vai, ou ela vai ali (e aponta outra moça),entendeu? Nunca sai sozinha, quando sai, sai sempre de duas. Enquanto tá aqui beleza, mas sai do portão pra fora é de duas. Nunca tá sozinha entendeu, porque não vai falar que não tem, porque tem gente malandra entendeu? Eu pretendo sim, né, voltar a estudar, mas, voltar a estudar de novo, fazer uns cursinhos aí... entendeu? Não sei, quem sabe.

**Entrevistadora:** Você tem algum caso fixo? Tem algum cliente que te procura sempre aquele mesmo?

**Lorena:** Não, não, não, eu não.

**Entrevistadora:** E você pretende ter algum caso fixo?

**Lorena:** Não, acho que não. Tem algumas que até preferem. Ah tem, tem, tem sim. No meu caso ainda não veio né? Acho que eu tenho pouco tempo né?

Devido ao fato da timidez da participante e a manifestação do desejo de terminar a entrevista, encerramos agradecendo a participação e colocando-nos à disposição para qualquer esclarecimento que, assim, o faça necessário.

## *Luana, 26 anos*

Esta garota de programa foi a segunda entrevista, na mesma casa de show. Ela chegou pilotando sua própria moto, cantarolando alto buzinando sua moto, como alguém que chega muito alegre ao local de trabalho e faz questão de ser anunciada. O trecho da música que ela cantarolava é Saco cheio e coração vazio. Na realidade esta música é sucesso atual do universo Sertanejo Universitário dos cantores Henrique e Juliano, intitulado “Pra você voltar” que, na realidade, não contém a estrofe cantada pela garota, mas revela, na realidade seus verdadeiros sentimentos. Ao final da entrevista, apresento a verdadeira canção.

Continuando: Ela se aproximou e quis saber o que eu estava fazendo. Expliquei sobre a pesquisa e ela saltitante disse: Ah, eu quero, também quero participar.

Minha expressão naquele momento foi de bastante alívio e certa alegria, pois eu teria uma segunda voluntária, num meio permeado a segredos.

**Entrevistadora:** Posso te chamar de?

**Luana:** Luana

**Entrevistadora:** Luana, quantos anos você tem?

**Luana:** Tenho vinte e seis anos.

**Entrevistadora:** Vinte e seis? E quanto tempo você tá...

**Luana:** Na noite? Então (pausa) ao todo uns sete anos.

**Entrevistadora:** Me conta uma coisa, como que você entrou pra noite?

**Luana:** Eu entrei pra noite depois de uma decepção amorosa (pausa). A decepção foi muito grande. Foi. É muito triste você as vezes decidir a não ter um filho e o seu parceiro que ter um filho e você por...por não querer ter um filho né, pela a situação financeira que no momento não dava, e o seu parceiro ter um filho fora de casa e você descobrir isso num casamento.

**Entrevistadora :** Então você era casada?

**Luana:** Isso.

**Entrevistadora:** Você começou aqui ou não?

**Luana:** Eu comecei em outro lugar, mas, não gostei, sofri muito quando entrei na noite, muito demais, meu chão abriu, mas conheci essa boate e gostei, nesta boate eu trabalho há uns cinco anos.

**Entrevistadora:** Quando você começou, foi em boate ou já foi pra rua?

**Luana:** Na boate

**Entrevistadora:** Quando vc começou como que você começou a abordar, alguém te ensinou? Como que vc aprendeu a abordar os clientes?

**Luana:** Com a bebida tudo fica mais fácil né, você se sente mais alegre, mais espontânea, né? Mas no começo, no começo, eu não gostava muito de fazer programa não, bebia pra caramba, então era mais lucro pra dona de.. da casa.

**Entrevistadora:** foi uma opção sua ter entrado pra , pra noite?

**Luana:** Isso.

**Entrevistadora:** Agora me diz atualmente, é por necessidade ou é por que você gosta?

**Luana:** Hoje, hoje eu levo como uma necessidade, gostá de ter vários homens, isso não é o meu forte, né? Mais necessidade, tenho meus objetivos. Se hoje eu for arrumar um emprego, lá fora no mercado de trabalho eu não vou ganhar tanto quanto eu ganho aqui, né? Eu acho que é o sonho de qualquer pessoa, ter sua casa própria, um meio de condução, e aqui não é fácil, é um dinheiro rápido.

**Entrevistadora:** Quantos programas chega a se fazer por noite.

**Luana:** Se for uma noite boa, faço até quatro ou cinco programas. Tem dia que é péssimo, você não faz nenhum.

**Entrevistadora:** E tem que ter um investimento pra isso?

**Luana:** Lógico, temos os nossos gastos, é: salão, cabelereiro, roupas, calçado, perfume maquiagem que você gasta todos os dias. Então, tudo tem o seu investimento, você tem que investir em si.

**Entrevistadora:** Como você, como que você reconhece no salão se aquele cliente é bom, se você deve pegar ele?

**Luana:** Não (pausa). É tudo..., não, não tem como reconhecer, coração dos outros não é terra que se pisa, né? Mas tem que ir lá e tentar a sorte, se não deu, cê viu que o cara tá sendo meio arrogante, pede licença e sai fora. Sempre tem outro.

**Entrevistadora:** Tem a questão da violência também né?

**Luana:** Sim com certeza, corremos nossos riscos sim. Mas o homem ele é um ser assim tão racional, é tão diferente que as vezes você pensa, nossa entrar pro quarto com aquele cara, quarenta minuto vai ser uma hora e meia. Não é bem assim, às vezes a pessoa aqui fora no salão é (pausa), apresenta ser uma pessoa tão estúpida mas quando chega no quarto é um amor. Graças a Deus eu nunca sofri nenhum constrangimento com nenhum cliente, graças a Deus.

**Entrevistadora:** Como que você costuma seduzir aquele cliente que você deseja?

**Luana:** As vezes um homem ele vem na boate em tanto atraís de uma sensualidade nem atraís tanto de um sexo. Às vezes um homem ele vem atraís de uma palavra não tenho nenhum meio porque, de tá seduzindo gosto de trabalha comportada, não gosto de trabalha me expondo tanto meu corpo, eu uso mais a minha simpatia, o meu eu.

**Entrevistadora:** Você, cê já deu alguns conselhos pra clientes?

**Luana:** Sim

**Entrevistadora:** Você já teve clientes que vieram te buscar só pra conversar?

**Luana:** Com certeza.

**Entrevistadora:** Então os clientes veem buscar apenas sexo?

**Luana:** É mito, na realidade as vezes eles são carentes porque em casa a esposa não dá um bom carinho, as vezes a esposa não dá uma atenção, a esposa não dá uma palavra, o homem, ele é um bicho né, ele acaba vindo atrás de algo diferente, às vezes nem sempre é sexo, mas sim uma palavra que conforte seu coração.

**Entrevistadora:** Você já aprendeu alguma coisa com algum cliente?

**Luana:** Sim, já aprendi. É uma troca. As veis nois da noite também somos muitos carentes, cê acaba conhecendo uma pessoa diferente, um cara legal, um cara bacana, cê acaba conversando com ele e acaba tendo um carinho.

**Entrevistadora:** E ele acaba voltando outras vezes por conta disto?

**Luana:** Com certeza não apenas só atraís de sexo.

**Entrevistadora:** Sobre fantasias, você já fez muitas fantasias?

**Luana:** Ai menina (pausa) é...o homem ele, ele sempre tem suas fantasias né? Sempre, sempre tem alguma coisa, Já passei por várias, já fiz fantasias né? De vários homens, ainda bem, e vem com suas fantasias (pausa). A mais engraçada que eu tive era me passar pela sua esposa. É chato pra mim como pessoa? É, mas... pela esposa, é ruim pra mim se passar. É, mas é o meu trabalho, ele me pediu tive que agradar.

**Entrevistadora:** O que você acha que ele buscava?

**Luana:** A esposa perfeita. Isso (pausa) é incrível. Teve a hora assim que era até gostoso, mas é ruim assim a gente se passar por outra. (risos)

**Entrevistadora:** Quem geralmente são os seus clientes, qual que a faixa social deles?

**Luana:** Então, eu sou uma pessoa que num, num julgo classe social de ninguém, desde que a pessoa me trate bem e desde que a pessoa me agrade financeiramente, num escolho classe social. É de um tudo, na noite vem de um tudo, desde do mais rico ou dê do mais pobre, prefiro até os pobre que acaba gastando bem mais, do que os ricos, os ricos se são ricos é porque guardo né, é mais difícil de gastar, são uns verdadeiros turcos. Então os pobres da

classe mais baixa, eles gastam bem mais. Ai, e graças a Deus sempre aparece os mais novos e são gatos também. Tem sim, tem uma pessoa que é um cliente que ele é uma pessoa mais idosa, legal, bacana, não vou falar que me completa, porque estarei mentindo, mas me sinto bem a vontade a seu lado.

**Entrevistadora:** Me fala um pouquinho do como você lida com esses riscos na noite, com os riscos do seu corpo.

**Luana:** Em termos de camisinha, em termos (pausa)?

**Entrevistadora:** Isso também.

**Luana:** Ah sempre, camisinha sempre, sempre, sempre, e mais o kit do trabalho, é um lubrificante básico, né porque quanto mais você faz programa, a, a sua vagina ela vai inchá né, então é meio difícil, é o risco é maior de uma camisinha estourar então tem que ter um lubrificante porque não existe nenhum tipo de tesão qualquer nenhum cliente.

**Entrevistadora:** Não tem?

**Luana:** Não tem, é muito difícil. Entre mil, três casos.

**Entrevistadora:** Você já chegou a ter orgasmo com algum cliente?

**Luana:** Sim, mas com clientes que já são clientes que vem que fica comigo algum período. Não sou de me entregar tanto na cama para os clientes. Só fixo. Tenho um cliente fixo, mas não significa que possa rolar algum tipo de orgasmo, posso até fingir, mas orgasmo, orgasmo, é muito raro.

**Entrevistadora:** E você trata de forma especial esse cliente fixo? Porque ele é cliente fixo?

**Luana:** Ele é meu cliente, procura eu, eu nunca vo procura, porque é um ambiente de trabalho onde os homens vem atrás da gente, não nós que vamos atrás. Então é cliente fixo porque as vezes ele me trata bem, me chama pra sair e é gostoso. Ah, às vezes é uma pessoa que te faz bem, uma pessoa (pausa). Porque você tá longe da sua família, né, então você tem que agarra com as pessoas que gostam de você, as pessoas que desejam o seu bem, tem que ta sempre próximo.

**Entrevistadora:** E você já teve um contato com ele fora da casa então?

**Luana:** Já, já tive, já saímos pra beber, dançar, fica todo mundo doido, muito gostoso né, mas não passa apenas de um cliente. Mas é bom, ainda mais que eu não tenho ninguém aqui, minha família não é daqui. Sempre tive respeito pela minha família. A sociedade hoje em dia ela tem muito preconceito contra garota de programa. Sem saber assim que nós não fazemos nada de mal a ninguém nada assim contra a lei, né, às vezes é assim por necessidade, cada uma tem a sua história de vida conheço várias histórias, de várias amigas que ficamos sabendo na noite. E é isso.

**Entrevistadora:** E a sua família sabe, ou ela não sabe, ou você poupa sua família disso?

**Luana:** Nunca menti pra minha família, sou uma pessoa contra mentiras, sou muito verdadeira, transparente, mas o respeito sim, não tem o porque eu ficar me prostituindo na minha cidade, passando vergonha na minha família e sim, seria uma vergonha pra ela.

**Entrevistadora:** Me fale sobre o uso de drogas.

**Luana:** Não, eu não tenho necessidade de me drogar pra mim faze um programa, antes eu tinha necessidade de beber pra eu faze um programa porque eu não ia de jeito nenhum se eu tivesse sã, mas... graças a Deus a minha pessoa não, não precisa de drogas.

**Entrevistadora:** E sobre as formas de prevenção de como se cuidar no trabalho da noite?

**Luana:** Sim a CTA sempre está por aqui passa por perto, sempre fazendo exames, sempre dando preservativo e primeiramente você tem que ter o seu cuidado próprio né? Não só espera pela pessoas, cê tem que corre atrais. Me cuido super bem, tenho exames, faço exames de seis em seis meses.

**Entrevistadora:** Você estudou ?

**Luana:** Sim estudei, estudei, me formei, assim, não me forma, mais terminei meu ensino médio, fiz um curso técnico, trabalhando na noite.

**Entrevistadora:** Você é técnica em?

**Luana:** Farmácia.

**Entrevistadora:** E essa sua relação com a educação, ela não alterou a sua decisão no trabalho com a noite?

**Luana:** Sim, atrapalha um pouco porque se você tá focada na noite, você tá focada apenas no dinheiro, se você tem algo lá fora, estudando, o tempo não vai ser o mesmo, então você tem que dedica a uma coisa ou outra. No meu caso eu, eu meti a cara, fui termina meu ensino médio, ganhei uma bolsinha, fui fazer meu cursinho, terminei, e nisso a minha vida financeira caiu um pouco (pausa) bastante, mas graças a Deus tá aí. O estudo de certa forma não poderia ter me dado tudo que a noite oferece. Só que na realidade assim eu penso que o estudo é acima de tudo. Se eu tivesse uma estrutura de vida hoje, se eu tivesse pensado quando eu era mais nova, hoje em dia eu estaria na Universidade. Então, o conselho que eu dou pra qualquer jovem é: vai ao estudá porque isso aqui não é vida pra ninguém. É uma vida que eu num desejo pra ninguém. É uma vida que é assim, é a, o, o que as pessoas falam: é vida fácil. Não é fácil, é um dinheiro rápido. Não é fácil. Então o conselho que eu dou, estudem, corre atrás mesmo dos seus sonhos porque a noite, ela é muito passageira. No começo é tudo festa, depois a sua pessoa cai em si e vê que não é aquilo. E o tempo vai passando.

**Entrevistadora:** O que você planeja para o futuro?

**Luana:** Ah, o que que eu planejo pro futuro (pausa)...ganhar o suficiente pra ter um lar, que seja meu, ser uma pessoa independente, não pretendo casá no momento, de jeito nenhum, pretendo conquistá minhas coisas e quem sabe, futuramente, fazê uma faculdade.

**Entrevistadora:** Você gostaria de seguir em que área?

**Luana:** Então, quando eu era mais mocinha, bem novinha, pelo lado que eu moro que é Goiais, o pessoal gosta muito de agronomia, mas depois que eu fiz um cursinho e vi um pouquinho, um pouquinho que seja na área de nutrição, eu adorei.

**Entrevistadora:** Você gostou da área de nutrição?

**Luana:** Amei a área de nutrição. Com certeza! A gente come tanta porcaria, né?

**Entrevistadora:** Eu vou agora (pausa).

**Observação:** Neste momento tenho que encerrar a entrevista, pois uma colega da casa solicitou a presença de Luana nos interiores do salão.



## **Até Você Voltar**

(Henrique e Juliano)

**Aqui sentado nessa mesa  
Só o copo de cerveja é minha companhia  
E essa casa está tão cheia  
E parece vazia sem você comigo**

**E hoje está fazendo um ano  
Aqui no meu calendário ainda está marcando  
O dia e o mês, foi a primeira vez  
E o que me prometeu, será que se esqueceu?**

**De todos nossos planos, nossos filhos, nosso apartamento  
Da nossa lua de mel, do nosso casamento  
Como pude acreditar nesse seu juramento?  
E agora estou sozinho outra vez**

**De copo sempre cheio, coração vazio  
Tô me tornando um cara solitário e frio  
Vai ser difícil eu me apaixonar de novo  
E a culpa é sua**

**Antes embriagado do que iludido  
Acreditar no amor já não faz mais sentido  
Eu vou continuar nessa vida bandida  
Até Você voltar.**

## *Samara, 31 anos*

Esta garota de programa, foi a terceira a ser entrevistada na mesma casa de show. Fato curioso é que esta faz parte do grupo de garotas que estavam sentadas em frente à casa e foi uma daquelas que se negou a participar.

No momento que senti que todas as possibilidades de entrevistas estavam esgotadas, fui me despedir da dona da casa e cruzei com Samara, ela saindo e eu adentrando. Ela me perguntou já vai? Eu respondi com tom sincero, vou sim, mas gostaria de ter te entrevistado. Aí então ela me respondeu com um belo sorriso no rosto: Eu aceito, vamos lá.

**Entrevistadora:** Samara, qual é a sua idade?

**Samara:** Hoje eu estou com trinta e um anos.

**Entrevistadora:** Quanto tempo faz que você entrou na noite?

**Samara:** Já vai fazê uns nove anos. Nove anos.

**Entrevistadora:** Aqui, ou não?

**Samara:** Não, comecei em outras boates.

**Entrevistadora:** E como você começou?

**Samara:** Ah, eu comecei foi um, foi uma, foi um sonho de infância, né?

**Entrevistadora:** Ah, foi um sonho de infância?

**Samara:** Não, não, não, não foi!

**Entrevistadora:** Risos

**Samara:** Eu comecei porque eu perdi meus pais muito cedo, e então eu entrei numa situação meio, muito difícil, tinha uma filha muito pequena e o ex-marido abandonou a gente, uma situação muito precária, e foi a única alternativa pra ganhá dinheiro rápido e a gente podê sobrevivê. Não tinha ajuda de ninguém, de família, nada né? Morreram todos muito cedo, então foi a única alternativa que deu assim pra gente não passa fome, essa é a realidade.

**Entrevistadora:** E não era aqui?

**Samara:** Não era aqui, não era nessa boate. E a partir desse momento então, eu já sai várias vezes, ah... mas sempre o passado volta, porque a pessoas nunca..., o preconceito é grande, então acaba única opção que resta é fica aqui por enquanto por causa do dinheiro mesmo.

**Entrevistadora:** Samara e como que foi no começo pra você abordar os homens, você começou onde, numa boate, na rua?

**Samara:** Numa boate.

**Entrevistadora:** E como que você aprendeu?

**Samara:** Ah, eu aprendi observando né? As meninas, na noite, as que tinham mais experiência, com o dono que ensinava a gente também... olha, indicava também, pra ganhá dinheiro. Então fui aprendendo né? Fui vendo. No começo a gente ficava, eu ficava com muito medo, né? Inexperiente, então a gente vai aprendendo assim, vendo mesmo, na noite, o cotidiano da noite.

**Entrevistadora:** Atualmente você ainda continua por necessidade, ou porque gosta?

**Samara:** Não porque gosta, não por gostá, na verdade, eu , eu fico porque eu amo muito dança. Eu amo muito o pole dance, então é onde veio uma paixão minha, né? Que é o strip-tease.

**Entrevistadora:** Aqui vocês têm o pole dance?

**Samara:** Tem. Todas. A maioria das boates tem pole dance, né? No Brasil acho que só tem cinco anos de pole dance, então foi uma paixão mesmo o pole dance, então eu só fico porque eu gosto muito do pole dance

**Entrevistadora:** Aqui vocês fazem strip-tease ou não?

**Samara:** Sim, strip-tease com o pole dance. Umãs não, não fazem, só strip-tease, mas eu amo o pole dance, que também é uma sensualidade né?

**Entrevistadora:** E como que você conquista os clientes?

**Samara:** O strip-tease e o pole dance. A dança seria uma das maneiras e, também, eu acho que é mais com, com simpatia, né, o diálogo. Eu acho que assim, a nossa vida, a nossa profissão né? Muitos não veem como profissões né, veem como uma coisa vulgar, mas eu acho que nem psicólogo e garota de programa é a mesma coisa, só a remuneração que é diferente né? E horário também o tempo de permanecê (risos), mas acho que é igual, o cliente, a, a gente como garota de programa e psicóloga, não tem nada de diferente, tudo igual. Eles veem aqui procurando carinho, procurando também uma atenção, a maioria.

**Entrevistadora:** Então eles não veem aqui só a procura de sexo?

**Samara:** Não, a maioria dos clientes que eu tive, que eu tenho aqui, também, por, por causa de uma delusão amorosa, ou porque tá querendo esfriar a cabeça porque dentro da casa não tá bem, não consegue conversar com a esposa, a maioria é assim.

**Entrevistadora:** Como você consegue reconhecer um bom cliente? Se ele vai te pagar, se não vai ser violento?

**Samara:** Olha na verdade é um risco que cê corre, não tem como você identificá, que já, já aconteceu comigo de cliente ser muito de tratá, de tratá muito bem como uma rainha aqui dentro aí chegar (pausa) e chegar e depois tratar totalmente, ou ser outro homem no motel. Não tem como você identificá, é como jogar na loteria, mas você consegue percebê quando a pessoa tá lúcida, quando a pessoa é boa. Isso aí da noite você consegue, com a experiência, com o tempo você consegue vê como a pessoa é. Eu já tive numa situação bem precária, muito ruim mesmo, porque, inclusive foi com uma amiga minha. Isso aconteceu, levou eu, uma amiga, então ele, ele tratou a gente muito bem e quando chegou dentro do carro, foi sair ele enfiou o carro dentro de um caminhão e quis matar a gente, falou que era prostituta. Foi uma sena muito ruim, muito triste, mas graças a Deus não aconteceu nada com a gente, acho que ele tava totalmente transtornado, então... Isso aconteceu comigo sim. Foi um risco ele falou assim: olha... Ele voltou né, foi que levou a gente de volta porque na verdade ele foi uma pessoa assim que ele queria fazê, combinou uma coisa, comigo, com a minha amiga, de ir no Motel, na cidade, aí ele queria levar pra uma outra cidade, longe e a gente não quis ir, porque a gente achou que era muito arriscado ele tava muito transtornado. Olha, eu... a gente desconfiou que tava drogado, porque no, no momento algum a gente viu ele usar, mas ele mudou de, de, de personalidade muito rápido, ficou muito violento. Então a gente ficou com medo, inclusive ele agrediu minha amiga, ela tava lá no banco da frente. Ficou uma situação muito ruim. Aí ele voltou na, na boate e, e essa sena eu não esqueço que ele levou a gente de volta, a gente pediu por favor né, pra ele levar a gente de volta, ele levou que tirou a gente de dentro da boate. Aí levou de volta e falou, falou, que, que ele queria ser um corno se pisasse na zona de novo, numa boate de novo. Aí passou assim, mais de um ano um ano e meio mais ou menos, eu encontrei com ele numa boate de novo, aí eu falei pra ele: Prazer, você é, realmente é um corno, porque eu to te vendo de novo na noite. E eu reconheci, eu lembrei dele, eu reconheci ele. Aí como eu tava dentro da boate, não tem perigo nenhum ali, num... tem perigo. O dono não reconheceu, porque ele passou mais de dois anos sem ir. É se for sair, na verdade, eu saio sozinha, eu, eu se o cliente vem e tira, porque é assim, essa noite é arriscada, quem entra sabe. Então, por exemplo, for passear alguma coisa tudo bem. Mas aqui dentro, a maioria vai pro Motel, pagou aqui, vai leva... então é assim, uma vida arriscada, uma vida muito arriscada.

**Entrevistadora:** Se vocês saírem em duas eles também vão quere ficar com as duas?

**Samara:** Sim, sim, sim ficar com as duas e outras coisas sonhos que um homem tem né, mais eróticos.

**Entrevistadora:** Sobre as fantasias, já realizou algumas?

**Samara:** É, é, tem que, tem que ser uma psicóloga realmente entender a pessoa, entende o cliente, fazê o cliente.

**Entrevistadora:** E teve alguma fantasia que você teve que faz que você nunca mais se esqueceu daquela porque foi uma mais marcante?

**Samara:** Já! É... pisar em cima do, do homem com salto alto. Foi uma fantasia assim legal, eu achei interessante, boa né? Pra mim foi bom e... eu gostei dessa, foi uma fantasia marcante do lado bom. E teve uma do lado ruim também, que eu tive uma experiência muito ruim, eu não gostei, também não indico. Eu nunca tinha feito, mas o homem falou que queria fazer um tipo de um, é como se fosse um sado masoquismo, eu não sei como funciona, mas ele, ele ofereceu um bom dinheiro e falou que eu não ia sofrer muito tal, mas eu não gostei. Por amarrar a pessoa, se sentir um pouco meio estranha, uma sensação ruim.

**Entrevistadora:** E ele te amarrou ou você amarrou ele?

**Samara:** Foi ele,

**Entrevistadora:** Ele te amarrou?

**Samara:** É ele tinha o prazer de ver a mulher amarrada.

**Entrevistadora:** E ele chegou a te bater ou não?

**Samara:** Não, não, não, não ele só queria vê amarrada, só que a sensação de pânico é que ruim, uma sensação muito ruim.

**Entrevistadora:** Ele te amarrou muito?

**Samara:** Amarrou.

**Entrevistadora:** Te deixou totalmente indefesa?

**Samara:** Sim, sim, sim, mas ele só queria vê, então não aconteceu nada de mal, depois ele me amarrou e só ficou me olhando.

**Entrevistadora:** É quem geralmente são os seus clientes?

**Samara:** Ah, mais na verdade os clientes faixa social média e a faixa etária, é isso é interessante na vida noturna que depende do, da idade da garota de programa. Se a garota de programa for nova ela vai ter muitos clientes mais, com mais idade, né? Que os caras gosta muito de novinha, né? Então vem procurar muito novinha e quando ela chega numa fase na idade de trinta, trinta e poucos anos, você já tem clientes mais novos, porque a procura é mais novo nessa idade, então vareia muito. E também, ah, geralmente os clientes são bem, eu não tenho assim, tenho um ou dois clientes fixos, mas ah... são pessoas que acabo assim eu chamando como amigos, que, que nem eu falo e torno a repetir é que nem psicólogo, você escuta muito. Eles não querem saber muito de seus problemas, psicólogo não fala de problemas pessoais e ouve mais. E garota de programa a mesma coisa. Tanto homem, como casal, também vem, desabafa, conversa, faz programa, vê show, tudo, mas é mais pra desabafar mesmo, a maioria dos clientes vem pra conversar ou pra fazer... lógico, também relação sexual, mas eles querem muito expressar o que tá sentindo no momento, então você tem que ter paciência de escutar. Eu comparo como uma psicóloga, uma psicóloga mesmo.

**Entrevistadora:** E como que você lida com os riscos do, do seu corpo, com os riscos que você corre com o corpo.

**Samara:** Ah, eu procuro, sempre estar em dia né?. Ginecologista sempre procura ter prevenção, você já vê o cliente, né? Um odor ou alguma coisa, você já... Você tem que se prevenir bem porque o risco é grande, de pegar qualquer coisa ruim é grande, na vida noturna é mais arriscado que na vida normal né, de um casal né?

**Entrevistadora:** Eles aceitam que faça sexo oral com camisinha?

**Samara:** Não, a maioria quer sem, a maioria quer sem camisinha, fala: ó eu, eu não saio com ninguém só com a minha esposa. A maioria fala isso. Então num, num cai nessa porque é história de, de homem é história de, de homem de boate, então... Se ele pediu pra você ele pede pra todas que ele sai. Já é..., isso aí você já tem que ver por aí, então não vale porque não vale a pena.

**Entrevistadora:** E eles deixam de realizar o programa só por você falar que não?

**Samara:** Alguns acham ruim, mas não, eles vão até o final, porque falam que tá pagano então eles querem terminá o serviço. Então...

**Entrevistadora:** É você estudou?

**Samara:** Sim.

**Entrevistadora:** Você fez até que série?

**Samara:** Eu terminei o colegial.

**Entrevistadora:** Você terminou?

**Samara:** Terminei.

**Entrevistadora:** E você acha que se você tivesse continuado a estudar, isso influenciaria na sua opção?

**Samara:** Sim, claro, muito, ajudaria muito se tivesse uma família, um esteio, já, já num taria, né? Aqui é uma, é uma vida ilusória pra garota. Ela tem um período de, de fazê um pé de meia, como diz o antigo. Chegou nessa parte, se você não saí, não sai mais. Então eu tive amigas que quando começo, ah, meu primeiro dia na noite, eu falei, saí, porque depois você não sai mais. Porque que fica difícil. Porque que cê se acostuma com o dinheiro, e tu ganha, ganha um dinheiro legal, que dá pra sobrevivê, pra compra um luxo alguma coisa, mas é, é ilusão porque chega até uma certa idade, já, já num tem mais a, o mesmo ganho tal.

**Entrevistadora:** Quais são seus planos para o futuro?

**Samara:** Meus planos pro futuro? Olha, eu, eu tenho um sonho sim, eu tenho o sonho de saí da, da noite, da noite né, e só dançá, porque eu amo o pole dance, eu gosto muito de dançá, até internacionalmente, eu tenho o sonho de morar fora do Brasil.

**Entrevistadora:** Você já morou fora do Brasil?

**Samara:** Já, já. Já fiquei um tempo, tempo curto.

**Entrevistadora:** Trabalhando na noite?

**Samara:** Não, não, como dançarina. É, é como dançarina, na Itália, eu fui. Eu fiquei um ano e meio.

**Entrevistadora:** Você foi pra fazer curso alguma coisa?

**Samara:** Então, não. Fui pra conhecer e por ser brasileira, lá o brasileiro é bem visto, né? Apesar de ter muito preconceito com brasileiro e tal, os piores e empregos, em qualquer lugar, na Europa, né? Mas é, é legal porque eles vai muito... samba, então é um, uma forma de ganhar dinheiro a dança, tudo ajuda.

**Entrevistadora:** E faz tempo que você foi pra Itália?

**Samara:** Ah, fais um tempinho, já fais nove meses que eu voltei.

**Entrevistadora:** E você gostaria de voltar pra lá?

**Samara:** Ah sim, sim, gostaria de voltar. No começo foi difícil, cheguei eu não sabia nada, me senti perdida. Eu falo que a Itália é uma, é um, é um assim, um país que... o filho chora e a Mãe num vê. Né, então tem muitas garotas que vão pra lá pra se prostituí tê um motivo, bairro de escape, eu, cresci também.

**Entrevistadora:** Como que cê chegou a ir pra lá?

**Samara:** Eu conheci um cliente que, que era de lá, tá? Aí ele me convidou pra fica na casa dele, então eu tava de convite, fui pra lá, fiquei lá um tempo, foi bom porque a gente ficamos amigos e eu quis saber que como era a vida noturna dos caras de lá.

**Observação:** Tive que encerrar repentinamente a essa entrevista pois a gerente da casa apareceu, me pediu licença, com cara de poucos amigos e disse que a garota tinha que se preparar para seus compromissos.

No entanto, mesmo assim, após o microfone desligado a garota insistiu em dizer rapidamente, que estava prestes a abandonar a casa noturna, seria coisa de meses, pois havia arrumado um namorado na Itália, que não seria o amigo, com quem ela teria sido convidada a conhecer o país, mas um moço de origem muçulmana que há alguns anos residia na Itália e já estava

preparando tudo para morarem juntos em algum país da Europa em que a religião não fosse tão rígida e que ela se adaptasse tão bem quanto a Itália, mas que se propusesse a viver uma vida de família e esposa.

## *Yasmin, 19 anos*

Yasmin é a primeira garota a ser entrevistada nesta casa de show, que é a mais famosa desta cidade do interior paulista, por ter as melhores garotas, neste quesito se incluem as universitárias, as mais belas e por isso é a casa mais bem frequentada, na qual apenas a classe A e B costuma estar, inclusive pelo valor diferenciado dos programas e do consumo de bebidas em seu interior.

Se localiza em uma bela chácara, num bairro afastado da cidade em que o acesso não é muito conhecido.

Fui muito bem recebida pela gerente, que me conduziu à churrasqueira da chácara, que era o local em que as meninas, após acordarem, se reuniam para almoçarem e bater papo. Neste dia, havia uma manicure e lá encontravam-se três meninas conversando, apenas aquela que estava com a manicure resolveu ceder a entrevista, sem muito gosto. As outras se afastaram, pois clientes chegaram e elas foram para o quarto.

Enquanto eu tentava iniciar a entrevista, fui interrompida por três seguranças da casa, muito simpáticos, queriam saber o motivo de minha presença, e ao saberem ficaram muito interessados, começaram a discutir sobre o valor da pesquisa, sobre o quanto eles mudaram de opinião após adentrarem a vida noturna, mas quando solicitei que eles também fossem voluntários à entrevista, todos se negaram, dizendo não poderem assumir publicamente ao assunto, pois ou eram casados, ou tinham outros empregos, ou não queriam ter nenhum tipo de envolvimento maior.

Então, notei que foi o motivo que fez com que eles se afastassem e me permitissem dar início à entrevista da única jovem no momento que se dispôs a me atender. Iniciamos:

**Entrevistadora:** Como que você começou na noite? Qual que é a sua idade?

**Yasmin:** Eu comecei porque eu sai da casa da minha Mãe, a gente brigou, aí eu tive que dá um jeito né, de ganhá dinheiro, alguma forma, aí foi assim. Sai da casa da minha Mãe, aí fui pra uma boate, trabalhei um ano lá.

**Entrevistadora:** Você não é daqui?

**Yasmin:** Não.

**Entrevistadora:** Qual que é sua idade?

**Yasmin:** Dezenove.

**Entrevistadora:** E faz tempo que você saiu da casa da sua mãe?

**Yasmin:** Já tem um ano, é dois anos.

**Entrevistadora:** Dois anos?

**Yasmin:** É, tem dois anos que tô trabalhando na noite, só que em boates diferentes.

**Entrevistadora:** Porque optou por trabalhar na noite, fazendo programas?

**Yasmin:** é por necessidade financeira e, por opção. Os dois, os dois né, financeiro, agora eu moro sozinha, tem aluguel pra mim pagá né, então eu tenho que dá meus pulos, financeiro mesmo (risos).

**Entrevistadora:** E cê não mora aqui, não é aqui nesse lugar, na boate?

**Yasmin:** Não, eu moro em outra cidade, mais eu venho e fico aqui.

**Entrevistadora:** E aqui tem que pagar o aluguel é isso?

**Yasmin:** Não, não aqui não paga nada.

**Entrevistadora:** Mas você falou que tem que pagar alguma coisa, em outra cidade que você estava morando?

**Yasmin:** É, na minha casa, onde eu moro.

**Entrevistadora:** Como que você aprendeu, no começo, a abordar os clientes, quem que te ensinou?

**Yasmin:** Ah, ninguém (pausa), respira fundo e reinicia sua fala: Não na verdade eu tinha... minha tia né, ela não é minha tia de sangue, ela foi casada com meu tio e aí eu sabia que ela trabalhava na noite e quando eu briguei com a minha mãe eu sabia que ela trabalhava, eu cheguei nela e pedi pra ela me levá. Ela ficou meio assim, mas ela acabou me levando, né, ela me levou e ela quem me ajudava assim, explicava as coisas, o que era. Ah, sei lá, que eu tinha que conversá, sê animada, ter paciência, é, isso aí.

**Entrevistadora:** É, como que você reconhece um bom cliente? Se ele vai te dar lucro aquela noite?

**Yasmin:** Tem que... primeiramente, se já sabe se um homi vai gastá ou não. É você pedindo uma dose e ele falando que pode pegá (risos), pode pegá meu bem. Assim se já vai vê que o homi vai gastá com você. Agora cê chega, o homi fala que não vai pagá a dose, então... (faz expressão com as mãos de sair, abandonar) A dose é, é preço normal, assim. É que a gente ganha nas doses também. E a gente tem que tomar dose. Que aí o lucro fica maior né?

**Entrevistadora:** E você consegue identificar se ele é carinhoso, se ele é violento, dá pra ver?

**Yasmin:** As vezes sim, as vezes não. Nunca tive, nenhuma violência assim, graças a Deus. Nunca fui pro quarto com um homem violento.

**Entrevistadora:** E como que você negocia o programa, como você aborda os clientes?

**Yasmin:** Geralmente sou eu quem chego. O que eu falo...áí eu acho que é só no momento, memo, aí eu chego, converso, pergunto o nome e tal e vai se envolvendo né. Daqui a pouco se vai ver, cê já tá lá no quarto. (risos) E tem que sorrir, sorrindo bastante. Sorrindo, só isso. E as vezes uso a dança. É bom, sempre bom pra atraí, eu uso também.

**Entrevistadora:** E você dança aqui na boate?

**Yasmin:** Strip-tease não, mais eu danço, mais fazê strip-tease não.

**Entrevistadora:** É você costuma estabelecer algum vínculo com algum cliente, fora daqui?

**Yasmin:** Não.

**Entrevistadora:** Você não tem namorado?

**Yasmin:** Não.

**Entrevistadora:** Você já recebeu clientes que vem pra buscar conselhos?

**Yasmin:** Com certeza, isso tem muito.

**Entrevistadora:** Eles não vem aqui então só pra buscar sexo?

**Yasmin:** Só sexo não, vem pra conversá, aliviá, pra bebê. Ah, eu acho assim, ah eu não sei te falar né, mais, deve vim num stres, deve vim de casa né, que se não viesse de casa o homi não ia procurá na rua né, eu acho que começa assim, né. Eu sou muito de conversá, agora de aconselhá não, não porque eu tamém não sô nenhum exemplo pra dar aquele conselho. Ah a gente conversa bastante né, a gente conversa.

**Entrevistadora:** E você já aprendeu alguma coisa com algum cliente? Algum cliente já te ensinou...

**Yasmin:** Sobre?

**Entrevistadora:** Alguma coisa sobre a vida, nessas trocas que vocês tiveram, você já aprendeu alguma coisa? Algum ensinamento.

**Yasmin:** Ah, eu não sei exatamente o que, a gente conversa bastante, a gente aprende é claro, mais exatamente o que eu não sei pra te falá.

**Entrevistadora:** Me fala um pouquinho sobre as histórias, eles geralmente vem buscar muitas fantasias aqui, você tem que vestir muitos personagens, fazer muitas fantasias?

**Yasmin:** Não porque já tem as meninas que fazem o show né, então os homi que vem pra fazê programa cás menina é mais pra bebê e ir pro quarto? Aí tem os homi que gosta de vê a streap e tem as meninas que fais streap aqui na casa, né, então elas mesmo já põe as fantasias e tal, aí vai do home entendeu?



**Entrevistadora:** Agora, eu digo com relação a eles pedirem pra você fazer alguma fantasia que é algum desejo que eles tem, alguma, algum outro tipo de fantasia, não aquela aqui do palco, mas aquela fantasia lá no quarto. Isso geralmente acontece?

**Yasmin:** Às vezes sim.

**Entrevistadora:** Você já teve alguma fantasia meio doida, que você se lembre, que você achou engraçado, ou não teve nenhuma que te marcou, que você teve que fazer que te deixou chateada em fazer.

**Yasmin:** Ai, sei lá. Tinha um que uma vez eu fui pro quarto com ele, ele ah, tava assim, tem tipo uma, não sei como te explicá, né, fantasia homi tem de monte. Que nem ah, uma vez eu fui pro quarto, o cara que nem ele falou que queria ficar vendo o meu pé, só vendo o meu pé, passando a mão no meu pé só e nem fez nada comigo. Escolheu o pé mais feio do mundo ainda. (risos) O meu pé é feio.

**Entrevistadora:** Você tem orgasmo quando você transa com os seus clientes?

**Yasmin:** Não, não. É claro que às vezes tem um que tal, assim, sempre tem um, mais não, geralmente não, a não ser que bater aquela química mesmo e tal, entendeu?

**Entrevistadora:** Você já fingiu orgasmo?

**Yasmin:** Já fingi muito, com certeza. Porque é importante. Não é que eles querem, é que da mais prazer a eles né, ele acha que você tá gostando, ele então, ele tá no embalo, também e acaba gostando mais.

**Entrevistadora:** E o fato de você tá sem namorado no momento, e você também fingir o orgasmo muitas vezes, isso aí você acha que isso pode afetar a sua vida, os seus relacionamentos futuros?

**Yasmin:** Não, não tem nada a ver isso não porque eu tô apenas fingindo, né, num tô tendo (risos).

**Entrevistadora:** Quem são os seus clientes, geralmente quem são, são garotos mais novos, mais velhos, como são?

**Yasmin:** Bom, aqui eu não trabalhei ainda, cheguei ontem, mas na boate onde eu trabalhava, dava novo, dava velho dava novinho, do novinho dezoito até... em diante, entendeu, não tinha idade certa, eu vô falá: ah que só vinha novo, ou só vinha velho, não, todas as idades.

**Entrevistadora:** Como que você lida com os riscos do seu corpo. Você acha que essa vida traz riscos?

**Yasmin:** Com certeza, se não cuidá, sim.

**Entrevistadora:** E como que você costuma se prevenir, o que você costuma fazer pra se prevenir?

**Yasmin:** Camisinha é claro, gel, muito gel, vô sempre no médico, né. O que tem pra se prevenir é isso, camisinha e bastante gel (risos).

**Entrevistadora:** Eles tentam pagar a mais pra você fazer sem camisinha?

**Yasmin:** Sem camisinha, não, não. Claro que já teve homi de perguntá e tal mais não, não tem essa possibilidade.

**Entrevistadora:** Até no sexo oral é com camisinha?

**Yasmin:** Eu não faço, ah pensei que você falou..., ah oral é com camisinha.

**Entrevistadora:** Oral com camisinha.

**Yasmin:** Anal eu não faço.

**Entrevistadora:** Você estudou?

**Yasmin:** Estudei até a oitava.

**Entrevistadora:** E depois, você parou por que?

**Yasmin:** Por que eu não gostava de ficá na escola (risos). Vô falá a real.

**Entrevistadora:** Você não acha que o fato de você não ter estudado, não muda sua profissão?

**Yasmin:** Não, eu acho que não, não tem nada a ver, não tem nada a ver, porque hoje em dia tem muita menina que estuda e que trabalha na noite, cê entendeu, então eu acho que isso não tem nada a ver.

Ao fundo, aparece a voz da uma manicure que não se conteve ao ser levantada essa questão.

**Manicure:** Semana passada tinha uma advogada aqui né.

**Yasmin:** Pois é, tem meninas que tem condições, que os pais tem condições de dá vida boa, mas ela opta por essa vida, é assim, entende?

**Entrevistadora:** O que você planeja pro futuro?

**Yasmin:** Comprá minha casa, é claro (risos) é o que eu penso né, penso nem em carro, moto essas coisas eu num penso, eu penso na minha casa. Agora eu aluguei minha casa faz pouco tempo e tô comprando minhas coisas, né, aos pouquinhos. É isso que eu tô pensano, em compra minhas coisinhas aos poucos né?

**Entrevistadora:** Só homens que procuram as casas?

**Yasmin:** Não, tem mulher tamém que procura, homens casados, pra sair com, com as mulher, também, tem isso também. Porque pra entrar tem que ser de casal. De vez em quando sempre aparece né, essas outras coisas. E aí é mais caro, com certeza. Eu nunca fiz, mas se rolá um preço bom eu vô, mais não pra mim fazê. (risos). Prefiro homens, com certeza, com certeza.

## *Letícia, 24 anos*

Letícia foi a segunda garota a se entrevistada na mesma tarde, nesta mesma chácara, famosa por suas garotas especialmente diferenciadas.

Ela me chamou em seu quarto, pois havia almoçado há pouco, e estava descansando. Foi então que pude observar os quartos em que as garotas além de pernovernarem, realizam seus programas. Ao que pude notar, são dois blocos, com seis quartos em cada um deles. São separados por uma cerca verde ao lado da piscina e churrasqueira.

No quarto havia uma cama de casal e uma beliche. A aparência não era das melhores, pois os colchões, os lençóis e as roupas de cama em que Letícia estava tinham a aparência de não estarem limpos.

Na porta do quarto havia algo no chão, que se assemelhava há um veneno granulado para formigas. O odor era forte, se espalhava pelo ambiente e vinha de restos de comida do prato de Letícia, que estava sobre o beliche, ao lado de uma bolsa de roupas.

Letícia me recebeu com um sorriso, mas logo voltou sua atenção para o celular. Durante toda a entrevista ela não deixou de teclar no celular. Algumas vezes tive que dividir sua atenção com o celular, que não parava um minuto sequer de acusar novas mensagens.

Mas enfim, consegui realizar a entrevista. Inicio explicando sobre a importância da mesma e que só iria gravar aquilo que ela permitisse. E assim demos início à gravação.

**Entrevistadora:** Como você começou sua vida na noite?

**Letícia:** Uma amiga, me falou. Eu tava precisando de dinheiro e ela me levou pra boate, pra podê conhecê.

**Entrevistadora:** Quantos anos você tem?

**Letícia:** Vinte e quatro.

**Entrevistadora:** E quanto tempo faz isso?

**Letícia:** Uns oito meses.

**Entrevistadora:** Começou aqui?

**Letícia:** Não, não comecei aqui não, comecei em Trindade, foi a primeira boate que eu fui. Uns oito meses, não, tem um ano que eu fui já, foi em Trindade.

**Entrevistadora:** Foi por opção sua ou por necessidade?

**Letícia:** Foi por opção também.

**Entrevistadora:** E você gosta?

**Letícia:** Não, gostá eu num gosto não, mais acostuma, cê acostuma com a noite, num ter que trabalhá, não ter responsabilidade com nada, ganhá dinheiro fácil.

**Entrevistadora:** É, você me disse que uma amiga te levou né?

**Letícia:** Isso.

**Entrevistadora:** Como que você aprendeu a abordar os clientes, a convencer eles a fazer o programa com você, quem que te ensinou?

**Letícia:** (risos) ah, isso aí quando a gente tem, que já é do sangue, é sozinha isso, aprende sozinha, isso ninguém ensina, cê chega, conversa, como se fosse uma pessoa que tivesse conhecendo numa balada, conversa e é isso.

**Entrevistadora:** Como você reconhece se vai ser um bom cliente, se você deve sair com ele ou não?

**Letícia:** Eu não faço saída, só trabalho dentro da boate com os clientes e geralmente antes da gente ir pro quarto ele faz o pagamento no caixa, no balcão, antes do programa. O pagamento ele faz lá no caixa e no final da noite o dono da casa acerta com as meninas.

**Entrevistadora:** Você já teve que lidar com a situação de violência?

**Letícia:** Não, nunca aconteceu comigo, não porque eu não trabalho fora da boate eu não faço saída, eu só trabalho dentro da boate. Os clientes que procuram a boate geralmente não são violentos não, se são pelo menos dentro da boate eles têm comportamento que tem que tê.

**Entrevistadora:** Como que você negocia o programa? O que você atende e o que você não costuma atender? Você atende tudo o que eles pedem?

**Letícia:** Não. Beijá na boca, num beijo na boca, nem deixo fazer sexo oral em mim. Ah, porque, e, é trabalho né? A gente beija na boca de namorado, da, da, de, do namorado, acho que isso é muito pessoal. É já fala, no programa. Beijar na boca e fazer sexo oral em mim, mas eu faço no cliente, eu não deixo o cliente fazer em mim.

**Entrevistadora:** Não, por quê?

**Letícia:** Porque eu pra mim fazer no cliente tem como eu me protegê colocando camisinha nele, pra ele fazê em mim não tem como. Então é uma maneira de proteção que a gente tem.

**Entrevistadora:** E eles, geralmente querem fazer?

**Letícia:** Alguns sim, outros não.

**Entrevistadora:** Como que você costuma seduzir o cliente, demonstrar sensualidade pra ele? Você busca o cliente, ou o cliente te busca?

**Letícia:** Em alguns dos casos a gente vai atrás dos cliente aí, em outros casos o cliente mesmo chama, oferece uma bebida. Aí a gente, conversa, uma roupa sensual, uma boa conversa, lógico, cê não deixa de dá uma atiçada neles tamém né, mais é isso.

**Entrevistadora:** Você acha que os clientes vem pra boate a procura só de sexo?

**Letícia:** Alguns sim, outros não. Tive que já pagou o preço do programa que a gente pede, aí chega no quarto e o cliente não dá conta porque as veis tá com problema em casa, ou ca esposa, aí ele não dá conta e só desabafa, e, e vai embora. Já aconteceu. Geralmente ela não buscam conselho, ela só busca um ouvido só, só pra desabafá.

**Entrevistadora:** Você já aprendeu alguma coisa com algum cliente?

**Letícia:** Em que sentido em que aprende?

**Entrevistadora:** No respeito de aprender alguma coisa que serviu pra tua vida.

**Letícia:** Já acontece, sempre acontece cliente que se identifica com ele e as veis ele virá até cliente seu, vem, vem na boate e não fica com outra menina, fica só com você, se você tá acompanhada ele espera, ou volta outro dia, acontece bastante.

**Entrevistadora:** Você tem um cliente fixo, ou não?

**Letícia:** Já tive.

**Entrevistadora:** E agora?

**Letícia:** Não, aqui não, porque eu sou nova na boate, num conheço.

**Entrevistadora:** Você não tem namorado?

**Letícia:** Não, não tenho. Já tive também, mais agora não tenho mais. Já tive namorado mesmo estando na noite, mas, não tinha aceitação, ele exigiu que eu saísse da noite e me ajudava financeiramente, praticamente me tirou da zona, mas eu não quis, eu me acostumei, eu não quis, eu preferi, eu optei por voltar pra noite.

**Entrevistadora:** É, geralmente quem são as pessoas que te procuram, quem são os seus clientes?

**Letícia:** Noventa por cento deles são casados e mais velhos, dez por cento são casados e jovens, ou jovens solteiros, mas noventa por cento são homens casados e mais velhos.

**Entrevistadora:** E são só homens que procuram?

**Letícia:** Comigo foi só, nunca nenhuma mulher me procurou não.

**Entrevistadora:** Como que você lida com a questão dos riscos da noite, como você se previne?

**Letícia:** Com camisinha, não deixano o cliente me beijá, num deixano ele fazê sexo oral em mim, não, tem certas posição que eu não deixo, que eu não fico com o cleinte.

**Entrevistadora:** É? Como por exemplo?

**Letícia:** de quatro.

**Entrevistadora:** Você não fica por que?

**Letícia:** Porque tem muito cliente que aproveita, quando...(pausa). Nunca aconteceu comigo, mas a gente escuta muita história, que o cliente pede pra dona ficá de quatro e tira a camisinha, entendeu? Ou então fica forçando ela pra ela arrebutá, então aí...

**Entrevistadora:** Você recebeu algum tipo de orientação quanto a prevenção, a visita de alguém aqui na casa, que fizesse testes, alguma coisa, ou não?

**Letícia:** Não.

**Entrevistadora:** Você estudou?

**Letícia:** Até o primeiro do ensino médio. Primeiro ano do ensino médio.

**Entrevistadora:** E porque você parou?

**Letícia:** Porque eu casei nova e o, a pessoa com quem eu tava me relacionando com ela tinha muito ciúme em relação à escola, os alunos, aí si, eu peguei e deixei a escola.

**Entrevistadora:** Com quantos anos que você casou?

**Letícia:** Com quase dezessete anos, dezesseis, dezessete anos.

**Entrevistadora:** Você tem filhos ou não?

**Letícia:** Tenho uma menina de cinco anos desse relacionamento.

**Entrevistadora:** Fica em outra cidade com sua família?

**Letícia:** Fica.

**Entrevistadora:** E sua família sabe?

**Letícia:** Não, não sabe.

**Entrevistadora:** E o que você fala pra eles?

**Letícia:** É minha mãe pensa que eu moro com uma amiga, né? Aí eu me relacionei com uma pessoa na noite, ela me tirou da noite, aí minha mãe pensa que eu tô com essa pessoa, que é o meu namorado e que eu casei com ela, aí como eu larguei, ela pensa que eu tô junto ainda. A parte que eu separei eu não contei pra ela.

**Entrevistadora:** Você tem orgasmo quando você tá com clientes?

**Letícia:** Alguns, muitos poucos, raros, mas acontece.

**Entrevistadora:** Você já chegou a fingir orgasmo?

**Letícia:** Várias, em todas as vezes (risos) eu finjo em toda relação. Por que isso aí, a mulher tem que gozar, porque o cliente gosta né, e a intenção da gente não é de ficá com o cliente só uma vez e pronto. A intenção é de a gente ficá com o cliente, ele gostá e voltá, entendeu?

**Entrevistadora:** E o fato de você sempre fingir orgasmo, não pode afetar suas relações futuras, num casamento, namoro?

**Letícia:** Não, acho que não, se a pessoa não soube, né, o que a gente fez no passado eu acho que num, num influencia em nada não.

**Entrevistadora:** Por que você acha que se souber isso vai, vai influenciar?

**Letícia:** Com certeza, com certeza, não teria aquele valor devido né, que teria que tê pela, pela parceira.

**Entrevistadora:** Em relação aos estudos, você acha que influência sua opção pelo seu trabalho?

**Letícia:** Talvez não sim, talvez não. Conheci meninas na noite, advogada que deixou a profissão pra podê trabalhá na noite, conheci dentista, que moça formada, né, que largou pra podê trabalhá a noite, moças que são até casadas, elas vem de situação e trabalha na noite. Eu já aconteceu comigo, eu conheci, acho que isso não influencia em nada não, tudo não.

**Entrevistadora:** É o que você planeja pro seu futuro?

**Letícia:** Não, eu não tenho plano pro meu futuro não, num planejo muita coisa não.

**Observação:**

Após o término da entrevista, começamos a bater papo e Letícia deu algumas informações que achei interessante serem registradas pois, foi a única entrevistada da casa considerada a mais luxuosa da cidade, que consentiu em revelar o valor recebido com a prostituição. Então solicitei a ela a autorização para gravar aquela parte de nossa conversa, pedindo que repetisse novamente os dados. E assim o fizemos.

**Entrevistadora:** Como você me disse anteriormente sobre a vida e o dinheiro?

**Letícia:** É uma vida de um dinheiro rápido, não fácil, mais rápido. Numa noite boa, já tirei novecentos, oitocentos, mil e duzentos, depende do cliente, depende da casa, também. Em um mês, tirei faixa de dentro de oito a quinze mil, quando o mês tá bom né, é nessa faixa.

**Entrevistadora:** E o que você faz com esse dinheiro?

**Letícia:** Então, é um dinheiro que não tem retorno né, um dinheiro errado ele não tem muito proveito. Dinheiro de droga, dinheiro de roubo, dinheiro de prostituição é um dinheiro rápido, mais é um dinheiro que cê num consegue fazê nada com ele. Cê trabalha ali, cê vira escrava daquele dinheiro. Roupa, comê bem, se vestir bem, sair, gastá ali no máximo que cê consegue ter é um carro, ou uma moto, mais não é um dinheiro que você consegue adquirir muitos bens com ele.

**Entrevistadora:** É difícil de administrar?

**Letícia:** É.

## *Dóris, 55 anos*

Esta doçura de pessoa, cujo nome verdadeiro não foi autorizado a ser identificado, atendeu-me em sua casa. Uma residência muito humilde, com cozinha banheiro e quarto, apenas. Na cozinha, havia muito pouca mobília, apenas uma mesinha plástica com uma cadeira. O local mais aconchegante para a entrevista seria mesmo o quarto, na cama onde Doris recebe seus clientes e também assiste a suas novelas e descansa de sua rotina diária.

Antes de iniciar a entrevista Doris preocupa-se em me deixar a vontade e aconchegada em seu ninho. A impressão que tive é que éramos amigas de velha data, em um bate-papo informal. E tento iniciar a entrevista, pois a uma hora já, eu estava lá, já havia conhecido todos os seus amigos e familiares por fotos e histórias ricas em detalhes.

**Dóris:** Deixa eu por um travesseiro pro cê scontá aqui, cê não cê vai ficá com dor nas costas.

**Entrevistadora:** Acha que precisa essa mordomia toda?

**Dóris:** Põe o pé na cama. Põe, pode por.

**Entrevistadora:** Não, magina...

**Dóris:** Acha, põe o pé em cima aí ficá pindurado dói.

**Entrevistadora:** Deixa eu te perguntar, qual que é a sua idade?

**Dóris:** Tem que falá?

**Entrevistadora:** Risos, pode mentir, não, mas é que é bom eu saber mais ou menos a sua faixa etária.

**Dóris:** Não o pió é que eu tenho cinqüenta e cinco ano ( choramingos e risos)

**Entrevistadora:** Cinqüenta e cinco.

**Dóris:** Eu sou de um do um de cinqüenta e oito.

**Entrevistadora:** Me fala uma coisa, quanto tempo... (ela interrompe e fala em seguida)

**Dóris:** Cinqüenta e nove né, mais meu Pai omentô mais um ano pra mim casá.

**Entrevistadora:** E, e quanto tempo faz que cê tá trabalhando na noite?

**Dóris:** Desde noventa e nove.

**Entrevistadora:** Você foi casada?

**Dóris:** Fui (pausa). Fui casada, separei pá e pra podê criá deis irmão e treis fio sozinha. Porque meu marido não deixava ajudá meus pais né, eu larguei dele, eu não gostava dele. Portanto que eu não gostava dele que eu tive um filho com ele e ao consigo, sei lá, eu não eu consigo tê um amor no meu filho como eu devia tê, sabe? É por causa que eu não gostava do pai.

**Entrevistadora:** Ele te maltratava?

**Dóris:** Meu marido?

**Entrevistadora:** É.

**Dóris:** Batia. Ele era muito ruim. Deixava eu passá fome.

**Entrevistadora:** E as crianças também?

**Dóris:** Não, só tive um filho dele.

**Entrevistadora:** Como que você acabou indo pra vida da noite?

**Dóris:** Foi assim a minha, minha mãe morreu, eu entrei em depressão, Meu pai e minha mãe morreu né e eu entrei em depressão. Que nós nunca tinha, pra... pra mim meu pai e minha mãe era tudo na vida né? Aí eu fui embora pra Natal depois de treis ano, ela morreu em noventa e noventa e treis eu fui pra Natal. Fui passia. Aí depoi cabei ficando, lá morando lá, aí coloquei um lanchonetezinha pra mim né, aí de sócia com um cara, aí ele cabo me roubando tudo, aí eu fiquei lá sem nada, não fazia programa nem nada, fiquei lá sem nada, minha irmã foi e me busco né? Aí nela buscá me trouxe eu pa zona. Ah, ela já fazia programa eu num sabia. Aí depois me largo aqui e foi embora pra Itália e tá até hoje na Itália.

**Entrevistadora:** Como que você aprendeu a abordar os clientes naquela época?

**Dóris:** Nada, na, na época, como eu fiquei na casa do pernambucano e, e aí do jeito que as menina fazia eu fazia tamém, ficava vendo elas fazê, atendendo os cliente, como eles mandava eu fazia tamém, foi onde que eu aprendi. No começo era meio de... fiquei mais ou menos um ano assim com vergonha né, mais elas me ensinava. Elas falava, cê tem que ir lá no balcão ou na mesa, a, a, pede uma dose fica conversano com o homi, ou se não conversa com ele e ele te oferece bebida cê só pode beber dose, aí depois cê chama ele pro quarto, era assim que elas falava. O preço do programa a gente já sabia porque o dono falava né? Trinta minuto.

**Entrevistadora:** E podia sair dali ou não?

**Dóris:** Se ele pagá a saída podia.

**Entrevistadora:** No começo não foi uma opção sua?

**Dóris:** Não, fui obrigada. Foi porque não tinha nada e eu nunca estudei, e procurava imprego eis falava assim: Cê tem primeiro, pelo menos segundo grau completo? Aí como que eu ia responde se eu nunca estudei? É e o médico me proibiu depois do acidente que eu levei, me proibiu fazê serviço pesado por causa da coluna né? Que eu fiquei treis meis sem andá, travada, por causa do acidente aí machuquei a coluna aqui no pé do pescoço e, e aqui em baixo, aí eu, qualqué servicinho que eu faço me dá febre.

**Entrevistadora:** E que acidente cê sofreu?

**Dóris:** Um carro bateu no carro que eu tava e me tacou 10 metro fora do carro. E, e até hoje eu tenho um caco de vidro aqui ó, aqui assim, cortei aqui, aqui no juei, isso aqui ó puxa o nervo aqui ó, eu travo, eu preciso í pra UPA de vez em quando toma Profenid, eu travo todinha.

**Entrevistadora:** E faz tempo esse acidente?

**Dóris:** Foi em noventa e sete. Nossa, quase morri, fiquei treis méis sem andá. E e, o, o cara era meu ex-namorado e eu larguei dele porque eu descobri que ele era casado e eu não gostava de homi casado de jeito nenhum, aí larguei dele, aí ele é Sergipano e esse povo lá não saber perdê sabe? Só sabe ganhá sabe? Aí ele féis isso de propósito memo, pra deixa o carro pra me matá.

**Entrevistadora:** E ninguém te deu assistência?

**Dóris:** Ele levou no médico, pago os remédio tudinho, mais o seguro DPVAT que era pra mim recebê ele fez eu assiná um papel lá, achei que era pra mim recebê, ele recebeu tudo pra ele.

**Entrevistadora:** E como que ficaram seus filhos?

**Dóris:** Não, só tava essa filha mais nova comigo lá né, ela tinha acabado de ganhar o bebê, aí, é, é já tava com cinco méis o menino ela foi, ela tava em Goiás e foi morá lá comigo de novo sabe, aí, ficou eu e ela lá, passano, ela não cuidava de mim direito, eu sofri muito.

**Entrevistadora:** Ela foi morar com você a onde?

**Dóris:** Lá em Natal, no Rio Grande do Norte.

**Entrevistadora:** Hoje em dia, você continua nesta vida porque quer?

**Dóris:** Não, é necessidade mesmo.

**Entrevistadora:** Porque você saiu da boate e veio pra rua?

**Dóris:** Porque, na boate eles explora a gente mais, cê entra as, cê entra as oito horas no salão só sai as quatro hora da manhã, cê, cê é obrigada a bebê e não, cê o cê dormi antes cê tem que paga a multa, pro cê saí pa rua cê tem que pagá multa e eu já num tava aguentano mais. Eu num bebo, não num gosto de bebê e, e a gente lá é obrigado. Eu num fumo, num bebo nunca usei droga, então lá, lá a pessoa é obrigada a beber mesmo. E os cafetão abusa muito das, das, da gente, eis cê tá doente ou não, cê tá doente eles manda, joga você pra rua, faz nada, manda cê em bora. Se você sofre um acidente aí, eles manda, eles fala: num fala que é daqui de casa não viu? Desse jeito.



**Entrevistadora:** E me fala uma coisa, lá dentro da boate, como que é tratada essa questão, quando a mulher engravida, eles dão assistência?

**Dóris:** Manda embora. Manda, eles manda abortá, se a muié não topa ele manda embora. Sem pagá nada. Direito nenhum. Paga nada não. Que direito muié tem lá? O direito que muié tem lá, se, se ela fazê programa com um homi ela ganha o dinheiro dela e paga o quarto. Cada veis que vai no quarto tem que pagá. É escravo, quem ganha dinheiro é os cafetão. As mulher quase num ganha que ó, a gente a enche a cara e dá lucro pra eles, se uma dose na cidade custa dois real, lá custa vinte. E os homi tem que pagá e, e os homi vai pagano, pagano que so cê num levá eles logo pro quarto cê num ganha dinheiro e só quem ganha é o dono da casa.

**Entrevistadora:** Foi por isso que você preferiu vir pra rua?

**Dóris:** Pra rua, porque na rua o que a gente fais é da gente, lá é cento e cinquenta o programa, as veis cê demora uma semana pa ganhá um e na rua cê fais de cinquenta, de setenta, é seu, cê não vai tê que dá pra ninguém. Prefiro fazê treis pa ganhá cento e cinquenta do que ficá lá. Entrou pra dentro do quarto a gente já recebeu, não tem essa não, cliente nenhum fica com a gente sem a gente recebê não. Aqui, aqui como diz o outro, ou trais aqui em casa né? Só os que eu conheço. Os que eu num, o, o já chega aqui em casa e antes dele tira a roupa eu já pego o dinheiro, e lá no motel a mesma coisa, entrou pra dentro dum motel, já recebo adiantado. Então, eu já levei cano uma veis então aprendi, o polícia falou pra nós: recebe adiantado, pode sê quem for. Aí pronto!

**Entrevistadora:** E como que você faz pra, pra seduzir essas pessoas na rua?

**Dóris:** Na rua a gente não seduz, eles param e..., eles que param e conversa com a gente, (pausa) pergunta o preço do programa e se a gente se der certo, a gente acertar o preço, eles vão. Tem muito homi que pede, que fala assim: ó eu só saio sem camisinha. Eu falo eu não curto, eu só saio com tudo, o meu serviço é com camisinha. Aí eles sai e vão embora.

**Entrevistadora:** Acontece muito isso?

**Dóris:** Por isso que eu falo pra você que nós não somo grupo de risco, grupo de risco são as mulhé casada, porque muitos homi casado transa com os travesti, a maioria dos travesti tem HIV e eles transa sem camisinha e tem um monte de menina com HIV e na rua aí e eles transa com elas sem camisinha e as coitada das esposa que fica em casa tá passano, arriscano a vida. Inclusive, eu queria até sabê se tem jeito de denunciá essas menina que que fica transano com todos os homi sem camisinha e sabeno que tem HIV.

**Entrevistadora:** Você sente prazer em fazer os programas, com que é, você goza?

**Dóris:** Não, não, não sinto prazer nenhum. As vezes é raiva, sinto raiva, nojo. Tem muitos homi que eu num olho nem na cara deles.

**Entrevistadora:** Em relação às fantasias, você já teve, fez alguma?

**Dóris:** Não, nunca aconteceu não. Acontece assim de homi querê vesti mulhé, pra gente, calçá o salto, pra gente fica vendo ele né, vestido de mulher, vesti calcinha, sutiã, meia, ficá desfilando pra gente vê. Isso já aconteceu muito. É homi casado. Aí depois pega um consolo e manda a gente comê eles. É, aqui em nessa cidade, tem muito pouco homi, homi, os homi maioria aqui, aqui é bissexual.

**Entrevistadora:** Tem alguma fantasia que te marcou que você num, num gostou de ter feito, que você teve que fazer mas não gostou?

**Dóris:** Só uma veis que um homi pego, ele num transava, ele punha, mandava por uma tábua e calçá o chinelo Havaiana e subi com os dois pé no cacete dele (risos). Aí ele gozava eu massacrano ele. Ele era sado, ele num gostava, eu falei pra ele num vim mais não. E outro também que fazia eu batê nele com, com a fivela do cinto. Tamém esse eu saí com ele duas veis depois eu num quis mais não. Não gosto de batê.

**Entrevistadora:** E você tem algum cliente fixo?

**Dóris:** Tem, tem bastante, cliente fixo, tem bem uns dez que assim já doze anos que eu saio com eles. Eles vem, por si mesmo. Vem assim, uma vez por semana, de quinze em quinze dia,

mas vem. Inclusive teve um que eu fiquei oito ano com ele e ele nunca tinha bibido viagra e esse dia ele disse: ah deixa eu experimentá esse negócio. Eu falei Antônio, cê tem diabete? Tem. Cê tem pressão alta? Tem. Falei, então não experimenta não cara. Ah, foi tiro e queda, não esqueço desse dia foi dezenove de dezembro agora vai fazê cinco anos. Ele experimentou o negócio começo a dá bateadeira eu falei: vai pra sua casa. Ele foi embora pra casa dele e morreu lá.

Morreu, começou dá bateadeira nele aí a muié dele falou que ele morreu de infarto né, mas eu, só eu sei de que que ele morreu. Ele tinha setenta e três anos, mas era fortão sabe? Ele tomou viagra, ele, porque ele ficava meio tontão sabe, não era aquela coisa dura, mais era, fazia né, num sei pra quê isso, toma Viagra tomou e eu perdi ele, era muito bom pra mim viu, esse era um dos melhó cliente que eu tive. Ele fazia compra pra mim, todo mês ele fazia aquela comprona pra mim. Ele, ele dava, ele dava dinheiro toda vez que eu viajava ele me dava e num cobrava sabe, fais de conta, eu falava: Antônio, fais um, eu quero, fais um cheque pra mim, vou viajar amanhã. Ele fazia de mil reais, nunca pediu nada, nada em troca. Toda sexta-feira ele me dava dinheiro, ele comprava presente pra mim no natal, nim..., na páscoa, no meu aniversário, tudo ele comprava presente pra mim. Foi o melhor cliente que eu tive. E a esposa dele não saia mais com ele porque ela era doente, Então ele tinha que tê alguém né?

**Entrevistadora:** Os clientes vem em busca só de sexo ou você acha que eles também vem em busca de outras coisas?

**Dóris:** Ah não, todos que eu saio é sexo mesmo. Nada de conversinha, nada que ombro amigo, nada menina, o ombro amigo deles é sexo mesmo, homem é que nem animal, é o animal mais irracional que tem no mundo porque ele só qué sexo, sexo, sexo. Homem é muito animal. Talvez o animal é mais, mais gente do que um homi.

**Entrevistadora:** E você não acha que você aprendeu algumas coisas com eles?

**Dóris:** É, a gente prende, a gente vai, a gente nunca sabe de tudo, cada dia que cê vive cê aprende mais.

**Entrevistadora:** E cê acha que você ensinou algumas coisas pra esses clientes, cê acha que tem uma troca?

**Dóris:** Ah, as veis tem né? As veis tem coisa que a gente num sa... eles num sabe e a gente ensina né? É, que, que as veis a mulhé num pode né? Tem um engenheiro que eu saio com ele aí, a esposa dele deu câncer no ânus, ela operou, disse que ficou um buraco desse tamanho, é de pouquinho que vai fechano, ela num pode mais tranzá. Então ele tem que procurá fora, ele disse que ela, a esposa, que eles dois era a maió maravilha em sexo, em tudo, ele ama ela. Só que ele nunca abandona ela, ele tá com ela, só que sexo não pode mais, então ele me procura.

**Entrevistadora:** E eles vem aqui e procuram de tudo então, eles realizam todas as fantasias?

**Dóris:** Eles procuram de tudo, mais tudo quando eles paga tudo né? Fais de conta, eles qué sexo anal eles adoram o sexo anal, quando paga o preço que a gente pede, a gente fais, se não pedi, se não pagá a gente não fais. É, fais de conta, eu cobro setenta, cinquenta, setenta o programa, aí é: põe a camisinha, fais uma chupetinha e transa normal, agora se eles querem um sexo a mais, aí eles tem que paga a mais, o dobro. Aí como muita gente não paga, eu não faço. E porque que eles sai com os travesti? Porque os travesti cobra barato.

**Entrevistadora:** Pelo sexo anal?

**Dóris:** Eles num tem chana (risos).

**Entrevistadora:** Você foi pra escola até com quantos anos?

**Dóris:** Nunca fui.

**Entrevistadora:** Porque você não estudou?

**Dóris:** Porque eu não tive a oportunidade de estudar. Meu pai não deixava. Só depois de velha eu não vou estudá mais. (choraminga). Eu queria aprende a faze meu nome, eu ficava perguntano, passava uma pessoa eu falava: que letra que é essa? A pessoa falava eu gravava na cabeça. É ia perguntano que letra que é essa, a pessoa ia gravano, até que formava uma

palavra. Aí, falei assim: ah eu já sei, eu vou começá a aprendê a escrevê o meu nome aí eu, eu falava pra pessoa: Qual a primeira letra do meu nome? Aí a pessoa falava aí eu punha lá d-i, aí eu já tava, eu já tava aprendendo as letra né, aí eu ia formando minha palavra, o meu nome. Sozinha. Foi assim que eu consegui. Agora eu leio qualqué coisa, só que pa escrevê eu num, num infrento escrevê porque as veis eu tenho que usá o C, eu uso o S, entendeu? Então eu fico, falo: oi eu vô fazê essa palavra depois os zotro vai ri de mim. As veis quando eu escrevo com alguém, num, num coiso aí eles perguntam se eu sô anarfabeto. Sô sim Fio duma Puta e você tem avê com isso? Eu falo desse jeito.

**Entrevistadora:** Você acha que o fato da falta de estudo influenciou na sua vida quanto à prostituição?

**Dóris:** Ah se eu tivesse estudado minha fia nossa..., eu tinha, eu tava, eu taria trabalhano num negócio qualqué né. Eu pude, eu puis meus treis irmão mais novinho junto com meus treis filhos estudá, paguei estudo pra eles, mas eu não estudei. Ah, se eu tivesse estudado eu queria se, eu queria me forma, eu queria se uma policia federal. Era meu sonho, sabe? Num sei, eu gosto muito de roupa preta e eu acho lindo vê eles tudo de preto. Quando eles vem assim, sabe, eles tudo de preto assim. (risos) Esses dias tava, um tempo desses eles tava no centro da cidade a muié sentô tudo de preto, a polícia federal, aí eles tudo reunido assim, ela sentô nalgum lugar de terra e sujou tudo a bunda né? Aí eu falei, chamei ela, falei assim: Senhora, a senhora sentou em cima de alguma coisa né? Aí ela me agradeceu. Coitada, tava com a bunda tudo cheio de terra.

**Entrevistadora:** Como que vocês são vistas ainda pela comunidade, vocês tão sendo mais bem tratadas pela sociedade, pelas pessoas?

**Dóris:** Que sabe não, nunca eles trata a gente bem, eles num gosta da gente, discrimina a gente. Portanto eu quis alugá ali perto do meu ponto uma casa ali pra eu pará de fazê, i eu ir pegá no banco do povo um dinheirinho emprestado, pra montá uma lanchonetezinha, dê lanche a noite né? Pois as duas irmã dele, o rapais não é, ele não discrimina a gente, ele adora a gente, só que a irmã dele e o irmão pego e falô pra ele assim: Não, elas é puta, não aluga pra elas não. Desse jeito, ele mesmo me contô. (pausa) Aí eu falei assim como que eles qué que a gente para se sê se eles mesmo num dá a chance, é, pa gente saí dessa né? Aí, eu falei assim, sou puta sim, to na esquina, amanhã pode sê uma das filhas deles. Eles não tem filha, mulhé não, mais cada um vai tê. Aí eu falei isso o ano passado a eles, cada um vai tê filha. Aí, cada um, a, a menina que falô e o irmão dele tem menininha. Nasceram as menininha. Aí eu falei assim, pois é, pode sê essas menininha que nasceu, pra í pagá na esquina com nós, pra, pra eles nunca mais fazê isso. Eu, eu falei isso pra muié de um médico, a muié do médico tinha treze ano e ela punha eu pra cuidá de treis menino, se sobrasse cumida eu comia, se não sobrasse eu não cumia. Eu falei pra ela: tenho fé em Deus que um dia cê ainda vai me pedi esmola. Ela falô: eu sô rica, eu nunca vô te pedi esmola sua mulembenta. Falô desse jeito pra mim, falei, tá bom, quem ri por último ri melhor. Aí passo o tempo, eu fui pro garimpo, cozinhá no garimpo, aí depois que eu separei do meu marido, no oitenta e seis, eu fui pro garimpo, minha filha mais nova tava com seis ano. Aí eu fui pro garimpo cuzinhá quando eu voltei já tinha um ano que eu num vinha em casa, parei numa pamonharia pra comê pamona né, acho, tinha quarenta e cinco pessoa no ônibus. Aí eu vi uma mulhé sentada, deitada no banco tudo mulanbenta né? Essa mulhé levanto e falô pra mim: compra um cigarro pra mim? Eu falei: cê que pamonha? Não. Cê qué cumida? Então cigarro eu num dô, eu num fumo. Aí eu falei, quem é você? Eu sou a Carmem do doutor Duarte, cê num lembra de mim? Eu falei assim: aí. Aí eu chamei todo mundo do ônibus, falei gente, gente quanto tá lá em cima, quando cáí o tombo é grande. Vem aqui, vem aqui. Todo mundo reuniu, né. O que que tá aconteceno? O que que tá aconteceno? Falei: vem aqui. Falei: tá vendo essa mulher aqui, eu tinha treze ano eu fui babá do fio dela, aí eu passava fome, se sobrasse cumidinha, o dia que os menino tava com appetite, num sobrava nada, eu desmaiava porque ela não deixava eu comê

nem sentá num banco. A, ai, ela falava que se eu sentasse pegava, é que, que banco de rico pobre num podia sentá. Aí eu falei pra ela que um dia ela ia me pedi esmola e aqui ela me pedindo, ó gente, seis sabe que ela falo pra mim que era rica e ela num ia me pedi, oi aqui ela me pedindo. Nossa todo mundo ficou de queixo assim. Falei, olha ceis nunca fala de dessa água ceis num bebe porque um dia ceis vai bebê. Gente, aí eles pararo assim, tinha até uma filha de um juiz no ônibus, nois tava indo pra Caldas Novas. Ela virô e falo assim, nossa, como é seu nome? Aí eu falei, ela falou: menina, credo aconteceu isso mesmo? Falei assim: é o que eu to falano, na cara dela.

**Entrevistadora:** Nossa que coisa, não?

**Dóris:** Aí um dia, uma velhinha me abordo lá em Mato Grosso, uma velhinha bem decadentinha assim, uma índia, uma indiazinha velhinha, pois a mão assim na minha testa e disse assim: Filha cê tem que desenvolvê pa média pode fazê caridade. E outra, não joga praga em ninguém não fia, que sua praga é fatal, desse jeito, falou desse jeito pra mim. E essa velhinha num me conhecia não. Não, isso foi no garimpo, foi, isso aí foi depois que já tinha acontecido isso aí. A velhinha eu nunca tinha visto ela, era uma indinha veia, mais ela falava português. Ela pois a mão na minha testa e falou que eu sô média de, de curadeira, que se eu desenvolvê, que se eu não desenvolvesse, que eu ia perdê meu pai, perdê minha mãe e talvez um irmão. Ela falou desse jeito pra mim, aí quando ela falô aí eu não acreditei no que ela falou, e falou pra mim que não, que pensasse deis veis antes de jogá, se eu fosse jogá praga em uma pessoa, que eu contasse deis veiz e não jogasse. Aí, eu perdi meu pai, perdi minha mãe, do jeito que ela falou se eu não desenvolvesse e meu irmão bebeu soda, quase morreu. Eu num acreditei no que ela falou. Ela falou assim que eu tinha que í, essa velhinha num, nem sabia que, que nós morava em Goiás nem nada, ela assim: Cê tem que voltá pra sua terra, e pa, pa Minas Gerais e, e trabalhá com um moço chamado Chico Xavier. Desse jeito ela falou pra mim, eu nem sabia que existia Chico Xavier no mundo.

**Entrevistadora:** O que você espera pro futuro?

**Dóris:** Que futuro menina, que futuro que eu tenho, não tenho isso mais não, já era. Num sei se gente veia tem futuro (risos). Tem nada. Ó, eu nunca vou podê tê uma aposentadoria, porque eu trabaiei tantos anos na roça, meu serviço foi sempre de roça, depois de doméstica, depois nessa vida, isso aí ninguém, é, é tem coisa, é carteira assinada, como que eu vou me aposentá um dia, nunca.

Eu até tava com esperança de tomá conta lá do bar junto com meu genro em outra cidade mas nun sei se vai dar certo mais não. Eu num sei, igual a ela tava falando pra mim a Patrícia, lá o pai do menino, do coiso, ele é muito sem palavra sabe, mais eu tenho medo de largá a casa aqui que eu moro a muitos ano, minha freguesia, ir pra lá, chegá lá e num dá nada. Aí sabe, aqui o, pelo menos todo dia pinga né? Eu quero tê meu negócio.

**Observação:**

Desligo o gravador, pois senti que estava na hora de finalizar a entrevista, pois nesta hora a atenção da entrevistada estava mais voltada para a televisão, pois iniciava a telenovela preferida de Dóris a qual relatou não perder um capítulo por nada.

O telefone toca era a filha de Dóris. Ela se desculpa e fala que está ocupada cedendo a uma entrevista e que retorna mais tarde a ligação. Isso faz com que ela deixe de prestar atenção na novela e volta a conversar sobre seus planos futuros. Então religo o gravador e retomamos.

**Dóris:** É eu quero í no banco do povo vê se eles arruma uma kombi, fazê uma lanchonete ambulante, pra mim í pras festa, pra mim í pros coiso, vendê lanche. Porque eu sei fazê comida, eu tudo que cê mandá eu fazê eu sei fazê. Então se eu tivé uma chance pra mim trabalhá, pra que que eu vô ficá nessa vida? Se eu gosto de trabalhá, eu adoro, todo comida que eu faço, cê que num experimento ainda a minha comida, o dia que cê experimentá cê fala: monta um restaurante pra você. Todo mundo, todo mundo fala pra mim, porque que você num monta um restaurante. Falá é fácil, como que eu vou montá se eu não tenho condições?

Eu quero ir no no banco do povo, ve se consegue um financiamento, aí monta uma piruinha, e começa a sair, Eu vô trabaiaá na rua mesmo. Vou pra rua, fico no lanche, vai num lugar que é onde o povo não tem comida, igual ali na Gerdau, chega carro ali ó, adoidado de caminhão ali na Gerdau e num tem um lance pra comê. Paro lá perto e, e diz: qué? Toma o telefone, liga pra mim que eu venho trazê. Não é não? Eu saio com o carro, ambulante, faço assim, eu num fico parada num lugar, vô prum canto, vô pra outro. Aprendê dirigí eu aprendo rápido, eu já fiz deis aula e num esqueci do que fiz.

**Encerro com todos os protocolos de despedida.**

## *Cláudia, 32 anos*

Esta moça trata-se de uma prostituta de rua, que consegui entrevistar num bar da zona do meretrício. Para conseguir, consegui essa entrevista com o auxílio da dona do bar, que se interessou pela pesquisa, então se propôs a me ajudar.

A entrevistada estava bebendo com outras garotas de programa, que não quiseram falar, pois alegaram estarem esperando clientes já agendados.

Ela quis iniciar o mais depressa possível, pois estava sujeita a sair para realizar programas também. Então sem muito bate papo, iniciamos.

**Entrevistadora:** Como que você começou a vida na noite?

**Cláudia:** Ái, depois que eu saí de casa. Desde quando eu fiquei de maior, mais que eu comecei a trabalhar na noite, com vinte e dois anos. Foi necessidade mesmo.

**Entrevistadora:** E agora, você tá por necessidade ou porque você gosta?

**Cláudia:** Ainda por necessidade, mais eu já tô deixano.

**Entrevistadora:** Você já tá deixando a vida?

**Cláudia:** Já, esse ano com fé em Deus.

**Entrevistadora:** Quando você começou, como que você aprendeu a abordar os clientes?

**Cláudia:** As, as meninas que já trabalhava me ensinaram. Que eu não conhecia, que eu conheci né com uma outra mais velha. Tudo isso, de me arrumar né, porque no começo eu não sabia né, é maquiá, fazê cabelo, roupa tamém. Tinha certos tipos de roupa que eu não usava (risos). Roupas mais sexy, eu não usava, tinha vergonha, até hoje. E ter paciência. Muita paciência. Muita psicologia. É ser uma psicóloga, ao final viu? Escutá e dar a resposta que a pessoa qué escutá e não a, a verdadeira resposta, sabia? Escutá bem e dá a resposta que a pessoa qué, não a verdadeira. Numa errada espanta, e espantá o cliente... (pausa) Depois cê já ouviu o ditado né, tem muita gente que fala, mas não escuta o que qué, né? Fala o que qué, mas não escuta o que qué.

**Entrevistadora:** Como você consegue reconhecer se o cliente é bom, se é um bom pagador?

**Cláudia:** Vai do começo, pelo olhar dele, pelo jeito que ele trata você. Que os bom mesmo eles te tratam como mulher mesmo, não como quenga, agora os, os que faiz sacanage eles te vê mesmo como produto mesmo né?

**Entrevistadora:** Entendi. E você consegue reconhecer rápido o cliente, se ele vai ser carinhoso, ou se ele vai ser violento com você?

**Cláudia:** Na maioria das vezes sim, parecem bons, agora, tem veis que eles enganam. Eu, dependendo do começo, né, eu finjo que não tá acontecendo nada, dô risada, mais se eu vejo que isso não adianta, eu peço ajuda, disfarçadamente, com certeza no meu celular.

**Entrevistadora:** Como que você negocia o seu programa? como que você negocia, o cliente chega, eu queria saber desde o momento que o cliente chega e vai até o carro. O cliente chega, vai até o carro, o que geralmente vocês conversam?

**Cláudia:** Ah, vô até o carro, quando tem deles que qué ir pra sair né, sair pra fora dependendo as veis eu falo que não, eu saio fora, porque as veis, a gente tem medo né? Ou se é conhecido, de casa, tal, a gente então negocia tudo, na casa mesmo, não deixa pra receber depois não. Sempre se recebe antes, adiantado.

**Entrevistadora:** Onde é que você costuma ir?

**Cláudia:** Atendo meus clientes aqui no motel do pernambucano mesmo, é aqui mesmo na praça. Não vô pra fora não. Pra minha segurança. Isso só quando já é conhecido de já, conhecido mesmo de muito tempo daqui, a gente vai pro motel ou na casa.

**Entrevistadora:** Você beija na boca?

**Cláudia:** Não.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Cláudia:** Ah, eu falo pra eles que se apaixonou. Porque eu tenho medo. Porque tem um mito né, desde aquele programa da, não sei se você lembra daquele filme que Julia Roberts ...Linda Mulher, Linda Mulher, né, então, que ela também não beija. É ela fala que se apaixonou, é verdade, mas não. É porque eu tenho nojo mesmo, aí eu falo que se apaixonou, aí eu num beijo. Porque se já vai fazer um programa, é um programa né, é um sexo, ele já tá atraído daquilo, não pra beijar, e beijar é uma coisa íntima, a boca né, até pra beijar lá em baixo eu também não aceito. Não, eu acho muito nojento.

**Entrevistadora:** E como que você costuma seduzir o cliente e chamar a atenção dele?

**Cláudia:** Ah na conversa, fala o que ele gosta, o que ele quer ouvir, porque a gente vê a maioria dos homens né, e já vê o que, que eles querem, a conversa, que eles já conversam umas coisas, aí a gente vai atraindo, a gente muda a conversa deles.

**Entrevistadora:** Você costuma estabelecer vínculo com algum cliente?

**Cláudia:** As vezes sim, muito raro, mais às vezes sim.

**Entrevistadora:** Você tem algum cliente fixo?

**Cláudia:** Tem e não tenho. Tenho.

**Entrevistadora:** Você tá namorando agora alguém?

**Cláudia:** Não.

**Entrevistadora:** Tem filhos?

**Cláudia:** Não

**Entrevistadora:** Você não é dessa região aqui?

**Cláudia:** Não, sou do Maranhão. Vim cá pra cá pro estado de São Paulo, com vinte e dois anos. E agora tô com trinta e dois, tem dez anos. Já.

**Entrevistadora:** E você já aconselhou muitos clientes?

**Cláudia:** Ô vários (risos), teve clientes meus que falou assim, nossa moça, você tinha que ser uma psicóloga. (risos) Como eu falei pra você, tem uns que a gente tem que falar o que ele quer ouvir e não o que é a realidade, né?

**Entrevistadora:** O que num programa que você não aceita fazer, como você negocia?

**Cláudia:** Sexo anal. Anal eu não aceito, não, não programa não. Meu programa é de meia hora, uma hora, depende, se a gente tá conversando e tá bem a conversa a gente fica mais tempo, senão a gente vai embora.

**Entrevistadora:** É quem são seus clientes?

**Cláudia:** A maioria são maiores que eu. Mais velhos, de trinta pra cima. Ái, ái, a situação são vários. Do mais que recebe um salário por mês e o outros que não sei nem, que não sei nem quantos salários recebe. Vai de todos, mas, mas todos, tipo de dinheiro, é tudo eles paga tudo igual, as vezes os que tem menos dá mais do que os que tem mais.

**Entrevistadora:** E você já recebeu conselho de algum cliente?

**Cláudia:** Já vários (risos). Muitos também se preocupam também com a gente, com as meninas da vida, porque muitos também que eles dá conselho.

**Entrevistadora:** Então você, você acha que tem uma troca educativa entre cliente e garota?

**Cláudia:** Creio que sim, creio que sim porque eu conheço muitos que às vezes paga a gente só pra desabafar, conversar e escutar, as vezes a gente fala palavras que eles fala que, que procurava alguma pessoas, tipo pra como é que se diz dá uma encenação, como é que se fala? Uma ajuda.

**Entrevistadora:** Então eles não procuram só sexo?

**Cláudia:** Não, eles procura pra desabafar sobre esposas, sobre filhos, sobre família, irmão. Tem muitos viu? Muitos, ele te convida pra ir pra um motel mesmo só pra conversar, pra desabafar que eles diz que às vezes as mulheres não tem paciência pra escutar e a gente tem.

**Entrevistadora:** E quanto ao prazer, você sente prazer com eles?

**Cláudia:** Às vezes sim, muito raro, mas às vezes sim, é raro (risos). É coisas que acontece, é inexplicável.

**Entrevistadora:** E orgasmo você já sentiu com algum cliente?.

**Cláudia:** Não, isso acontece assim, é por acaso é lá no momento, mas é uma coisa que acontece (risos). Deixa eu te fala, porque eu perdi minha virgindade com dezoito e vim trabalhá com vinte e dois e eu não sabia o que era orgasmo, vim descobri na noite. Sério, eu perdi com dezoito, né uma média dos dezoito até os vinte e dois, nunca tinha gozado, eu gozei na noite.

**Entrevistadora:** Nossa, mas como foi?

**Cláudia:** Não sei, é uma coisa, se eu, se eu tive orgasmo eu num...

**Entrevistadora:** E foi com um cliente fixo, ou foi com clientes esporádicos?

**Cláudia:** Foi com um cliente normal, não fixo, por acaso. Até eu, eu falo pra minhas amigas, minhas ai minhas amigas fala, com dezoito tu perdeu também, num acredito que foi (risos). É raro né, então principalmente na minha cidade que é o Maranhão, nordeste, tudo com treze, quatorze, quinze ano já tem até filho. Mais existe as veis (risos).

**Entrevistadora:** Sobre fantasias, você já realizou algumas?

**Cláudia:** O que eles mais procura é pra inversão, sabe aqueles clientes que não vem pra comer você, mas pra você comer eles? Vários. Isso é comum. É sim, muito, muito comum. Ai, menina, tem uns deles que gosta de vesti as nossas roupas, sapatos, calcinhas, tem vários. É a mais comum. De vesti, do que dá.

**Entrevistadora:** E qual foi a fantasia que você realizou que te marcou mais?

**Cláudia:** Foi por, por aquele pinto lá de calcinha, é um vibrador lá com uma calcinha. Essa pra mim foi demais. Teve que por e comer ele.

Como se eu fosse um homem e ele a mulher. Essa pra mim foi demais. E isso é comum. Por aqui é, mais pra mim não era (risos). Na época né?

**Entrevistadora:** Seus clientes são só homens ou tem mulheres também?

**Cláudia:** Só homens. É, eu não gosto de mulher.

**Entrevistadora:** Tem o cliente que é bom pagador, que paga oferece até a mais que o combinado?

**Cláudia:** Não existe mais bom cliente, não existe mais isso, que hoje em dia é uma caixinha de surpresa. A maioria paga o básico e ainda pechincha.

**Entrevistadora:** Quem são as meninas que fazem programas?

**Cláudia:** Ái, a maioria assim, tem muitas que fazem amizade com a gente, tem outras que viram a cara, mais, uma coisa pra mim, acho que é uma coisa, como muito que nas outras, como é que se fala, no convívio de todos, né, é muito difícil essa convivência. Ainda tem muito preconceito. Tem, sempre tem né?

**Entrevistadora:** Entre vocês, entre casa e rua não?

**Cláudia:** Não, não a gente sempre se dá bem aqui o pessoal da rua, só que sempre rola uma briguinha, mas é tipo como dentro de casa, irmão com irmão, e depois volta tudo as pazes (risos). Um tem que ajudá o outro, né?

**Entrevistadora:** Como que você lida com os riscos do seu corpo, você acha que a vida na noite é perigosa, que ela traz riscos?

**Cláudia:** Sim, muito perigosa e traz riscos depende de você se cuidá bem né?

**Entrevistadora:** E como que você faz a prevenção, o que, que você usa pra se prevenir?

**Cláudia:** Preservativo, gel.

**Entrevistadora:** Você costuma fazer os testes?

**Cláudia:** Sim.

**Entrevistadora:** Você recebe algum tipo de orientação, quanto ao como se prevenir?

**Cláudia:** Não, sempre me previni, me previno eu mesma. Quando eu era mais nova minha madrinha me falava.



**Entrevistadora:** E me fala uma coisa, você faz sexo com camisinha, se te pagarem mais, você faz sem ou não.

**Cláudia:** Não, prefiro ficar sem.

**Entrevistadora:** Sexo oral é com camisinha?

**Cláudia:** Com camisinha.

**Entrevistadora:** Você estudou?

**Cláudia:** Estudei, mas não me formei não.

**Entrevistadora:** Você estudou até que série?

**Cláudia:** Quinta série

**Entrevistadora:** Você acha que se você tivesse tido a oportunidade de estudar, teria escolhido outra profissão?

**Cláudia:** Creio que não, porque eu vim pra cá porque foi eu quem decidi que eu queria sair da minha cidade, mesmo se eu tivesse estudo, meu problema era, é particular, com namorado, era muito boba na época.

**Entrevistadora:** Você já engravidou alguma vez?

**Cláudia:** Não.

**Entrevistadora:** O que você planeja pro futuro?

**Cláudia:** Ter um filho, ficá bem sabe, vou montá um restaurante pra mim, montá um negócio, na minha cidade, no Maranhão, tô juntando dinheiro, já tá tudo certo. Eu vou montar agora esse ano que vem, quer dizer.

**Entrevistadora:** Então valeu a pena sua batalha né?

**Cláudia:** Mais ou menos né, porque o que eu vou fazer lá é com dinheiro de lá mesmo né, não é com dinheiro daqui, da vida. Meu dinheiro já foi. É que eu casei uma época, e viajei muito, gastei tudo em viagem, viajei pelas Europa, fui pra África, fui pra várias cidades, adoro viajar. Quando eu era criança eu falava que meu sonho era ser caminhoneiro pra conhecer o Brasil todo, quando eu era criança, aí depois, cresci e conheci a Europa inteira, agora falta eu conhecer o Brasil todo agora. Que vou conhecer, aos poucos né (risos), aos poucos.

---



---

## CLIENTES

---



---

### *Mandinho, 64 anos*

**Entrevistadora:** Qual a sua idade?

**Mandinho:** Cê já começou mal heim? Vai, vai com cuidado ( risos). Sessenta e quatro.

**Entrevistadora:** Qual seria seu nível sócio econômico?

**Mandinho:** Bão, no momento assim eu tô meio de sociedade comum amigo meu. A gente tá num ramo de iluminação comercial é, viajando um pouco, mas dá pra tirá alguma coisinha.

**Entrevistadora:** e você frequenta a zona do meretrício daqui desta cidade?

**Mandinho:** Vixi, e como (risos).

**Entrevistadora:** E com que frequência?

**Mandinho:** Ah, um dia sim, outro também (risos), é porque se eu não tô viajando cê sabe né, eu já chego, tomo meu banhinho, me arrumo me perfume e subo. Num tem conversa.

**Entrevistadora:** Quanto tempo faz que você frequenta esse tipo de casa de prostituição?

**Mandinho:** Ichi, nossa, isso é mais velho, ó pra você tê uma noção, eu ia com uns amigos do meu avô, naquela época, em outras cidades, no Rio de Janeiro, cê entende? Vai pra mais de, vamo coloca, uns cinquenta ano vai.

**Entrevistadora:** Porque você acha que as “garotas” buscam as casas de prostituição?

**Mandinho:** Elas vão pra zona em busca de enganá pra poder, pra poder mudá de vida e pegá um, um com uma classe social mais alta, cê entende? E outras, e outras, num..., cái na droga, então elas fica a mercê daquele convívio da boate, cê entende? Então cê mora aqui, cê não pode sair, só no seu dia de forga, se você saí fora do seu dia de forga, você paga uma murta e elas se acomoda porquê? Porque ela já levanta uma hora, duas hora da tarde, então, umas que tão ali, fuma, fuma maconha, outra cheira, a, a outra que bebe, então aquelas que tão ali, elas fica a mercê ali, quando vê passou a tarde, então aí vorta, dá uma descansadinha, aí toma um banho, pra vortá fazê sala, cê entende? Então fica aquele círculo vicioso, elas fica que nem dentro, dum, duma penitenciária, cê entende?

**Entrevistadora:** E sua primeira vez, foi com uma prostituta?

**Mandinho:** Foi a muito tempo, cê entende ? Era uma prostituta que ficava andando pelas ruas perto da estação de trem. Os amigo mais velho, todos pegaram ela e eu também peguei por influência deles, cê entende. Tinha uns dezessete anos não sabia de nada com mulher aí fui com ela em um quartinho aonde ela morava, depois voltei mais algumas veis, cê entende? Eu num sou bobo nem nada, nunca fui.

**Entrevistadora:** Como que funciona o sistema, nas casas de boates, elas tem que ficar lá, tem que cumprir um horário, pode sair, é?

**Mandinho:** Não, não, elas num pode sair assim, elas saem intercaladamente mais tem um horário nobre que elas tem que cumprir. Chegou assim, tipo oito e meia, nove horas assim, então elas já tem que começar a ir pra sala e ficar até a madrugada e se tiver cliente pra amanhecer o dia, tem que amanhecer o dia, cê entende?

**Entrevistadora:** Como elas chegam até lá? São levadas por colegas, chegam por vontade própria, como é?

**Mandinho:** Lá é como uma escola, cê entende? Aí é outra ala, aí tem outra gente, que é outro seguimento. Eles vão pega, em certas região assim essas meninas mais (pausa) sem experiência nenhuma, é... as veis nem escola teve né? Então eles traz. Menina que nunca viu um, um esmalte na unha, nunca viu uma batom, nunca viu mudar o cabelo de cor, nunca viu tirar uma sobrancelha, fazê um, um olho com, com rímel e uma sombra. Então eles fazem tudo isso na menina, então eles produz ela, depois que eles produz elas então eles, eles faz a

doutrina da escola deles, cê entende? E é chamado o cafetão, cafetina, né? E nós chamamo na gíria, que é a realidade, que muita gente fica naquilo, fala assim: ah, menina de pograma, num sei o quê, pra mim isso aí num existe, isso aí num existe. Mas existe sim. Eles tem sempre um agenciador.

**Entrevistadora:** Então pra você sempre tem alguém por traz agenciando?

**Mandinho:** Sempre, é, é cafetão, cafetina e biscate. Essa é a realidade do negócio, cê entende? Fica maquiando, e querendo maquiar. E a menina por sair de lá e as veis o pai e a mãe, a vó, a tia, o irmão, eles sabem que vem vindo pra isso, mas a, a, a necessidade é tão grande e, e, e como eles já oferta que ele leva, ele vem trazendo, quando monta no carro já põe “duzentinho” na, na mão do pai ou da mãe ou da vó que é um alto dinheiro, né, né, no norte de Minas, nesses cantos, então... Aí chega aqui e o que que ele faz? Pega lá o telefone e fala, liga lá pra vó, e tal, ou pra tia ou pro pai, quem que é o responsável e pá, e fala que tá tudo bem, que tá tudo bem. Então tá tudo bem. Então aí produz. Aí chega, põe ela na sala, aí chega um cara e fala: ó esse cara você tem que fazer isso ó: se senta na mesa ele vai pedir uma cerveja. Você fala que você não toma cerveja. Cê toma dose. Cê toma dose, cerveja cê não toma. E essa dose é uma dose maquiada. Essa dose é um, um, uma latinha de, de, de vodka, schwepps né? Essa latinha eles fais cem contos dela. Eles põem... É aquela tônica. É, eles põe ela no copo, põe gelo e põe um aromazinho de vodka, cê entende? É que é pra elas não ficar bêbadas, exatamente, é pra elas não ficar bêbadas e continuar a noitada, cê entende? Então é assim, então essa escola aí chega..., então aí, a outra já deu a escola, como é que fais, como deita na cama e tal, como é que trata o cara, cê entende? Porque também lá na, na, na roça ela era biscatinha, dava atrás da bananeira, dava atrás da (risos) cê entende? Então ela não vem totalmente leiga não, não vem totalmente leiga, lá ela ... cê entende? Então o que que acontece? Acontece assim, um pouco da noção do negócio ela tem. Então elas querem uma escola. Ela chega e pá, pá, pá, aí deita na cama e ilái, ilái, iláaaaaaaa. E o cara, se o cara é bêbado também já é pá, pá, pá. Então eles vão, ela vai, pra si, passando assim, como diz, assim é né, que falava antigamente: primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, (risos) cê entende? E ela vai passando, cê entende? Então é onde eles explora e daí chega no ....: ah não, não, não precisa não, põe tudo na comanda. Então quer dizer: o cara tomou cinco cerveja, tomou, ela tomou duas doses, fez um progama, então ele soma lá: bão, quatro cerveja, é..., tantas doses, mais o quarto, mais o programa, então ó: cento e cinquenta real, duzentos real, trezentos, o tanto. Aí fala pra ela, não, tudo bem. Aí ele chega, ela fica com o crédito do, do pograma e da dose, cê entende? Porque por exemplo, é por exemplo: a dose foi vinte e cinco, ela ganhou cinco e ganhou mais o pograma. Então se ela tomou duas doses, ela ganhou dez e ganhou mais o pograma, cê entende? Aí que que acontece? Acontece o seguinte, chega no final de semana, então ó: hoje é livre, hoje se você quiser sair, passear, e tal. Aí então eles pega as cabeça diária, né, malandra e tal, que é cabeça diária: ó tem aí a veinha aqui, a velhinha veio lá do, do norte lá e tal, daí ó: leva ela dá um passeio e tal, mas ó: liga pra tua mãe, tal e coisa. Mas nisso daí quando saíro de lá, já fizero, uma, se não tem conta já fizero uma conta no nome da vó do tio, do pai do vô, de alguém lá, do irmão, cê entende? Que é pra mandá um dinheirinho daqui pra lá, que é pra animá a família, cê entende? Então que dizer que se tiver algum pobrema aqui, cê entende, pra família lá fala que tá tudo certo, tá tudo bem, que inrusive tem menina que até é de menor, pega o registro de nascimento da irmã, da tia, da, da cunhada cê entende? Então eles arma tudo, é, é, é um, é um processo que as pessoas num acredita, cê entende? Já tá num aceite da família, que tá recebendo unzinho aí, por fora, e aí deixa a máfia agí, cê entendende? Aí cê já é mais velha de casa, já entende o sistema, nem sai no domingo, aproveita a clientela. Sempre tem um que pá, no domingo, cê entende? Num pode dia de semana, mais pode domingo. Aí ela já tá tudo certo com a família, já mandou o dinheirinho lá, e pá, cê entende? Se você falá pra certas pessoas essa escola, que os caras fais, cê entende, a pessoa fala: não, cê ta mentindo.

Elas lá saem as veis em quando pra fazer o depósito do dinheiro pra mandar pra família. Porque elas tem até um mototaxista que já leva o dinheiro pra elas.

**Entrevistadora:** Como assim, elas dão o dinheiro na mão deles pra que eles mesmos façam o depósito?

**Mandinho:** É exatamente o que elas fais. Geralmente elas fais assim, é, é, elas vão com eles fazê depósito. Aí quando pega confiança deles, aí então elas num vão mais, então elas pega e põe, dão o dinheiro. E ele vai sozinho, ele vai, porque na realidade toda elas lá, tem aquele nome fantasia, né? É que nem eu falo pra eles lá né, eu falo esse é o cara né? Porque ele sabe o nome real delas. Que uma chega lá e fala: eu sou Luiza, eu sou num sei o que, mas na realidade é Maria, é Luzia e tal, porque, porque ele vai no banco fazê o depósito. Ele sabe o nome delas, então quando eu paro e falo ô, ô, mas é uma realidade. Mas o que eu ia falar pra você é o seguinte: Cê vê como eles são assim, eles são oportunista e cruel, cê entende. Cê vê, a menina brigou com eles na casa, três horas da tarde, cê entende, ele chegou e mandou cortá a janta das menina, que as meninas é, ia embora, ele chegou pá, pá cozinheira lá né, chamou ela de (pausa) ah, agora esqueci o nome dela, ah, como era mesmo o nome dela, ah, agora eu não vou me lembrá. Chegou pra cozinheira e falou ó: é... Luana, e sei lá quem, é aquela loirinha que eu esqueci o nome dela, e tal, cortou a janta. Como elas, até arrumá a mala, tudo, quê... tem três, quatro malas ... (risos), e é Poliana, chegou pra Poliana, não, nada de janta. Bom, conseguíro fica um pouco mais. Quando eu cheguei era umas nove hora da noite, cê entende, e aí ela falou: ô cabelo, ô cabelo, ô cabelo. O que, que ta acontecendo? Dá uma carona pra nós, nós vamo lá no, no, no, é, esqueci o nome do rapais lá também, que é do, do baixas horas lá. Não nós vamo pra lá e tal e coisa, cê entende. Rogério. Não nois vamo lá no Rogério, pá, pá, pá, cê entende? Ô, calma, conta o que, que ta acontecendo, calma, vai devagar. Não, não sei o que, a gente vai furar o zóio do pernambucano aí, ce vê, passamo um desacordo aí, e tal e coisa. Que é assim, né? As veis é uma briga e a outra compra briga da outra, cê entende, então forma aquele, grupo, cê entende?

**Entrevistadora:** Por isso que não foi uma só que brigou?

**Mandinho:** É, e quando, quando o grupo é forte, então ele dá pra traiz, ce entende? Quando ele vê que vai sair quatro ou cinco meninas, de, de ponta, aí ele dá pra traiz, aí ele chama a outra: aí, fia. Como muitas vezes ele já usou até eu pra chegar e falar, ô fio, vai lá, conversa com a menina, fala pra ficá, cê entende? Mais quando é uma duas que não vai pezar, ele não... (pausa). Aí cheguei as meninas, ô?

Aí, era umas nove horas, né?

\_ Aí falei: mais como?

Aí pegaro e enchero o meu carro de malas de coisa e tudo né? E fui levá elas pra lá. Aí quando chegou lá, falou aí, agora cê vai fazer outro favor, mas cê vai participar? Falei: o que que é?

\_ Falou desse jeito: ah, é pra comer.

\_ Falei: mas, por quê?

\_ Ah, o fulano (proprietário) me cortou a janta.

Cê entende? Tá certo, a menina né, é empregada, né, e tal, tem que obedecê.

**Entrevistadora:** Como que é a moradia delas?

**Mandinho:** É, quando ta aliviado, mora uma em cada quarto. Quando num... tá carregado, então fais assim, se combina, colega, então mora de duas, cê entende?

**Entrevistadora:** Mas elas não fazem programa no mesmo quarto em que elas moram?

**Mandinho:** Fais, no mesmo quarto em que elas moram, no mesmo quarto que elas moram. Aí elas... aí divide né? Vai intercalando, né? Num usa, na mesma hora, aí vai intercalando. Mais as veis mora até duas num, num, é difícil, assim, mais as veis, mora porque começa sobrecarregar e tal, ou as veis chega, de madrugada, ou fora de hora, uma menina que interessa pra boate né? Então, o cara chega e fala:

\_ Ô deixa a menina aí, ó depois amanhã nós acerta, vai dormir aí com o ceis, e tal. Então dá certo.

E tem aquela que gosta também de dormir com muié, cê entende? Porquê tem muié que fais pograma com homem, mas no fim da noite ela gosta de dormi com muié, cê entende? Não dorme com homi, mesmo que pagá, e tal, cê entende, não dormi.

**Entrevistadora:** Como funciona a questão da prevenção, da camisinha?

**Mandinho:** Ah sim, a prevenção elas usa memo, porque o desconhecido tem que usá, porque hoje elas tão assim, esperta nessa parte. Mais depois que faz um contato, faz uma convivência aí já não usa mais. Aí já não usa mais. Porque aí já tem aquela coisa, porque o cara força, ou ela força. Ou as veis ela tem interesse de rançar um filho do cara que é através da, da continuidade das amizade e tudo ela já percebeu que o cara é...(pausa) que nem comigo, ê, tem um monte que vem aqui que, que sabe que eu sou sozinho e tal, e tal, e os cara, fala, o Zé, o outro, o Paulinho, o cara fala: Ô, o Mandinho aí, ó, sozinho, pá.

Que nem, o Ernesto esses dias deu um, uma bola fora, né, ficou com a menina comentando:

\_ Ê, o Armando é sossegado, aposentado, seis mil real por mês, e ainda trabalha.

Falei: ê cara, cê qué me matá.

Aí ele falou assim:

\_Não, tô fazendo uma propaganda.

Falei:

\_ Cê tá nada, cê tá queimando meu time, cara. Porque aí que tá, aí elas vêm. E quando elas pega, cê entende? Nós usa um termo lá assim que é, de, de, motorista de, de, de entrega de bebida, cê entende? É o que mais cá na malha dela. Molecada nova, motorista, ajudante, e tal, fais aquela, aquele introsamento, dali a pouco um leva pra morá, depois devorve, daqui a pouco tem fio. É o que ta acontecendo agora com a Lindinha lá. O cara era motorista da Coca-Cola, levou pra morá...

Mas ela qué fazê isso, mudá de vida sabe? Qué tê um cara, uma casa, tudo. Mas aquele ritmo que elas leva de, de, tê um, uma convivência melhor assim, cê entende? Tem essa finalidade. Viu, então aquela ilusão, de, de querê... (pausa). É isso, de ter uma casa, ser dona de casa, assim uma ilusão, então elas viaja é, é com os menino, cê entende? E depois elas não consegue sigurá. Elas não consegue sigurá a barra.

**Entrevistadora:** E porque você acha que elas retornam?

**Mandinho:** Por causa desse negócio assim de cumprir horário, levantá, lavá roupa. Elas tão acostumadas num outro ritmo. Elas tão acostumadas ao contrário, num fazê e a maior parte, só quando tá muito no desespero que fais, senão paga pra fazê, como por exemplo, lavá calsinha, sutiã, roupa, tal, elas não fazem. Não, não fazem. Aí elas não consegue sigurá o cara mesmo. O cara sai cedo, qué almoçá, aí elas tem que tê pronto, é aí que o bicho pega, elas num guenta e... (pausa)

**Entrevistadora:** Muitas retornam?

**Mandinho:** Ôche (pausa), a maioria, noventa e oito por cento retorna, dois por cento fica. Mais eu acho assim, que é nisso daí, a própria sociedade é curpada por que os caras faiz, ONG de não sei o quê, ONG de não sei o que lá, ONG de não sei o que tem lá, tá? E não fais uma ONG, pá, pra apoiá uma pessoa e prepará ela psicologicamente pra saí do abismo. Por que se você analisá, aquilo é um abismo, que chega uma hora, pé de galinha, pá, mucha, caída, tal, e aí, cá, já não vai mais fazê programa de cem conto, nem de duzentos conto, cê entende? E se tive aí uma queda, aí começa... (pausa). Aí começa a cá mais na droga, porquê? Por que não consegue competi, cê entende? Pra bancá aquele status, que tinha. Porque tem menina lá que banca, tem empregada pra levá filho na creche paga perua pa levá na escola e trazê tudo. E a hora que ela dé um, uma ciaidinha que ela... (pausa) vai tê pra isso?

**Entrevistadora:** Tem prostituta que tem família na cidade?

**Mandinho:** E como tem, e como tem.

**Entrevistadora:** Mas então ela não mora lá na zona?

**Mandinho:** Não, é as veis póza lá por causa de, de, da noitada, mais, vai naquela assim, cê entende? É, chega, é...tipo nove horas e vai embora de madrugada, ou dependendo acaba de posar lá, mas tem o mesmo compromisso das outra, não pode falhá, se falhá... (pausa). É como um trabalho mesmo, exatamente. E tem cara que, que, assim, no termos, né, que é casado e leva a mulher lá. Leva a mulher dele lá, pra fazer programa? Ele larga lá e vai buscá de madrugada. Tem isso também, ali tem de tudo, tudo que cê pensá tem.

**Entrevistadora:** Acontece de alguma ficar grávida?

**Mandinho:** Fica grávida a maioria, a maioria faz aborto, porque é interesse pra casa, pra liquidá, cê entende? Porque? Por que os cara sabe que ela ficou grávida porque ela acaba querendo prendê alguém. Vamos supor assim, um, o filho do Nigro assim. Um Nigro. Então ele frequenta a zona, entende? Então ele chega lá, que nem chegou aquele o cara lá com essa, com essa hailux, caiu até dentro da piscina, de tão bêbado que o cara tava. Enfiou a caminhonete dentro da piscina. É, então esses cara que chega com esses carro poderoso, de família, pode ver, eles deita e rola, tudo e pá. Só que depois começa o drama da coisa, cê entende? Então que, que as menina fais? Os cara chega e cagueta, porquê? Os porteiro conhece, a outra conhece, tal: ô, esse aí é filho do fulano, e tal, tá. Então as menina... então elas mesmo já chaveca o cara e tal e não tem programa com camisinha, cê entende? Ela ta rezando pra... que depois o que que ela vai fazê? Ela vai chantagear. E eles não tão sabendo de nada, que tem a, tem o grupo de malandragem também, que as meninas também são malandra, cê entende? Que nem aquele caso que aconteceu em Ribeirão lá com o rapais ele arrasto a menina de caminhonete e acabou matando ela, por quê? Porque ela era da chácara da japonesa e ele de família boa de Ribeirão e ele não teve outra saída. Ele queria que a menina tirava e a menina não queria tirar: Eu vou, eu vou tirar o trunfo meu? Eu fiz de tudo pá consegui isso veio. Porquê, por quê depois é o seguinte: é só chegar lá no juiz e falar o filho é dele:

\_Não, Não é.

\_Não é, então faiz o DNA doutor. Então é o, é o que as espertona fais. Mas só que quando dá o contrário, dá zebra, cê entende ai é o seguinte ou assume ou fais acordo, cê entende? Então eles já o...pessoal tudo, o esquema tudo, cê entende então não deu certo... cê entende?

**Entrevistadora:** Como é o esquema do aborto?

**Mandinho:** Eles já tem o... ,as pessoas. Na clinica, é, eles já tem o... , cê entende? O pessoal de confiança deles.

Mais a maioria quando vê uma chance... Não perde. Não perde, não faz aborto deixa a criança nascer, deixa a criança nascer, nem que for de motorista de entregador da kids-cola, de cerveja, que é o que tá acontecendo com a Izinha agora, ela não quer tirar é que fica na...porquê? Por que fazer a transformação! Que toda mulher que te um filho. Não importa, pode ser até dum, de um mendigo, e como essa lei que apóia agora, essas igreja tudo, então elas qué isso ai, elas qué se sentir apoiada então amanhã: ah não, lógico, ah mais eu morei com ele lá em tal lugar, lá e tal né, tentei fazer a minha vida, cê entende? Então...é uma, é uma sequencia, cê entende, então elas jogam a responsabilidade em cima de quem, do cara, cê entende. Agora eles apóiam porque lá que, que inclusive, eles adotam, adotam um esquema assim, que a mulher tem que tomá injeção pra não menstruar, que é pra num perdê o..., a seqüência do negócio, que senão fica lá três, quatro dias lá, de, de boa vida lá e eles tem que banca, que lá tem o seguinte, só banca, e não paga a murta, se tivé doente. Então tem um esquema, por exemplo, ta lá, então tem uma festa do..., que nem Facira, pá tál, então a menina sái pra ir na Facira, então ela toma murta, cê entende?

**Entrevistadora:** Porque ela toma multa?

**Mandinho:** Deixando de, de, cumprir o compromisso. Então por exemplo, então essa murta é no caso, é de cento e cinquenta reais, vamos supor. Então ela deve cento e cinquenta reais pra

casa porque ela furô, ela num fez sala, e foi na Facira. Só que é o contrário, se chegá uma cara lá e se empolgá com ela e falá: ah não mas aqui dentro eu não fico, quero ir pra outro ambiente, quero amanhecer o dia num motel com você, e tal e coisa... aí ela fala assim:

\_Ah a multa da casa é trezentos.

**Entrevistadora:** e ela ganha alguma coisa dessa multa, de trezentos?

**Mandinho:** Não, aí se ela, aí ela ta ganhando cento e cinquenta, que a multa dela na realidade é cento e cinquenta, cê entende? Aí ela já começa a encharcar o cara desde..., desde a primeira vez, cê entende? Então é , é um esquema cabuloso.

**Entrevistadora:** E porque você acha que atrai tanto as pessoas? Você acha que as pessoas não sabem dos riscos que correm, vão lá sem saber que podem estar sendo manipulados?

**Mandinho:** Não o homem vai por duas razão, cê entende? Ele vai as vezes, é... (pausa) começo assim, né, as veis ela vai por uma curiosidade, cê entende, porque ele escuta os amigos falarem, então ele fala: Não, não vou junto com os caras mais eu vou sozinho dar uma olhadinha. É que nem jogo de bicho, cê, mesmo que cê num joga, mas cê dá uma olhadinha no resultado pra ver que bicho que deu. Cê entende? E vai também aquele que tem um, tem pobremas. Ou a mulher já desfez do cara, ou já separou, ou não é aquela mulher que dá atenção pro cara e tal, cê entende? E ele quer ver uma outra coisa diferente, então começa... aí acabou, aí esquece, aí vai. Ele passa a ser um frequentador. E aquelas molecada que, que vai de embalo e depois ao contrário...

Mais voltando pro ouro assunto, eu acho assim, quem uma posição assim, um pouco melhor, mora num bairro melhor, num mora num Jardim América nem num Jardim Pinheiro, cê entende? E tem a filha dele que ta num colégio que paga mensalidade, o cara num acredita as vezes que, que a mulher dele vai nisso. Então eles nunca se preocupam em querer ajudar, em fazê, cê entende? Então, isso daí é, é um dos pobrema mais sério que tem no Brasil hoje. Não adianta porque eles fala: o social. O social você dá uma cesta básica pro cara, isso não diz nada, que a maior covardia que tem é o que, que acontece. O empresário, o médico, essa gente, é, eles fazem que nem a história do Tio Patinhas, o Zezinho pede: Tio, me dê cinquenta centavos? Quando meu quarto de cofre tiver um quarto de milhão eu te darei cinquenta centavos. Então eles age assim, depois que eles tem uma casa na Fonte, uma casa de praia, mulher filho, um carro zero quilômetro, ele tem uma chácara, pra fazê festa pros amigo, tudo, aí ele dá meia dúzia de cesta básica pra uma instituição de caridade e fala que ele é um homem caridoso, cê entende? Então esses daí, quer ir só pra ganhar. Então às vezes o cara chega e fala minha filha, puxa, minha filha vai pra academia, Mas ela vai sozinha? Ah minha filha, ela malha na academia, pá... Aí, daí a pouco ela encontra uma amiga que fala assim pra ela assim: Olha cê não quer ganhar quinhentos contos noite? Depende? Mas aonde? Eu te levo num lugar. Cê entende? Aí a filha dele passa a ganhar quinhentos conto por noite, cê entede? E depois ela arruma um tontinho, na rua, como namorado, leva pra casa, aí o pai fala assim: Tá vendo, minha filha ó, ta vendo, tal. Então é uma maquiagem, o povo brasileiro é muito fraco.

**Entrevistadora:** Em relação a transa, uma prostituta age diferente?

**Mandinho:** Não, não, vou te contar, tem mulher aqui, que é até melhor que elas. É que tem menina que vai tão bêbada pra cama, sabe, tão cherada, que ela não oferece prazer nenhum pro cara. É aquela ilusão. Então as veis aquele cara pra num brigá, num discuti, sai fora. Aí quando tem aquele cara que chega e já tá tão bêbado, e ela que também que já usou da artimanha, e ele pensa que às vezes ele ta fazendo alguma coisa, e ele nem faz, nem, nem faz nada. É ilusão, é uma fantasia, cê entende? É mais fantasia do que realidade, por causa disso que eles sobrevivem, cê entende? Agora quem ganha eles querem da prostituta. É o cafetão que ganha. Eles pegam uma latinha de schueps, ele converte lá com um cheirinho de vodka e pá, ele pega um litro de Chapinha que custa três reais ele faz cinco doses de vinte e cinco reais, porque eles pões num copo um monte de gelo, cê entende? Então a taça tem mais gelo

do que vinho, cê entende ? Ele cobra vinte e cinco reais do cara e fala que é uma dose (risos) que ele impressiona pela taça, então, na realidade é eles que ganham. Então o resto, é um, é um povo manipulado, e as meninas porque tá ali, então ganha a comissão da bebida. Então quando é uma nova, bonita e tal, de destaque, de ponta, top, cê entende? Aí então o que que acontece? Quando a menina vixe, tá com seus vinte e sete, vinte e nove anos, ela tá, então o que que acontece? Aí ela, aí ela começa a impressoiná o, o cafetão. Aí sim, se ela é de ponta, tal, tem clientes bom inclusive, pá, tal, aí o distribuidor de bebida, tá, não sei o que tem lá, tal. Aí então ele oferta coisas melhor pra ela e tal e ela também ganha mais, cê entende. Agora se não é então vai descartando. E se é aquela que partiu pra droga, então tudo, então ela já vai, ela vai morrendo sozinha. Cê entende?

**Entrevistadora:** Tem garotas que são procuradas sempre pelo mesmo rapaz?

**Mandinho:** Pelo mesmo cara, direto, nossa, e como. Por duas razão: as veis é o próprio cara que vem e elas também que impõe. Que nem a Gê faz comigo. As veis eu chego lá e ela, ela me imobiliza. Ela vem e nham, que nem coruja e pá, pula em cima e não tem jeito de eu parti pra outra. Por quê? Porque ela sabe, não, porque o cara ta lá, que aliviá, tomá uma cerveja, num sei o quê, cê entende? Então tem essa tamém, os dois motivos, ou cara ou ela também que num dá chance. Cê entende? E num deixa outra também, e a outra já sabe heim: ó fulano é meu, ciclano é meu, fulano é teu e ciclano é seu. Se entrevi tem briga. Dá muita briga. Mais como. Como que não, ó: a outra, a loira, ta de pé quebrado. Tá enchendo o saco. Ela falou que a hora que tirá o gesso vai metê o pau na Carol, porquê? Por que a Carol fez aniversário, eu dei um presentinho e pá, cê entende? (risos) Ah, mas já que eu tô no inferno, vou abraçar o capeta(risos).Carol tem vinte e cinco anos, mais ó! Ontem eu tive aqui na, na Alameda e trouxe a outra pra comê espetinho e tomá chope preto. E antes de ontem as meninas queria ir na Guacira. Elas me pediram se eu podia levá. Elas montaro no carro. Elas acabaram de montá no carro ela tá falando assim: Ó a gente não tem mais nada heim, não tem mais nada, somo amigos. Ô pode deixá, somo amigo, tudo bem. Mas quando as meninas vieram pra montá no carro sabe, o que ela fez? Ela foi lá abriu a porta, puxou o banco, colocou as meninas tudo no banco de trás e pá, sentou no banco da frente e falou: vamo embora. Eu falei, ah tudo bem. Aí eu pá, foi lá na Guacira cheguei falei: ó. Parei, as meninas decero: ô cabelo, ô cabelo? Falei: não vou embora, eu falei que ia só trazê vocês. Aí eu falei e você, não vai? Não se me leva divorta. Aí eu falei: mas é fiscal agora? Fiscalizando? Não, não eu vim dá uma vorta.

Quando foi ontem, a mesma coisa, cheguei lá, foi pro lado, aí ela:

\_ É tem jeito de me pagá uma cerveja?

\_ Falei: ôchei, vamo, vamo, tomá uma cerveja. Aí dalí a pouco ela veio:

\_ Num vai embora?

\_ Falei: ah, daqui a pouco.

\_ Ah ta bão.

Aí ela falou:

\_ Ah tô com uma vontade de comer um um espetinho, tomá um chope preto lá na mesa, falei: tudo bem.

Aí eu trouxe ela. Então elas são tudo cheio de artimanha sabe? Umas, umas são descoladas é por gente que já tem mais experiência e outras porque elas já adquiriram experiência, cê entende?

**Entrevistadora:** ela tem qual idade?

**Mandinho:** Essa tem vinte e cinco anos e faz tempo que ela está lá. Fais, fáis, fáis sim. Inclusive ela tem um filho de nove anos, de nove anos.

**Entrevistadora:** E é de alguém de lá?

**Mandinho:** Não, foi de um cara, tal. E ela mostrou pra mim esses dias, ela tava ali na, na rua dois, eu tava na pastelaria, ela passou com o irmão dela na frente, pensei que ela ia entrá, aí



depois ela falou: Mandinho, não , não, tô com pressa. Aí ela me chamou e falou, esse aqui é o meu irmão. Olha ali sentado naquela mesa o pai do meu filho. Ah ta, eu vi, eu vi.

**Entrevistadora:** E as mulheres, elas fingem muito?

**Mandinho:** Ah sim, sim, sim, uma boa parte finge, ta na cama já começa gemê que nem... (risos). É, é, mas faz parte do contexto, cê entende, porque a maioria dos caras que vai ali, eles não tem, eles não tem técnica, eles não tem malandrage, cê entende, eles vai ali pra pá, então, elas no decorrer da permanência ali, elas se tornam na realidade mais malandras do que os homens, por causa disso que eu falo pra você, que eu levo as minhas vantagens ali, porque eu já tenho minhas técnicas e já tenho conhecimento, cê entende? Então não adianta filha, ou seja, cê vai ficar onde eu quero, onde eu não quero você não vai ficar (risos). Cê entende?

A entrevista seguiu o protocolo das demais, com os cumprimentos e agradecimentos, mas, no entanto, teve que ser interrompida pelo fato de uma das prostitutas ter solicitado a presença dele na casa para ir busca-la.

Esta entrevista segundo exigências do entrevistado, foi realizada em uma lanchonete e segundo ele, alguém conhecido passou pelo local antes de se dirigir para a zona do meretrício e que ao chegar lá e abordar a garota de programa que Mandinho costumava levar para passear, acabou contando que acabara de vir ele, na companhia de outra mulher em uma lanchonete. Foi então que o telefone tocou e tivemos que interromper um pouco antes de nossas vontades e dos assuntos terminarem.

## *Marcos, 24 anos*

**Entrevistadora:** Eu preciso saber da sua idade e do seu nível de instrução.

**Marcos:** Bom, eu tenho vinte e quatro anos e sou universitário no momento né, tô estudando na... fazendo um curso na universidade.

**Entrevistadora:** Que curso você está fazendo?

**Marcos:** Faço análise de sistemas.

**Entrevistadora:** É você frequenta a zona ou alguma casa de show, já frequentou?

**Marcos:** Sim, já e ainda frequento.

**Entrevistadora:** Quanto tempo faz?

**Marcos:** Ah pra te falar a verdade eu vou desde os meus dezesseis anos viu. É que eu sempre fui assim fortinho, alto, cheinho, era fácil de passar. Ainda mais que um tio meu me levava, mas não era sempre, sempre não.

**Entrevistadora:** É, com que frequência você costuma ir?

**Marcos:** Ah, num é, num é frequente né? Mais não tem uma frequência certa, ah, as vezes, sei lá, esse ano fui uma vez. Mas já fui mais vezes já, antigamente eu ia mais vezes, hoje em dia que eu já não tô mais assim tão, tão frequente, mas antes eu ia direto, já teve vezes de eu ir três vezes na mesma semana.

**Entrevistadora:** É, entre os homens, vocês costumam comentar entre vocês o que vocês fazem, ou chamar amigos pra ir junto?

**Marcos:** Sim, isso aí é frequente.

**Entrevistadora:** É, também pegar mais de uma mulher juntos?

**Marcos:** Sim, também, acontece disso também.

**Entrevistadora:** A a sua primeira experiência sexual, foi com uma prostituta?

**Marcos:** Não, minha primeira experiência sexual, foi com uma mulher bem mais velha que eu, no caso eu tinha dezesseis, ela tinha trinta e seis. Mas não foi com uma garota de programa, não foi com uma prostituta.

**Entrevistadora:** E quando que você veio a conhecer? Quem te levou?

**Marcos:** Bom, quem me levou foi eu mesmo, chamei os amigos aí falei: ah vamo dar um role, pra conhecê? Vamos, e fomos, e fomos. No começo a gente ia mesmo só pra, pra brincá, aí teve um dia que eu resolvi ir por conta, sozinho, aí foi quando eu resolvi pagar o programa, né, no caso.

**Entrevistadora:** Ir pra brincar é o que?

**Marcos:** É, eu ia pra beber, né, pra, pra... mais pra descontrair, a gente ia mais pra, praticá zuação né, quando eu ia no começo, aí depois que eu comecei a frequentar pra fazê mesmo, pra pagar por um programa ou não.

**Entrevistadora:** Quem são, quem são as prostitutas que você conhece, como elas são, o que você tem a me dizer sobre elas?

**Marcos:** Olha, puxa, agora é meio difícil. Já teve algumas, eu não sei né, a gente não pode confiar, a gente conversa, eu converso procurei conversar com todas. A gente troca alguma ideia tal e algumas são pessoas, normalmente são pessoas de fora. Eu falo isso porque eu já trabalhei também, né, eu trabalhei numa casa como segurança e a maior parte é garotas, são garotas de fora, que vem de outros estados trazidas pelos donos da casa, né, e muitas delas tem filho, precisa sustenta as vezes tem, é o único sustento da família e tal. Outras não, tem algumas que são universitárias, tem muitas universitárias, que fazem pra poder pagar o, a mensalidade da faculdade, então, normalmente são pessoas, algumas delas são pessoas assim que sofrem um pouco né, tem necessidade, às vezes por não ter estudo, por ter começado uma vida as vezes sexual cedo demais, teve filho, atrapalhou o estudo, não tem outra coisa pra

fazer da vida, vai fazer isso que é uma forma mais fácil, mais rápida pra conseguir o dinheiro que precisa.

**Entrevistadora:** Você acha que elas fazem por necessidade, na maioria, ou se elas fazem porque elas gostam.

**Marcos:** Eu imagino que a necessidade fala mais alto, porque não é todo mundo que toma um banho antes de ir, que vai limpo, cheiroso, que chega lá e trata elas com respeito. Eu sempre procurei tratar, com respeito, independente se é ou não é uma garota de programa ou não. Mais justamente pelo fato de eu trabalhar no local e já ter visto várias cenas, tem muita gente que acaba de sair do serviço e vai, tem gente que tá fedendo né, que trabalha o dia inteiro, suado, vai, bebe, enche a cara de pinga, fica lá e as garotas são obrigadas a suportar certas situações desse tipo por causa mesmo da necessidade do dinheiro, porque eu acho que nenhuma suportaria tal coisa por, por gosto né?

**Entrevistadora:** Agora, como você já teve essa experiência de trabalhar numa casa de show, como que era essa, essa tramitação, com uma garota de programa, elas viviam lá, elas tinham que pagar aluguel, como que era isso?

**Marcos:** Ó, na onde eu trabalhei, não era uma zona digamos assim, não era uma não era um bordel, era apenas uma casa de stripe ali no local, as garotas não, não moravam no local então elas tinham que ter a vida delas fora, muitas alugavam uma casa em quatro, cinco ali, viviam na casa só, só elas. No local ali não tinha mais pelo que eu sei de outras casas, muitas delas moram no local pagam aluguel sim, pagam aluguel pro dono da casa e acaba as vezes algumas acabam ficado presa até mesmo ao, ao cara, né? Isso no meu local de trabalho não acontecia, por causa que, como eu te falei, a vida delas ali começava, era a hora que abria terminava a hora que fechava. Depois disso, elas faziam o que queriam, tinha que ir pra casa delas pra cuidar dos afazeres.

**Entrevistadora:** Como que elas costumam abordar os clientes?

**Marcos:** Bom, normalmente se chega, senta na mesa, fica esperando. Elas vem, começam a conversar né, dali a pouco já pede pra paga uma bebida e aí se a pessoa paga a bebida, elas ficam com você na mesa, se não, se elas vê que o cara tá, tá só ali de bobeira, não é um cliente pra ela, ela sai e vai atrás de outras pessoas, dos outros que estão chegando na casa. Porque elas, porque elas ganham também com a bebida consumida né, não somente com o programa, que nem, vamos supor se ela fais o cara pagá, gastá cem reais em bebida, exemplo, vinte por cento é delas dez por cento é delas, além do programa da, da casa, do programa.

**Entrevistadora:** E você que algumas tem interesse em determinados clientes, pra sair da prostituição?

**Marcos:** Sim, com certeza, alguns clientes são alvo, muitas acontecem de sair, que nem, o, o se arruma um cara bem de vida, bem de grana, então elas assinam tipo um contrato com o dono da casa né, elas tem que pagar uma multa. Muitas vezes elas não saem porque essa multa é grande e o dinheiro que elas conseguem guardar não é o suficiente pra sair. Mas elas esperam que alguém, que possam tirar elas de lá pague por isso, né? Mas aí eu, depois disso eu já não sei como que vira né, não sei se a vida é a mesma, da pessoa né?

**Entrevistadora:** Você já ficou sabendo de alguma que engravidou pra tentar segurar alguém?

**Marcos:** Nesse caso não. Eu conheço um caso onde o rapaz trouxe a mulher da, da, de uma casa noturna. Mas esse caso dela tentar engravidá pra escapa do lugar, eu nunca, não tô sabendo.

**Entrevistadora:** E qual é o perfil alvo? São os que tem mais dinheiro?

**Marcos:** Sim.

**Entrevistadora:** Ou nem sempre?

**Marcos:** Não, é basicamente é, é o mais de dinheiro né? No caso assim elas não se tornam vamos supor às vezes muitas delas preferem se tronar uma prostituta particular, entre aspas, vamos dizer assim né? O cara tira ela de lá e ela acaba saindo com o cara, somente com o

cara, mas muitas vezes isso aí não acontece da forma que se deseja né? Tem casos de o cara pagá, paga, quem tem muito dinheiro paga até apartamento particular pra mulher, quando quer ele vai lá e fais o serviço com ela.

**Entrevistadora:** Quais são os métodos de sedução que elas usam, quando elas percebem que é um cliente que vai gastar?

**Marcos:** Bom, elas costumam chegar, sempre usando roupas sensuais, elas não, nunca tão de calça jeans, por exemplo, e camiseta, sempre ou shortinho muito curto, biquíni as vezes dependendo o lugar. Elas chegam sentam, na mesa né, com: Olá, posso me sentar? Começam a trocar uma ideia, aí vai perguntando quem é, vai querendo conhecer um pouco da pessoa né, e aí vai conversando. Mas tem alguns casos onde a, a, algumas são mais diretas né. Tem algumas que já chega, ah vamos fazer um programinha, num sei o que, é, um morzinho, pá, pá, pá, vai daqui, vai de lá. Tem algumas que já chegam desse jeito. Algumas outras vão mais conversando, vão no xaveco mesmo né, não vão só no... aí já vai, dá uma, uma esfregada no cara, pro cara já ficá meio é, o, o excitado né, que é pra, pro cara ter a vontade de fazer mesmo o programa pro cara gastar dinheiro com elas né.

**Entrevistadora:** E você costuma ser um bom cliente?

**Marcos:** Ah, imagino que na medida do possível sou um bom cliente, né? Mas, eu pechincho. Ah, eu pechincho, bastante (risos).

**Entrevistadora:** E você conhece clientes que pagam mais, ou cê acha que isso já não existe mais?

**Marcos:** Ah, existe muito do seguinte, não existe muito, desse tipo de história não, mas existe por exemplo, tem aquele cliente que só quer sair com determinada mulher. Onde eu trabalhava o rapais chegava lá, ele só queria ficar com aquela mulher, era fiel. Não eu quero a fulana. Se de repente, se a fulana tivesse com algum rapais na mesa, ele virava as costas e ia em bora e nem entrava na casa. É acontece muito disso, e esses cara tipo, vai e gasta uma fortuna. É já teve dia pegá mil reais numa brincadeira, numa paulada só. Mil reais, dois mil reais. Gastano em bebida, não, não só, não em, nem tanto em programa, em bebida com a mulher, depois disso, provavelmente, fora né, por no local de trabalho não podia fazer o programa. Deixa eu corrigir, no local que eu trabalhava. Não podia fazer o programa, então saia da casa, saia com a mulher.

**Entrevistadora:** Você beija ela na boca?

**Marcos:** Não, jamais.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Marcos:** Ah eu tenho um pouco de receio né? Eu não se de repente essa mulher, por exemplo, se ela beijou um outro homem, se ela fez sexo oral com outro homem, eu, então eu jamais, o contato físico ali é o único e exclusivamente pra relação sexual e usano preservativo né, sem jamais também sem preservativo. Isso no meu caso, tem alguns que oferecem a mais pra isso acontecê ou não, de acordo com a vontade deles dentro da casa.

**Entrevistadora:** E elas aceitam?

**Marcos:** Aí eu já não sei. Ah, alguma deve aceitá né? As que mais precisam certeza que devem aceitar, as vezes a quantia for muito boa, num, acho que nenhuma mulher rejeita não, ali dentro não.

**Entrevistadora:** É você já, já teve algum vínculo com alguma delas, já se apaixonou por alguma delas, já quis ficar com alguma delas?

**Marcos:** Não, nesse sentido não. Eu já tive sim de sair com alguma mulher mais de uma vez seguida e até mesmo sem ser cobrado por isso. Por parte delas. Saiu por vontade: ah eu quero sair com você.

**Entrevistadora:** Quem são as garotas que você procura, eu digo isso as garotas lá na noite, qual que é o seu perfil?

**Marcos:** Ah, eu depende muito assim, vamos dizer assim, eu não tenho um perfil, vamos dizer assim ah, depende da, como ali é mais por um contato físico do que emocional, às vezes a gente vai atrás de uma pessoa diferente, por exemplo ah eu nunca saí com uma pessoa japonesa, por exemplo, já aconteceu comigo, disso, eu já fui atrás uma vez pra sair com uma mulher japonesa. Aí tá, eu nunca saí com uma ruiva, com uma negra então vão, tá querê uma mulher com um peito maior, um peito menor, uma bunda grande, bunda, magrinha, gordinha, depende disso né, nunca saí com uma assim, então vão, vão lá vê se acha. É mais ou menos assim. Ou então aquelas que xaveca melhor, né, porque tem umas que chega no xaveco que consegue fazê um cara gastá mesmo o que não tem lá viu? Tem algumas que conseguem isso, tem outras que nem tanto.

**Entrevistadora:** Cê já viu gente deixando o que não tinha?

**Marcos:** Uh, já vi gente passá o cartão de crédito gastá estourar o limite do cartão lá. Gente que saia, acabava de trabalhá, recebia o salário: vamo todo mundo lá. Saia todo mundo sem um centavo. Deixava de por coisa dentro de casa pra gastá dinheiro lá.

**Entrevistadora:** Agora, você sabe me dizer quem são as mulheres que prestam serviços sexuais, qual que é o perfil delas, o que você pensa sobre elas, como elas vivem, como elas sobrevivem?

**Marcos:** Olha, ao eu não faço muita ideia do que, de como elas vivem né, depende o lugar, a situação, algumas situações, são bem críticas né? Ah, boa parte delas vive como é, universitárias né? Vive numa república, com um bando de mulheres, faiz, divide o serviço da casa, divide aluguel, divide tudo pra gastá menos, pra, pra podê, pagar né, suas contas. E algumas outras vivem na própria casa né, por exemplo, aquelas que vieram de fora, não tem onde ficá, elas ficam na, ficam na casa noturna, na própria boate né. E vivem, ah eu não sei como falar pra você, elas tem quarto, lá num quartinho lá, que as vezes é um quartinho e um banheiro e mais nada. Vivem de comida rápida por que as vezes não tem tempo pra fazer comida, lavam as roupas do jeito que podem né.

**Entrevistadora:** E você acha que os clientes só procuram sexo, numa casa de prostituição?

**Marcos:** Não, jamais. Muitas vezes acontece, de não acontecê, o, a relação sexual, com certeza acontece, por exemplo, às vezes vai muita pessoa lá que tem por exemplo, um cara que tem um interesse sexual de fazê uma, uma inversão, ele não vai atrás de sexo com a mulher ele vai atrás da mulher fazer alguma coisa nele. Ais também muitos vão lá e ficam conversando, aí chora as mágoas da, da vida que mulher faiz isso, mulher num sei o que lá. Alguns acabam falando, conversando mais do que qualqué outra coisa lá. Muitos clientes procuram apenas ser compreendidos. É procura, um pouco mais, um pouco de carinho porque as mulheres conseguem isso né, conseguem. E pra isso pra elas é lucro né? Quando elas conseguem um cliente desse jeito porque elas ganham sem fazê a relação né, então sem corrê risco nenhum.

**Entrevistadora:** Existem aqueles que procuram pra elas fazerem neles, é isso?

**Marcos:** Existem também, ichi, certeza.

**Entrevistadora:** Quem mais procura a vida na noite, além dos homens?

**Marcos:** Casais procuram, muitos casais vão atrais de procurar garotas pra, ou pra fazer um ménage, né que fala né? Ou, bom, no caso é pra fazê um ménage mesmo, ou o homem com a mulher diferente ou até mesmo a mulher, com uma outra mulher, acontece muito disso. Isso já aconteceu inclusive onde eu trabalhava.

**Entrevistadora:** E é frequente?

**Marcos:** Menos frequente, que com, com os homens, né, até porque se a gente for analisar aqui mesmo onde a gente mora, nossa região, isso não é uma coisa que acontece com, com tanta frequência, mesmo por ser um lugar menos populoso né? Numa capital por exemplo, lá em São Paulo, isso deve acontecer com muito mais frequente, mesmo pela densidade da população.

**Entrevistadora:** E mulher, só mulher, sozinha, costuma ir?

**Marcos:** Nunca vi. Falá pra você que não já é mentira minha, mas eu nunca vi.

**Entrevistadora:** E você, já procurou alguém, alguma prostituta, pra fazer outra coisa que não seja sexo?

**Marcos:** Não.

**Entrevistadora:** Cê já foi lá pra bater um papo, chorar as mágoas?

**Marcos:** Já aconteceu isso de fazê isso, mas assim, vamos supor, depois da relação. Inclusive aconteceu uma vez que eu sai com uma garota, que era, que era um pouco tarde da madrugada né, eu tinha pagado por um programa de uma hora, cabei ficando quatro horas com ela. Quatro horas, ninguém é uma máquina pra ficá (risos) no, na, na relação por quatro horas, até porque eu conversei com ela na verdade ela mais falou pra comigo, do que eu conversei com ela né? A gente conversando lá comecei trocá uma ideia lá de boa e ela mais me contou a história dela do que eu contei pra ela. Mesmo porque quando eu vou nesses lugar, eu nunca dou meu nome verdadeiro e nunca falo o que eu faço de verdade né?

**Entrevistadora:** Então você já procurou oferecer conselhos pra algumas delas né? Você já foi procurado pra isso?

**Marcos:** No caso foi pra uma, já, já, aconteceu uma vez isso comigo sim.

**Entrevistadora:** E de receber conselhos de algumas?

**Marcos:** Ah, não comigo nunca aconteceu isso aí comigo não.

**Entrevistadora:** Cê acha que tem uma troca, uma relação educativa entre cliente e prostituta, cê acha que um aprende com o outro e tem alguma coisa que um possa aprender com o outro?

**Marcos:** Olha, isso depende muito né, não é, não é com qualqué um que isso acontece, é casos mito raros, né que nem, é o caso que eu falei pra você, o cara que chega com mais respeito, que tá mais aberto a diálogo, que conversa mais com a mulher, ele com certeza deve ganhar alguma coisa, as veis ouvir algum conselho a der mulher deve aprender alguma coisa também, quando o cara vai pra procurara apenas sexo o cara chega lá tira a roupa, faz o que tem que fazer, e vai, volta pra casa não fala nem oi, não sabe e nada?

**Entrevistadora:** É com relação as fantasias, você já foi lá pra procurar realizar alguma fantasia?

**Marcos:** Sim, acho que a maior parte das pessoas que vai, vai pra procurar isso mesmo. Acho que muita, a maior parte do que acontece lá é mais pra realização de fantasias, que nem às vezes, bom, nem vou falar nada (risos) Agora não.

**Entrevistadora:** Ah fala (insisto).

**Marcos:** Não, não sei, por exemplo tem homens que é casado a vinte anos com uma mulher e nunca por exemplo a mulher nunca fez sexo anal com o cara, ou nunca fez sexo oral. Provavelmente esse cara vai lá atrás, é por causa disso daí, o interesse maior dele é esse. Ou esse tipo de coisa, ou aquele outro tipo, ou a mulher que, sei lá, que domine ele, ou ele que domine uma mulher, mais o interesse maior é a realização das fantasias, eu acho, com toda certeza, pelo menos no meu caso é isso.

**Entrevistadora:** E você acha que aquele mesmo com aquele ambiente de ambiente de prostituição, ainda é um lugar bastante procurado?

**Marcos:** Sim, com certeza, é muito procurado, né, esse tanto que isso daí num, num diminui, é uma coisa que, é uma coisa que só cresce, enquanto isso os donos vão só aumentando os seus clientes, trazendo mais garotas aliciando mais gente pra essa, pra essa, pra prostituição, e diminuição que a gente vê mesmo é nada.

**Entrevistadora:** E se acha que quem frequenta, quais são as faixas etárias que frequentam a casa de prostituição?

**Marcos:** De dezoito em diante, acontece muitos casos de até mesmo, de adolescentes né, meninos mais novos irem, eu mesmo já levei por exemplo, meu irmão junto comigo. Meu irmão quando era mais novo, não vou falá a idade, como eu sendo bem mais velho que ele

já falei: ah vamo comigo lá. Aí já paguei um programa pra ele já. Menti, falei que era pai dele, e isso acontece sim e acontece direto, às vezes nem tanto dentro das casas porque é proibido né, mais por exemplo com as garotas de fora da casa porque por exemplo, aqui na nossa cidade, tem as casas tem as casas noturnas e algumas garotas ficam fora das casas, pro procurando programas.

**Entrevistadora:** Como que você vê a questão da violência, dentro da prostituição, cê acha que ainda acontece muita violência contra elas?

**Marcos:** Ah, deve acontecê sim viu, por causa que vai muito nego bêbado, que sei lá, eles devem, eles acham que porque eles tão pagando. Não só bêbados né, as pessoas normais também, eles acham que porque tá pagando pode fazê o que que e isso mesmo é uma das questões que eu falei pra você de, de fantasia né, as vezes isso aí acaba até sendo um, um fetiche que o cara tem de poder assim, se sentir no poder e se, ser o macho dominador, então, as, as vezes acaba acontecendo isso mesmo sem, sem o, vamo, como eu posso dizê (pausa longa), extrapola o limite porque ele tá pagando. Diz assim, ah eu tô pagando e quem manda aqui sou eu. Tá, a pessoa acha assim, eles acham que.... bom, eu da minha parte eu sou uma pessoa que independente de qualqué coisa, ela tá ali trabalhano, ela tá ali ofereceno o serviço dela, então ela tem que ser respeitada igual qualqué uma outra pessoa. Eu sempre procurei respeitar, mais tem uns que acha que porque paga eles é o dono, manda, faz o que quer. E muitas vezes estão bêbados mesmo e é onde que acaba acontecendo esse tipo de, de situação chata né? Já aconteceu inclusive na época que eu trabalhava, que eu era segurança de tê que botá algum, um cara pra fora por causa disso né?

**Entrevistadora:** Com você nunca aconteceu nenhum caso de você usar de violência contra as mulheres?

**Marcos:** Não, nunca, jamais, jamais, jamais.

**Entrevistadora:** E quanto à prevenção, você acha que realmente elas se previnem?

**Marcos:** Ó, todos os lugares que eu frequentei, o uso de camisinha era obrigatório né, no caso a própria casa fornecia preservativo né, eu sempre preferi levar os meus particulares, né?. Comprava, tal, mais...(pausa) em todos os lugares tinha o preservativo lá, normalmente era esses preservativos gratuitos, né, que a casa também não quer gastar dinheiro com essas coisas né, mas eles obrigavam sim as garotas a usarem. Algumas casas, inclusive prevenção de doenças não é somente preservativo, né, tem o caso da, da higiene, né. Algumas casas que eu saí a garota tomavam banho antes de realizar o programa e um banho logo após a realização. Eu pelo menos da minha parte eu via isso como um lado positivo, uma coisa positiva, né? Pelo menos fazia a higiene pessoal com mais frequência né? Que já teve casos de a mulher não fazê né?

**Entrevistadora:** E a roupa de cama, é trocada a cada programa?

**Marcos:** A cada programa é trocada a roupa de cama, o quarto é limpo, com o uso de desinfetante, álcool. Bom, na maioria, pelo menos nas melhores, vamos dizer assim, nas mais caras. As mais baratas aí eu já não sei como funciona.

**Entrevistadora:** Agora em relação a valores, você tem noção de quanto seja um programa na mais, na mais barata e na mais cara?

**Marcos:** Em média, em média, duzentos reais, em média. Sem a bebida, só o programa, porque no valor do programa eles incluem o valor do quarto né? Então vamos supor, ah o quarto é quarenta reais a hora, cinquenta reais a hora, daí o valor do programa é de cento e cinquenta, só que as vezes, que nem, como eu falei pra você que eu já aconteceu o caso de ir atrás de uma japonesa por exemplo. Eu paguei bem caro (risos) na minha, pra minha opinião foi bem caro, gastei duzentos e setenta reais com cinquenta do quarto, duzentos e vinte. Mais já paguei barato também, né, não vou falar já paguei, já paguei cinquenta reais já também.

**Entrevistadora:** E o programa da de duzentos e setenta e da de cinquenta reais, foi o mesmo? Elas fizeram basicamente a mesma coisa?

**Marcos:** Basicamente a mesma coisa, o que muda é a questão de estética né, o instinto também né, às vezes o, a pessoa tem mais tesão né por, a, é uma mais bonita né, dá, oferece mais tesão né, do que a outra, vamos supor assim, o cara tem mais vontade de sair com aquela garota, né?

**Entrevistadora:** E geralmente, o que que é que elas fazem? Tem alguma coisa que elas fazem ou que elas se negam a fazer?

**Marcos:** Ó, depende muito né, aí depende do quanto você que gastá né, se você vai e paga um programa básico ah, no máximo além de diferente é um sexo oral, sexo oral, sexo vaginal e cabô. Aí você tem duas opção no programa, é uma hora de programa contando desde o tempo que você começa a entrá no quarto, até o final, ou então é somente até a primeira gozada, vamos dizer assim. Se vai um cara lá que goza em cinco minutos, ele perdeu o programa, porque, a mulher normalmente só tem um preservativo disponibilizado ali no momento que é pra isso.

**Entrevistadora:** Então ela tem um preservativo só, nesse tipo de programa, que é pra...?

**Marcos:** Normalmente é só isso, que é pra, é pra... (pausa) pra induzir ao programa não ser maior. Sim e as vezes acontece: ah é o combinado né? Ela já fala: ah então, a gente fica a vontade e, cê tem uma hora pra fazê o que você quer e, ou então até você ejacular. Se a pessoa for uma pessoa que, não tem, tem uma ejaculação mais rápida ela acaba perdendo por exemplo, se em vinte minutos ela fez o que fez ela perde os outros, o restante do programa.

**Entrevistadora:** Ah tá, e ela aí tem que sair do quarto?

**Marcos:** Tem que sair. Que é o lucro deles né, do pessoal do quarto que já disponibiliza o quarto pra outro, outra pessoa, tá, tá usano.

**Entrevistadora:** Você se previne?

**Marcos:** Sim, com certeza, não somente nesses casos, mas inclusive na vida pessoal, com namoradas, com tudo, sempre prevenido.

**Entrevistadora:** Agora, e o sexo oral, você faz com elas só com camisinha ou não?

**Marcos:** Sim, somente, somente com camisinha.

**Entrevistadora:** Você acha que elas recebem um acompanhamento, com explicações da importância da prevenção, tanto pra elas quanto para os clientes?

**Marcos:** Olha eu imagino que quem recebe é somente que vai atrás viu, que não, num, não é fácil, que muitas delas nem saem do local de trabalho, só vive ali trancada como se fosse uma prisão. Algumas não podem nem sair do lugar né? Acontece disso também, sabe-se lá né?

**Entrevistadora:** É, você acha que elas sentem prazer quando elas tão fazendo programa?

**Marcos:** Imagino que em alguns casos sim, quando elas estão com vontade né? Quando se sentem bem, então eu acho que às vezes acaba acontecendo né, muito pouco, mais a maioria das vezes não porque num, é num, é um local muito forçado ali, né? Muitas vezes, que na maior parte das vezes elas estão forçadas né, então por necessidade vai lá, finge um orgasmo pro cara achar que é o garanhão e cabô, mais raramente, isso acontece sim. Seria impossível também fazê isso todas as vezes, algumas pessoas deve dá um thã né, nelas, sei lá. É bom né, afinal de contas é bom.

**Entrevistadora:** E essa questão delas fingirem orgasmo, você acha que acaba influenciando na vida posterior? Mesmo fora da prostituição?

**Marcos:** Sim, com certeza, tem estudos que falam sobre isso mesmo né, que a mulher, mesmo, nem, até nem, não necessariamente uma garota de programa, até mesmo mulheres em casa, elas usam do, do, por exemplo de gemido né, pra excitá o parceiro pra que ele chegue mais rápido ao orgasmo pra que ela fique logo livre, vamos dizer assim livre da, do assunto, livre da, dos problemas.

**Entrevistadora:** Eu você acha que pode acontecer com essas pessoas que passam a maior parte da vida fingindo um orgasmo?



**Marcos:** Hum, olha, eu não sei muito bem o que pensar a respeito disso, talvez pelo fato dela fingir muito, depende quantos anos né, nessa, nessa vida né? Porque acontece que o mercado quer garotas novas né? A pessoa vai começando a, a normalmente pega garotas, muitas com dezoito anos, logo com dezoito anos, pega e já, com vinte e cinco anos por exemplo já não serve mais, né, vinte e dois, aí vai passando né, vai, vai trocando as garotas, muitas vai pra rua, outras vão tentar levar uma vida normal, olha eu não sei de repente acontece muito né, as vezes a mulher já fica até sem vontade de fazer essas coisas, se torna fria né, se torna mais fria.

**Entrevistadora:** Você acha que o estudo ou a falta dele e, a prostituição tem alguma relação.

**Marcos:** Bom, como eu disse pra você tem muitas universitárias nesse meio né, eu falo a verdade porque eu conheço (risos), conheço alguns lugares onde a maioria das mulheres vai uma vez ou duas por mês que é pra..., somente pra custear a faculdade, mas depende muito né que nem é o caso que eu falei, depende, algumas não tem muito a esse acesso né, outras já tem acesso a informação e continua na vida. É um dinheiro fácil, aliás, deixa eu corrigir, é um dinheiro rápido, não é um dinheiro fácil né, que a situação elas, muitas situações que elas enfrentam ali no dia-a-dia delas não é nada fácil né, tem que engolir sapo né, é um leão ali por dia que elas tem que matar pelo menos. Que, que o dinheiro é rápido né, as vezes numa noite cê consegue por exemplo, numa média de programa de duzentos reais se você fazê cinco, cinco programas, que se for vê não é uma quantia muito absurda cê consegue tirar fácil mil reais de bobeira, se você fazer isso uma quantidade seguida durante o mês, a mulher vai pagar por exemplo o custeio de , da casa, dos custos com o dono, tirano a porcentagem do dono da casa né, vai ter um dinheiro razoavelmente bom ali na mão, que muitas não querem trabalhar, que se trabalhá todo dia oito horas por dia não vai ganha um quarto, um quinto desse dinheiro, né, desse valor.

**Entrevistadora:** Você acha que elas acabam investindo bem o dinheiro que elas ganham?

**Marcos:** É algumas conseguem investir sim né, outras, acho que nem tanto, que já aconteceu por exemplo de... que nem quem tem filho em casa usa o dinheiro pra sustentá a casa né, as vezes alguma tem a mãe doente o pai doente, que que pagá remédio, tem, tem muito disso também, mas ah eu num, eu num vou falá porque eu nunca vi uma garota de programa na vida pessoal né, assim, só conheci ela como garota de programa. Somente isso. Eu não sei informá exatamente como que isso pode acontece. Se elas administram bem o dinheiro, eu não sei informá, se sim ou não, porque que elas ganham, elas ganham. Ah e ganham né, tem garotas que tiram uma, uma fortuna né? Tem garotas que vivem muito bem né, tem gente que se vê, cê num acredita, fala assim, fala: Essa fulana é garota de programa, tem casão, né, algumas, tem carrão.

Encerramos a entrevista seguindo aos protocolos de despedida, mas devido ao fato da entrevista ter sido realizada em horário de almoço do participante, algumas questões tiveram menos aprofundamento, segundo fala do próprio sujeito, que ofereceu-se para uma próxima oportunidade, dar continuidade, caso seja necessário.

## *Fernando, 44 anos*

**Entrevistadora:** Qual idade você tem?

**Fernando:** Quarenta e quatro anos.

**Entrevistadora:** E qual é seu nível de instrução?

**Fernando:** É, sou formado em técnico de mecânica né? Ensino médio de técnico em mecânica.

**Entrevistadora:** O que você faz atualmente, qual é a sua ocupação, em que você trabalha?

**Fernando:** Sou micro empresário no ramo de serralheria.

**Entrevistadora:** Você costuma frequentar alguma zona de meretrício, tem experiências com mulheres da noite?

**Fernando:** Já frequentei, desde moleque, meus quinze, dezesseis anos, é (pausa). Como eu vou dizer, eu frequentei muito quando eu era mais novo um pouco, agora ultimamente, com as relações que eu tive, sérias, eu, eu me afastei um pouco.

**Entrevistadora:** Atualmente você está em um relacionamento?

**Fernando:** Não. Agora não.

**Entrevistadora:** Esse agora tem quanto tempo?

**Fernando:** Ah já vai pra (pausa) cinco meses.

**Entrevistadora:** E nesse “agora” você voltou a ir, ou não?

**Fernando:** Fui uma vez, um pouco, há uns dois meses, fui dar um passeio, relaxar um pouco.

**Entrevistadora:** Então você não é um frequentador assíduo no momento?

**Fernando:** Não.

**Entrevistadora:** Mas você conhece algo que possa me dizer sobre a realidade delas?

**Fernando:** Sim, conheço, eu tive uma história.

**Entrevistadora:** E que tipo de história foi essa?

**Fernando:** Foi uma história séria. Porque acabei até gostando dela, é mesmo sem ter tido relação com ela até então. Eu estive na casa, né, no sábado à tarde, porque sábado a tarde rola um churrasco, né, pros clientes, de graça, e tal. Então a gente, eu fui com um amigo, a gente sentou na beira da piscina, e (pausa) não tinha liberado ainda, né as meninas ainda, a casa tava vazia, agente tinha chegado na hora que abriu, a gente entrou e não tinha liberado ainda. É na chácara do “Vim”, é, onde eu frequento, eu não frequento boca de... né? Eu vou em casa mais chique né? que é mais sossegado e mais seguro. A casa abre três horas da tarde e eram três e dez e elas não tinham subido ainda. Na verdade o churrasco é pra elas, mas os visitantes, os clientes de lá, ou que lá estão, ou visitantes né, porque eu nunca fui cliente de ninguém, (pausa), é também participa, então o dono da chácara dá o churrasco pras meninas e dá também pros clientes, entendeu? Ou visitantes. Sábado à tarde, se você quiser fazer um churrasco paralelo, também pode, pode fazer entendeu? Com a sua turma ali, lá de ladinho, ele permite. Quer dizer, pelo menos essa pessoa permite.

**Entrevistadora:** E você aquele dia não teve nada com ela?

**Fernando:** Não. Não porque a gente sentou lá as três e vinte, três e vinte, e aí elas subiram e a gerente que comanda, que fica de olho nessas meninas colocou essa moça pra sentar comigo (pausa), até então olhei né, porque praticamente obrigou a moça a sentar comigo, pegou pelo braço e senta aqui, pá. Aí ela se sentou comigo ali dei uma olhadinha assim e: Tudo bem? Tudo bem? E, sentou uma outra sentou com um colega e... Até então aí tava meio preso ainda que a gente num... tava tomando ainda a primeira cerveja, a gente tava meio preso, num tava solto. A gente estava tomando cerveja, mas elas não, elas não podem tomar cerveja, tá? Cerveja na casa não é uma coisa que dá retorno pro proprietário né? Então elas são então elas

são envolvidas com doses, entendeu? Que são de valores mais expressivos e é o que dá retorno tanto pra elas, uma certa comissão pra elas e pra casa também.

**Entrevistadora:** Nesse momento ela já te pediu pra pagar uma dose ou ainda não?

**Fernando:** Não, de início não, de início não. É, ficamos conversando ali e tal, e ela não pode ficar muito tempo, que ela em que corrê, trabalhá, então se não vai rolá nada ali, ela pede licença e sai, vai pra outra mesa, vai pra outro, atender outra pessoa e tal. E, mas eu percebi naquele momento ela ficou ali por querer ficar, a partir de um certo instante. Aí a gente começou a conversar, começou a conversar e se descontrair a coisa foi rolando, a coisa foi rolando, aí eu paguei uma água de coco pra ela pra ela podê ficá ali comigo. A partir do momento que eu pago, ofereço uma bebida desse tipo ela é obrigada a ficar, a ficar ali comigo. Se ela terminar de beber ela já pode sair entendeu? Mas até então, ela tem que ficar ali. E aí foi rolando, foi rolando, foi rolando, isso aí foi até seis sete horas da noite, esse bate-papo. E a gente trocou telefone. Quando a gente troca telefone com esse tipo de pessoa, você nunca sabe se realmente é aquilo, porque você passa... eu posso passar um número errado pra você e você não vai me achar nunca. E, e elas também podem passar o número errado delas também que vai ficar perdido. Então você nunca acredita que realmente aquilo vai se concretizá. Mas até então isso tudo rolou, tal e, e eu, e a gente e depois a gente foi pro salão ainda e depois acabou trocando ideias com outras meninas, pa, pa, pá, virou bagunça tudo, tudo isso né, e umas oito e meia nove horas nós fomos em bora.

**Entrevistadora:** E esse virou bagunça o que é?

**Fernando:** Virou bagunça é porque aí quando você sai da mesa e desmancha aquilo é, você vira alvo de outras coisas, outras chegam em você tá, e já são atitudes diferentes, né, já chegam te apalpando, já chegam sabe, abraçando, já convidando né, pra, pra realizar, e então aí já vira bagunça, então...

**Entrevistadora:** Naquela noite então você saiu com outras, ou não?

**Fernando:** Não, naquela noite eu não sai, sai de lá, eu e esse colega meu nós fomos embora pra casa. Porque nós estávamos desde as três horas até quase nove horas da noite, foram quase seis horas né? É muito heim? Então tão eu conheci ela lá. Então só foi isso. Então o que que acontece? No dia seguinte, não no dia seguinte, isso foi no sábado, aí na segunda-feira é..., ela me ligou. Era uma meio dia e meio, é... dizendo que tava no banco fulanescos, tinha feito um depósito no banco vendo se eu podia levar ela até a casa de volta, uma carona. Aí eu fiquei assim: Pô, que legal um telefone era verdadeiro. Né, porque até então eu já não tava mais passando pela cabeça. Falei pra ela: ah não se você puder esperar mais um pouco porque eu tô almoçando e já te levo. Passei pelo centro peguei ela e levei pra casa. Fomos conversando novamente, pa,pa,pa até na casa. Aí, casa fechada. Ela interfona lá, o porteiro abre e ela entra. Porque elas tem que estar dentro da casa até quatro horas da tarde. Elas são liberadas pra sair mas tem que tá, quatro horas da tarde tem que tá dentro da casa. E isso foi rolando, foi rolando, foi rolando e eu fui me apegando, me apegando.

**Entrevistadora:** Outras vezes ela te pediu favores, assim e você atendeu?

**Fernando:** É, ela me ligou, chegou a me ligar quer dizer em horário top, que é uma hora da manhã, tipo uma hora da manhã, tá ligada? Ela me ligou pra eu ir buscar ela, que ela não queria ficar. Então, essa, resumindo assim um pouco essa história, é..., eu não cheguei a transar com ela dentro da casa. E demorou um pouco também pra isso acontecer, apesar, né, das pessoas pensar que isso vai ser fatal e vai ser, vai ser de primeira, tal. É porque (pausa) apesar de saber onde estou e com quem estou, eu respeito as mulheres. Eu sei que algumas, estão lá porque gostam, porque isso é verdade, tem umas que gostam e não vai sair, tem umas que tão por necessidade e tem umas que não...é (pausa). A maioria é por necessidade porque ninguém gosta de ficar sendo usado por homem é... fido, cheirando mal, é bêbado, isso é terrível, né? Então é..., o caso dela, ela teria começado a quinze dias, então, é, então isso também, também me chamou um pouco a tenção, fiquei meio ligado nessa conversa de

sábado, falou: não faz duas semanas que estou aqui, eu não mexia com isso. Então aí tá, eu fiquei meio assim.

**Entrevistadora:** E o nível dela de instrução como era?

**Fernando:** Ruim, ruim, primeiro grau, primeiro grau, semi-básico.

**Entrevistadora:** E a idade, ela era muito novinha?

**Fernando:** Bem mais nova do que eu, uma diferença de dez anos. Mas no tamanho não porque era uma moça grande, bonita de...ela era de Goiás né? O... Caldas Novas, Goiás. E chamava atenção nela pelo tamanho, porte físico, tinha um físico assim, bem definido, né, até me chamou atenção o abdome dela assim bem, que parecia que fazia ginástica, que malhava, um cabelo preto enorme, que vinha até na bunda. Opa, desculpe.

**Entrevistadora:** Aí ela te pediu pra tirar ela de lá, foi isso? Como foi?

**Fernando:** Na verdade ela não pediu que retirasse ela de lá, ela pedia, a situação foi levando pra um caminho, que eu mesmo disse que não teria condições de a gente se relacionar dessa maneira. E o tempo foi passando, o tempo foi passando e cada vez mais ela não queria mais ficar a noite, na noite, tanto que ela mudou, parou de fazer programa e começou a dançar somente, entendeu? Então ela não fazia mais programa ela só dançava. Que eu nem sei, pra mim eu nem sei o que é pior né, se é fazer programa ou dançar. Acho que dançar é um pouco menos pior. Dançar a renda é menor, dançar sim, pelo seguinte, porque dançar ela só vai ganhar o dinheiro que ela recolhe. Entendeu? Ela não tem o dinheiro da casa pela dança. Então ela faz um trabalho de recolhimento no salão, tá? É... roupa tá, normal né? roupa normal não, a roupa que elas usam né? Roupas sexys que elas usam no salão. Então ela passa recolhendo dinheiro, cinco de um dez do outro, pa, pá, quem paga mais vai ter um, um,um, vamo deixá, uma deixa a mais, que dá pouco vai tê tipo: uma lambidinha só e cabo, tá? E quem paga mais vai ter um carinho melhor, quando ela passar por essa pessoa. Então ela começou a fazer isso. Então parou de fazer programa e começou só a dançar. É porque não tem penetração, não tem contato. Na verdade a pessoa não pode colocar a mão nela. Só ela pode chegar esfregar e sentar. E isso com quem na mente dela ajudou. E isso ela não pode esquecer, senão dá zebra, tá? Ela não pode deixar ninguém pra traz, que o cara pode ir no dono da, no dono da casa e falar: Ó, eu paguei pra moça e nem tchum, nem passou lá nada, aí tal, ela vai ser chamada atenção aí, esse negócio todo. E então na casa tem os seguranças, né, que ficam ali em volta, as gerentes, então, é quando acontece essa apresentação, vamos dizer, o homem não pode agarrar a moça, de forma alguma, segurar ou agarrar. Entendeu? Alguns colocam a mão na cocha ali tal, mas não pode segurar, a moça pode, tem que sair a hora que ela quiser. Então é isso. E isso o tempo foi passando foi passando, foi passando, foi passando e nessa situação ela quis, saiu da casa e foi pra outra casa em outra cidade. Quando ela chegou nessa casa, no mesmo dia, a noite, já era umas dez da noite ela já me ligou pra eu ir buscá-la, que não ia ficar lá. A partir dessa noite acabou.

**Entrevistadora:** E qual foi o motivo?

**Fernando:** A casa, sim, sim, ela saiu de um hotel quatro estrelas e foi pra uma pensão, vamos dizer, uma comparação. Aí ela me ligou e falou: vem me buscar que eu não vou ficar aqui. Aí fui buscá-la e depois dessa noite nunca mais voltou.

**Entrevistadora:** E esse processo todo já tinha quanto tempo em meses?

**Fernando:** Três.

**Entrevistadora:** E você já tinha transado com ela nessa altura?

**Fernando:** No segundo mês, entre, dentro do terceiro mês.

**Entrevistadora:** Ali dentro da casa?

**Fernando:** Não ali dentro da casa, dentro da casa não. Uma que eu nem gosto, nem gosto e num... é que eu sou uma pessoa assim meio enjoadinha pra certas coisas. Então aquelas camas que tem lá, aquilo vira uma rotatividade muito grande, e eu sei que o serviço de faxina não é de primeira linha, tão é muito raro, muito difícil isso acontecer.

**Entrevistadora:** E qual é a casa considerada mais top da cidade? Ela se sustenta em todos os requisitos?

**Fernando:** A gente considera top aonde tem as mulheres mais top. Não é sempre pelo ambiente.

**Entrevistadora:** E o que é a mulher ser mais top?

**Fernando:** Isso é uma coisa assim, é, é psicológico pro homem assim. A mulher que cobra mais é a mais bonita e bem mais cuidada, né? Você chega que ela tá com uma pintura, ela tá, é...ela, ela tem um estilo diferente é uma mulher mais cara, entendeu? Então você coloca um pouco mais fé, naquela que se lança, que tá mal vestida, que tá meio, que vai se lançando pra cima dos outros, tem uma que faz um charminho, acompanha? Olha pra você mas ela já não vai pra você que ela escolhe, entendeu? Elas enxergam longe, vamos dizer, a vítima dela, elas conhecem e sabem onde elas tem que mexer, entendeu? Elas batem o olho assim, tipo assim, elas batem o olho assim e fala: ih, esse um aí num vai virá nada né, outra fala assim, chega assim bate o olho e fala: vixe esse é mulecão. Deixa quieto, num vou. Mas se eu olhar pra você e falar eu quero você, você vai ter que vim, não tem como eu falar não, não vou com você. Quanto que é? Ah é trezentos reais. Ah então vamos. Fechou, mesmo que você não goste de mim e não vá com a minha cara, aliás né, não é a cara que vai ser usada. Entendeu? Então, ali dentro não tem esse negócio de vai, não vou, vai não vou com ele. A não ser que ela prove que teve alguma agressão antes, ou agrediu ela naquele momento, com palavras ou não. Desse tipo, ela tem que alegá isso aí, porque ele fala: ó eu quero ficá com aquela moça e aquela moça não qué ficá comigo, então é assim que funciona. A gente nunca faz isso, nunca força, eu nunca forço nada, eu forço pela simpatia. Se simpatizou beleza, se não simpatizou, deixa essa pra lá.

**Entrevistadora:** Depois como foi o decorrer da história toda, ela pediu pra sair daquela boate e o que aconteceu?

**Fernando:** Aí depois a gente ficou juntos uns três meses, só eu e ela e eu fui duas vezes pra Caldas Novas onde ela morava. Conheci a mãe e o filho dela que lá estavam. Ela tinha um filho de cinco anos, muito bonito, um garoto de olho verde muito bonito, eu fui até lá pra fazer a festa de aniversário, pra ajudar a montar a festa de aniversário dele, passamos um fim de semana lá. Depois eu voltei com ela de carro, aí conheci um pouco a cidade também e beleza. Aí voltamos tal e tamos de boa. Aí ela começou a me pedir que eu trouxesse o filho dela. Falei: ah, tudo bem. Vamos lá.

Como eu não conhecia muito o filho dela, a parte educativa dele, eu falei, ah tudo bem. O menino já tem uma certa idade, certa base, certo, beleza. Aí buscamos. Voltamos e eu matriculei ele em duas escolas uma creche a tarde e, é... aula de manhã lá no “Luizão” e na “Maria Socorro” a tarde, porque eu arrumei um trabalho pra ela também na cidade, de caixa. Então eu fazia esse roteiro. Levava o menino pra escola e deixava ela no serviço. Ia pro meu. O menino saía da escola, vinha até minha serralheria, minha oficina, almoçava, escovava os dentes e eu levava ele pro lar escola. As cinco horas ele descia pra minha oficina e ficava comigo até uma seis e meia sete horas, quando eu voltava pra casa. Ela voltava a pé e de ônibus, a tarde.

Bom, o que, que estragou? É o que, que estragou?

Esse menino estragou (pausa) tudo a relação porque começou todos os conflitos, em relação, tudo em cima dele. Por quê? Reclamação na escola, de todo o tipo, não estudava, não fazia nada. Dentro de casa ele ia tomar banho e demorava uma hora no chuveiro e quando você abria a porta do banheiro ele não tava em baixo do chuveiro, não sabia nem limpar a bunda. Não escovava o dente. Então começou aquele conflito assim: escuta: que tipo de educação a sua mãe e você deu pra esse menino? Ele não sabe nada, é um homenzinho já e não sabe nada. E ele começou olhar torto pra mim, meio de rabo de zóio, e eu né, comecei a ficar meio assim. E eu tentando encaminhar...

**Entrevistadora:** Você tem outros filhos?

**Fernando:** Tenho, lógico que eu tenho. Eu tenho a Karol de vinte anos, que está no quarto ano de direito e o Diego que vai fazer engenharia elétrica. Eu já tinha uma família, eu já passei por isso, então aquilo pra mim foi uma coisa extraordinária, que eu não sei. Bom, como eu disse aí começou os conflito, entendeu, dentro de casa. Aí teve uma, um dia que esse menino disse que não tinha aula, em nenhum lugar, falei tudo bem então você fica em casa, quando eu cheguei no trabalho, as nove ou dez horas da manhã a escola me ligou e depois o lar escola me ligou também, do porquê que o menino não tinha aparecido. E quando eu cheguei em casa, eu chamei ele, eu peguei na orelhinha dele e dei um puxãozinho na orelhinha dele assim e falei: ó, você não mente pra mim dentro da minha casa e saí e fui tomar banho. Quando eu voltei ela falou assim pra mim: Olha se você colocar a mão no meu filho novamente eu te ponho na cadeia heim. Nesse momento eu disse assim pra ela: Vão fazer o seguinte, daqui pra frente você cuida do seu filho, você leva ele pra escola, você vai trabalhar, você faz tudo o que você quiser fazer tá, cê se vira. Não coloco a mão e nem ele vai colocar nada do que é meu. E outra coisa, a partir de agora, a gente não vai mais se envolvê em mais em nada mais nada, cê pode ficá aqui a vontade em minha casa, cuida de seu filho, deixa ele terminar a escola, isso era em outubro mais ou menos, falei, deixa ele terminar a escola, você pega o seu filho e vai embora. Só que eu não quero prejudicar você, se precisar saí daqui eu saio da minha casa, deixo vocês a vontade, não vai faltar nada pra vocês aí não, mas assim que terminar as aulas dele, você pode ir embora. E mais, se você quiser voltar a trabalhá, não me pegue ninguém na frente da minha casa, tá certo então? Então não vai ser necessário você me colocar na cadeia.

Quando deu um mês, terminou a aula dele, ele pegou lá a transferência, negócio de transferência, tal, tá e eles foram embora. Cheguei a tarde eles não tavam mais. Nunca mais vi. Fiquei sabendo que ela voltou trabalhar na casa. Passou por aí, mas não tive mais notícias, assim pessoalmente não.

**Entrevistadora:** Mas quando você falou assim, se você quiser voltar a trabalhar, você falou isso porquê? Você pensou alguma coisa?

**Fernando:** Sim, sim, na hora eu pensei que ela sairia de imediato, mas deixei bem claro que ela poderia ficar à vontade, que eu precisasse sair da casa eu sairia, que ela poderia ficar com o filho até ele terminar as aulas dele e pegar o currículo pra transferência, tal. Só que deixei bem claro que a gente poderia até dormir na mesma cama que não, que ela não colocasse mais a mão em mim. E ela respeitou isso o tempo todo. É, uma noite lá, deu uma escorregadinha, uma perninha caiu pra cima de mim, mas eu fiquei de boa e ficou por aí mesmo, entendeu, e ela respeitou, e eu também, a partir daquele momento não quis mais saber, porque, num, num, eu encarei aquela ameaça, como um ato grave e não quis mais saber. Eu fechei minha ideia naquilo e fiquei de boa. Então foi isso. Eu senti uma ingratidão muito grande. Poderia ter tido uma outra forma dela achar ruim comigo, tipo assim, olha: pega leve, não puxa a orelha e tal, o menino pode ficar com trauma, e tal. Mas a primeira atitude dela foi essa aí, resumindo, tudo o que eu fiz por você, eu vou te colocar na cadeia, eu não bati no seu filho, eu dei um puchãozinho de orelha, eu já levei muito disso aí na minha vida, eu já apanhei muito do meu pai da minha mãe, puchão de orelha eu já levei muito, então, se você achou que isso foi grave, vamo deixá queto, vamos deixá queto porque eu acho que eu não vou suportá mais atitudes do seu filho. Até agora eu levei de boa, mas mentir pra mim, daqui a pouco ele vai fazer o que comigo, dentro de casa? Mas deixa queto tá?. Falei, eu gosto de você, mas já que você me colocou nessa ameaça aí, deixa queto, eu não tô a fim de ir pra cadeia, porque eu tenho dois filhos ambém pra criar, pra manter, então eu não vou pra cadeia, tá, então fica assim. E aí ela respeito esse tempo todo, mas voltou a trabalhar.

E eu chegava em casa de madrugada, falei, quando você chegar você toma um banho pra deitar na minha cama. Então ela voltou a trabalhar, na noite. Porque aí ela saiu do serviço.

Assim, não é que ela saiu, a firma fechou e aí ela ficou desempregada, foi no que ela voltou a trabalhar, fazer programa. Tipo assim, eu vou arrumar um dinheiro a mais que eu vou embora. Entendeu? E foi isso.

**Entrevistadora:** Mas isso durou pouco porque durou só um mês?

**Fernando:** Não, um ano. Eu fiquei um ano com ela em casa.

**Entrevistadora:** E dessa briga que vocês tiveram, depois de quanto tempo?

**Fernando:** Um mês. Fiquei um ano com ela em casa, assim, juntado com ela em casa naquela vida normal e, no né no final do ano, ali no mês de novembro, foi que aconteceu, beleza...(suspiro) já era! E minha família, ela já convivia com minha família, ia pro rancho, minha família sabia, assim quem que era ela, respeitava, nunca tive nenhum tipo de ocorrência, nunca teve uma ocorrência de algum irmão meu, ou cunhado, ou alguma coisa fazer algum tipo de brincadeira, disso, sempre respeitaram, nunca tive esse tipo de problema, no entanto que ela gostava muito de minha família, só que pisou na bola, e ela não tinha bebido não tinha nada né? Eu cheguei em casa ela tava de boa e disse isso. Aí acabou. Então é isso aí.

**Entrevistadora:** Entre vocês homens, quando estão em grupos de amigos, vocês acabam contando o que fazem com as outras mulheres? A troca de experiências?

**Fernando:** Sim, nós comentamos sim. Algumas vezes a gente vai só pra beber e zoar, mas rola de comentar sim, porque se tiver algum tipo de problema ou a mulher for muito carente ou diferenciada existe essa troca de ideia sim.

**Entrevistadora:** Então me explica, como são essas dicas?

**Fernando:** É tipo assim, existe aquela que é profissional que ela chega lá e você percebe profissionalismo mesmo, veio ali vai fazer aquele servicinho, não vai te dar muito carinho, vai pular em cima de você, vai bombar até você chegar no orgasmo acabou o serviço (espalma com as mãos num gesto de se mandar) e vai embora pra casa. Vamos dizer. Existe aquela que te trata com mais carinho, te dá algo a mais, entendeu, e você percebe isso e te marca mais. Então a gente comenta assim: ó aquela menina é gente fina, é..., é, transa legal, entendeu? Ela não chega com aquela pressa toda de cumprir aquele horário e tal e já terminar e fazer você chegar ao orgasmo logo pra tudo aquilo terminar. Tem umas que gostam de conversar um pouco, te dão um carinho a mais, te segurar um pouquinho a mais no quarto, até estoura um pouco o horário, que aí a gerente vem bater na porta: tem que sair, tem que sair. Então é assim.

**Entrevistadora:** O valor do programa nas casas é de quanto?

**Fernando:** O valor varia, de cem a trezentos, é uma dureza, passa, por isso que não vale a pena. São trinta minutos, ou menos, o prazer é menos. O prazo que você tem é trinta minutos. Se você não tiver psicologicamente muito preparado, tiver muito aguçado alguma coisa assim, se vai dançar, vai rolar com dez minutos. Você pode ficar no quarto, você pode usar seus trinta, mas talvez algumas delas com o serviço já feito querem já se retirar, então você bate o pé pra não, fica aqui comigo, vou te abraçar, te fazer um carinho. E por exemplo, se você quiser dar duas? Não tá no programa? Só se você for simpático e ela for com a sua cara beleza, senão, dançou. Entendeu? Porque ela dá o preço de uma, né? Então se ela conseguir levar você nas alturas já com quinze minutos, já foi. Se você, se ela for com a tua cara e você tá com o (faz gesto com as mãos indicando algo esguio), você pode negociar na hora, outro momento.

**Entrevistadora:** Me conta como é essa negociação com relação ao tempo e com o que vai ser feito ou não.

**Fernando:** Tá. Vamos dizer que eu tô indo lá pra fazer isso lá mesmo. É...então dentro do salão eu já pergunto: o que que você faz? Ela fala assim: Eu chupo com camisinha ,o combinado aqui, o sexo se quiser no anal nós vamos ter que conversar, ou eu não faço anal. Então ela é bem, ela explica: eu não faço anal, só chupo com camisinha, tá? Aí falo assim, quanto tá seu programa? Ah, cento e cinquenta, vamos dizer, aí eu falo assim: ah não, não faz

cento e vinte? A gente pechincha, também. Entendeu, porque dói no bolso. Porque dói no bolso, entendeu? Aí umas aceitam outras não aceitam, tá, porque muito, muito delas, elas jogam um valor muito alto achando que a gente é trocha né? Então a mulher pede duzentos e acaba indo pra lá com cem, porque a noite pode estar fraca, ruim, ela vai passar batido a noite inteira, sem ganhar um real, a não ser com uma bebida que pagaram pra ela, ou uma coisa assim, uma comissãozinha. Então é, vai pro quarto definido já, mai nada isso interfere, o duro é que o tempo é o mesmo, porque a casa não quer saber a casa quer saber que você em meia hora lá. Mas se você dançou com dez minutos você pode negociar já na hora pra ficar mais o restante, mais os vinte. Aí ela vai voltar a trabalhar novamente. Então é isso. O anal também é negociado, tá? Geralmente é quase um valor a mais. Se ela cobrou cem pra ficar com você ali, de boa ela vai cobrar cem pra fazer anal com você.

**Entrevistadora:** Sua primeira relação sexual foi com uma prostituta?

**Fernando:** Não. É na minha vida já rolou muita coisa, já fui casado cinco vezes, já tive duzentos e noventa e nove namoradas, sim, só que eu deveria ser casado com a primeira mulher com quem eu me relacionei, que eu fui noivo, fiquei cinco anos noivo, pra casar, tudo pronto pra casar, aí eu conheci uma outra e larguei dessa, por essa aventura. E bem depois com essa aventura também não deu certo e eu caminhei, fui caminhando a minha vida. Então eu era virgem e a menina também era virgem. Era menina de família, cujo tal a gente caminhou para se casar já com casa, tudo.

**Entrevistadora:** E você acha que deveria ter se casado com ela por que, pelo fato dela ser virgem? Ser de família? Por que você acha que com ela teria dado certo?

**Fernando:** Por que hoje analisando tudo o que hoje eu já passei, ela era uma menina de família, ela tinha sido só minha, e seria uma pessoa de total confiança e seria minha parceira pro resto da vida.

**Entrevistadora:** E você acha que pelo fato dela ter sido só sua muda em alguma coisa mulher ter uma experiência só?

**Fernando:** Eu tô dizendo isso pelo nível é... do amor dela por mim, tá? Quem viveu isso fui eu, então ela ficou arrasada, por muitos anos, até hoje, até hoje ela é apaxonada em mim, sou o homem da vida dela, apesar dela estar casada, já ter dois filhos, eu sou o homem da vida dela, até hoje ela é apaixonada ne mim, tá. Então hoje eu tenho certeza que eu devia ter casado com ela. Porque a minha vida teria tomado um rumo diferente do que é hoje. Se seria melhor ou pior eu não sei, mas seria uma outra trajetória. Talvez nem estaria nesta cidade, né?

**Entrevistadora:** E esse casamento que você teve esses dois filhos que estão em encaminhados tal, já faz muito tempo que terminou?

**Fernando:** Fazem quinze anos, e nesses quinze anos acho que eu vi ela três ou quatro vezes, mas nun tocou. Ela também quer voltar. Ela é casada com um senhor de cinquenta e cinco anos, o Pedro, mas o cara me respeita quando eu vou lá, não tenho queixa dele, mas ele gosta de mim, se eu for te mostrar meu whatszap vai aparecer um monte de frase ali, agora, nesse momento, cheia de: Meu amor, pá, eu te amos, tal, assim. Na verdade Eu dogo pra você que todas as minhas “ex” querem voltar, durante esses quinze anos aí, mais vinte, vinte e cinco, só queeu na minha cabeça o que não deu certo não vai dar mais certo.

**Entrevistadora:** Retomando a questão das garotas de programa, eu gostaria de uma opinião sua sobre as prostitutas, num modo geral.

**Fernando:** É, eu gostaria até que essa pergunta fosse mais específica, em alguma coisa, porque pra eu falar delas em geral fica muito complicado, porque elas em geral, são diferentes umas das outras, né? Então o que, que eu poderia falar...? Existem, vamos dizer assim, as profissionais que adoram sexo e se sentem bem na casa, tá? Eu conheço meninas lá na chácara, que já são sócias, tem ações, sabe? Tô falando praticamente, tô brincando assim, nada a ver, modo de dizer (risos) é que estão lá há muitos anos. Então quem que muda essa pessoa? Você a acha que um dia ela vai chegar a se casar com alguém? Não vai, porque ela



gosta do que faz. Existem aquelas lá que estão de passagem que é pra levantar um dinheiro que quer voltar com bastante dinheiro pra casa, pra cuidar do filho, comprar as coisas pro filho, ou a mãe tá com dificuldade, quer ajudar, e..., que mais que eu posso dizer? Nesse aspecto? (pausa). Empolgação repentina: Ah sinceramente: ali dentro tem de tudo um pouco. Eu conheci meninas desta cidade que trabalham lá na noite, e muito bonitas, desta cidade, moram aqui e a noite sobem pra lá pra trabalhar.

**Entrevistadora:** E você acha que ali dentro existem mulheres muito diferentes das que estão lá fora?

**Fernando:** Não, não, a única diferença é que elas cobram pelo que elas fazem. Não tem não, né? É que a maioria aqui fora trabalham né, mantêm a aparência, mas como a gente tem a noite fora de lá, também aqui, é a gente conhece a cidade então tem muitas daqui. Tipo assim: ó vamos fazer uma festa numa chácara, num sítio hoje? Vamos. Então ah, liga pra cinco seis aí, não importa o nome, são iguais. Só que lá não cobram não cobram né? bebem, comem, aí depois vai de pé mesmo, vai, vai na grama, vai atrás do carro, onde tiver vai, entendeu? Não tem muita diferença não. A única diferença é essa, lá elas cobram, são profissionais, elas cobram por isso, tá. Mas o que eu tô dizendo que o universo lá é muito grande, tem umas que fazem sexo nem no quarto, atrás da planta, no próprio prédio, qualquer lugar, to falando na zona, não tô falando na cidade, tô falando na zona. Tem umas que dão lá fora. A casa tá chegando na madrugada, aí cê percebe que o cara tá por baixo e fazendo sexo com ela, então se foi combinado alguma coisa ali ou não, não se sabe, mas que ela tá dando numa maneira, assim, transando numa maneira errada tá, porque se o dono pegá, ela se complica. Mas dá pra perceber, que ali tá rolando.

**Entrevistadora:** Porque tem regras?

**Fernando:** Lógico. Porque ela tem que levar renda pra casa, não pra ela só. Nenhuma casa é instituição de caridade e nem filantrópica. Nenhuma casa libera cerveja pra elas. Se elas tomam, é porque elas dão uma olhadinha por baixo assim. Porque depois do serviço, depois do serviço elas adoram sair na noite pra tomar cerveja, porquê? O que, que eu usava, naquela época assim, não tanto agora, mas épocas atrás? Eu frequentava o café Kankan, né, o que que eu usava? Lá dentro? Eu usava o contato pra encontrar na noite no café KanKan. Eu não me contentava em ficar meia hora com a pessoa. Eu me contentava em ficar o resto da noite com a pessoa até meio dia, por aí, até domingo, meio dia, porque domingo era folga. Então eu chegava, agitava e marcava pro café. As vezes buscava lá e trazia pro café, então pá, pá, ia pro motel e beleza, entendeu? Esse negocinho de meia horinha pra mim nunca funcionou, nem financeiramente e nem emotivamente.

**Entrevistadora:** E naquela época você poderia ir buscá-las numa boa, elas não tinham restrições pra sair?

**Fernando:** Depende, tem casos que tem que pagar a saída. Se for fora do horário, beleza, e se ela se engrajar com você, ela mesmo assume a parada. Ela fala: olha eu gosto daquele cara, é meu cliente preferido, eu vou sair com ele. Ele fala: não pode deixar, tudo bem. E ela sai e eu não preciso pagar. Mas se for um contato imediato que você quer ali na hora aí você tem que pagar uns cem reais mais ou menos. Ou você paga ou ela paga depois. E como eu te falei, elas estão na noite por todos os motivos e todos os tipos tem, todos os tipos tem. As vezes é por necessidade, as vezes é porque gostam, as vezes é por desespero. Tudo isso, os motivos são muitos. As vezes é pela mãe, pelo pai, pelo filho doente, ou porque gosta mesmo de sexo e ali é o lugar que ela se sente bem porque tá ali e ganha por isso. Tem todas as condições. Não é um motivo só não. Não é porque tá lá porque precisa.

**Entrevistadora:** E você acha que algumas delas procuram utilizar de certos artifícios para prender certos parceiros que elas considerem que aquele possa retirar ela da noite?

**Fernando:** Sim! sim, ela percebe quando o cara começa a gostar dela. Porque se eu chegar na casa e procurar sempre a mesma pessoa, ela já sabe que ela tem aquele cara na mão e ela

começa a trabalhá isso, deixá o cara mais doidinho, casa sessão vai ser um pouco melhor, e o cara não quer saber de outra pessoa, tanto que gera briga lá dentro. Gera, gera briga, porque se uma outra malandrinha for parti pra cima dele, ela não vai gostá. É tipo assim: você respeita que aquele cliente é meu. São os clientes fixos, tá, se o cara é casado, ela vai ter que ficar naquela posição lá, tá. Ele vai chegar lá, ela vai sair com ele, ele paga direitinho, ele paga o que ela quer, ela já tá acostumada com os carinhos dele lá, já sabe como que é o cara, já pegou uma certa confiança, tá. Mas aquela que tá com vontade de ter o cara pra ela e ir embora de lá ela vai começar a fazer esse trabalho aí, ela vai começa, ela vai percebê que o cara te começando a gostar dela e só vem na casa atrás dela. Às vezes ela não está e o cara também vai embora. Então ela percebe que o cara já tá ligado nela. Aí vai depender da intenção dela. Se o cara for casado e deixar bem claro que não vai rolar nada ela vai usar o cara sempre pra esse tipo de coisa, mas se ela percebe que o cara é solteiro e tal ela vai começar a trabalhar em cima dele, pra ver se consegue, se o cara começa a querer tirar ela lá de dentro entendeu?

**Entrevistadora:** E quem você acha que são os alvos mais fáceis? Tem uma classe econômica mais propensa? Ou uma faixa etária?

**Fernando:** Ela, elas tem uma certa, elas vão pegando uma certa confiança na pessoa. Que nem esse caso que eu te contei dessa companheira que eu tive, não vou falar o nome dela né, que a gente já tá envolvendo outra situação, é, ela foi confiando em mim, dia a dia, por quê? Porque eu fazia o que ela me pedia e não queria nada em troca. É lógico que ela vai se importar, querer saber o que você faz, o que você tem, onde você mora, que empresa que você tem, como é sua vida financeira, cê pode, se eu sair daqui você vai poder me sustentar? Pra ser tua mulher? Todas vão querer saber, todas, a não ser aquela que se apaixone de verdade, de coração mesmo, que não acredito muito nisso, mas todas vão querer saber o que você pode oferecer, pra que eu arrisque sair daqui, Entendeu? Aí as vítimas mais fáceis são os deprimidos, são, os, os que tiveram, tão, como é que eu vou dizer, não se deram bem nos relacionamentos deles, às vezes tão solitários. Esses são as vítimas mais fáceis porque elas percebem isso também. O cara tá carente, o cara tá deprimido, entendeu? Então as mais velhas de casa elas conseguem perceber isso. As mais novas não, passa despercebido, sabe, porque elas bagunçam muito, vai pulando daqui pra lá, daqui pra lá, não consegue perceber nada. O que elas querem é uma vítima pra fazer o hagininho delas lá, né. Mas as mais experientes percebem.

**Entrevistadora:** E porque você não queria nada em troca, já que ela era uma pessoa tão interessante?

**Fernando:** Eu vou te dar uma resposta muito simples tá? Apesar de talvez, apesar você não ter essa visão minha, eu sou um cara bastante romântico, entendeu? Então eu num, eu tô lá, eu vou usar você pra conseguir isso, tal, não era, não foi a minha intenção. Minha intenção foi realmente conhecê-la. Então o sexo ali não era o mais importante, que tava...(pausa). Eu sabia que ia ser bom quando acontecesse, mas não era o mais importante, porque são duas coisas que eu faço na casa, eu trato bem a mulher, porque pra mim é uma mulher que está ali, até então eu não sei o motivo que está ali, as vezes não procuro saber, porque não me interessou, mas, às vezes é uma mulher bonita, mas não me interessou pelo jeito, pelo jeito, pela conversa, pela fala, ou, não, num me interessou, mesmo ela sendo bonita, chamando atenção, tudo, não deu aquele feeling né? Então ali, apesar de ser, eu sou um cara romântico, eu gosto de criar um clima de romance, antes que role alguma coisa. Aquela coisa automática, pra mim, não funciona muito, entendeu? Aí, pra mim o automático é assim, é a minha atitude. Se ela é uma pessoa automática, eu me transformo também numa pessoa automática. Se ela tá bagunçando eu vou bagunçar também. Tá, então eu não vou levar nada a sério do que você tá falando, tudo o que você fizer eu vou levar na brincadeira e pá, pá,pá. Então é isso que eu coloco na minha cabeça. Quando é diferente, a chegada, o carinho, o modo de coversar é diferente, eu me coloco nessa posição que é a posição original, que eu sou romântico e gosto

de conversar, gosto de ouvir o que você tem pra falar pra mim. O que você quer dizer pra se sentir melhor? Então é, eu consigo me transformar no que é necessário no momento ali. Você também tem que ser profissional quando você vai lá, não pode ser bobo, o cara que vai a primeira vez ele passa maior, maior aperto, que ele vai gastar, as meninas vão cair em cima dele, ele vai achar que está arrasando e pa,pa,pá. E elas só tão só... (faz gesto com indicador apontando um dos olhos). Porque elas também trocam ideia, fala ó, o cara tá pagando tudo, vou encostar também tirar alguma coisinha. Aí ele dança. O cara tem que ser esperto, ou seja, tem que conhecer o sistema pra não ficar caindo nessa. Eu sinceramente nessa parte (pausa). Se eu chamar alguém é porque me interessou, se não... Vem, pode vir me abraça, de beijinho, conversar um pouquinho, vamos sim, tal. Tô tomando minha cerveja: Paga uma dose? Aí fia não vou pagar, nossa, tô quebradinho, eu vim aqui só..., tá vendo aquele rapaz lá, é meu patrão, vai conversar com ele lá que eu tô com ele lá, ele quem vai pagar a comanda. Entendeu? Aí você descarta: Ah então tudo bem, tal. Então beleza, depois a gente conversa. Falo: valeu. Educadamente, sem ferir a pessoa. Então é isso. Por isso que eu falo pra você: quem conhece já tem que saber lidar com a situação. E eu consigo perceber o tipo da pessoa que tá chegando pero de mim, tanto se eu tiver algum tempo no salão já observando e automaticamente o jeito que ela chega em mim. Na hora eu já olho nos olhos dela eu já sei qual que é a intenção dela, então ali eu já vou me preparando, entendeu? Porque tem hora que você fica com tédio, cê fala assim: putz, essa menina vai encostar ne mim, olha eu trabalhando di novo. Entendeu? Tem vezes que você quer estar sozinho, sabia? Tem hora que tá rolando um dance lá e você quer ficar só olhando. Cê entra em caixinha do nada. Cê tá na sua caixinha do nada, olhando, mas de repente, você não tá nem vendo, cê só tá olhando e só tá na caixinha do nada e cê não quer ser incomodado, que ninguém te pegue, aí cê fica ali, naquele barulho, né, naquela dança, alta e cê fica ali, na caixinha do nada, na mente.

**Entrevistadora:** As casas que você conheceu são mais ou menos parecidas quanto ao funcionamento?

**Fernando:** Funcionamento sim, no funcionamento é tudo igual. Cerveja não, a, a bebida destilada ela é bem cara né? Exorbitante o valor. Por isso que ela..., por isso que você paga uma comissão pra ela e uma comissão pra casa, né? Uma comissão pra ela e o resto é da casa, né? Por isso que elas são proibidas de tomar cerveja, a cerveja não gera, não gera retorno pra casa porque é bebida mais barata que tem, então uma cerveja dessa, não a latinha, uma garrafa, porque não vende latinha, é a garrafa custa dez, doze reais, mas elas não podem tomar cerveja tá, porque não gera retorno, não existe porcentagem delas ficarem tomando cerveja e a casa ganhar com isso, porque é muito pouco, não é interessante, então a cerveja é só pro cliente. Então elas não podem tomar, mas mesmo assim, elas dão uma olhadinha pra la, pra cá, ninguém tá olhando elas: “pá”, no copo do cliente, entendeu, e ali já gera uma troca de né? Uma troca de bactérias nisso, porque o que ela tava fazendo agora de pouco? Pegou no meu copo e “puff”,né?

**Entrevistadora:** E então como que rola a questão do beijo?

**Fernando:** São proibidas, são proibidas. Tudo é questão de conversar, se ela for com a tua cara se tiver bem de hálito. Porque eu acho que mulher nenhuma gosta de beijar um cara já com cachaça, com hálito de onça, mal hálito, tal. É uma questão de conversar. É a última vez que estive (pausa) é foi uma experiência até assim bacana, porque você nunca vai acreditar que vai existir uma pessoa assim. Quando eu cheguei na porta eu já fu é, me..., me apresentando pra uma moça e essa moça ficou comigo a noite inteira, até de madrugada, sem me pedir uma dose. E me beijando o tempo todo. E assumiu, que ela não pode fazer isso, a gerência pode chegar e chamar a atenção, que ela não tá girando, não tá gastando, não tá dando lucro pra casa, de jeito nenhum. E essa moça ficou comigo, até de madrugada, até eu ir em bora. Mas também não rolou nada, de sexo nada, agente ficou, como dois namoradinhos (risos), entendeu, e ela tá aí no meu Face. Mas não vi mais. Ela pediu até que eu fosse até a

cidade dela ficasse na casa com o pai, com ela, com o pai, queria já, namorar. Aí eu fiquei usando aquele jeitinho, de não chatear, mas também de não ir atrás. Eu já passei uma experiência e não tô afim de outra, apesar de ser uma pessoa diferente, não tem filho, não tem nada. Aí eu num..., eu fiquei com preguiça de ficar pensando, então passou, mas foi bacana, que foi, foi a primeira vez que aconteceu isso na casa.

**Entrevistadora:** Como você é enquanto cliente, paga bem, algo a mais, ou oferece só o valor combinado do programa?

**Fernando:** Então, eu posso dizer que eu não pago pra ninguém lá dentro. Só uma vez. Mas eu ajudo lá fora, tipo assim, ela passa o dia comigo e quando eu vou deixá-la eu deixo um dinheiro pra ela, mas assim, eu dou! Não que ela está me pedindo. Então da minha parte pelo menos eu posso falar isso, tá? Mas aí de um modo geral, tem clientes que pagam um valor tá, gostam da moça como eu te disse, se torna exclusiva dele, tanto que ele liga antes avisando que vai à casa e ela já se recolhe, ela fica na dela lá esperando porque ele paga bem, paga a mais, então ele liga pra ela, avisa e fala: olha hoje a noite eu vou aí, tá? Então ela já se recua lá dentro do salão, já não deixa, ela pode até dar uns pulinhos lá, mas não vai sair com ninguém até que ele chegue, entendeu? Ela já tá acostumada com aquele cliente, é um dinheiro certo. O cara também por fora já ajuda muito mais do que aquilo que ele tá fazendo, tá? Por fora, então rola muito disso aí. No meu caso, como eu disse pra você que eu sempre fui lá pra fazer contato e ficar na noite, né? Não lá dentro, é (pausa) eu sempre ajudei da maneira que eu quis fazer. Nunca foi pedido. Nunca reclamaram também. Nunca reclamaram, tipo: nossa é só isso? Não. Elas sempre pegam quietas e guardam o dinheiro na, na bolsa. É tipo assim, se ela cobra cento e vinte na noite, ela vai ficar o dia inteiro comigo, só que vai almoçar, vai tomar café da manhã, aí eu dou uns cem pra ela, entendeu? Tá? E eu vou ter, eu vou ter a amizade dela mesmo que depois não role mais nada, que ela vá pra outra casa, pra outra cidade, a gente vai ser sempre amigos.

**Entrevistadora:** Tem um perfil e garota que você procura?

**Fernando:** Quando eu vou na casa eu não procuro ninguém. Só que eu tenho (pausa) é... minhas preferências né? Eu gosto muito de morenas, entendeu? Eu não gosto muito de loira, não é eu, eu sou mais chegado nas morenas, né? Mais a maioria as vezes acontece que a loira chegue ne mim, é bonita, aí é normal, não tenho nada contra loira e nada contra morena, só que é assim, uma quedinha a mais por morena, é... simpática, alegre e sorridente. São características que eu procuro numa moça. Se ela vier séria pro meu lado ou algum tipo de insatisfação, ela já chega já num, já tocando terror, vamos dizer, num tem... eu gosto daquela sorridente que vem brincando e pá, aí eu gosto bastante. Simpática.

**Entrevistadora:** Você recebe ou oferece conselhos a elas?

**Fernando:** Toda conversa que é, que é feito lá dentro fica lá dentro. É o papo furado, né? Quando você percebe que a pessoa tá falando num assunto sério da vida dela é lógico que a gente coloca no ombro aqui e aconselha sim. E até oferece ajuda até: fala assim, olha se eu puder te ajudar de alguma forma, às vezes troca o telefone e fala, se eu precisar te ajudar e se for perto, cidade perto ou coisa assim, a gente até troca ideia. Eu sou uma cara emotivo também, mas se eu perceber que aquilo ali é uma conversa fiada, ela vai falar e vai falar sozinha, porque eu vou estar com minha caixinha do nada olhando pra frente e ela vai falar sozinha, pode falar, falar, falar, mas se eu perceber que ela tá falando de coração e aquilo lá ela tá passando realmente, eu dou atenção sim.

**Entrevistadora:** Na sua opinião os homens vão somente a procura de sexo?

**Fernando:** Não! companhia também.

**Entrevistadora:** Você acha isso frequente?

**Fernando:** Sim, e muito, muito. Só que a maioria dessas pessoas tiram ela de lá, ou mandam ela ir até o local. Tipo assim, eu moro num apartamento aqui no centro, eu ligo pra ela e falo: vem pra cá. Então um táxi vai lá, busca ela, deixa no meu apartamento, ela passa a noite

comigo, aí depois você leva todo o dinheiro que você precisa, a multa, o dinheiro da noite que você passou comigo e vai em borá, que o taxi leva de volta. Conheço bastante.

**Entrevistadora:** E com relação à violência, você tem algo a me dizer a respeito?

**Fernando:** Sinceramente não, nunca fiquei sabendo de um colega que chegasse a agredir uma menina, nunca fiquei sabendo, pelo menos, na minha frequência aqui não, não tenho nada pra te relatar nesse sentido. Ou que alguma reclamou pra mim que foi agredida pelo meu colega, coisa assim, nunca. Muito menos por mim.

**Entrevistadora:** E com relação às fantasias, há muita procura nas casas com esse objetivo?

**Fernando:** Não, porque eu acabei de dizer pra você que eu sou um cara romântico. É... durante a minha vida, minha vida sexual, é..., hoje eu faço muitas, muitas coisas que antigamente eu não fazia, fui aprendendo, aprendendo, fui me soltando e hoje eu me sinto um cavalheiro completo. Não existe muito mais coisas que eu tenha que fazer não, tá? Só que pra mim fazer tudo isso, ser um cara completo, essa pessoa tem que merecer, entendeu? Eu já fiz muito o básico já, por não ser interessante, ou por eu já ter desencantado, ou não estar gostando mais, que rola, rola, mais eu não tô mais gostando mais e tal. Mas eu já, todas, hoje eu sou um cara completo assim nessa parte. Eu já sei como que tem que fazer, todo, todo o processo pra deixar a mulher relaxada, a vontade e tal. Eu não, eu não acredito que tenha mais algum segredo pra ser contado a mim ou que alguém tenha que me ensinar a fazer alguma coisa.

**Entrevistadora:** Encerramos por aqui e eu agradeço todo o tempo e a dedicação sua nesta entrevista, com respostas que irão contribuir muito para meu trabalho.